

Universidade Aberta

**Mestrado em
Gestão da Informação e Bibliotecas Escolares**

As Escolas e o Programa Rede de Bibliotecas Escolares

**Um estudo sobre os processos de desenvolvimento das bibliotecas
integradas na RBE**

Angelina Maria Martins Rodrigues Pereira

Lisboa
Setembro de 2007

Universidade Aberta

**Mestrado em
Gestão da Informação e Bibliotecas Escolares**

As Escolas e o Programa Rede de Bibliotecas Escolares

**Um estudo sobre os processos de desenvolvimento das bibliotecas
integradas na RBE**

Angelina Maria Martins Rodrigues Pereira

Dissertação apresentada para obtenção de Grau de Mestre em
Gestão de Informação e Bibliotecas Escolares

Orientadora: Professora Doutora Glória Bastos

Lisboa

Setembro de 2007

ÍNDICE GERAL

Agradecimentos

Resumo

Abstract

INTRODUÇÃO..... 8

PARTE I - ENQUADRAMENTO TEÓRICO

1. A biblioteca escolar perante os desafios da Sociedade de Informação.....	18
1.1. O novo paradigma da sociedade.....	18
1.2. Os desafios da escola na Sociedade da Informação.....	26
1.3. As bibliotecas escolares no contexto da sociedade emergente.....	29
2. A Rede das Bibliotecas Escolares: um novo desafio.....	37
2.1 Criação e enquadramento legislativo.....	37
2.2. Programa e objectivos.....	45
2.3. Implantação e evolução.....	49
3. A biblioteca escolar e o sucesso educativo.....	55
3.1. Implantação nas escolas.....	55
3.2. Papel na formação: sucesso educativo e combate às exclusões sociais...	61
3.3. Panorama das bibliotecas escolares a nível internacional.....	63
3.3.1. As bibliotecas nos Estados Unidos da América.....	64
3.3.2. As bibliotecas na Austrália.....	72
3.3.3. As bibliotecas no Reino Unido, França e Espanha.....	74

PARTE II – ESTUDO EMPÍRICO

1. Introdução.....	83
2. Metodologia.....	85
2.1. Universo de estudo.....	85
2.2. Tipo de investigação e instrumentos utilizados.....	86
3. Apresentação e interpretação dos dados.....	91
3.1 Análise individual das escolas.....	93
3.2. Análise global.....	170
3.2.1. Espaço físico.....	170
3.2.2. Recursos humanos.....	175
3.2.2.1. Professores da equipa.....	175
3.2.2.2. Auxiliares de Acção Educativa na equipa.....	180
3.2.3. Fundo documental.....	182
3.2.3.1. Tratamento técnico.....	185
3.2.4. Gestão financeira.....	187
3.2.5. Actividades realizadas.....	188
3.2.6. Integração na Escola/Meio.....	189
3.2.7. Avaliação.....	191

CONCLUSÕES.....	193
BIBLIOGRAFIA.....	196
ANEXOS	
Anexo 1 – Questionário da RBE.....	205
Anexo 2 – Objectivos do Questionário de 2006.....	213
Anexo 3 – Cartas.....	217
Anexo 4 – Questionário de 2006.....	220

ÍNDICE DE QUADROS DE ESCOLAS

Escola 1	93
Processo evolutivo	95
Indicadores de evolução positiva	98
Indicadores divergentes de evolução positiva	98
Escola 2	99
Processo evolutivo	101
Indicadores de evolução positiva	104
Indicadores divergentes de evolução positiva	105
Escola 3	105
Processo evolutivo	107
Indicadores de evolução positiva	110
Indicadores divergentes de evolução positiva	110
Escola 4	111
Processo evolutivo	113
Indicadores de evolução positiva	114
Indicadores divergentes de evolução positiva	115
Escola 5	115
Processo evolutivo	117
Indicadores de evolução positiva	119
Indicadores divergentes de evolução positiva	120
Escola 6	120
Processo evolutivo	122
Indicadores de evolução positiva	125
Indicadores divergentes de evolução positiva	125
Escola 7	126
Processo evolutivo	128
Indicadores de evolução positiva	129
Indicadores divergentes de evolução positiva	129
Escola 8	130
Processo evolutivo	132
Indicadores de evolução positiva	133
Indicadores divergentes de evolução positiva	134
Escola 9	134
Processo evolutivo	136
Indicadores de evolução positiva	138
Indicadores divergentes de evolução positiva	138
Escola 10	138
Processo evolutivo	141
Indicadores de evolução positiva	143
Indicadores divergentes de evolução positiva	143
Escola 11	144
Processo evolutivo	146
Indicadores de evolução positiva	148
Indicadores divergentes de evolução positiva	148
Escola 12	149
Processo evolutivo	151
Indicadores de evolução positiva	152
Indicadores divergentes de evolução positiva	152

Escola 13.....	153
Processo evolutivo.....	155
Indicadores de evolução positiva.....	156
Indicadores divergentes de evolução positiva.....	157
Escola 14.....	157
Processo evolutivo.....	159
Indicadores de evolução positiva.....	161
Indicadores divergentes de evolução positiva.....	161
Escola 15.....	161
Processo evolutivo.....	164
Indicadores de evolução positiva.....	165
Indicadores divergentes de evolução positiva.....	165
Escola 16.....	165
Processo evolutivo.....	168
Indicadores de evolução positiva.....	169
Indicadores divergentes de evolução positiva.....	169

ÍNDICE DE FIGURAS

Fig 1 – Área total (Quest RBE).....	170
Fig 2 – Área tota (Quest 2006).....	170
Fig 3 – Espaço ocupado (Quest RBE).....	172
Fig 4 – Espaço ocupadp (Quest 2006).....	172
Fig 5 – Zonas funcionais (Quest RBE).....	173
Fig 6 – Zonas funcionais (Quest 2006).....	173
Fig 7 – Áreas de formação do coordenador (Quest RBE).....	178
Fig 8 – Áreas (e tipos) de formação do coordenador (Quest 2006).....	179
Fig 9 – Formação dos Auxiliares de Acção Educativa (Quest RBE).....	181
Fig 10 – Formação dos Auxiliares de Acção Educativa (Quest 2006).....	181
Fig 11 – Tratamento técnico (Quest RBE).....	185
Fig 12 – Tratamento técnico (Quest 2006).....	185
Fig 13 – Proveniências das verbas (Quest RBE).....	187
Fig 14 – Proveniência das verbas (Quest 2006).....	187
Fig 15 – Parceria com a Biblioteca Municipal/SABE (Quest 2006).....	190
Fig 16 – Parceria com outras escolas (Quest 2006).....	190
Fig 17 – Parceria com empresas/serviços públicos (Quest 2006).....	191
Fig 18- Auto-avaliação (Quest RBE).....	191
Fig 19 – Auto avaliação (Quest 2006).....	192

Aos meus pais, ao Fernando, ao André e ao Gustavo.

AGRADECIMENTOS

À minha orientadora Professora Doutora Glória Bastos pelo seu rigor científico, pelos seus ensinamentos, pela sua permanente disponibilidade, pelas suas palavras de apoio e incentivo que foram fundamentais para conseguir levar este trabalho a bom termo.

Ao Gabinete da Rede das Bibliotecas Escolares, na pessoa da sua Coordenadora Doutora Teresa Calçada, pelo acolhimento, pela disponibilidade, pela confiança demonstrados ao facilitarem o acesso aos dados recolhidos no seu Questionário de 2000.

A todos os Conselhos Directivos das escolas pertencentes ao universo desta investigação pelo bom acolhimento ao Inquérito, autorizando a sua resposta pelos coordenadores.

A todas as Coordenadoras e Coordenadores das Bibliotecas Escolares/Centros de Recursos Educativos que, apesar das suas tarefas diárias tão absorventes, responderam prontamente aos Questionários, permitindo, deste modo, que este trabalho fosse possível.

A todos aqueles que, com o seu saber especializado, deram apoio no tratamento técnico dos Questionários.

A todas as pessoas que acreditaram em mim e sempre me incentivam a prosseguir.

RESUMO

O trabalho de investigação aqui apresentado tem como objectivo central procurar traçar um quadro evolutivo de dezasseis bibliotecas escolares, integradas na Rede de Bibliotecas Escolares (RBE)

Num primeiro momento, apontamos algumas das linhas de força que caracterizam a actual sociedade de informação, para uma melhor contextualização da missão e objectivos das bibliotecas escolares. Fazemos o levantamento de alguns dos mais importantes estudos internacionais e nacionais realizados nesta área. Traçamos, brevemente, o historial da implantação e evolução da Rede de Bibliotecas Escolares e apresentamos algumas razões justificativas do papel que as bibliotecas desempenham na promoção do sucesso educativo.

Com os dados colhidos através de um questionário por nós concebido e aplicado em 2006 e com aqueles recolhidos através de um questionário lançado pelo Gabinete da RBE em 2000, fazemos uma análise comparativa, tendo como referência parâmetros de qualidade definidos internacionalmente e adoptados pelo Programa da RBE e apresentamos as conclusões que nos pareceram mais evidentes e pertinentes.

ABSTRACT

This research has a main goal: pointing out the evolution of sixteen school libraries, integrated in the School Libraries Network (RBE).

Firstly, we point out some of the main strengths which characterize the information society in order to present a better contextualization of school libraries mission and main goals. We briefly present some of the most important international and national research works undertaken in this area. We present the historical background of the Portuguese school libraries network (Rede de Bibliotecas Escolares) and present some of the main reasons concerning the relationship between school libraries and school achievement as well.

With the information gathered from our own inquiry launched in 2006 and the inquiry launched by RBE in 2000, we built up comparative charts, taking into account the international and national indicators of quality and we present a whole set of conclusions we consider more important.

Sempre imaginei o Paraíso como uma espécie de biblioteca.

Jorge Luis Borges

*If we always see as we've always seen, we'll always be as we've always,
we'll always do as we've always done.*

Autor desconhecido

INTRODUÇÃO

Sabemos que o sucesso da educação e da formação escolar depende da qualidade patrimonial dos edifícios, do nível de formação dos docentes, de acertados planos curriculares, de disciplina e da motivação da vida escolar. Mas depende igualmente – não o esqueçamos! – da existência de bibliotecas escolares bem apetrechadas, da existência de livros nas escolas, da facilidade de acesso à leitura...

Jorge Sampaio
I Congresso dos Editores Portugueses Lisboa
18 de Abril de 2002

Como bem sabemos, o paradigma unitarista da modernidade, fundado no paradigma da sociedade industrial, está a ceder lugar ao paradigma dualista da pós-modernidade, que assenta num quadro conceptual de cariz humanista. No período do pós-guerra, e até à década de 80 do século XX, a política educativa centrava-se na massificação da escolaridade através da democratização do acesso. Preconizava-se a igualdade de oportunidades para que a sociedade, em fase de grande ascensão socioeconómica, pudesse tirar o máximo partido da Teoria do Capital Humano¹. Guilherme d'Oliveira Martins (s.d.) reconhece que “hoje há dificuldades evidentes em mudarmos de paradigma”. É certo que as transformações nunca se fazem de cortes antes “se fazem pela coexistência do que permanece e do que tem que mudar”.

Este paradigma emergente propõe o ser humano como um todo, num entrelaçar de histórias de vida, visões do mundo, experiências sociais, num percurso em que ele próprio se integra. A tomada de consciência da rápida evolução tecnológica e do poder dos media é um dado adquirido que ninguém pode contrariar. Esta realidade levou à

¹ Esta teoria fundamenta-se em duas perspectivas articuladas: melhor capacitação do trabalhador, através da formação escolar e profissional, é factor do aumento de produtividade e, por outro lado, o próprio trabalhador, investindo na formação e no trabalho, retiraria mais-valias remuneratórias no mercado de trabalho. Esta teoria é o axioma liberal do homem livre, soberano e racional. Tem um prestígio cíclico. O entendimento de que a educação pode ser considerada um investimento produtivo, estimulou um campo de pesquisa denominada Economia da Educação.

inadequação dos saberes compartimentados e a encarar os problemas como pluridisciplinares, transversais e multidisciplinares. O que se sente é a necessidade de uma co-habitação entre este saber global e as realidades locais, os saberes próprios de cada região, o preservar a sua própria identidade face ao mundo em que se está inserido. Essa tomada de decisão tem feito com que os países (re)pensem o modelo de educação que pretendem para as próximas gerações. A aprendizagem assume, cada vez mais, um lugar privilegiado nas interações sociais, uma nova leitura do mundo em que vivemos e uma acentuada capacidade de aprender a aprender. O conhecimento é, reconhecidamente, o principal factor de inovação disponível ao ser humano e que cresce à medida da sua utilização (Silva, 2005:48).

Em 1997, o ministro Mariano Gago lançava o programa “Internet nas Escolas” e, na altura, são instalados dois computadores, em média, numa rede RCTS (Rede de Comunicação e Tecnologia em Sociedade). São, precisamente, as bibliotecas escolares que recebem o novo equipamento no ano em que a Rede de Bibliotecas Escolares lança, também, o seu 1º concurso de Candidaturas a nível nacional. O processo de alteração do paradigma está, decididamente, em marcha. Contudo, não tem sido isento de escolhos mercê de uma indesejada tergiversão das políticas educativas nestas últimas três décadas e, simultaneamente, da necessidade de acompanhar o resto da Comunidade Europeia no que toca a reformas dos sistemas educativos de cada país, o que impõe ritmos que, muitas vezes, saltam etapas e provocam situações incongruentes.

Hoje, a escola enfrenta desafios sérios para responder às exigências de uma nova sociedade e para superar dificuldades que se fazem sentir no interior dos estabelecimentos onde é muito mais complicado operacionalizar as necessárias reformas. Recolocar as bibliotecas como centros nevrálgicos para as novas práticas pedagógicas, fazer delas verdadeiros centros de recursos educativos capazes de servir de placa giratória do acesso e produção de informação, é a missão da RBE, do seu Gabinete Nacional, com todo o empenho e constrangimentos que se conhecem. Numa altura em que passam dez anos sobre a sua implantação, começa a fazer sentido investigar sobre os caminhos, entretanto, percorridos.

O objecto deste estudo está profundamente interligado com a nossa experiência pessoal, profissional e académica. Sabendo que há uma acentuada escassez de estudos no que se refere à instalação, desenvolvimento e implantação das bibliotecas escolares

no espaço educativo nacional e que, por contraste, há abundante literatura investigativa sobre a mesma problemática produzida em países onde as bibliotecas escolares já estão enraizadas, porque efectuaram um percurso rico de experiências, concluiu-se que seria pertinente desenvolver uma investigação nesta área.

Ciente que uma postura de humildade intelectual previne excessos de optimismo e arrogância, atrevemo-nos, contudo, a afirmar que este estudo pode vir a dar um contributo sério para colocar a questão das bibliotecas escolares num outro patamar de discussão e valorização junto das tutelas, viabilizando um enquadramento organizacional das bibliotecas escolares nos estudos sobre qualidade, eficácia e organização das escolas ou metodologias pedagógicas. Pretende-se, também, contribuir para uma consciencialização de que a avaliação das bibliotecas escolares deve ser implementada de forma mais regular segundo indicadores internacionais entretanto já validados.

A RBE tem vindo a crescer consistentemente, contando já com cerca de duas mil escolas integradas, quer através da candidatura nacional quer através da candidatura concelhia. Uma pesquisa na sua página oficial na Internet permite verificar que há um notável esforço para dar consistência, coesão, formação e apoio às bibliotecas e aos seus coordenadores. Constata-se isto mesmo, sobretudo, pelos documentos de apoio ali publicados (legislação, apoio técnico, documental), pela divulgação das boas práticas, pela construção de um catálogo comum, pela formação que divulga (quer seja ou não da sua iniciativa) e pelos eventos nacionais ou internacionais que anuncia.

Merece um destaque muito especial, a sua participação activa na 8ª Conferência Internacional da IASL (International Association of School Librarians), realizada em Julho de 2006 em Lisboa, através de um acordo celebrado com o Ministério da Educação, que viabilizou a participação de cerca de 160 coordenadores de bibliotecas escolares, ao ser-lhes atribuída uma verba para pagamento de parte da inscrição. Estamos convictos que, para os professores portugueses que desempenham as funções de professores bibliotecários, aquele encontro assumiu uma importância enorme pela oportunidade que proporcionou de ouvir comunicações de personalidades de referência, de participar em inúmeras oficinas com temas muito actuais e pela possibilidade única de conhecer mais de perto a experiência de outros países.

Como se sabe, a RBE foi lançada no terreno, em 1996, e ainda não se realizou um trabalho investigativo que retrate os percursos já efectuados, os avanços, os recuos, as resistências, as práticas de todas ou de parte das bibliotecas que a integram. Em 2000/2001 o Gabinete da RBE lançou um inquérito, através do seu *site*, e recolheu dados que lhe permitiu elaborar um relatório sobre as mesmas mas sem fazer uma análise aprofundada nem apontar caminhos ou metas de referência.

A importância das bibliotecas escolares encontra a sua justificação no facto de a sociedade actual exigir competências novas aos jovens, futuros cidadãos que se desejem venham a ter um papel interveniente na sociedade. Estes aspectos estão bem patentes em diversos documentos e neste contexto destacaríamos quatro referências que consideramos fundamentais para sustentar a tese da importância de um estudo como aquele que nos propomos realizar.

Em primeiro lugar gostaríamos de remeter para o Currículo Nacional do Ensino Básico que define, assim, as competências gerais que um aluno deve possuir à saída da escolaridade básica:

- (1) Mobilizar saberes culturais, científicos e tecnológicos para compreender a realidade e para abordar situações e problemas do quotidiano;
- (2) Usar adequadamente linguagens das diferentes áreas do saber cultural, científico e tecnológico para se expressar;
- (3) Usar correctamente a língua portuguesa para comunicar de forma adequada e para estruturar pensamento próprio;
- (4) Usar línguas estrangeiras para comunicar adequadamente em situações do quotidiano e para apropriação de informação;
- (5) Adotar metodologias personalizadas de trabalho e de aprendizagem adequadas a objectivos visados;
- (6) Pesquisar, seleccionar e organizar informação para a transformar em conhecimento mobilizável.

O documento *Lançar a rede de bibliotecas escolares: relatório síntese* (Veiga et al., 1996) enuncia no seu Programa:

A criação de uma rede de bibliotecas poderá constituir uma medida essencial de política educativa; a biblioteca deve constituir-se como um núcleo de organização pedagógica da escola, vocacionado para as actividades culturais e para a informação, constituindo um instrumento essencial do desenvolvimento do currículo escolar. As suas actividades devem estar integradas nas restantes actividades e fazer parte do seu projecto educativo; mudanças qualitativas na actividade pedagógica só

tendem a tornar-se eficazes e consistentes quando: as iniciativas são em grande medida da responsabilidade dos professores; o processo de lançamento e inovação é assumido pela direcção da escola; um número significativo de professores e de alunos adere às propostas e envolve-se nas actividades delas decorrentes; os pais dos alunos aceitam a inovação e percebem-na como um benefício.

A IFLA² afirma no seu Relatório Profissional nº 41:

A integração geral da biblioteca escolar e das suas fontes no curriculum é, contudo, muito mais recente e desenvolveu-se a partir de dois factores principais, por ex., a mudança de metodologia da educação baseada na pesquisa, como aprendizagem dos estudantes e um aumento na disponibilidade das fontes de informação que podem ser úteis no conjunto da educação; a mudança na metodologia da educação coloca no centro a exclusividade do indivíduo e as obrigações do sistema educativo para ir de encontro às necessidades do indivíduo. Um programa de bibliotecas escolares torna-se essencial quando tal filosofia é utilizada como princípio orientador para actividades educacionais; uma biblioteca escolar com uma rica variedade de fontes é um pré-requisito para o enriquecimento do curriculum e um esforço sistemático para ir de encontro às necessidades individuais do estudante; a escola deve preparar os alunos com perícia no manuseamento de informação para facilitar a utilização da informação corrente e futura; a biblioteca escolar desempenha um papel essencial ao auxiliar os estudantes a desenvolver os conceitos de recuperação de informação e ao auxiliá-los a adquirir destreza para utilizar e gerir fontes de informação.

A UNESCO, no seu Manifesto³, preconiza que um:

Efectivo serviço de mediateca escolar deverá: dar apoio constante ao programa de ensino e aprendizagem e propiciar mudanças na educação; assegurar o máximo acesso a uma gama de recursos e serviços tão vasta quanto possível; fornecer aos estudantes as capacidades básicas para obter e usar uma vasta gama de recursos e serviços; conduzi-los para o uso constante das bibliotecas ao longo da vida, para divertimento, informação e educação contínua.

² International Federation of Librarianship Associations.

³ Em Agosto de 1976, a Comissão Australiana da UNESCO promoveu um seminário sobre o Planeamento e Desenvolvimento de Bibliotecas Escolares”. Uma das recomendações desse seminário dizia respeito à preparação de um “Manifesto das Bibliotecas Escolares” semelhante ao “Manifesto das Bibliotecas Públicas”, da UNESCO.

Estamos, assim, certos que a existência de bibliotecas escolares é fundamental para a vida pedagógica das escolas e que, por isso, é necessário que o trabalho de investigação comece no terreno e se alicerce em correctos procedimentos de metodologia investigativa para que se possam colher dados consistentes sobre esta problemática.

O presente trabalho pretende reconstituir o trajecto evolutivo efectuado por um conjunto de dezasseis bibliotecas escolares (todas elas pertencentes à área da Direcção Regional de Educação do Norte e que, geograficamente, se situam na NUT 3, i.e., Entre Douro e Vouga, Grande Porto e Tâmega), que têm em comum o facto de terem respondido, em 2000/2001, ao Questionário lançado por iniciativa do Gabinete da RBE, e a um outro, realizado em 2006, no âmbito de um projecto de investigação sediado na Universidade Aberta⁴. Entendemos que este facto nos permitia aceder a um manancial de informações muito interessantes, as quais, devidamente comparadas, analisadas e cruzadas podiam devolver-nos um retrato realista e fidedigno do percurso realizado por bibliotecas que pertencem ao Programa da RBE há alguns anos, beneficiando de apoios e investimentos vários a diversos níveis.

Convém sublinhar que no contexto do presente trabalho, apenas analisamos uma parte deste questionário, tendo em atenção, em particular, os itens que permitem o cruzamento de informações com o questionário realizado pela RBE. Na Parte II deste trabalho explicitaremos, com mais pormenor, estes aspectos.

É nosso objectivo, tendo como referência os estudos coordenados por Keith Lance, nos Estados Unidos (tiveram o seu início no estado de Colorado e foram-se replicando sistematicamente por outros estados americanos), e que mostram, de forma inequívoca, que as bibliotecas escolares podem contribuir positivamente para o processo de ensino-aprendizagem, conhecer o percurso entretanto realizado pelo conjunto de escolas aqui analisado e tecer algumas considerações. Conscientes de que os percursos são, obviamente, diferentes porque marcados por especificidades locais, pretendemos

⁴ O projecto referido intitula-se “O Impacto das Bibliotecas Escolares no Processo Educativo - factores de integração e sucesso escolar” e integra-se no Centro de Estudos em Educação e Inovação. No âmbito desse projecto, o questionário elaborado e que aqui utilizamos foi dirigido à totalidade das escolas com bibliotecas integradas na Rede e abrange, igualmente, um número alargado de domínios que foram objecto de recolha de dados, pretendendo-se analisar o percurso realizado pelas bibliotecas escolares/centro de recursos educativos, das escolas básicas dos 2.º e 3.º ciclos, desde a sua integração na Rede de Bibliotecas Escolares em 1997 até ao ano de 2004, inclusive.

verificar quais as variáveis que já estão a contribuir para a mudança qualitativa desejada.

Por outro lado, esta será também uma oportunidade para colmatar uma lacuna identificada e que se refere à inexistência de estudos de carácter mais abrangente nesta área e que têm como referência os indicadores internacionais já referidos.

Com este estudo pretendemos, assim, verificar processos de implantação e de desenvolvimento dessas bibliotecas já que é possível considerar dois momentos na sua trajectória: 2000 e 2006. Isto significa que podemos ter acesso a uma “história” dessas bibliotecas, permitindo perspectivar o seu eventual processo de integração na escola e desenvolvimento.

Procurámos responder, sobretudo, a um conjunto de questões que a seguir enunciamos, tendo como pano de fundo os elementos que se desenham, quer a nível nacional quer internacional, relativamente aos parâmetros de qualidade de uma biblioteca escolar:

- que elementos de organização e formação de equipa marcam estas bibliotecas nos dois momentos analisados;
- quais as direcções que se desenham em termos do desenvolvimento eventualmente ocorrido;
- que factores poderão estar na origem dos aspectos positivos e negativos observados;
- que factores podem condicionar ou contribuir para o seu desenvolvimento futuro.

No desenvolvimento deste estudo, abordamos, na Parte I, alguns elementos relativos ao enquadramento teórico do nosso tema. Damos particular destaque ao processo de implantação da RBE e a um conjunto de estudos internacionais que têm servido de referência na área específica do impacto que as bibliotecas escolares têm/podem ter no sucesso educativo.

Na Parte II, descrevemos e analisamos o trajecto de dezasseis escolas integradas na RBE que responderam aos dois questionários já mencionados. Pretendemos revelar a

situação das bibliotecas dessas escolas, tendo como referência os dados recolhidos em 2001 e 2006 e procurar responder aos aspectos já enunciados. Procurar-se-á traçar um quadro evolutivo e destacar os aspectos que nos parecerem mais relevantes, tendo também presente os elementos que constituem a problemática em que se situam as bibliotecas escolares e que abordaremos na parte I deste trabalho.

Na parte final, destacaremos os aspectos centrais que resultaram do nosso estudo, procurando perspectivar também, em termos de futuro, o panorama identificado.

PARTE I
ENQUADRAMENTO TEÓRICO

1. A Biblioteca Escolar perante os desafios da Sociedade de Informação

*Not everything that is faced can be changed, but
nothing can be changed unless it is faced.*

James Baldwin

1.1. O novo paradigma da sociedade

Sob o manto de um aparente consenso, é hoje vulgar falar-se de “Sociedade da Informação” a qual, de acordo com o conceito expresso pela Missão para a Sociedade da Informação no seu Livro Verde (versão electrónica, p. 9), assim é definida:

um modo de desenvolvimento social e económico, em que a aquisição, armazenamento, processamento, valorização, transmissão, distribuição e disseminação de informação conducente à criação de conhecimento e à satisfação das necessidades dos cidadãos e das empresas desempenham um papel central na actividade económica, na criação de riqueza, na definição da qualidade de vida dos cidadãos e das suas práticas culturais.

Para Daniel Bell (1999), um dos criadores desta designação utilizada para referir a sociedade da era pós-industrial, este tipo de sociedade assenta no pressuposto de que, com as novas tecnologias de informação e comunicação, a informação passa a ser a principal fonte da produção de valor e consagra o primado das actividades informacionais sobre os outros dois sectores, secundário e terciário. A indústria pesada é substituída pela informação e o valor-trabalho pelo valor-saber. Informação e conhecimento sobrepõem-se à força do trabalho e ao próprio capital (Oliveira, Cardoso e Barreiros, 2004).

As duas Grandes Guerras serão, igualmente, determinantes neste processo de transformação das sociedades e dos sistemas de comunicação. Os países envolvidos na 1ª

Grande Guerra desenvolveram um formidável esforço de propaganda e mobilização só possível através da utilização e aperfeiçoamento dos novos meios de comunicação, que passaram de uma fase pouco mais que experimental para um patamar de utilização massificada, concretamente, o cinema e a telefonia. No decurso da 2.^a Grande Guerra, vai assistir-se ao desenvolvimento de novas tecnologias de comunicação que tornem eficientes e eficazes o esforço da propaganda, como é o caso do sector da electrónica, por exemplo, que vai permitir a afirmação da TV (Ortoleva, 2004).

Em plena época da chamada Guerra Fria entre as duas principais superpotências, que se vigiavam e espiavam, os técnicos da Agência de Projectos de Pesquisa Avançada do Departamento de Defesa dos Estados Unidos (DARPA) desenvolveram um ousado esquema de comunicações que, em caso de guerra nuclear, pudesse impedir os soviéticos de destruírem ou de se apoderarem do sistema norte-americano de comunicações. Este esquema veio permitir o aparecimento da ARPANET, uma rede que não podia ser controlada a partir de nenhum centro, composta por milhares de computadores autónomos com inúmeras formas de interligação e que não sofriam constrangimentos de qualquer tipo de barreira electrónica (Castells, 2002). O embrião da Internet estava lançado e não foram precisas muitas décadas para penetrar e se instalar de forma irreversível em todos os sectores da sociedade. Ainda de acordo com Castells (2002), se em 1996 o número de utilizadores não ultrapassava os 20 milhões, em 2000, esse número tinha crescido dez vezes. As três últimas décadas do século XX foram decisivas para a criação e desenvolvimento da Internet e para que isso acontecesse conjugaram-se uma série de interesses, até então aparentemente incompatíveis: militares, científicos, tecnológicos e movimentos contra-culturais.

Também Alvin Toffler (1999) contribuiu para a consolidação deste conceito, ao afirmar que estaríamos no limiar daquilo que designou como “Terceira Vaga”, na sequência da extinção da “Primeira Vaga” (sociedade de base agrícola) e da “Segunda Vaga” (sociedade industrial). O campesinato estava praticamente eliminado nos quatro cantos do mundo, o capitalismo, que tinha emergido nos finais do séc. XIX, já sofrera sucessivas metamorfoses. É hoje dominado por grandes grupos económicos que sustentam equipas de investigação altamente qualificadas, orçamentos muito elevados para inovação e

desenvolvimento, campanhas de marketing de força e alcance nunca antes imaginados e que fragilizam ou pulverizam as economias nacionais (Webster, 2004). Toffler faz notar esta embaraçosa contradição: numa época em que se fala da Sociedade da Informação é difícil concretizar uma definição satisfatória daquilo que ela é, e vai mais longe na sua provocação ao afirmar que talvez este tipo de sociedade não seja, afinal, tão *nova* quanto isso, já que não se tem conseguido uma unanimidade no conceito. Segundo o mesmo autor, talvez seja mais sensato falar-se numa sociedade em que as continuidades são tão significativas quanto as novidades. Na verdade, afirma, há muito mais informação a circular, mas a parte dela mais significativa continua sob o controlo de forças há muito estabelecidas.

Apesar de algumas posições menos optimistas quanto à Sociedade da Informação, o facto é que se tornou desejável promovê-la, criando as condições para o seu desenvolvimento e alargamento numa base mais democrática de acesso. É a flexibilidade, que caracteriza este novo paradigma, que mais fundamenta uma perspectiva optimista. Na flexibilidade incorpora-se a ideia da permanente reconfiguração do sistema e respectiva disponibilidade para a mudança, logo de uma “aprendizagem”, de uma formação contínua ao longo da vida de cada indivíduo. O aperfeiçoamento contínuo a nível intelectual e técnico é um requisito fundamental da Sociedade da Informação. Segundo Werthein (2000), é fácil compreender este duplo sentimento, de fascínio e temor, face a uma utópica sociedade informatizada em que o desenvolvimento tecnológico parece não ter limites nem desacelerar, alterando, de forma contínua e permanente, a vida individual e colectiva.

Masuda (1986), responsável pelo Plano Japonês para uma Sociedade da Informação, na década de 70, escreve em *Computopia* que as novas tecnologias irão ser decisivas para o aumento do bem-estar da sociedade e do lazer individual, pois serão elas as geradoras de informação sistematizada, substituirão e ampliarão o trabalho mental; a liderança da economia será ocupada pela indústria intensiva do conhecimento; a sociedade não será hierárquica mas multicentrada e de participação voluntária; a democracia participativa substituirá o parlamentarismo e, em última instância, surgirá uma sociedade do conhecimento.

Apesar da reconhecida visão utópica de Masuda (1986), alguns traços da sua tese são retomados por outros investigadores. Werthein (2000) indica dois exemplos de uma mesma perspectiva optimista especulativa: Tiffin e Rajansingham. Estes autores acreditam ser possível, através das novas tecnologias, recriar o ambiente de uma sala de aula convencional (entendida como um sistema de comunicação que torna possível a um grupo de pessoas encontrar-se para falar sobre algo que desejam aprender, ver figuras e diagramas, ler textos que as ajudem a compreender e usar o quadro para fazerem registos, e tudo dentro de um espaço físico delimitado por paredes que isolam e protegem de interferências externas) entre escolas situadas em pontos muito remotos; ser possível fazer viagens virtuais a lugares antes inacessíveis, acompanhar as explicações de um guia que nos orienta numa visita virtual a um museu⁵. Na sua perspectiva optimista, as novas tecnologias podem, com ampla vantagem, alterar a forma como aprendemos.

Schaff (1995) fala de uma “sociedade informática” para caracterizar a sociedade actual na qual a capacidade de produção do conhecimento, de análise da informação e a criação de vários suportes para a sua veiculação determinam o grau de desenvolvimento de cada país. Takashi (2000) afirma que este não é um período fugaz (recusa, aliás, a ideia de um modismo) na longa história da humanidade no que concerne à sua organização e economia; é um fenómeno à escala mundial e de elevado potencial que está a alterar profundamente a forma como a sociedade interage, como se aprende, trabalha, como se redistribuem as relações de poder, como a economia se reinventa.

Werthein e Cunha (2000) chamam a nossa atenção para o equívoco que pode ocorrer se pensarmos que as transformações em direcção à Sociedade da Informação resultam de um determinismo tecnológico e que estão fora da esfera de influência de factores sociais e políticos. Na verdade, entre eles há uma intrincada e complexa interrelação como tão bem explica Castells (2004), quando descreve por que razão o paradigma desta nova sociedade surgiu, na década de 70, na Califórnia. Na sua perspectiva, não foram nem o forte financiamento militar nem a emergente indústria electrónica que a impulsionaram. Ela surge na encruzilhada entre a cultura da liberdade individual, de

⁵ Aí temos o mundo virtual em acelerado processo de instalação: o *Second Life*.

inovação, de iniciativa empresarial oriunda dos *campus* universitários da década de 60 que criaram, objectivamente, as condições para a revolução das tecnologias da informação.

A Sociedade da Informação assenta o seu funcionamento numa base tripartida: as tecnologias da informação, o audiovisual e as telecomunicações. Contudo, é a sua associação com a Internet que leva vantagem no conceito mais generalizado da sociedade.

Borges (2000) fala de uma “sociedade da informação e do conhecimento” e enumera algumas das características mais relevantes:

- a informação é um bem comercial;
- o saber é um factor económico;
- a distância e o tempo entre a fonte de informação e o seu destinatário deixaram de representar qualquer constrangimento; as pessoas não precisam de se deslocar, os dados é que vão ao seu encontro;
- a probabilidade de se encontrarem respostas inovadoras, e em tempo útil, a situações críticas é muito maior do que em qualquer período do passado recente;
- as Tecnologias da Informação e Comunicação (TIC) converteram o mundo numa ‘aldeia global’; o mundo tornou-se *flat* ;
- as TIC criaram novos serviços, novos mercados, novos empregos, novas empresas;
- as TIC interferem, agora, no ‘ciclo informativo’, sob o ponto de vista dos processos, das actividades, da gestão, dos custos;
- a dicotomia utilizador/produtor de informação esbate-se;
- capacidade crescente e gigantesca de armazenamento de dados;
- alta velocidade no processamento e recuperação da informação com estratégias simples e eficientes;
- acesso facilitado a bases de dados localizados em diferentes locais e/ou instituições;
- monitorização e avaliação do uso da informação.

Castells (2002:87 ss.) também aponta algumas características fundamentais deste tipo de sociedade emergente:

- a informação é a sua matéria-prima (as tecnologias desenvolvem-se para que o homem possa actuar directamente sobre a informação ao contrário do que acontecia até então);
- os efeitos das novas tecnologias têm alta penetrabilidade (toda a informação é parte integrante da actividade humana, logo todas as actividades tendem a ser afectadas pelas nova tecnologia);
- predomínio da lógica de redes, flexibilidade (porque a tecnologia permite processos reversíveis);
- crescente convergência de tecnologias (microelectrónica, telecomunicações, optoelectrónica, computadores e biologia);
- flexibilidade na medida em que as novas tecnologias facilitam a reversibilidade, a reorganização e a reconfiguração dos processos.

Perante este quadro, é normal que as expectativas da sociedade relativamente às virtualidades desta ‘sociedade da informação e do conhecimento’ sejam elevadas. Contudo, e como alerta Webster (2004), o fenómeno da ‘globalização’, que tão bem caracteriza a ‘sociedade da informação’, é extraordinariamente complexo e ilusoriamente facilitador do esbatimento ou reforço das singularidades das pessoas ou nações. Afirma que o mundo se está a globalizar adoptando uma matriz que tem como paradigma os países mais desenvolvidos (Europa, América do Norte e Japão) e este alinhamento não é gerador de grande estabilidade. Os fenómenos das assimetrias e das exclusões entre países e pessoas têm vindo a agudizar-se. Castells refere, mesmo, o enorme sentimento de inquietação com o actual processo de mudança assente na tecnologia e que tem vindo a dar lugar a inúmeras manifestações colectivas de protesto e rejeição por esta sociedade emergente que encerra em si uma nova ordem tecnológica, económica e social. Na sua opinião:

estes protestos representam, principalmente, o ponto de vista de uma minoria activa e incluem grupos de interesse com uma visão muito limitada do

estado do mundo, por exemplo, os defensores do proteccionismo dos países ricos que pretendem conservar os seus privilégios perante a concorrência do mundo em vias de desenvolvimento. (Castells, 2004: 318)

A nível individual há também um generalizado receio daquilo que a Internet, elevada assim a símbolo máximo da actual sociedade, poderá trazer em termos de emprego, educação, protecção social e formas de vida. Não se podem escamotear estas legítimas preocupações pois é bem verdade que se assiste (os media tratam de o demonstrar a cada dia) a uma degradação do meio ambiente, crescimento do desemprego e da pobreza e insegurança social e, o que é preocupante, é que estes fenómenos não são exclusivos dos países mais pobres.

Castells (2004) explica as razões desta ‘pandemia’ da desconfiança em relação à sociedade da informação. À cabeça está o problema da liberdade, da sua limitação, do seu cerceamento, à medida que a infra-estrutura de rede se torna dominante nas nossas vidas; no outro extremo, está a questão das exclusões que as redes podem gerar para quem estiver desligado porque ficará no território da marginalidade, da info-exclusão (a repartição do mundo já não é entre os ricos do norte e os pobres do sul mas entre os que estão ligados em redes geradoras de valor e os que não estão).

Para além destes problemas, está outro não menos preocupante: a capacidade de processamento da informação e a desejável geração do conhecimento em todos nós mas, sobretudo, nas novas gerações. As crianças e os jovens apropriam-se com enorme facilidade das novas tecnologias, logo, é muito menos preocupante o seu analfabetismo informático como acontece com outras faixas etárias. O problema é a aquisição da capacidade intelectual que lhes permita aprender a aprender ao longo de toda a vida. O conhecimento, hoje, já não está reduzido a umas quantas matérias que se aprendem enquanto se frequenta a escola e se valida para todo o sempre com testes e exames. O desafio é bem mais complexo: é necessário saber obter a informação armazenada digitalmente, processá-la e recombina-la para produzir conhecimento adequado à resolução de cada novo problema.

O documento aprovado no “Colóquio sobre Literacia da Informação e Aprendizagem ao longo da vida” realizado na Biblioteca de Alexandria, de 6 a 9 de Novembro de 2005, mais conhecido como “O Manifesto de Alexandria”, afirma que:

Libraries and information services contribute to the sound operation of the inclusive Information Society. They enable intellectual freedom by providing access to information, ideas and works of imagination in any medium and regardless of frontiers. They help to safeguard democratic values and universal civil rights impartially and by opposing any form of censorship. The unique role of libraries and information services is that they respond to the particular questions and needs of individuals.

(IFLANET, 2006, Alexandria Manifesto)

O mesmo documento lança um repto a todas as organizações governamentais e não-governamentais para que desenvolvam programas dirigidos à promoção de competências literácitas adoptando medidas que reconheçam a importância da “aprendizagem ao longo da vida e a literacia da informação como elementos-chave para o desenvolvimento das capacidades genéricas que devem ser exigidas para a certificação de todos os programas educacionais e de formação”. É, aliás, pertinente lembrar que o Conselho Europeu de Lisboa de 23 e 24 de Março de 2000 estabeleceu um objectivo estratégico para a União Europeia:

tornar-se na economia baseada no conhecimento mais dinâmica e competitiva do mundo, capaz de garantir um crescimento económico sustentável, com mais e melhores empregos e com maior coesão social, e convidou o Conselho (Educação) a proceder a uma reflexão geral sobre os objectivos futuros concretos dos sistemas educativos, centrada nas preocupações e prioridades comuns mas respeitando simultaneamente a diversidade nacional.⁶

Mais recentemente, o Conselho Europeu aprovou o “Plano de Aprendizagem ao Longo da Vida”⁷ que explicita que o mesmo visa contribuir “para o desenvolvimento da União Europeia enquanto sociedade de conhecimento avançada, caracterizada por um

⁶ In <http://www.estrategiadelisboa.pt/document/1137071987W5xLJ2ui2Oo82MT9.pdf>

⁷ Medida nº 15/2006 adoptada em 24 de Julho de 2006

crescimento económico sustentável, com mais e melhores empregos e uma maior coesão social.” Na enunciação dos objectivos específicos deste programa destacamos as seguintes alíneas:

- a) Contribuir para o desenvolvimento de uma aprendizagem de qualidade ao longo da vida e promover elevados níveis de desempenho, bem como a inovação e uma dimensão europeia nos sistemas e práticas existentes nestes domínios.
 - d) Reforçar o contributo da aprendizagem ao longo da vida para a coesão social, a cidadania activa, o diálogo intercultural, a igualdade entre homens e mulheres e a realização pessoal;
 - h) Apoiar o desenvolvimento de conteúdos, de serviços, de pedagogias e práticas para a aprendizagem ao longo da vida, inovadoras e baseadas nas TIC.
- (Jornal Oficial da União Europeia de 17.10.2006)

Refira-se que este programa se destina a substituir os programas Sócrates, Leonardo da Vinci, e-Learning, bem como os programas correlacionados, que expiraram no final de 2006. O Programa de Aprendizagem ao longo da Vida compreende quatro sub-programas: Comenius (ensino escolar), Erasmus (ensino superior), Leonardo da Vinci (formação profissional) e Grundtvig (educação de adultos) e o programa Jean Monnet, centrado na integração europeia.

1.2 Os desafios da escola na sociedade da informação

Os sistemas educativos não podem mais continuar fundados no paradigma de uma era industrial que já entrou em declínio há algumas décadas. O acto pedagógico, neste modelo de sociedade que vem tomando forma desde a segunda metade do século XX, tem de ser profundamente revisto. Com a rápida e imparável proliferação das novas tecnologias, a escola tem de rever as fundações pedagógicas em que tem assentado. Castells (2004) denuncia a incapacidade que muitos países revelam ao não estarem a equacionar com lucidez esta urgente e séria necessidade de reformularem o seu edifício educativo. Não é

suficiente introduzir as novas tecnologias nas escolas, não basta requalificar os espaços, não chega disponibilizar formação aos professores. O que é preciso é uma pedagogia, baseada na interactividade, no desenvolvimento da capacidade de aprender e pensar de forma autónoma.

Moraes (2005) afirma que o grande problema da educação decorre do modelo da ciência que prevalece num determinado momento histórico e que vai influenciar questões epistemológicas e teorias da aprendizagem das quais derivam a mediação e as práticas pedagógicas. O modelo da ciência que explica a nossa relação com a natureza e com a própria vida também esclarece a maneira como apreendemos e compreendemos o mundo. Se o modelo se alterou não é mais possível continuar a persistir em modelos pedagógicos do passado que assentam em modelos dogmáticos, paternalistas, hierárquicos e autoritários que centram todo o processo de transmissão do conhecimento no professor, fazendo tábua rasa do conhecimento do indivíduo, do seu currículo oculto. Paulo Freire (1975) chamava já a esta escola, uma escola “domesticadora”, uma escola que transforma os alunos em passivos receptáculos de dados, factos e números.

O cenário actual, marcado por todas as mudanças que atrás referimos, obriga a uma revisão profunda da missão da escola. Num mundo em permanente mudança, interdependente e interactivo, condicionado por vários factores dos quais se destacam, porque decisivos, os desenvolvimentos da indústria electrónica e das telecomunicações, a educação tem de deixar de se centrar na transmissão de um imutável conhecimento e voltar-se para o processo, levando o indivíduo a aprender a aprender, a preocupar-se mais como o “como, o porquê e para quê”. Roberto Carneiro (2004) defende que é absolutamente necessário discutirem-se as mudanças de paradigma determinadas pelas dinâmicas do mundo contemporâneo. Moraes (2005) fala de um indivíduo holístico, constituído por corpo, mente, espírito, sentimentos, dimensão social, que precisa de se educar ao longo da vida, de crescer e de se interrogar, de parar e de reflectir, de se conhecer e de melhor conhecer o outro e o meio que o rodeia, de tecer uma rede de interrelações e valores capazes de o recolocar nesta rede mundial da qual somos uma parte do fio gigantesco que a vai tecendo.

Neste contexto, é necessário que o acto pedagógico seja revisto de modo aprofundado, partindo do seu modelo conceptual e das suas questões epistemológicas, aspectos curriculares e abordagens didácticas. O foco da atenção e da acção do professor deve deslocar-se do acto de ensinar para o processo de aprendizagem contínua estribada na autonomia, criatividade e espírito crítico do indivíduo (Silva e Silva, 2005). Professor e alunos devem tender a ser parceiros de investigação perante fluxos tão torrenciais de informação que exigem um esforço colaborativo para serem tratados de forma crítica e reflexiva, de forma a que resultem em conhecimento acrescentado que deve ser utilizado inteligentemente. Lévy (citado por Silva e Silva, 2005) fala mesmo numa “inteligência colectiva” potenciada pela Internet que cria o ciberespaço no qual diversos projectos podem ser conduzidos por actores distintos, em espaços diversos. É um facto, já facilmente testemunhado e participado, que a disseminação e facilitação do acesso à Internet, nas escolas, nas bibliotecas escolares e públicas, em algumas associações ou colectividades, nos locais de trabalho, nos mais variados e inesperados espaços públicos (veja-se o anúncio do acesso grátis à Internet em 21 jardins e miradouros de Lisboa numa experiência que vai durar, numa primeira fase, até meados de 2007) tem feito proliferar grupos de interesse, comunidades virtuais de aprendizagem, plataformas de *e-learning*, espaços verdadeiramente democráticos de partilha de opiniões, de experimentações, de conhecimentos, cujo exemplos mais paradigmáticos são a Wikipédia, a blogosfera e o *youtube* com os seus milhões de autores e co-autores⁸.

É inquestionável que a escola precisa de reequacionar os seus métodos, práticas e discurso de forma a responder aos tremendos desafios que a sociedade emergente coloca: complexidade da informação, estabelecimento de novas e incessantes conexões e actualização constante, proliferação e facilidade de acesso às fontes de informação. Educar, hoje, significa estimular o espírito crítico, a autonomia, a aquisição de competências capazes de permitir que após a saída do estudante da escola ele continue o seu caminho de aprendizagem ao longo da sua vida activa.

⁸ É o fenómeno da chamada Web 2.0.

1.3. As Bibliotecas Escolares no contexto da sociedade emergente

Como já afirmámos anteriormente, a ideia de que a aprendizagem se realizava num determinado período inicial da nossa vida e isso bastava para entrar e atravessar todo o período da vida activa já pertence ao passado. Segundo Bertaux (citado por Canário et al., 1994), a educação permanente tornou-se um imperativo. Diz o mesmo investigador que no século XVIII o saber perdia, em média, 10% do seu valor no decurso de uma geração; no início do século XX, um indivíduo com um curso universitário, ao terminar a sua carreira profissional já tinha perdido metade do saber adquirido; no final do mesmo século, “o saber adquirido e não preservado, desvaloriza-se metade em seis anos, ou seja 97% no espaço de uma geração” (idem, p.16).

O saber como bem escasso e restrito a uma elite passou para outro patamar de acessibilidade. Como gerir esta nova realidade sem criar novas formas de elitismo e exclusão? Como democratizar, verdadeiramente, o acesso à informação, como mediar a sua transformação em conhecimento? Desafios a que a sociedade, no seu conjunto, procura responder e aos quais a escola não pode permanecer indiferente. Roberto Carneiro (2004) fala na necessidade de uma *reviravolta* na arte de ensinar que se deve traduzir, sobretudo, na criação de ambientes aprendentes, ambientes em que as crianças e os jovens sejam estimulados a assumirem-se como construtores autónomos do saber. Denuncia aquilo que classifica de enorme inércia no modelo dos sistemas educativos de matriz liberal: “Em larga medida, continuamos a viver nas nossas escolas os ambientes de ensino e aprendizagem típicos de um modelo industrial - fabril e repetitivo - de educação” (2004:16).

A educação massificada, que serviu exemplarmente os desígnios de uma economia industrial, necessitada de mão-de-obra disciplinada e com uma escolarização básica, está ultrapassada na medida em que não responde aos novos desafios da sociedade emergente.

É neste contexto que às bibliotecas escolares está reservado um novo e desafiador papel que urge ser por elas protagonizado e por toda a comunidade educativa assumido. Desde logo, impõe-se que reconsideremos a sua missão tradicional: a de reunir, organizar,

seleccionar e armazenar todos os tipos de informação qualquer que seja o seu suporte. Este papel passivo, que entende a biblioteca como uma estrutura que assegura um tratamento técnico correcto da documentação e a devolve aos utentes através de um catálogo disponível em formato papel ou electrónico, é considerado insuficiente.

Hoje, as bibliotecas têm de estar atentas à diversidade de utentes, à multiplicidade de interesses de cada um, dar-lhes resposta rápida, adequada e pertinente. O livro, como documento por excelência de uma biblioteca, emparceira com outro tipo de documentos que podem estar em suporte digital ou electrónico, num formato tangível ou virtual. O crescimento exponencial da informação tem um efeito de desvalorização do saber, como já foi atrás referido, o que exige que as bibliotecas reformulem a sua missão. Nas escolas, estas mudanças foram sentidas a partir do final da década de 60 (em Portugal mais na década de 70) com a explosão dos audiovisuais. E as bibliotecas, abrindo-se aos documentos em novos suportes e respectivos equipamentos que permitem e facilitam a produção de novos documentos, começam a adoptar outras designações entre as quais destacamos: mediatecas, centros de recursos e centros multimédia.

Em 1976, a Comissão Australiana da UNESCO promoveu um seminário sobre “Planeamento e desenvolvimento das bibliotecas escolares” e daí saiu uma recomendação para que se produzisse um “Manifesto das Bibliotecas Escolares”, à semelhança do que já se fizera em relação às bibliotecas públicas. O documento é discutido no 59.º Conselho e Conferência Geral da IFLA, em 1978, e publicado em 1979 pela UNESCO. No parágrafo inicial deste documento afirma-se “...os serviços das mediatecas escolares são essenciais para uma efectiva educação das crianças e adolescentes...” e prossegue no capítulo seguinte definindo que serviços lhes devem ser cometidos:

- apoio constante ao programa de ensino e aprendizagem e propiciar mudanças na educação;
- assegurar o máximo acesso a uma gama de recursos e serviços tão vasta quanto possível;

- fornecer aos estudantes as capacidades básicas para obter e usar uma vasta gama de recursos e serviços;
- conduzi-los para o uso constante das bibliotecas ao longo da vida, para divertimento, informação e educação contínua.

Nas resoluções que a IFLA toma no seu 59º Conselho destaca-se a “Declaração Política sobre a Biblioteca Escolar” que define, assim, o seu papel: “apoio curricular, apoio à leitura e o ensino de competências de informação.” E, considerando “ a contribuição que as bibliotecas escolares podem dar ao desenvolvimento social, educativo e económico...” aprovou um conjunto de recomendações políticas, reconhecendo que há uma generalizada falta de consciência a todos os níveis da importância das bibliotecas no desenvolvimento nacional; que o financiamento adequado das bibliotecas escolares é crucial para o seu desenvolvimento e que políticas de bibliotecas fortes são uma ferramenta de negociação.

Todas as recomendações produzidas pela IFLA vão no sentido de se trabalhar de forma concertada, a nível nacional e internacional e com o apoio comprometido de organismos de prestígio tais como a UNESCO, a IASL e a própria IFLA, no sentido de se formarem “lobbies que, de forma planeada, contínua e coordenada” empreendam esforços para melhorarem as bibliotecas escolares e colocarem-nas no centro das políticas educativas nacionais para que desempenhem cabalmente a sua missão nos contextos escolares.

No Relatório para a UNESCO da Comissão Internacional sobre Educação para o século XXI, afirma-se que:

Já não basta que os professores ensinem os alunos a aprender; têm também de os ensinar a buscar e a relacionar entre si diversas informações, revelando espírito crítico.[...] Esta ‘alfabetização informática’ é cada vez mais necessária para se chegar a uma verdadeira compreensão do real. Ela constitui, assim, uma via privilegiada de acesso à autonomia, levando cada um a comportar-se em sociedade como um indivíduo livre e esclarecido.

(Delors et. al., 2003:166)

A Lei de Bases do Sistema Educativo, alargando a escolaridade obrigatória de seis para nove anos, veio lançar as bases para a introdução de estratégias de inovação e reformulação a nível de metodologias, da pedagogia e respectivas estratégias de concretização. O mesmo diploma explicita o conceito de saber, indissoluvelmente associado a uma atitude activa de interrogação, pesquisa, diálogo, e avaliação.

Também o Decreto-Lei nº 286/89, no seu artº 21 indica:

para a realização da reforma curricular, as escolas devem dispor dos recursos educativos necessários, nomeadamente materiais de apoio escrito e audiovisual, bibliotecas, laboratórios, oficinas e meios informáticos, bem como de espaços e materiais para actividades lúdicas, incluindo desporto escolar [...] os recursos educativos encontram-se em centros de recursos, de forma a racionalizar a sua utilização pelas escolas.

Apesar da prática nos ter mostrado, ao longo dos anos, uma certa divergência entre o enunciado nos diplomas e as condições objectivas (in)existentes no terreno, há que reconhecer que se está em presença de um novo modelo conceptual de escola e de práticas educativas. O que se pretende é uma escola virada para o desenvolvimento de indivíduos autónomos, com iniciativa e espírito crítico, visando a promoção de competências capazes de os tornar abertos à pesquisa e investigação, sendo o papel do professor o de mediador de instrumentos e hábitos de trabalho. A tradicional triologia, professor, sala de aula e manual, não respondem a esta evolução das concepções pedagógicas em que o aprender é procurar, interrogar, criar, avaliar. Por outro lado, não nos podemos esquecer que a escola tem de estar atenta à heterogeneidade de alunos que a frequentam com origens socioeconómicas e culturais bastante assimétricas. Se não procurarmos esbater estas diferenças, as taxas de insucesso e abandono escolar crescerão para níveis muito preocupantes. Uma escola que procura atenuar estas desigualdades, que procura alternativas a um ensino massificado e desprovido de qualidade, tem de apostar na diversificação de meios e modelos de ensino/aprendizagem.

Esta tendência irrompeu, após a 2.^a Guerra Mundial, em países com um desenvolvimento mais precoce, como os EUA e o Canadá e, foi-se, gradualmente, espalhando pelos países mais industrializados. A informação disponível, mercê de uma

formidável revolução tecnológica que permitiu a criação de redes cada vez mais sofisticadas e progressivamente mais acessíveis (quer a nível de equipamento quer a nível de custos), passou a ser de tal forma gigantesca que começou a pôr em causa o saber enciclopédico e a instituição escolar tal como até aí funcionava: a escola do ‘magister dixit’.

A um processo de pura acumulação do saber, tende a opor-se a valorização da aquisição de métodos de trabalho e de uma utensilagem mental susceptíveis de favorecer processos de auto-formação, num quadro de educação permanente.

(Canário et al., 1994:17).

A biblioteca escolar, ou qualquer que seja a sua nova designação, vai assumindo funções para as quais se tem de preparar rapidamente para responder às novas exigências: lugar onde a informação se disponibiliza numa pluralidade de suportes e linguagens, se facilita o seu acesso, onde se pesquisa de forma autónoma e crítica. A biblioteca não é mais um local passivo onde se armazenam documentos em suporte papel mas locais abertos, virados e interagindo com vários outros parceiros, incorporando documentos em novos suportes, recorrendo às novas tecnologias de informação e comunicação. Mesmo a nível de recursos humanos e suas funções, há alterações significativas.

Dias Figueiredo (1995) fala de uma entrada na “ Idade das Sociedades Aprendentes” e Roberto Carneiro, na Conferência de Ministros da Educação Europeus, em 1997, afirmou:

Fazer de cada europeu um empresário do conhecimento e de cada estabelecimento de ensino uma empresa do conhecimento representa o sonho da reconversão da Sociedade da Informação numa autêntica Sociedade do Conhecimento, na qual tudo e todos a prendem em permanência.

A OCDE, no âmbito do seu “Programme on Educational Building” (PEB) organizou, em 1999, um Seminário em Lisboa no qual tomaram parte 70 delegados de 22 países e onde se discutiram várias matérias consideradas de importância fundamental:

- o impacto das novas tecnologias de informação e comunicação;
- mudanças na forma de ensinar e o alargamento do universo dos que estudam e dos que ensinam;
- mudanças nas relações entre a biblioteca escolar e outros grupos, nomeadamente as comunidades locais, outras bibliotecas e o sector privado;
- a necessidade de haver equidade no acesso de todos aos recursos da biblioteca escolar.

O programa incluiu visitas a bibliotecas escolares portuguesas para que se observassem, *in loco*, as significativas mudanças que então já se faziam sentir quer a nível do design de espaço quer a nível das funções e papéis desempenhados.

Este Seminário foi considerado tão relevante que as decisões aí tomadas e as recomendações feitas foram assumidas como verdadeiras linhas orientadoras para os vários países envolvidos no que diz respeito a políticas a serem implementadas no sector das bibliotecas escolares. Pela sua importância, enumerá-las-emos de seguida:

- **a biblioteca deixou de ser apenas uma biblioteca** – a comprová-lo, a necessidade de renomeá-la, explicando-se, desta forma, o aparecimento de designações variadas: “Centro de Recursos”, “Centro de Recursos Educativos”, “Mediateca”, “Centro Media”, “Centro Multimédia” ou, ainda, “Centro Documental”. Independentemente da designação, a verdade é que todas elas pretendem renomear uma nova realidade, um lugar documental, situado no centro nevrálgico de uma escola e susceptível de fazer despontar novas práticas educativas;

- **as novas tecnologias de informação e comunicação são decisivas para o funcionamento das bibliotecas escolares na era da informação** – considera-se que as TIC introduziram alterações tão dramáticas na forma como as pessoas vivem, trabalham, aprendem e se divertem que a biblioteca escolar não podia ficar fora deste processo de

alterações profundas da sociedade em geral.⁹ As bibliotecas escolares podem tornar-se centros de formação para desenvolvimento de competências que permitam aos cidadãos agarrar em novas oportunidades de trabalho e podem ser, também, centros onde a comunidade local pode utilizar o *hardware* para gerir pequenos negócios.

- **a biblioteca escolar deixará de servir apenas a própria escola** – as bibliotecas poderão funcionar com horários alargados e ao longo de todo o ano, sem interrupções para que os adultos e mesmo os estudantes possam entrar em contacto *on-line* com pessoas e colegas que vivam as grandes distâncias e/ou com grandes diferenças horárias.

- **novos papéis, responsabilidades e práticas laborais serão aplicados às bibliotecas escolares da nova era** – a deslocação da biblioteca para o centro nevrálgico da escola vai obrigar a mudanças significativas nos papéis que tradicionalmente são atribuídos ao bibliotecário e ao professor. As bibliotecas deverão estar abertas para além do horário das aulas; deverá haver deslocação da tónica de gestão de material impresso para a gestão de equipamentos electrónicos que geram documentos multimédia; o papel de ‘custódia’ do material impresso passará para a criação de condições de acessibilidade a documentos a longa distância e criação de novo conhecimento. Esta alteração no interior da própria biblioteca arrastará alterações significativas no modelo de gestão de escola que se quer para o século XXI.

- **a biblioteca será parte de uma rede** – numa sociedade de informação, as bibliotecas não funcionarão de forma isolada, de forma auto-suficiente. A experiência portuguesa, com a criação da RBE, é disso exemplo. As bibliotecas do futuro deverão estar ligadas às residências, aos locais de trabalho e às instituições locais. Uma das grandes vantagens desta rede é a possibilidade de partilhar recursos, desenvolver parcerias, divulgar experiências singulares.

- **haverá novas formas de angariação de fundos para as bibliotecas** – abrindo-se e ligando-se à comunidade, surgirão outras fontes de financiamento: através da prestação de serviços na área da formação, oferta de cursos a distância, apoio das estruturas governativas

⁹ Na mesma Conferência, Roberto Carneiro declarou: “There will never again be a time when the Internet does not exist.”. In : *Bibliothèques scolaires et centres de documentation/School libraries and resource centres* (2001), OECD: Paris

locais em troca da disponibilização da biblioteca à comunidade em geral; aluguer de espaços e/ou equipamentos. De salientar, contudo, que uma das principais traves de sustentação das bibliotecas será o capital humano qualificado que terá sempre um papel insubstituível na gestão e promoção das bibliotecas e na formação dos utilizadores.

- **construir sobre as forças existentes** – apesar das propostas ideais apresentadas durante a Conferência, sublinhou-se a necessidade de se trabalhar a partir e tendo em conta as circunstâncias locais de cada país. Um dos erros a evitar é considerar que as novas tecnologias, por si só, responderão aos desafios da nova sociedade.

- **a nova biblioteca escolar deve esbater assimetrias a promover a acesso equitativo às oportunidades de aprendizagem** – entre os países, e mesmo dentro de cada país e de certas comunidades locais, há acentuados distanciamentos dos cidadãos em relação às novas tecnologias e compete às bibliotecas a criação de condições de aproximação e facilitação do acesso.

Por sua vez, o Relatório para a UNESCO da Comissão Internacional sobre Educação para o Século XXI afirma:

...o aparecimento das sociedades de informação corresponde a um duplo desafio para a democracia e para a educação, e que estes dois aspectos estão estreitamente ligados. A responsabilidade dos sistemas educativos surge em primeiro plano: cabe-lhes fornecer a todos meios para dominar a proliferação de informações, de as seccionar e hierarquizar, dando mostras de espírito crítico. São, ainda, responsáveis por preparar as pessoas para manterem a devida distanciação em relação à sociedade dos meios de comunicação e informação, que tende a ser, apenas, uma sociedade do efémero e do instantâneo.

Neste contexto, a biblioteca escolar surge como recurso educativo fundamental. Uma biblioteca que se assume como um verdadeiro centro de recursos educativos, onde se pretende que a informação esteja disponível em vários suportes, onde o acesso à Internet seja facilitado, onde alunos e professores possam encontrar as condições facilitadoras da pesquisa e da produção documental. Calixto (1996) considera a biblioteca escolar como elemento essencial dos sistemas educativos, plataforma indispensável para que as crianças, desde o pré-escolar, e os jovens possam desenvolver competências que os tornem capazes

de manusear a informação necessária para viver numa sociedade em acelerada transformação. Segundo Monthus (1997), saber informar-se, documentar-se, encontrar os materiais e documentos pertinentes, supõe que estejam realizadas três condições: saber interrogar, saber descodificar a mensagem e saber validar.

Aprender é cada vez menos um acto passivo e cada vez mais um processo dinâmico, sempre em construção. Delors (2003) fala mesmo da necessidade de uma alfabetização informática pois só assim se poderá ter uma via privilegiada de acesso à autonomia, levando cada um a comportar-se em sociedade como um indivíduo livre e esclarecido. As bibliotecas surgem como aliadas naturais da renovação pedagógica das escolas, da valorização das práticas e dos processos de auto-formação dos alunos (Canário et al, 1994).

A biblioteca escolar assume-se, cada vez mais, como espaço democrático, na acepção mais abrangente e plena do termo, e reúne condições que fazem dela uma estrutura veiculadora e facilitadora da consecução dos objectivos de um sistema educativo que privilegia e operacionaliza os princípios da transversalidade que devem sustentar o currículo (Sousa et al. 2000).

2. A Rede de Bibliotecas Escolares: um novo desafio

2.1. Criação e enquadramento legislativo

Sem pretender traçar um historial das bibliotecas escolares em Portugal, importa, contudo, destacar algumas das directivas legais que suportam o seu percurso até à criação da Rede das Bibliotecas Escolares, em 1997.

Em 1948, é publicada a primeira lei que refere a obrigatoriedade da existência de uma biblioteca escolar nos Liceus (Calixto, 1996), ficando excluídas as Escolas Técnicas e as Escolas Primárias. Só três anos mais tarde, pela Circular 14/209 de 10 de Janeiro, se regulamenta sobre a sua instalação, funcionamento e quais os grupos de professores que devem, preferencialmente, assumir a sua direcção (Pessoa, 1994). De acordo com Calixto (1996:26), as bibliotecas então criadas funcionam como um “apêndice, um enfeite, um pequeno luxo a que os liceus se podiam dar para que algum aluno, eventualmente mais

desejoso de entrar no quadro de honra, pudesse aumentar um pouco os conhecimentos transmitidos pelo professor na aula”. O paradigma da escola estava assente no modelo autocrático, do professor todo-sapiente e no manual único obrigatório; o recurso a fontes diversificadas de informação não era, não podia ser, estimulado. A década de 60 introduz os audiovisuais nas escolas mas essa ‘inovação’ não altera o conceito de práticas educativas. Por um lado, os audiovisuais são apenas vistos como equipamento indispensável ao uso/consumo de materiais feitos por agentes exteriores à escola, por outro, o Ministério da Educação não implementa qualquer política de formação de docentes que vise a reflexão e transformação das práticas pedagógicas (Pessoa, 1994).

As bibliotecas permanecem alheias às novas tecnologias e fidelizadas a um conceito retrógrado de espaço onde se registam e guardam livros, sobretudo manuais, fechados em armários, que são abertos a pedido, quando a biblioteca abre ao sabor de um horário muito irregular. Na década seguinte, já após o 25 de Abril, a Direção-Geral do Ensino Secundário desencadeia um processo de ‘reforma’ das bibliotecas escolares e organiza alguns cursos de formação para os seus responsáveis. É uma iniciativa inconsequente e com um fim precoce. No início dos anos 80, o International Council for Educational Media (ICEM) realizou um inquérito internacional, o qual abrangeu cerca de 30 países, Portugal incluído. Apurou que, nos estabelecimentos de ensino pós-primário, em países como a Austrália, Japão e EUA, a percentagem de existências de mediatecas (para usar um termo desse inquérito) era de, respectivamente, 95%, 90% e 85%, contrastando significativamente com a situação europeia, onde aparece um caso único de 100% que é o da Suíça, seguida da França que atinge 43%, a Bélgica 23% e Portugal 0% (Tucker, 1987, citado por Canário et al., 1994).

No nosso país, a situação só vai descolar do nível zero, em 1986, com a aprovação da Lei de Bases do Sistema Educativo (LBSE). É ela que vem afirmar, oficialmente, a necessidade de mudar o paradigma educativo vigente e centrar o processo de ensino-aprendizagem em práticas inovadoras, viradas para o desenvolvimento do pleno do cidadão, com enfoque em valores como a liberdade, autonomia, responsabilidade e

solidariedade. O ponto 4 do artigo 2º. do Capítulo I da LBSE Lei n.º 46/86, de 14 de Outubro, com alterações introduzidas pela Lei n.º 115/97, de 19 de Setembro, enuncia que:

O sistema educativo responde às necessidades resultantes da realidade social, contribuindo para o desenvolvimento pleno e harmonioso da personalidade dos indivíduos, incentivando a formação de cidadãos livres, responsáveis, autónomos e solidários e valorizando a dimensão humana do trabalho.

O seu artigo 7.º, definindo os objectivos do Ensino Básico obrigatório, anuncia nas suas primeiras alíneas:

- a) Assegurar uma formação geral comum a todos os portugueses que lhes garanta a descoberta e o desenvolvimento dos seus interesses e aptidões, capacidade de raciocínio, memória e espírito crítico, criatividade, sentido moral e sensibilidade estética, promovendo a realização individual em harmonia com os valores da solidariedade social;
- b) Assegurar que nesta formação sejam equilibradamente inter-relacionados o saber e o saber fazer, a teoria e a prática, a cultura escolar e a cultura do quotidiano.

Neste diploma, no Capítulo V, artigo 41.º, surge uma listagem dos recursos educativos que devem ser colocados ao serviço da comunidade educativa e na qual se refere, concretamente na alínea “b) As bibliotecas e mediatecas escolares.” (Note-se que a alínea a) refere manuais escolares).

A Lei nº 19-A/87 de 3 de Junho, que visa estabelecer “Medidas de emergência sobre o ensino-aprendizagem da língua portuguesa” reconhece às bibliotecas o seu papel importante, enunciando assim o seu artigo 4.º:

Serão criadas bibliotecas em todos os estabelecimentos de ensino que ainda não as possuem e implementadas medidas no sentido de assegurar a permanente actualização e o enriquecimento bibliográfico das bibliotecas escolares.

2. As bibliotecas escolares serão apetrechadas com livros indispensáveis ao desenvolvimento cultural e ao ensino-aprendizagem da língua materna e adequadas à idade dos alunos, cabendo ao Ministério da Educação e Cultura criar as condições de acesso e de orientação dos alunos relativamente à leitura.

Calixto (1996) considera esta uma legislação completamente desajustada, ainda feita numa lógica dos anos 50, uma lei com uma formulação vaga, e que nunca produziu quaisquer mudanças significativas no panorama nacional das bibliotecas escolares. Do ponto de vista das construções escolares, muitas escolas continuam a ser construídas sem espaços originais para bibliotecas e do ponto de vista orçamental das escolas, a biblioteca não surge com uma rubrica autónoma, estando incluída em “Investimentos – Maquinaria e Equipamento”.

Acrescente-se, por outro lado, que as publicações para apoio dos professores são escassas. Pessoa (1994) justifica, deste modo, a sua iniciativa de publicar uma espécie de manual auxiliar para todos aqueles professores que pretendem melhorar/alterar as suas formas de trabalho com os alunos e encaram a biblioteca escolar como um recurso fundamental: “reflectir sobre a sua evolução desde essa época (anos 50) em que, por lei, foi integrada no sistema educativo; conhecer o seu papel até meados dos anos 80; apresentar algumas sugestões de modo que – com ela – se possa ajudar a comunidade educativa a melhor alcançar os objectivos a que se propõe.” A verdade é que o panorama editorial era quase inexistente, com excepção de quatro volumes que a Direcção-Geral dos Ensino Básico e Secundário publicou em 1993, como materiais de apoio à Reforma Curricular. Algumas entidades, internas e externas ao Ministério, foram publicando alguns documentos com ‘sugestões’ aplicáveis às bibliotecas escolares, de que se destacam:

- Programa Interministerial de Promoção do Sucesso Escolar, apresentado em Dezembro de 1987;
- a Lei 19-A/87 de 3 de Junho que visa a importância emergente do Ensino e a aprendizagem da língua portuguesa;
- o Relatório Preliminar, em 1986, para a Reorganização dos Ensino Básico e Secundário; o Relatório sobre Leitura Pública, coordenado por Maria José Moura. (Pessoa, 1994).

A própria Associação de Bibliotecários, Arquivistas e Documentalistas (BAD) se interessa pela situação das bibliotecas escolares, pois as entende como mola propulsora da vitalidade da rede pública, e debate-a no seu I Encontro Nacional, realizado em 1996, promove cursos sobre a “Organização e Animação de Bibliotecas Escolares” e constitui um grupo de trabalho que tem como objectivos, entre outros, inventariar o parque de bibliotecas escolares; conhecer as suas condições de funcionamento; conhecer a legislação que as suporta; propor medidas de implementação qualitativa no tratamento documental e lançar as bases para a criação de uma verdadeira rede de bibliotecas escolares (Pessoa, 1994).

Devido a vicissitudes várias, a BAD não cumpre o seu plano inicial e só no início da década de 90, já com o país tornado membro da Comunidade Europeia e beneficiando dos programas de apoio económico, o PRODEP vai permitir à administração central avançar com concursos para alterar a situação vigente. É, sem dúvida, uma iniciativa positiva (Canário et al, 1994) que visa a criação de uma rede de mediatecas escolares. Os objectivos específicos do sub-programa “Mediatecas Escolares” enunciam “ levar os alunos a utilizar recursos existentes de forma a contribuir para a auto-educação” e “ fomentar a aquisição de técnicas de investigação” e no relatório apresentado à Conferência Internacional da UNESCO afirma-se que uma das formas de o concretizar é através da “instalação de equipamento mediático, bibliotecas, magnetofones, projectores de diapositivos” (GEP Educação, 1989 e 1990).

Num outro documento oficial do Ministério da Educação, publicado em 1990, também se afirma que “ soou a hora de abandonar um ensino monolítico que é responsável pelo desperdício e o abandono de numerosos alunos que não se ajustam aos moldes pré-estabelecidos”. Uma técnica responsável pela implementação do programa das mediatecas escolares escreve um artigo, citado por Oliveira (1991: 62), no qual afirma:

As mediatecas têm [...] uma lógica funcional diferente da lógica do espaço de aula tradicional, por constituírem um espaço de livre acesso onde convivem o estudo, o lazer, a responsabilidade e a autonomia. [...] O envolvimento da comunidade escolar na sua dinâmica influirá, mais tarde ou mais cedo, na dinâmica do espaço aula e da escola, reformulando práticas

pedagógicas, criando novos regimes de comunicação e espaços informais de formação de agentes educativos.

O Despacho 175 ME/91 substitui, porém, estes concursos por um “Programa Especial de Apetrechamento” e cria novos sub-programas: Minerva, para a formação em informática, Mercúrio (apetrechamento das escolas com equipamento audiovisual), Biblos (equipamento e animação das bibliotecas escolares) e Laboratórios. Como cada um destes sub-programas fica sob a alçada de quatro entidades diferentes e distintas (GEP, IIE, DGBS e DGAE), a dispersão vem acentuar o carácter administrativo da política seguida e representa um claro recuo no plano conceptual pois o conceito de mediateca dispersa-se pelos quatro subprogramas.

Também Calixto (1996) denuncia, de forma inequívoca, o estado de abandono a que o Ministério da Educação tem votado as bibliotecas escolares, apesar de nos seus próprios documentos as considerarem como essenciais à Reforma Educativa e de ignorar documentos produzidos por prestigiados organismos internacionais como sejam a IFLA, a UNESCO, a IRA e a ISLA ou a Library Association (Reino Unido). Critica, igualmente, a associação nacional de bibliotecários, a BAD por se revelar incapaz de manter em funcionamento um grupo de trabalho minimamente eficaz nesta área.

Pessoa (1996), na sua comunicação no I Encontro Nacional sobre Documentação e Informação na Escola, saúda o Grupo de Documentação e Informação Escolar, liderado por Pina Falcão, por ter realizado o referido encontro como forma de alertar os governantes para a gravidade da situação das bibliotecas escolares que não têm o mínimo de condições para responder a um novo paradigma educativo emergente. Traçando um breve quadro evolutivo das bibliotecas e das escolas em Portugal, Pessoa termina a sua intervenção fazendo uma referência ao Grupo de Trabalho recém criado pelos Ministérios da Educação e da Cultura, manifestando algumas reservas sobre a bondade do seu trabalho. Teme, afirma, que possa ser constituído ou só por professores ou só por bibliotecários e que se deixe de lado o cerne da questão que é a de saber como se aprende hoje, o que é saber, o que é viver numa Sociedade da Informação, o que é a realidade portuguesa no que se refere aos modelos pedagógicos existentes. Espera, também, que esse grupo não fique refém de um modelo de racionalidade técnica e que a anunciada, pelo Ministro da Cultura, criação de

uma rede de bibliotecas escolares não venha a ser uma decisão sensata, dado o panorama existente.

Pina Falcão (1996), na abertura desse Encontro, começa por sublinhar que a apresentação pública dos resultados do Estudo Nacional de Literacia, realizado pelo Instituto de Ciências Sociais e coordenado por Ana Benavente, então a Secretária de Estado da Educação e Inovação, tinha dado a conhecer uma realidade bem preocupante acerca das competências de leitura, escrita e cálculo da população portuguesa dos 15 aos 64 anos. Cita Carol Kuhlthau para quem “ o maior desafio para a escola dessa Sociedade emergente é educar as crianças a viver num meio rico em informação” e, nesta perspectiva, afirma, a literacia da informação deveria constituir parte integrante da experiência educativa dos estudantes, assumindo-se a biblioteca escolar como lugar de referência para a sua formação literária. Levanta, na sua intervenção uma série de questões pertinentes e saúda como positiva a medida dos Ministros da Educação e da Cultura de criarem um Grupo de Trabalho que visa criar as bases para as mudanças que urgem ser feitas. Tal como Pessoa, manifesta alguma preocupação com a possível composição do grupo pois, de acordo, com Rebecca Knuth, que também cita, “nos países em que o desenvolvimento da biblioteca escolar alcançou o mais alto nível, as bibliotecas estão firmemente enraizadas nas infraestruturas educativas. ”

De facto, numa reacção aos resultados obtidos por Ana Benavente e os seus colaboradores face ao níveis de iliteracia existentes em Portugal, entenderam os ministros da Educação e Cultura que “ a insuficiência de hábitos e práticas de leitura da população portuguesa [...] só pode ser contrariado por uma política articulada entre o Ministério da Cultura e o Ministério da Educação” e, para isso, era fundamental “o desenvolvimento de bibliotecas escolares integradas numa rede e numa política e incentivo, da leitura pública” como se pode ler no Despacho Conjunto nº 43/ME/MC/95 de 29 de Dezembro. É com base neste diploma legal que será constituído um Grupo de Trabalho¹⁰ que tem como missão não apenas fazer um diagnóstico exaustivo da situação das bibliotecas escolares mas também estabelecer os princípios, as linhas de orientação e o programa de lançamento de uma rede

¹⁰ Despacho Conjunto nº 5 ME/MC/96 de 9 de Janeiro

de bibliotecas escolares. Diz o referido Despacho que o Grupo de Trabalho deverá “analisar e propor medidas” visando “o incentivo à utilização do livro nas metodologias de ensino e na organização do tempo escolar e o desenvolvimento de Bibliotecas Escolares integradas numa rede e numa política de incentivo da leitura pública mais ampla que apoie e amplifique a acção da escola e que se mantenha ao longo da vida”.

O ideário subjacente a esta decisão assenta em duas convicções: por um lado, a associação das práticas e hábitos de leitura à escola e, por outro, num entendimento de que o processo de ensino-aprendizagem não se confina à mera transmissão e aquisição de saberes compartimentados pelas diferentes disciplinas curriculares, que o sucesso educativo não pode ser confinado ao período escolar antes se estende pela vida fora sob a forma de autonomia que permite ao indivíduo a capacidade de aprender ao longo da vida, em adequação às exigências da sociedade (Sousa et al., 2000).

No Documento de Trabalho, publicado em Março de 1996, pelo Grupo de Trabalho, explicita-se, em nota prévia, que o mesmo foi realizado tendo como quadro referencial a) estudos de organismos internacionais ou de outros países; b) estudos existentes sobre a situação das bibliotecas escolares portuguesas; c) resultados de investigação sobre processos de inovação neste domínio; d) experiência directa que os vários membros do grupo obtiveram num trabalho continuado com alunos, professores e responsáveis por bibliotecas escolares e públicas. Este Documento será assumido pela tutela como documento basilar pois traça o retrato mais fidedigno da situação degradante e degradada em que se encontra o conjunto das bibliotecas escolares (excepção honrosa de algumas onde, por iniciativa e voluntarismo de alguns professores, se faz um trabalho inovador e pioneiro, sendo o caso mais exemplar, sem dúvida, o da Escola Preparatória Marquesa de Alorna).

O relatório *Lançar a Rede de Bibliotecas Escolares* (Veiga et al, 1996) constitui-se como documento fundamental para a implementação de uma nova fase nas bibliotecas escolares.

Refira-se, igualmente, o notável levantamento do panorama particular das bibliotecas escolares do Porto feito por Eloy Rodrigues, num estudo encomendado pela respectiva Câmara Municipal, e publicado em 1998. Ele vem confirmar, claramente, a

situação de penúria, decadência e de abandono a que as bibliotecas escolares estão votadas pela tutela, situação essa que era já conhecida ou intuída por muitos do que se interessavam por esta problemática. Constitui, igualmente, um testemunho que, segundo Rodrigues, visa contribuir para reforçar a discussão sobre o papel das bibliotecas escolares porque as considera “Componentes indispensáveis não apenas no plano imediato de apoio às actividades escolares, como no plano mais global da formação de cidadãos activos para a Sociedade da Informação e do Conhecimento” (1998:13).

2.2. Programa e objectivos

Por Despacho Conjunto nº 148/ME/MC/96 de 27 de Agosto, constitui-se uma estrutura responsável pela implementação e monitorização do programa de requalificação das bibliotecas escolares, o Gabinete da Rede das Bibliotecas Escolares, sob a direcção de Teresa Calçada. No Ofício-circular de 14.10.1996 pode ler-se que o Gabinete tem como missão “apoiar a criação e o desenvolvimento de Bibliotecas escolares entendidas como centros de recursos educativos e multimédia.” O Programa Rede de Bibliotecas Escolares não se quer impor nem sobrepor às escolas e as suas comunidades pois está amplamente provado que qualquer mudança na qualidade pedagógica só é eficaz e consistente quando os seus protagonistas assumem a iniciativa dessas mudanças e se empenham na sua consecução.

Assim, é necessário que se verifiquem, cumulativamente, os seguintes pressupostos: a) as iniciativas serem, em grande medida, da responsabilidade dos professores; b) o processo de lançamento da inovação ser assumido pela direcção da escola; c) um número significativo de professores e de alunos aderir às propostas e envolver-se nas actividades delas decorrentes; e d) os pais dos alunos aceitarem a inovação e percepcionarem-na como um benefício para os filhos.

Nesta perspectiva, considera-se que o lançamento de um programa viável deverá visar um conjunto de objectivos estratégicos, assim enunciados:

1. Lançar e desenvolver o Programa Rede de Bibliotecas Escolares, que se prolongará pelos anos considerados necessários para abranger todas as escolas do país.
2. Incentivar as escolas a candidatarem-se ao programa de criação e/ou desenvolvimento das suas bibliotecas, que decorrerá, mediante dinâmica própria, num período de entre dois e quatro anos.
3. Apoiar as escolas com menor capacidade de iniciativa de forma a que todas sejam abrangidas pelo programa.
4. Criar condições para que, após um período de funcionamento nos moldes recomendados pelo programa, cada biblioteca escolar possa ser vista por alunos, professores e pais, como um importante recurso.

Os objectivos instrumentais prevêem, para além da criação do já referido Gabinete que dependerá dos Serviços Centrais do Ministério da Educação, disponibilização de adequados recursos financeiros por parceiros vários, nomeadamente a nível central e regional dos Ministérios da Educação e da Cultura e das autarquias, de forma a permitir às escolas um conjunto de recursos, orientações e apoios para o desenvolvimento das suas bibliotecas; definição de um enquadramento jurídico para o enquadramento legal dos professores e funcionários das bibliotecas escolares; instituição do Serviço de Apoio às Bibliotecas Escolares (SABE) a nível concelhio; mobilização de um conjunto de entidades responsáveis pela formação, para a organização de acções de formação especialmente orientadas para as Ciências Documentais, Biblioteconomia e promoção da leitura; e introdução de alterações na tipologia escolar, no mobiliário e na rede escolar de modo a responder aos objectivos do Programa.

Foram definidos dois tipos de candidaturas a que as escolas podiam concorrer com vista à obtenção de apoio financeiro para a concretização dos seus projectos: a Candidatura Concelhia e a Candidatura Nacional. Em ambas as candidaturas é necessário que as bibliotecas já tenham um projecto de trabalho a ser implementado mas em condições físicas precárias e com grandes carências de equipamentos, mobiliário e Fundo Documental. O que as distingue, basicamente, é que, na Candidatura Concelhia, a escola deve poder contar com o apoio da Biblioteca Municipal pertencente à Rede Pública, com disponibilidade financeira da Câmara para apoiar o projecto e a Direcção Regional de Educação deve

confirmar a qualidade do parque escolar. As escolas que correspondem a estes pré-requisitos têm que apresentar um projecto desenhado à luz do Programa da Rede de Bibliotecas Escolares, o qual é avaliado por uma equipa do Gabinete que aquilata da sua coerência e sustentabilidade pelas partes institucionais que estão comprometidas. Uma vez seleccionada a escola, são-lhe atribuídas verbas cujos montantes variam de acordo com indicadores previamente considerados (Conde, 2003).

A Candidatura Nacional é direccionada para as escolas que não se enquadram nos parâmetros atrás definidos porém desenvolvem experiências significativas tanto no que diz respeito à organização e gestão como a promoção da leitura ou à animação cultural. Trata-se, pois, de conceder um incentivo financeiro (com montantes menores) para as estimular a prosseguir o trabalho no sentido de reunirem as condições que lhes permitam apresentar-se com uma Candidatura Concelhia. O processo de selecção faz-se com base na apresentação de um documento que descreve a dinâmica da escola, e em particular da sua biblioteca, e o Gabinete avalia e distingue (Conde, 2003).

O Programa da Rede de Bibliotecas Escolares não se confina ao apoio financeiro, assumindo que a vertente da formação dos recursos humanos é fundamental bem como um conjunto de outras questões como o reconhecimento institucional da figura do professor-bibliotecário, o crédito horário a atribuir-se à equipa para que desempenhe cabalmente as funções que lhe estão cometidas e a duração do mandato. Como se verá no capítulo seguinte, muitos têm sido os constrangimentos colocados e a situação actual, decorridos que são quase dez anos desde o lançamento da Rede, está longe de estar resolvida. Eloy Rodrigues (1998), na Nota Introdutória do seu Estudo da Rede de Bibliotecas Escolares do Porto, saúda a criação do Programa mas logo a seguir afirma que, ainda que seja precoce fazer qualquer balanço, há já alguma “inquietação, quer quanto ao funcionamento e capacidade de intervenção do Gabinete, quer quanto a algumas orientações apresentadas, nomeadamente no domínio do pessoal e da formação.”

Silva (2003), manifestando concordância com o que o Grupo de Trabalho escreve no seu Relatório, concretamente que as bibliotecas escolares têm como função essencial “criar e desenvolver nos alunos competências de informação, contribuindo [...] para que [eles] se tornem mais conscientes, informados e participantes”, afirma que qualquer

iniciativa que promova a leitura e as bibliotecas escolares é de saudar. Sublinha a relevância do projecto do Ministério para a dinamização das Bibliotecas escolares mas, ao mesmo tempo, levanta algumas dúvidas e reparos, ressaltando a sua perspectiva construtiva. A primeira delas é a preocupação com uma possível distanciação entre a biblioteca e os professores, fazendo uma crítica frontal dos “professores apressados, desmotivados, ultrapassados, que não lêem, não vão à Biblioteca, não acompanham lá os seus alunos, não lhes falam de livros nem de leituras”.

Afirma que sem a motivação interna de toda a comunidade educativa, sem um compromisso que se assuma de dentro para fora, o projecto de implantação de novas bibliotecas escolares fica seriamente comprometido. Denuncia o facto de se estar a assistir a uma intervenção em sentido contrário, que vem de fora para dentro, e que não é suficiente proceder-se a uma reforma de espaços, equipamentos, e livros novos, pois faltará sempre o fundamental: a existência de leitores e leitura. Na sua opinião, o Projecto não tem em consideração a real situação das escolas e, portanto, é demasiado ambicioso. Em sua opinião, é necessário que os professores saibam trabalhar com os computadores, tenham conhecimentos de Biblioteconomia, é necessário haver técnicos que façam o tratamento documental, é imprescindível que se disponibilizem catálogos.

Considera, também, que todo este processo será tão moroso e exigirá tais meios que dificilmente estarão a ser cabalmente tidos em conta. Aponta, igualmente, a possível conflitualidade que poderá existir entre as Bibliotecas Municipais e as Escolares, devido às diferenças de formação e vocação das partes; critica o modelo de formação contínua existente pois a formação dos docentes é, em boa parte dos casos, de eficiência discutível pois não existe um modelo sério de avaliação; refere as verbas avultadíssimas que serão necessárias à implementação do Programa e, dada a situação de dificuldade económica do país, tal será pouco viável. Em suma, Silva coloca todas as suas reservas numa questão central: o sucesso do Programa dependerá do trabalho que se realizar no interior das escolas, na motivação e preparação dos docentes e na cooperação e motivação dos alunos.

2.3. Implantação e evolução

Dado que o nosso trabalho se orienta para um estudo comparativo, consideramos que se justifica traçar um breve quadro evolutivo da implantação e evolução da RBE.

O projecto da Rede das Bibliotecas Escolares arranca em 1997 e pretendia abranger, logo de início, entre 80 a 100 escolas, integradas em cada uma das Direcções Regionais de Educação e a meta, a longo prazo, era dotar, até 2003, todas as cerca de 10 mil escolas dos Ensino Básico e Secundário com bibliotecas modernamente equipadas e com equipas de professores e funcionários com formação adequada. O critério seguido para a selecção das primeiras escolas foi o facto de as mesmas se situarem fora dos grandes centros urbanos mas perto de uma Biblioteca Municipal que tivesse capacidade para prestar apoio técnico. A respectiva Câmara Municipal, no caso das escolas do 1º ciclo, deveria assegurar a realização das necessárias obras para dotar as escolas de espaços condignos ao funcionamento de uma verdadeira biblioteca.

No 1º ano de lançamento do Programa foram apoiadas 87 escolas, de todos os níveis, através da Candidatura Concelhia (número dentro das previsões inicialmente estabelecidas) e 82 escolas por Candidatura Nacional. No ano de 1998, entram para a Rede 119 escolas, por via da Candidatura Concelhia e 62 através da Candidatura Nacional. Parecia desde logo começar a configurar-se um claro afastamento das previsões iniciais, como se veio a verificar, pois a este ritmo dificilmente se atingiriam as 10 000 escolas integradas na RBE até 2003¹¹.

No Despacho Interno Conjunto n.º 3 - I/SEAE/SEE/2002 de 15 de Março, assinado pelo Secretário de Estado da Administração Educativa, Domingos Fernandes, e pelo Secretário de Estado da Educação, João Félix Praia, afirma-se que a Rede de Bibliotecas Escolares “abrange, hoje, na sequência de significativos investimentos em recursos humanos e materiais, 854 estabelecimentos dos ensinos básico e secundário”, número este

¹¹ Note-se que, entretanto, o modelo organizacional e de gestão das escolas se alterou, surgindo os Agrupamentos. Por outro lado, tem-se assistido ao encerramento de escolas. Estas duas situações trazem uma redução bastante apreciável no número de bibliotecas, efectivamente, necessárias e tornam a previsão inicial menos ‘irrealista’.

muito aquém das previsões optimistas iniciais. Este mesmo diploma legal faz referência ao Despacho Conjunto nº 872/2001, de 18 de Setembro que: “redefiniu, entre outros aspectos, as competências do Gabinete Coordenador da Rede de Bibliotecas Escolares, ao qual compete, nomeadamente, consolidar a rede existente e promover o seu alargamento sustentado”. Depois de se afirmar a importância de rever o conceito de biblioteca escolar, que deve tender, numa perspectiva de potenciar os recursos existentes e a existir, para o conceito de Centro de Recursos Educativos, sublinha: “a sua consolidação como um dos instrumentos fundamentais da organização pedagógica das escolas” bem como “a particular relevância da consistência pedagógica da equipa educativa responsável pela coordenação da Biblioteca Escolar/Centro de Recursos Educativos”.

Na sequência destas considerações, e tendo em conta o teor do Despacho nº 33-I/ME/2001, de 27 de Junho, determina-se:

Aos estabelecimentos de ensino básico e secundário que integram o Programa da Rede Nacional de Bibliotecas Escolares podem ser atribuídas condições acrescidas de funcionamento, visando incentivar a organização e dinamização da respectiva Biblioteca Escolar / Centro de Recursos Educativos, nos termos definidos no Anexo ao presente Despacho, que dele faz parte integrante.

O Anexo contém um conjunto de itens regulamentadores que visam, exactamente, harmonizar critérios, reforçar e dignificar o papel das equipas coordenadoras para a implantação e desenvolvimento sustentado das bibliotecas escolares.

De acordo com dados fornecidos pelo Departamento de Avaliação Prospectiva e Planeamento (DAPP) do Ministério da Educação, referentes a 2000/2001, existiam 571 escolas aderentes à RBE concelhias, das quais 285 eram do 1º ciclo (estas com o apoio das autarquias), 152 do 2º e 3º ciclos, 114 do ensino secundário e 20 de Escolas Básicas Integradas.

Em 2002, a Rede das Bibliotecas atribui verbas complementares a escolas que apresentaram uma Candidatura Nacional bem como apoiou, complementarmente, um conjunto de escolas, abrangidas pelas Direcção Regional do Ensino do Alentejo, do Centro e de Lisboa, no âmbito do que chamou Reversão.

Em 2003, a nível da Candidatura Concelhia, as escolas foram seleccionadas por duas fases, houve escolas do 2º e 3º ciclos e Secundárias que receberam um 2º apoio para reforço do seu Fundo Documental e foi, novamente, concedido um 2º apoio, para reforço do Fundo Documental, Reconversão 2003, a algumas escolas da área da Direcção Regional de Educação do Norte. No âmbito da Candidatura Nacional, também houve duas fases e foi atribuído um 2º apoio para reforço do Fundo Documental a escolas de todas as Direcções Regionais da Educação.

Em 2004, não foi aberta Candidatura Concelhia mas foram concedidos Apoios Dirigidos a escolas das cinco Direcções Regionais de Educação; no que diz respeito à Candidatura Nacional, foram só abrangidas algumas escolas das Direcções Regionais da Educação do Norte, Centro e Lisboa.

As escolas integradas na Rede das Bibliotecas Escolares estão obrigadas a enviar um Relatório Anual de Avaliação mas, no ano lectivo de 2000/2001, o Gabinete decidiu, com o propósito de facilitar a recolha e o tratamento da informação bem como proceder à actualização dos dados respeitantes a cada escola, elaborar um Questionário que foi colocado *on-line* no seu sítio. Numa consulta ao mesmo, fica-se a saber que o universo a que se destinou era constituído por 885 estabelecimentos dos diferentes níveis de ensino que integraram a Rede até 2000 (inclusive), através de Candidatura Nacional, e até 2001 (inclusive) através da Candidatura Concelhia. A Rede disponibilizou duas vias para resposta: *on-line* e em suporte papel que foi enviado às escolas. A Coordenadora nacional, Maria Teresa Calçada, enviou aos Presidentes dos Conselhos Directivos uma carta dando conta do “novo instrumento de avaliação, na forma de questionário, o qual irá facilitar a recolha e tratamento de dados e a actualização dos dados relativos à situação de cada escola”.

Como referimos, no início, os dados recolhidos nestes questionários foram-nos, amavelmente, cedidos e integram o estudo comparativo realizado.

O Gabinete responsável pela execução do Programa tem procurado prestar, a distância, através do seu sítio, a maior assistência aos coordenadores disponibilizando várias páginas: Documentos de Apoio, Bibliografia Geral e Temática, Apoio Técnico (Organização do Espaço, Organização e Gestão da BE/CRE, Dinamização da Biblioteca e

Fundo Documental), Recursos na Internet sobre BE/CRE, Literacia da Informação, Boas Práticas, Formação, Eventos, Novo (novidades), Lista de Difusão e Catálogo de Documentação.¹²

Sublinhe-se que a intervenção e apoio do Gabinete da Rede vai muito para além daquela disponibilizada *on-line*. Desde o início que tem vindo a promover diversas acções em colaboração com os serviços centrais e regionais do Ministério da Educação e com outros Programas e entidades, tendo por objectivo a melhoria das condições de funcionamento e gestão das bibliotecas escolares. Entre estas, podemos destacar:

- Coordenação do processo de instalação e desenvolvimento das BE/CRE, promovendo a articulação entre os diversos parceiros nele envolvidos: escolas, DRE' e autarquias.
- Formação contínua e especializada no domínio das bibliotecas escolares, destinada a docentes e auxiliares de acção educativa, da iniciativa de Centros de Formação de Associações de Escolas, ESE, Universidades, DRE e outras entidades de formação.
- Atribuição de destacamentos e créditos horários aos professores responsáveis pelas BE/CRE, do 1º ciclo do ensino básico e dos 2º/3º ciclos do ensino básico e ensino secundário, respectivamente.
- Criação das carreiras de técnico superior e de técnico profissional de biblioteca e documentação a integrar os quadros regionais e os quadros de escola ou de agrupamento de escolas.
- Edição de um conjunto de documentos técnicos de apoio às BE/CRE.
- Introdução de alterações no desenho dos espaços afectos às BE/CRE, nomeadamente nas novas construções escolares.
- Homologação pelos serviços do ME de novo mobiliário específico para as BE/CRE.
- Criação de condições favoráveis à introdução e utilização das TIC na BE/CRE, rentabilizando recursos materiais e humanos existentes nas escolas, designadamente com os Programas Nónio séc. XXI e Internet na Escola.
- Aquisição de Software normalizado de gestão de bibliotecas.

¹² Depois de um período em que a actualização da página da RBE não era feita com a regularidade necessária, e não cumpria uma das suas funções mais importantes que é, a nosso ver, a difusão de boas práticas, assiste-se a uma fase de maior vitalidade que devemos saudar porque investe numa maior interacção com vista à consolidação de uma verdadeira rede de bibliotecas escolares.

- Participação em encontros, seminários e acções de formação sobre bibliotecas escolares.

Como já foi atrás afirmado, o Programa de implementação da Rede conta com as sinergias e compromissos assumidos por vários actores. Assim, para clarificar as responsabilidades que estão cometidas a cada um dos parceiros (Ministério da Educação, representado pela DRE e pelo Presidente do Conselho Executivo da escola/Agrupamento, e a Câmara Municipal), no caso da Candidatura Concelhia, elaborou um Acordo de Cooperação que é assinado formalmente pelas partes e do qual destacamos este compromisso:

A celebração deste Acordo permitirá criar um conjunto de infra-estruturas capazes de alargar o nível de recursos da educação, colocando-os ao serviço da qualificação dos alunos e das aprendizagens, numa sociedade cuja complexidade exige uma construção pessoal sólida e uma educação para a cidadania.

O Despacho nº17 387/2005 de 12 de Agosto representa um claro retrocesso na marcha lenta da implantação e implementação da Rede das Bibliotecas Escolares pois determina “Aos estabelecimentos dos 2.º e 3.º ciclos do ensino básico e do ensino secundário e aos agrupamentos verticais que integram o Programa da Rede Nacional de Bibliotecas Escolares é atribuído um crédito horário de oito horas semanais destinado ao professor coordenador da equipa da respectiva biblioteca escolar/centro de recursos educativos.” No ano seguinte, o Ministério publica novo diploma, o Despacho n.º 13 599/2006 que reflecte um entendimento do papel da biblioteca escolar mais aproximado daquilo que estava inscrito na matriz do Programa. A enumeração das funções do professor coordenador é exemplar de um entendimento esclarecido da importância que tem esse docente e da obrigatoriedade do mesmo actuar dentro dos princípios do Projecto Educativo. O artigo 8.º enuncia-as:

- a) Promover a integração da biblioteca na escola (projecto educativo, projecto curricular, regulamento interno);

- b) Assegurar a gestão da biblioteca e dos recursos humanos e materiais a ela afectos;
- c) Definir e operacionalizar, em articulação com a direcção executiva, as estratégias e actividades de política documental da escola;
- d) Coordenar uma equipa, previamente definida com o conselho executivo;
- e) Favorecer o desenvolvimento das literacias, designadamente da leitura e da informação, e apoiar o desenvolvimento curricular;
- f) Promover o uso da biblioteca e dos seus recursos dentro e fora da escola;
- g) Representar a BE no Conselho Pedagógico, sempre que o regulamento interno o preveja..

Também, pela 1ª vez, se define o número dos elementos que constituem a equipa bem como os critérios a ter em conta na sua designação:

- a) Formação académica na área da gestão da informação/BE;
- b) Formação especializada em ciências documentais;
- c) Formação contínua na área das BE;
- d) Formação em técnico profissional BAD;
- e) Comprovada experiência na organização e gestão das BE.

Todavia, face à amplitude e exigência das funções acima descritas, continua a ser atribuído ao professor coordenador da biblioteca escolar um número de horas bastante reduzido, o que na prática acaba por dificultar ou mesmo inviabilizar a consecução de uma actividade consistente nessas diferentes áreas. Aliás, como veremos, os estudos internacionais são unânimes na identificação de que é fundamental para o sucesso da biblioteca escolar a existência de um professor-bibliotecário a tempo inteiro.

Pensamos que o nosso estudo comparativo possibilitará, exactamente, construir uma percepção mais clara sobre a capacidade que as BE/CRE têm de implementar os aspectos referidos, na medida em que analisamos um grupo de bibliotecas em dois momentos distintos.

3. A Biblioteca Escolar e o sucesso educativo

3.1. Implantação nas escolas

O desenvolvimento e o funcionamento real de uma biblioteca escolar/centro de recursos educativos resulta de um conjunto de interações de acções e decisões, de sinergias que se geram para que, a nível interno de uma escola, o processo avance sem constrangimentos. Cada escola trilha caminhos diferenciados, de perspectivar e implementar a inovação, e é o seu Conselho Executivo que desempenha um dos papéis mais decisivos por inerência das funções que lhe estão legalmente cometidas.

Como já foi afirmado, uma biblioteca escolar/centro de recursos educativos, integrada na RBE, pauta-se por um conjunto de diplomas legais e orientações superiores que são veiculados pelo Gabinete Nacional da RBE e o Conselho Executivo deve assumir a parte de responsabilidade que lhe é cometida por via da assinatura de um Acordo de Cooperação. A comunidade escolar devia entendê-la como um recurso educativo estratégico mas a realidade é, em muitos casos, bastante diferente. Num estudo levado a cabo por um conjunto de investigadores da Universidade do Minho (Sequeira, 2000), em escolas básicas do 2º e 3º ciclos e secundárias dos distritos de Braga e Viana do Castelo, que visava verificar de que forma os professores, como principais actores da organização educativa de uma escola, reconhecem o papel deste recurso quer como parceiro indispensável das actividades lectivas quer como estrutura fundamental para o desenvolvimento da autonomia dos alunos, as conclusões são merecedoras de uma reflexão.

Assim, genericamente, todos os inquiridos valorizam a biblioteca ou centro de recursos educativos mas, ao nível das práticas, essa valorização tem um carácter mais subsidiário pois não aparece como recurso transversal e mobilizador da escola. Esta primeira constatação aponta para um entendimento daquela estrutura como mais ‘próxima’ de certas disciplinas, logo, verifica-se como que uma desresponsabilização por parte de um sector significativo do corpo docente, que delega na direcção essa função. O envolvimento dos docentes é pontual e individual, mais se assemelhando a actividades que se realizam como uma soma de eventos avulsos do que actividades que emanam e se articulam com o Projecto Educativo. Mais, de acordo com o mesmo estudo, a biblioteca escolar ainda não se

assume como espaço valorizado pelos órgãos pedagógicos de escola, nem surge inscrita nos Planos de Actividades de escola nem nos projectos individuais dos professores (Sousa et al., 2000).

Nesta linha, é pertinente fazer-se uma leitura atenta do Estudo de Caso realizado por Marta Alves (2000) numa Escola 3/S do concelho do Seixal e que constitui a sua dissertação para mestrado. As conclusões a que chegou, ressaltando, obviamente, as naturais limitações deste tipo de investigação, merecem ser aqui referidas:

- a biblioteca escolar é percebida, pelos docentes e pelos alunos, como importante para o desenvolvimento do processo de ensino-aprendizagem, pois tem potencialidades que a podem transformar num local de aprendizagem autónoma e diferenciada e capaz de contribuir para a aquisição de competências de formação ao longo da vida;
- os professores não recorrem à biblioteca de acordo com a importância que lhe atribuem pois não a integram, de forma sistemática e continuada, nas suas práticas pedagógico-didáticas;
- há pouca preparação, por parte do corpo docente, quer a nível da sua preparação inicial quer a nível de formação contínua, para se apropriar, de forma mais interventiva, do novo e singular recurso que é a biblioteca escolar;
- os alunos frequentam a biblioteca escolar nos seus tempos livres mas também, e de forma espontânea, para obterem informações suplementares às que se encontram nos manuais, como forma de melhor se prepararem para os exames nacionais do 12º ano.

Perante estas conclusões, algo contraditórias com os discursos e testemunhos recolhidos ao longo da investigação, Marta Alves avança algumas prováveis explicações, das quais destacamos:

- permanência de um conflito entre a teoria, que advoga um tipo de ensino centrado no aluno e no desenvolvimento de competências, e a prática instalada de um ensino conservador centrado no discurso do professor e no recurso ao manual;
- formação dos professores deficitária, lacunar, pois não dá resposta à imperiosa necessidade de preparar os professores (quer os que se iniciam na profissão quer os que já se encontram há muito no activo) para

acompanharem as profundas alterações que estão a ocorrer na sociedade e a que a escola não pode ficar excluída.

Num outro estudo, levado a cabo por Artur Dagge, também no âmbito de uma dissertação de Mestrado (2004) e cujo universo de investigação incidiu sobre as bibliotecas das escolas abrangidas pela Direcção Regional de Educação do Alentejo, quer estivessem ou não integradas na RBE, o panorama actual apresenta uma significativa melhoria, sobretudo, no que diz respeito aos conjunto das primeiras. A sustentar a sua afirmação estão indicadores como, por exemplo, “as verbas investidas nas bibliotecas, o número de professores e funcionários que nela exercem funções e as horas de que dispõem, o número de utilizadores inscritos e os documentos emprestados ou a percentagem de bibliotecas que estão representadas nos conselhos pedagógicos” (p: 104).

No entanto, e ainda que possa parecer paradoxal, o mesmo investigador constatou que o processo de implementação das bibliotecas escolares, integradas na RBE, está longe de ter alcançado o nível de qualidade que dele se esperava. Numa espécie de ‘acareação’ dos resultados obtidos através do inquérito, Dagge entrevistou um conjunto de professores com experiência significativa na coordenação de bibliotecas escolares e obteve dados que merecem uma análise e reflexão aprofundadas.

Sustentando que a figura do professor bibliotecário (ou bibliotecário escolar) é muito importante, quer numa perspectiva *micro* (a nível do próprio estabelecimento de ensino) que numa perspectiva *macro* (sistema educativo, em geral), o autor identificou um conjunto de factores que minam a afirmação das bibliotecas no seio das comunidades educativas: a indefinição no que concerne à formação acrescida e especializada do professor bibliotecário; a representação ambivalente que cada um destes professores tem de si no seu meio profissional; a falta de aplicação dos normativos legais que regulamentam a carreira de técnico superior de biblioteca e documentação nos estabelecimentos de ensino não superior; a indefinição que caracteriza as bibliotecas em termos de reconhecimento legal no seio de cada escola¹³ a incerteza quanto à continuidade do Programa da RBE e a

¹³ O Decreto-Lei nº 115-A/98 não faz referência a esta estrutura

falta de acompanhamento ‘no terreno’ após a fase inicial de instalação das bibliotecas; e, por último, mas não menos importante, o próprio estatuto do professor, a progressão na carreira e a sua harmonização (ou não) com a hipotética carreira de professor bibliotecário. Em síntese, no estudo empírico de Dagge, o panorama das bibliotecas escolares, sobretudo as que se encontram integradas na RBE, é (ainda) pouco consentâneo com aquilo que delas se espera em termos de impacto positivo na comunidade escolar e educativa.

Tendo em conta que a investigação nesta área emergente das bibliotecas escolares e centros de recursos educativos é ainda escassa no nosso país, não podemos deixar de considerar que é indispensável que as tutelas se interessem por conhecê-las, por debatê-las e fomentarem espaços e condições para que mais estudos surjam no sentido de se perceber, com maior clareza e fiabilidade, qual o papel que queremos atribuir às bibliotecas escolares numa sociedade plena de desafios no que diz respeito à aprendizagem ao longo da vida.

Ramón Salaberría, numa entrevista concedida em 2001, alerta, precisamente, para a imperiosa necessidade de se discutir, de se reflectir internamente, para se elevar a biblioteca escolar ao estatuto que deve ter se se quiser que ela faça a diferença no sucesso educativo.

Si no hay reflexión, la biblioteca escolar seguirá siendo un departamento más a dotar y entrará en una competencia difícil de ganar. Nunca será la herramienta más importante del proceso de enseñanza y aprendizaje de la escuela y de la vida de las/los alumnas/os. En ese sentido podemos tener una falsa sensación de movimiento como, efectivamente, en una cinta andadora. Pero nada avanzará realmente a nuestro alrededor.

(Salaberría b, 2001:6)

Também Guillermo Castán Lanaspa sublinha que:

la biblioteca escolar no puede concebirse sólo como un equipamiento más de los centros escolares, al servicio de la promoción de la lectura y subordinada a necesidades exclusivamente académicas, sino también como un núcleo activo en el Proyecto Educativo y en el Proyecto Curricular [...] capaz de generar ideas y acciones de cambio en la escuela. (2002: 64)

Pode-se apontar um factor fundamental indispensável para mudar o ambiente de aprendizagem da escola e que é existência de uma filosofia de aprendizagem subjacente,

compartilhada pelo professor bibliotecário, professores e órgãos directivos da escola e que se traduz por um envolvimento mútuo para trabalhar em sintonia no sentido de que o processo de ensino-aprendizagem se baseie no acto de pesquisa em todas as áreas do currículo. Para uma aprendizagem baseada na pesquisa, usar a biblioteca e seus recursos, deixa de ser uma actividade pontual, esporádica, e sim o próprio cerne do projecto pedagógico, o Projecto Educativo. E assim entendida, a implantação da biblioteca na comunidade educativa ficará garantida.

Em todo este processo o que é preciso é evitar “o risco da inovação que se esgota a si própria, do experimentalismo que funciona em circuito fechado, do acto efémero que nunca chega a plasmar-se em efectiva transformação das estruturas educativas” (Silva, 2001:18).

Bastos (2006) na sua comunicação, “Challenging school libraries in Portugal: Compromise, consideration, communication and collaboration”, apresentada na 35ª Conferência Annual da IASL¹⁴, aponta aqueles que considera os quatro maiores desafios que as bibliotecas escolares portuguesas hoje enfrentam: compromisso, consideração, comunicação e colaboração. De acordo com estudos preliminares que o Centro de Investigação em Educação e Inovação da Universidade Aberta, que integra e lidera, as bibliotecas integradas na RBE beneficiaram, inequivocamente, a vários níveis: alargamento e requalificação do espaço, aquisição de mobiliário específico bem como equipamento adequado, actualização e reforço do Fundo Documental. Contudo, afirma, quando se aprofunda a análise de todo o processo evolutivo, à luz de das directrizes internacionais e do próprio programa da RBE, começam a aflorar algumas fragilidades que são o reflexo de uma política ministerial pouco consistente. “Compromisso” e “consideração” porque, sustenta, “we need, urgently, the institutionalized recognition of the position of the teacher-librarian in the school organization.” É um facto que, ao fim de dez anos de implantação da RBE, ainda não foi criado o cargo de professor-bibliotecário e o professor que exerce esse papel tem apenas 8H semanais para desempenhar funções tão variadas e dispersas, entre as quais a do tratamento documental lhe consome cerca de 60% desse tempo.

¹⁴ Realizada em Lisboa, 2006, sob o tema: “Reading. Knowing. Doing. The Multiple Faces of Literacy.”

When respondents were asked about the most relevant activities developed during the year, the answers indicate that the team spent more than 60% of its time on the organization of materials and services. The results don't tell us about the collaborative work with classroom teachers, but the global item "support to curriculum activities" – which may rest, after all, in more traditional roles such as students orientation or students and teachers assistance in finding materials – only occupies about 25% of time. In fact, organizing resources is an important task, but the key question for a school library is to relate the resource centre to the curriculum and we don't want to say, like Michel Marland, that in some schools books "constitute some of the most expensive wallpaper known, because they are ineffectively used" (1999. p. 4)

(Bastos, 2006: 2,3)

Os dois últimos desafios, apontados pela mesma investigadora, são comunicação e colaboração. Comunicação, competência importante porque um professor-bibliotecário deve saber transmitir, de forma clara, inequívoca e enfática, qual o papel que lhe está atribuído, qual a missão da biblioteca escolar, qual o compromisso assumido pela escola, ao candidatar-se ao Programa da RBE, qual a importância que tem o envolvimento de todos os docentes num trabalho colaborativo. Bastos (1996) sustenta que "we need school-librarians with a strong presence to ensure an equal status to other teachers and to emphasise that they are partners in the educational enterprise." e uma das suas conclusões, com a qual estamos totalmente de acordo, é que a RBE deveria colocar um ênfase especial na fase de 'follow up' das bibliotecas integradas para que contribuam, decisivamente, para a mudança das práticas pedagógicas: "Each change means an endogenous integration of new values and this is something that does not happen immediately."

(Bastos, 2006:5)

3.2. Papel na formação: sucesso educativo e combate às exclusões sociais

Na viragem do século, Portugal atinge já um taxa de 100% de cumprimento efectivo da escolaridade básica mas, apesar da universalidade atingida no acesso e frequência, o sucesso educativo é, ainda, ensombrado por uma das mais altas taxas de abandono escolar no conjunto dos países da OCDE. (OECD, 2006). Esta situação está a pôr em causa um dos princípios fundamentais da LBSE: a universalidade do acesso e também do sucesso na educação básica. Mesmo a igualdade de oportunidades não está a ser devidamente salvaguarda. Segundo os dados divulgados pela OCDE, os custos por aluno são, ainda, comparativamente, baixos embora se verifique, a par, um maior investimento por aluno.

Dados comparativos sobre desempenho, abandono e insucesso escolares não deixam dúvidas: a escola portuguesa tem sido melhor a discriminar e a afastar alunos do que a desenvolver competências em todos os que a frequentam. São prova disso, as taxas de abandono escolar, os graus de escolaridade da população adulta portuguesa e os níveis de desempenho em estudos internacionais, nos exames e nas provas nacionais de aferição.

Embora o abandono escolar tenha diminuído significativamente no ensino básico, a taxa de não frequência e abandono escolar ao nível do ensino secundário é ainda hoje, segundo os dados do Eurostat (2004), uma das mais elevadas nos 25 países que integram a UE. Por outro lado, à melhoria da frequência escolar no ensino básico não correspondeu uma melhoria de desempenho dos alunos. Uma breve análise sobre dados comparativos de estudos internacionais nos últimos quinze anos (Reading Literacy-IEA, 1992; II IAEP, 1993, Third International Study of Mathematics and Science-TIMSS, 1997; e Programme for Student Assessment -PISA, 2001, 2004) mostra que não houve progressão na melhoria comparativa dos desempenhos dos alunos portugueses em leitura, embora tenha havido uma ligeira melhoria em matemática. Os resultados do PISA (2001 e 2003) confirmaram a manutenção dos baixos desempenhos em leitura, matemática e conhecimento científico obtidos em 1992 e 1997, confirmando que os jovens portugueses de 15 anos se continuam a situar nos últimos lugares, muito abaixo da média dos países da OCDE.

(Dias et al., s.d.: 56)

A evolução tecnológica dos meios e suportes de aprendizagem e a necessidade de maior convergência entre os modos de aprender e os novos modos de produzir,

apontam para uma reconfiguração das formas tradicionais de educação/formação e colocam aos sistemas de ensino e às instituições de formação novos desafios (idem).

É neste contexto que as bibliotecas escolares podem representar um forte contributo para o aumento do sucesso educativo. Os estudos internacionais mostram ampla e claramente que se os estabelecimentos de ensino tiverem uma biblioteca escolar dirigida por um professor bibliotecário, trabalhando, com uma equipa preparada, em cooperação com o corpo docente, no quadro de um programa de acção na área de promoção das literacias (leitura, matemática e científica) com recurso a uma boa rede de intranet e internet e documentos adequados e em número suficiente, o sucesso dos alunos aumenta independentemente da sua origem sócio-económica..

Assim entendida, a biblioteca escolar deixa de ter um papel subsidiário no tecido escolar das actividades curriculares ou lúdicas e assume-se como órgão vital, estruturador e aglutinador. Se for encarada como factor decisivo na ‘renovação pedagógica’, o caminho para o sucesso educativo está, seguramente, a ser trilhado (Sousa, 2000).

A aprendizagem ao longo da vida é o paradigma da sociedade em que vivemos e ela tem uma íntima conexão com a cidadania, a participação e a inclusividade.

No limite, ela torna-se a condição *sine qua non* de uma evolução consciente, de uma socialização ao longo da vida e do exercício de uma cidadania activa no plano dos direitos e dos deveres de cada pessoa.”
(Carneiro, 2004:14)

É consensual para governos, educadores e a sociedade em geral que os alunos devem deixar a escola com competências que lhes permitam ser capazes de participar activamente numa sociedade global e consigam avaliar a informação que lhes chega permanentemente, de modo a dar algum sentido àquilo que os rodeia. Este é, na sua essência, o cerne do conceito de aprendizagem para além da escola, i.e., ao longo da vida.

O Relatório do estudo *Saberes básicos de todos os cidadãos no século XXI* (2004), coordenado por Cachapuz, define saberes básicos como competências fundacionais que se deseja que todos os cidadãos na sociedade da informação e do conhecimento possuam, para aprender ao longo da vida e sem as quais a sua realização

peçoal, social e profissional se torna problemática, nomeadamente: aprender a aprender; comunicar adequadamente; possuir cidadania activa; ter espírito crítico; e resolver situações problemáticas e conflitos (Dias et al., s.d.).

A Magna Carta da Educação e da Formação aponta a qualidade na educação e na formação como um objectivo primordial a alcançar de forma a evitar a “morte laboral e cultural” de grande parte da população activa bem como o estigma das desigualdades e da exclusão social.

Apesar desta preocupação das instâncias governamentais, os estatísticos têm vindo a revelar uma subida consistente do desemprego sobretudo entre a população que não completou a educação formal básica. As mesmas estatísticas revelam que o nosso país é um dos países da Comunidade onde a taxa de penetração das novas tecnologias é menor com todas as consequências de marginalização, a vários níveis, que isso acarreta num mundo cada vez mais ligado digitalmente.

3.3 Panorama das bibliotecas a nível internacional

Apesar de algumas dificuldades, O percurso que as escolas portuguesas têm realizado, sobretudo a partir da criação da Rede de Bibliotecas Escolares, tem de facto tido um papel importante na renovação da escola e de algumas práticas dos professores. Na construção desse caminho, os contributos dos estudos realizados a nível internacional bem como o conhecimento das realidades de países com uma tradição já longa neste domínio, constituem aspectos que devemos ter em conta na nossa análise.

De facto, consideramos que é importante fazer referência, com algum detalhe, a estudos realizados em países onde a implantação das bibliotecas escolares tem já uma história longa e inspiradora porque tem acumulado evidências do impacto positivo que provocam no sucesso educativo quando se verificam, cumulativamente, determinadas condições, como a seguir enunciaremos. É neste quadro que situamos os estudos americanos e australianos

Obviamente não podíamos deixar de referir outros países que se situam na mesma zona continental que o nosso e que detém experiências dignas de registo, nomeadamente Reino Unido, França e Espanha. Este último país merece particular

referência, sobretudo, porque é o nosso vizinho mais próximo com o qual se têm estabelecido já, ocasionalmente, partilhas de experiências e debate de questões comuns.

3.3.1. As bibliotecas nos EUA

In research done in nine states and over 3300 schools since 1999, the positive impact of the school library program is consistent. [They] make a difference in academic achievement. If you were setting out a balanced meal for a learner, the school library media program would be part of the main course, not the butter on the bread.
(Lance and Loertscher, 2003)

Em 1999, Ken Haycock afirmava já a existência de um *corpus* rico e diverso de investigação e a publicação de bastantes trabalhos que trouxeram as bibliotecas escolares e a importância do seu impacto no aproveitamento académico dos estudantes para a ribalta da discussão. Efectivamente, desde finais da década de 60 do século XX que, nos Estados Unidos, vários investigadores conseguiram fazer prova de que a existência de bons centros de recursos e de um professor bibliotecário contribuem para que os estudantes tenham um desempenho significativamente melhor nos testes que exigem competência nas técnicas de pesquisa, utilização de obras de referência, como dicionários e enciclopédias, e compilação de notas e ideias-chave. Também na compreensão escrita e na expressão oral revelam maior capacidade. Os estudos mais recentes vêm corroborar que os estudantes aprendem mais, produzem melhores trabalhos, obtêm notas mais altas, se seguirem um plano de trabalho bem estruturado, sob orientação conjunta dos seus professores e do professor bibliotecário, de técnicas de pesquisa de informação.

Todd e Kuhlthau (2004) defendem que o seu trabalho surge na continuidade de muitos outros estudos realizados nos últimos cinquenta anos, e que se centram, precisamente, na demonstração do impacto das bibliotecas escolares no desempenho académico dos estudantes. Segundo os mesmos autores, um dos primeiros estudos foi levado a cabo por Mary Virgínia Gaver, tendo publicado, em 1958, *Every child needs a school library*; Bailey (1970) comprovou que alunos com dificuldades na língua,

apresentavam melhorias nas suas aprendizagens quando participavam num programa desenvolvido pela biblioteca e Aaron (1975) demonstrou que a existência de um especialista a tempo inteiro, trabalhando em equipa com os professores, contribuía para melhorar as competências dos estudantes em leitura, escrita e matemática.

Outra das constatações feita por vários investigadores (ap. Todd e Kuhlthau), como Alexander, Bell e Totten (1992) e Yetter e Gehlken (1994) foi que os bibliotecários, cujas bibliotecas exerciam impacto positivo nos estudantes, encaravam o ensino como a sua função principal e eram vistos pelos seus colegas como parte vital no processo de ensino- aprendizagem. Van Deusen (1993, 1994 e 1996) e Tallman (1994) confirmaram que a aliança entre um horário flexível de frequência da biblioteca e o acesso às novas tecnologias, aumentava as possibilidades de uma cooperação entre o bibliotecário e os outros parceiros, melhorando o desempenho curricular.

Outros investigadores, como Krashen (1993), Haliwell (1995) e McQuillan (1997) puseram em evidência o facto de os estudantes conseguirem melhores resultados nos testes de compreensão escrita quando tinham um maior e melhor acesso às fontes escritas e passavam mais tempo em actividades de leitura autónoma. Os trabalhos de Koga e Harada (1989) são elucidativos na comprovação do aumento do sucesso escolar quando as bibliotecas proporcionavam serviços de referência, informações para a realização de pesquisas, integração curricular e sugestões de leituras.

Estes estudos surgem nos Estados Unidos a partir da aplicação do documento “Information Power: Guidelines for School Library Media Programs” em 1988. Em 1998, a National Commission on Libraries and Information Science, após um encontro em Washington, DC., publicou a seguinte Declaração:

BE IT RESOLVED That the U.S. National Commission on Libraries and Information Science urges that our society—officials and educators at all levels, community leaders, parents and other adult caregivers, confidantes, and role models—utilize the vast potential of libraries and support the current and potential abilities and efforts of librarians in assisting adults, youth, and children to seek positive outcomes through wise use of information, and

BE IT FURTHER RESOLVED That, in seeking solutions through better parenting and learning experiences for young children and redirection for troubled older children and adolescents, libraries can be a major delivery point.

É um facto que se pode afirmar, com segurança, que há hoje um conjunto de estudos empíricos que comprovam, inequivocamente, que a existência de bibliotecas escolares a funcionarem em determinadas condições contribuem positivamente para o aumento do sucesso educativo. Hamilton-Pennell, Lance, Rodney e Hainer (2000) confirmam que os estudos são tão fiáveis que podem tornar-se bons argumentos a serem usados pelos educadores, num tempo em que sofrem, por parte dos pais e da tutela, enormes pressões para encontrarem soluções para os elevados índices de insucesso escolar.

Todd e Kuhlthau (2004) publicaram um artigo, justamente intitulado “13 000 students can’t be wrong!”, onde destacaram as conclusões mais relevantes: a existência de uma biblioteca com um programa bem desenhado, dirigida por um especialista em tempo inteiro, uma equipa de apoio, uma boa rede informática (uma intranet que ligue, entre si, biblioteca, salas de aula e laboratórios) leva a um melhor desempenho escolar, independentemente de factores sociais ou económicos da comunidade onde a escola se insere.

Do Alasca até Carolina do Sul, somam-se já mais de sessenta trabalhos de investigação que evidenciam uma clara correlação entre o bom desempenho escolar e a existência de bibliotecas escolares dirigidas por um especialista em Ciências da Informação, com pessoal técnico qualificado e uma boa colecção. O que esses estudos também revelam, com clareza, é que são precisamente as bibliotecas escolares que estão a aproximar professores e estudantes ao mundo das novas tecnologias, alargando-lhes não só o espaço físico da sala de aula como trazendo-lhes uma inestimável relação e familiarização com um muito mais vasto mundo da informação e proporcionando-lhes as ferramentas necessárias à aquisição de competências em literacia da informação.

Lance levou a cabo um estudo no Colorado em 1993 (depois retomado em 2000) cujas principais conclusões aqui se apontam:

- a dimensão do pessoal qualificado a trabalhar numa biblioteca escolar assim como a dimensão da colecção explica a diferença de 27% na variação dos resultados dos testes de leitura, os Iowa Tests of Basic Skills (ITBS),

aplicados aos estudantes do nível 7 (7th grade), considerando um meio socioeconómico de características idênticas entre os estudantes;

- os resultados nos testes de leitura (Colorado Student Assessment Program (CSAP) dos estudantes do grau elementar em escolas onde o professor bibliotecário é activo, ficaram 21% acima dos resultados onde o professor bibliotecário não é tão colaborativo.

Em 1999, Lance desenvolveu um estudo no Alasca que trouxe as seguintes conclusões:

- os estudantes do nível secundário, em escolas com professores bibliotecários com horário completo, obtiveram resultados no California Achievement Tests (CAT5) duas vezes melhores que aqueles em cujas bibliotecas o professor bibliotecário trabalhava em tempo parcial;
- quanto mais tempo era dispensado, pelo professor bibliotecário, aos estudantes no desenvolvimento das suas competências literárias em informação, melhores eram os resultados dos testes.

Lance, Rodney and Hamilton-Pennel conduziram um estudo na Pensilvânia, em 2000, que revelou que o sucesso de qualquer programa das bibliotecas escolares no sentido de aumentar os níveis de sucesso escolar dos seus estudantes, qualquer que seja o nível que frequentem, depende fortemente do seguinte factor: existência de um bibliotecário e de um técnico especialistas em media com horários completos. Os resultados obtidos pelos alunos nos testes de leitura (Pennsylvania System of School Assessment (PSSA)) foram claramente comprovativos. Ficou, igualmente, demonstrado que, entre 1998 e 99, três em cada cinco escolas do nível elementar, que tinham bibliotecas com pessoal qualificado, revelavam resultados nos testes de leitura na média ou acima da média e as outras obtiveram resultados abaixo da média.

A mesma equipa realizou investigação no Estado de Oregon, em 2001, e constatou que, nas escolas com bibliotecas que têm um professor-bibliotecário, o corpo docente é duas vezes mais motivado para desenvolver trabalho colaborativo e os seus alunos vão três vezes mais à biblioteca, integrados no grupo turma ou outro, do que

aqueles em cujas escolas não existe tal especialista. Também se verifica que os melhores resultados nos testes têm correlação evidente com a existência de programas nas bibliotecas.

Num estudo realizado em 2001, no Texas, Smith evidenciou que cerca de 10% mais de alunos, frequentando escolas com bibliotecas a funcionarem, obtiveram resultados mínimos satisfatórios nos testes de leitura (Texas Assessment of Academic Skills (TAAS)) comparativamente àquelas onde tal estrutura não existia

Em Iowa, num estudo levado a cabo por Lance, em 2002, ficou demonstrado que os resultados nos testes de leitura (ITBS) nas escolas do nível elementar foram duas vezes e meia mais altos entre os estudantes que frequentavam a biblioteca e requisitavam mais livros e outros materiais. Aliás, fica, também, provado que os resultados neste tipo de teste melhoraram com o desenvolvimento das bibliotecas escolares.

No Estado de New México, Lance, no mesmo ano de 2002, também efectua um trabalho de investigação que revela que as escolas onde se obtiveram os melhores resultados nos testes de língua (New Mexico Achievement Assessment Program (NMAAP)) disponibilizam duas vezes mais bases de dados licenciadas, através de uma rede de intranet, que aquelas onde os resultados foram piores. Tal como no Estado de Iowa, fica provado que os resultados dos testes foram melhorando com a implementação do programa das bibliotecas escolares.

Baughman, no seu estudo de 2002 no Estado de Massachusetts, concluiu que em todas as escolas onde funcionam bibliotecas com programas definidos, os resultados nos testes (Massachusetts Comprehensive Assessment System - MCAS) foram mais altos em qualquer nível de escolaridade.

Baumbach conduziu, na Florida, em 2002, um trabalho de investigação com o qual provou que:

- nas escolas elementares onde o pessoal da biblioteca trabalha 60 ou mais horas por semana, verifica-se um aumento de 6% de sucesso nos testes, se comparado com aquelas em que o horário está abaixo das 60h semanais;
- nas escolas de grau intermédio, também com o horário de 60 ou mais horas, a taxa de sucesso é 3,3% superior;

- e nas escolas de nível superior, verifica-se que a taxa sobe para os 22,2%.

Rodney, Lance and Hamilton-Pennell, no seu estudo efectuado no Estado de Michigan, no ano de 2003, confirmaram que, nas escolas elementares onde se obtiveram os mais elevados níveis nos testes de leitura (Michigan Educational Assessment Program - MEAP), a frequência com que professores e alunos se deslocam à biblioteca, num horário flexível, é quatro vezes superior, àqueles cujos resultados foram mais baixos; os resultados no MEAP são mais altos qualquer que seja escola desde que aí haja uma biblioteca com um responsável especializado.

Burgin e Bracy conduziram o seu estudo na Carolina do Norte, em 2003, e chegaram às seguintes constatações: o impacto das bibliotecas com programas nos resultados dos testes de leitura, em todas as escolas dos três níveis de ensino, é muito significativo e tendem a ser melhores nas escolas com bibliotecas onde se adquirem livros, o período de abertura é maior e com presença de pessoal qualificado.

Os estudos realizados por Baxter e Smalley, em 2003 no Minnesota, revelaram que nas escolas onde os resultados dos testes foram acima da média nos graus 3, 5 e 8, 66,8% eram escolas onde o bibliotecário trabalhava a tempo inteiro; os resultados dos estudantes desde o nível elementar até ao mais avançado estavam relacionados com a existência de bibliotecas com programas estruturados.

Os resultados do estudo efectuado por Callison em Indiana, em 2004, contribuíram para uma recolha de evidências muito importantes: o tempo de permanência na biblioteca escolar e as qualidades do especialista bibliotecário constituem bons indicadores para o sucesso dos estudantes nos testes de língua. Os resultados obtidos no 6º grau no ISTEP (Indiana Statewide Testing for Educational Progress) foram todos acima da média nas escolas onde o bibliotecário já exercia há mais de três anos consecutivos e teve um bom desempenho quer a nível de serviços administrativos quer a nível do acesso à informação. A qualidade da actividade do bibliotecário também releva to tipo de ambiente em que se desenrola, nomeadamente quando há apoio do corpo administrativo, professores colaborativos e meios tecnológicos actualizados. Outra evidência recolhida foi que, nos casos em que o bibliotecário trabalha a tempo inteiro, sobem as probabilidades de ter estabelecido redes electrónicas com outras bibliotecas escolares e públicas, ter assegurado mais fundos do

tesouro federal, ter proporcionado mais frequentemente formação no uso das novas tecnologias e ter um *website* com ligações a organizações profissionais.

O estudo de Illinois que se intitulou “Powerful libraries make powerful learners” foi conduzido por um reputado grupo de investigadores constituído por Lance, Rodney e Hamilton-Pennell, em 2003. Lançaram um vasto inquérito no Estado de Illinois ao qual 657 escolas de todos os graus de ensino e de todas as regiões responderam de forma voluntária permitindo uma recolha muito importante de dados sobre as respectivas bibliotecas. Desta forma, traçou-se um quadro muito realista das bibliotecas no que diz respeito a número de horas de funcionamento, pessoal, actividades desenvolvidas, colecções, tecnologia disponível, total de verbas dispendidas e as diversas formas de uso das bibliotecas escolares. Este estudo contribuiu para provar, de forma objectiva, que os desempenhos académicos dos estudantes são proporcionalmente superiores nas escolas com bibliotecas com programas bem estruturados e que o nível de qualidade de desempenho das bibliotecas não está dependente dos factores socioeconómicos existentes na comunidade, nem de condições especiais da escola nem dos gastos por aluno nem o ratio professor/aluno ou a origem étnica deste. O Estudo de Illinois provou, com clara evidência, que há uma correlação entre os melhores resultados nos testes, qualquer que seja o nível de ensino quando se verifica que:

- o acesso às bibliotecas se faz num horário flexível;
- há dotação de pessoal em número adequado e com formação;
- há disponibilidade de colecções maiores;
- os recursos tecnológicos existentes amplificam o acesso à colecção local e a disponibilizam às salas de aula via uma rede de intranet;
- existem boas dotações orçamentais;
- os estudantes recorrem à biblioteca quer de forma individual ou em grupos e aí aprendem e praticam as competências em literacia da informação de que necessitam para obterem melhores resultados nos testes e servirão na aprendizagem ao longo da vida.

Todd e Kuhlthau, conjuntamente com a Ohio Educational Library Media Association (OELMA) realizaram uma investigação (2002-2003), nas escolas desse estado, intitulada “Student Learning through Ohio School Libraries”, que se traduziu no maior e mais aprofundado estudo feito nesta área até hoje. Como afirmam Todd and Kuhlthau, este trabalho surge na continuidade de muitos outros estudos realizados nos últimos cinquenta anos, e que se centram, precisamente, na demonstração do impacto das bibliotecas escolares no desempenho académico dos estudantes. O que é inovador neste trabalho de Todd e Kuhlthau é a sua abrangência pois não se limita a verificar o desempenho dos estudantes num conjunto de testes que foram elaborados de acordo com o clima legislativo do programa “No Child Left Behind”. Procurou identificar, mais especificamente, como é que as bibliotecas escolares podem representar um benefício para os estudantes através de um levantamento de conceitos de ajuda, como essa ajuda pode ser mensurável e como é que ela é percebida pelos estudantes. O estudo veio permitir a elaboração de um conjunto de recomendações direccionadas para:

- a prática profissional;
- o desenvolvimento da política educativa;
- realização de futuras investigações;
- implementação de ferramentas para os professores bibliotecários mapearem o impacto das bibliotecas no processo de ensino-aprendizagem.

Outro aspecto muito importante e inovador deste estudo é o facto de ter recolhido informação directamente junto dos estudantes e não junto do corpo docente.

The hallmark of a school library in the 21st century is not its collections, its systems, its technology, its staffing, its buildings, BUT its actions and evidences that show that it makes a real difference to student learning, that it contributes in tangible and significant ways to the development of human understanding, meaning making and constructing knowledge. The school library is about empowerment, connectivity, engagement, interactivity, and its outcome is knowledge construction.

(Todd, 2001)

3.3.2 As bibliotecas na Austrália

Maureen Nimon, num artigo intitulado “School libraries in Australia” traça um detalhado historial da implantação das bibliotecas escolares e percorre algumas etapas da sua evolução para terminar com o levantamento de algumas questões inquietantes quanto ao futuro. Diz, no citado artigo¹⁵, que na Austrália, desde a década de 60 do século XX que se tem feito um esforço notável para a implantação de bibliotecas escolares em cada escola do ensino público e, devido a uma política concertada, elas tornaram-se referências em qualidade no contexto mundial. Entre 1968 e 1976, Margaret Trask desenvolveu um papel de verdadeira activista em prol das bibliotecas escolares e ocupou o cargo de membro da Commonwealth Secondary Schools Library Committee de 1968 a 1973. A partir da década de 80, com a transferência do financiamento das escolas para as autoridades locais, as bibliotecas abrandaram o seu crescimento e as condições de recrutamento dos professores bibliotecários e restante *staff* bem como as regras de funcionamento sofreram alguns retrocessos. A ASLA (Australian School Libraries Association), preocupada com a degradação das condições, respondeu a esta situação encomendando a Lonsdale um aprofundado estudo sobre o impacto das bibliotecas escolares no desempenho escolar dos estudantes.

Lonsdale (2003) é, então, responsável por um dos mais completos estudos sobre o impacto que as bibliotecas escolares têm tido, desde as últimas décadas do século XX, no aproveitamento académico dos estudantes. Em “Impact of School Libraries on Student Achievement: a review of the research”, afirma que “o contexto em que o bibliotecário escolar (school librarian) e o professor-bibliotecário têm trabalhado, sofreu grandes alterações nos últimos anos e isso tem vindo a reflectir-se no desempenho académico dos estudantes”. No seu estudo, revela a sua preocupação pelo facto de se estar a verificar na Austrália um decréscimo no número de professores-bibliotecários contratados para as bibliotecas das escolas públicas. Afirma que, embora não tenha ainda sido efectuado um estudo com base num universo suficientemente amplo de bibliotecas escolares que permita uma validação mais inequívoca de certas evidências,

¹⁵ Acessível em <http://www.alia.org.au/publishing/alj/53.1/full.text/nimon.html>

há uma série de estudos locais e referentes a universos bem delimitados que comprovam o seguinte:

- diminuição de professores bibliotecários;
- prática de contratação de bibliotecários em vez de professores-bibliotecários bem como de pessoal sem qualificações específicas quer em biblioteconomia quer em pedagogia;
- professores-bibliotecários a ‘regressarem’ às salas de aula para colmatarem a falta de professores;
- uma profissão envelhecida e sem substituição daqueles que se vão reformando;
- responsabilidades acrescidas para os professores-bibliotecários no que diz respeito à manutenção do equipamento e ao uso dos computadores pelos alunos.

Todd, citado por Lonsdale (2003:11) enumera os vários papéis que hoje um professor bibliotecário é chamado a desempenhar: *webmaster*, administrador de *passwords*, técnico de computadores, facilitador do uso das TIC junto dos professores e alunos. Se por um lado, diz, isto faz do professor bibliotecário alguém de reconhecido valor dentro da comunidade escolar, retira-lhe, por outro lado, tempo para o desenvolvimento de trabalhos que podem constituir uma contribuição única para o processo de aprendizagem dos estudantes e para realizar trabalho colaborativo com os professores com base em programas de *resource-based learning*.

Lonsdale sustenta que o futuro dos professores bibliotecários enquanto profissionais reconhecidos pela sua contribuição decisiva no desenvolvimento das competências literácitas e pelo trabalho colaborativo com os professores passa pela necessidade imperiosa de se realizarem estudos a larga escala que demonstrem “specific evidence linking the role of school librarians to student acquisition of information literacy skills’ (2003:30).

3.3.3. As bibliotecas no Reino Unido, França e Espanha

Na Europa, alguma investigação tem sido feita mas sem abranger universos tão expressivos como nos EUA e são, sobretudo, trabalhos de natureza qualitativa. Contudo, todos eles têm revelado algumas evidências da relação positiva entre a existência de bibliotecas escolares, que já respondem a indicadores de qualidade estabelecidos na literatura de referência, e o desempenho dos estudantes.

No Reino Unido, Williams, Wavell e Coles (2001) conduziram um estudo, na Escócia, tendo como universo de investigação uma pequena amostra de escolas secundárias. A sua base de trabalho foram grupos de discussão com professores e alunos e entrevistas com bibliotecários a partir dos quais realizaram alguns estudos de caso focalizados na observação da relação entre actividades curriculares, em alunos de várias idades, e as actividades promovidas pela biblioteca, como por exemplo, trabalho de pesquisa ou promoção da leitura. Ao longo deste processo, foram conduzindo entrevistas com as partes envolvidas e examinando os trabalhos realizados pelos alunos de modo a verificar se as opiniões de entusiasmo expressas inicialmente continuavam a verificar-se ao longo do processo de trabalho.

Os indicadores tidos como referência foram: motivação pela aprendizagem, expressa em manifestações de entusiasmo e/ou absorção no trabalho; progresso na aprendizagem, competências específicas, como por exemplo, na área das TIC, leitura, tomar notas, fazer referências bibliográficas; autonomia na aprendizagem, manifestada na confiança em prosseguir individualmente um trabalho iniciado, fazer transferência de competências, mobilizar conhecimentos, aumento de auto-estima; interacção na aprendizagem expressa em trabalho cooperativo entre pares, discussão de tarefas, comportamento adequado. O resultado, ainda que com limitações, foi da verificação de uma relação de impacto positivo.

Streatfield e Markless (apud Williams, Wavell e Coles, 2001) também procuraram examinar o contributo das bibliotecas escolares na aprendizagem. A evidência foi inconclusiva mas a sua investigação permitiu lançar luz sobre factores que influenciam um uso mais consistente e efectivo da biblioteca e que são os diferentes estilos de ensino e as atitudes dos professores face à biblioteca (Williams, 2001).

Em 2004, a School Library Association (Republic of Ireland), SLARI, publicou um documento intitulado “The School Library in the 21st Century: an Agenda for Change”, contendo as linhas orientadoras necessárias para preparar as bibliotecas escolares (desde os níveis escolares mais elementares) a enfrentar os complexos desafios do novo século. O manifesto da SLARI reconhece que é necessário:

- que todos os alunos e professores tenham acesso a uma ampla rede de fontes de informação e um tipo de ensino cada vez mais “resource-based”;
- fornecer aos estudantes os meios para uma participação mais activa na chamada “sociedade do conhecimento”;
- desenvolver nos estudantes as suas competências em literacia da informação;
- destacar o papel vital que a biblioteca escolar pode desempenhar na promoção de bons hábitos de leitura.

Reconhece o mesmo documento que, apesar do “Education Act” de 1988 não fazer qualquer referência a bibliotecas escolares, o Governo tem vindo a adoptar medidas que configuram um reconhecimento claro da importância das bibliotecas escolares. Assim, constata que:

- no âmbito do “National Reading Initiative”, o ministro da Educação e Ciência atribuiu verbas para reforço das colecções das bibliotecas escolares, em 1998 e 1999;
- no mesmo ano de 1999, o mesmo ministro apoiou financeiramente a publicação da SLARI “Library File: making a success of the school library”, considerando-o parte do programa nacional de promoção da leitura.

O reconhecimento oficial de que as bibliotecas escolares podem fazer a diferença na promoção do sucesso educativo está, igualmente, patente pela adopção de outras medidas tais como:

- criação de ‘posts of responsibility’ nas bibliotecas das escolas primárias e pós-primárias;

- o Departamento de Educação e Ciência (DES) lançou o “Junior Certificate School Programme Demonstration Library Project”, um projecto de investigação por três anos que teve como objectivo a criação de bibliotecas escolares de elevada qualidade em onze escolas carenciadas.

Na vizinha Espanha, a situação das bibliotecas escolares é preocupante conforme denunciam vários especialistas e investigadores em inúmeros fóruns e artigos publicados, sobretudo, com o patrocínio da Fundación Germán Sánchez Ruipérez, instituição que tem desenvolvido um trabalho notável na promoção da leitura e na formação de profissionais.

Cástan Lanasa (2002) afirma que hoje se torna absolutamente incontornável a exigência de dotar as escolas de estruturas capazes de preparar, com as ferramentas necessárias, cidadãos competentes. Acrescenta que parece que em Espanha se continua a não querer pôr em prática a requalificação das bibliotecas escolares. Considera a situação lamentável pois que se continua a discutir o que em muitos países é já consensual e aponta o paradoxo que consiste em se considerar que a leitura é importantíssima mas, e simultaneamente, não se vê necessidade de se criar bibliotecas.

Ao Ministério, diz, parecem ser suficientes as campanhas para fomento da leitura. Depois de apontar o dedo aos responsáveis governamentais, denuncia centros de docentes, conselhos directivos e professores como sendo, em grande medida, co-responsáveis pelas rotinas instaladas, pelo elevado número de cursos e alunos, pelos programas extensos a cumprir e práticas didácticas apoiadas quase exclusivamente nos manuais. Também culpabiliza os bibliotecários e docentes (ele próprio incluído) por não terem sido (ainda) capazes de interessar e implicar toda a comunidade educativa nesta discussão.

Este mesmo autor (2002) aponta três elementos fundamentais sobre os quais se deveria intervir sob pena de se comprometer dramaticamente o desenvolvimento das bibliotecas escolares. Esses elementos são:

1. O conceito de biblioteca escolar
2. A atitude das administrações
3. A atitude dos docentes

Quanto ao conceito de biblioteca escolar, afirma que alguns responsáveis têm dado relevo ao predomínio de uma ideia obsoleta que não se coaduna com as necessidades educativas actuais nem com o moderno conceito de biblioteca escolar. Entendem a biblioteca como um espaço que tem, de forma mais ou menos organizada, colecções de livros recreativos para leitura domiciliária; algumas mesas e estantes (podendo servir de sala de estudo vigiado por professores); local onde, na melhor das hipóteses também se realizam algumas actividades de animação de leitura. Com saudáveis excepções, diz Castán Lanaspá, é este o retrato *robot* das bibliotecas escolares em Espanha e que contrasta vivamente com o discurso dos especialistas que tem como referente o Manifesto da UNESCO e/ou as conclusões do Encontro Nacional de Bibliotecas Escolares realizado em Madrid em 1997. Critica o fraco impacto dos Plano Piloto de Bibliotecas Escolares de 1995 e Plano de Melhoria de 1997 que se redundaram em acções periféricas com nulo reflexo nas escolas e na requalificação das bibliotecas.

A atitude das administrações educativas, refere, é de claudicar perante as situações mais problemáticas e afirma que, no terreno das bibliotecas escolares, e nos últimos 20 anos, a sua atitude oscila entre a permissividade passiva e a negação pura. O discurso oficial é paradoxal pois, “Entre o céu das declarações e o chão da realidade”, a administração actua a reboque das circunstâncias e com uma parcimónia incompatível com a velocidade das mudanças.

Quanto à atitude dos docentes e das equipas directivas, assinala os seguintes pontos fracos: predomínio de uma concepção retrógrada da escola e tradições/rotinas profissionais pouco viradas à inovação, com destaque para a prática que se apoia na lição magistral e no manual; falta de reflexão, de debate colectivo e tomada de decisões profissionais sobre os efectivos problemas do ensino.

Estas questões entrecruzam-se com outro tipo de problemas: elevado número de horas lectivas, muitos alunos, falta de recursos, falta de flexibilidade institucional, rigidez nos horários, e o resultado é pouco favorável à inovação, à introdução de novas ferramentas, actividades e actores. Castán Lanaspá não deixa de ressaltar o facto de, apesar desta situação não ser exclusiva de Espanha (e refere a sua ‘universalidade’ tendo em conta estudos levados a cabo em outros países, Portugal incluído), as

mudanças são mais difíceis de concretizar por falta de tradição democrática e participativa, porque os apoios sociais são mais escassos e o debate não extravasa os círculos restritos dos especialistas e bibliotecários.

Entretanto, em 2005, a Fundación Germán Sánchez Ruipérez e o Instituto Idea levaram a cabo um “Estudio sobre Bibliotecas Escolares 2005” que abrangeu um universo de 16000 alunos e 3800 professores de 400 colégios, o qual evidenciou que, em Espanha, as recomendações internacionais no que respeita a áreas, equipamento tecnológico, acesso à Internet, actualização dos fundos bibliográficos, orçamentos e pessoal qualificado não são cumpridas. O mesmo estudo revelou que são menos de 30% os centros escolares que correspondem aos parâmetros de referência da IFLA/UNESCO que aconselham cerca de 10 documentos por aluno. Outro dos aspectos destacados foi o insuficiente número de horas atribuídas aos responsáveis pelas bibliotecas que têm menos de 5 horas por semana, em mais de 50% de bibliotecas, o que condiciona os seus horários de funcionamento.

Este mesmo estudo, que foi dirigido pelo ex-Secretário de Estado da Educação, Álvaro Marchesi, também pôs em relevo, apesar de tudo, a evolução positiva nos últimos quinze anos, fruto de uma preocupação genuína por parte das Administrações educativas que têm elaborado planos para modernizar as bibliotecas, dotá-las de orçamentos e fazer o tratamento automatizado dos fundos. Por outro lado, as bibliotecas públicas estão a cooperar apoiando na área da formação.

Finalmente, o estudo não se limita a tirar o retrato do estado das artes mas avança com um conjunto de recomendações, entre as quais se destacam a criação de um programa de desenvolvimento, a atribuição de um mínimo de quinze horas semanais para o professor responsável, que deve exercer o cargo de forma estável e continuada, criação de centros coordenadores ou serviços que prestem apoio técnico e tecnológico, o reforço da cooperação entre as bibliotecas públicas e escolares e a criação de comunidades de leitores, no seio das escolas, como forma de atrair alunos e professores às bibliotecas e, desta forma, promover-se o sucesso escolar.

Aquando da apresentação pública do “Estudio sobre Bibliotecas Escolares 2005”, António Reyes, Vice-Presidente Executivo e Director Geral da Fundación Germán Sanches Ruipérez saudou a nova Lei Orgânica do Governo espanhol porque, pela primeira vez na história nacional, se dedicava um artigo específico às bibliotecas

escolares – artº 113 – e exortou as Comunidades Autónomas a solidarizarem-se com o Ministério da Educação de modo a ser possível transformar as bibliotecas em verdadeiros e modernos centros de desenvolvimento de competências das várias literacias.

Pela pertinência, transcrevemos um excerto da legislação publicada pelo governo espanhol, que pretende inverter a situação das bibliotecas escolares:

Cuentan con un recurso básico que es la biblioteca escolar. La buena organización de la misma, la dotación adecuada, el funcionamiento adaptado a las necesidades del alumnado y la organización de actividades en torno a ella son instrumentos eficaces cuando se persigue fomentar el gusto por la lectura y la adquisición de habilidades asociadas a la búsqueda y tratamiento de la información.

La biblioteca escolar se concibe en la actualidad como un espacio dinámico de recursos y servicios de información que cumple un papel primordial en el aprendizaje de los alumnos. En función de ello, las bibliotecas actuales deben ampliar sus funciones, incrementar sus fondos y recursos, permitir un uso autónomo del catálogo y mejorar sus infraestructuras. Sobre todo, tienen que actuar como centro de recursos que favorezcan los proyectos interdisciplinares y el trabajo en equipo del alumnado y del profesorado. A su vez, las bibliotecas tienen que ser un agente de compensación social ofreciendo a todos los usuarios, independientemente del estrato socioeconómico de procedencia, la posibilidad de acceso igualitario a los bienes culturales y a sus recursos.

(ORDEN ECI/1740/2005, de 27 de Mayo)

Em França, desde sempre houve uma grande preocupação com a existência de bibliotecas nas escolas, ali denominadas “Centre de Documentation et d’ Information” (CDI) e cuja gestão era, até finais da década de 80 do século passado, feita, exclusivamente, por bibliotecários-documentalistas. Desde então, têm vindo a produzir-se algumas alterações que respondem à natural evolução e implantação das novas tecnologias da informação em todos os sectores, incluindo, evidentemente, os estabelecimentos escolares. Várias reformas foram sendo introduzidas no sistema educativo, e a figura do professor bibliotecário também se tem vindo a impor pela necessidade de se implementarem projectos pedagógicos na base de um trabalho colaborativo entre a sala de aula e a biblioteca com os seus recursos fisicamente alocados e alcançáveis a distância.

Contudo, tal como acontece noutros países, há uma discrepância entre os deveres e exercício de funções do professor bibliotecário, as declarações oficiais e a forma como os outros membros da comunidade os entendem. Os alunos consideram-no ‘um professor especial’ que os pode ajudar na procura de informação e os aconselha nas leituras. O corpo docente, na sua larga maioria, encara-o como um especialista em informação e métodos de pesquisa mas não como parceiro pedagógico. Mais recentemente, esta perspectiva tem sofrido uma evolução positiva, pois tanto os professores como os directores escolares e responsáveis autárquicos encaram os professores bibliotecários como tendo um papel vital na comunidade escolar. Por seu turno, estes reclamam definição das suas funções e objectivos a alcançar bem como o apoio de colaboradores qualificados para com eles trabalharem nos vários sectores.¹⁶

Em 1990, foi criado pelo Ministério da Educação o diploma CAPES em Documentação e desde então praticamente todas as escolas têm uma biblioteca gerida por um professor bibliotecário qualificado. Estima-se que haja cerca de 11 000 CDI por todo o país. Também foram definidas ministerialmente um conjunto de normas a serem observadas no que diz respeito a áreas, zonas funcionais, sistema de classificação, horário de funcionamento, número de horas de trabalho do professor bibliotecário, definição de um orçamento específico a atribuir anualmente que é gerido pelo professor bibliotecário e que varia de escola para escola pois está de acordo com o número de alunos, com o tipo de influência que ele próprio exerce junto do director, com o número de pedidos feitos pelo corpo docente. Cerca de 98% dos CDI têm catálogos informatizados e utilizam o mesmo *software* para esta operação o que tem permitido construir uma rede cada vez mais alargada de escolas que acedem a um banco de dados comum com inegáveis vantagens de partilha de recursos.

Um dos aspectos mais interessantes, no que diz respeito à formação dos professores bibliotecários, é o facto dessa formação estar muito bem definida e o acesso ao cargo ser precedido de um período de estágio e depois ser submetido a um exame. Isto faz com que o modelo francês se apresente como único no mundo onde os CDI

¹⁶ In http://savoirscdi.cndp.fr/international/CDI_V0anglais/CDIVO.pdf

“are managed by people with the same status, the same academic level, the same missions and duties and the same incomes.”¹⁷

¹⁷ In: http://savoirscdi.cndp.fr/international/CDI_V0anglais/CDIVO.pdf

PARTE II
ESTUDO EMPÍRICO

1. Introdução

Como se referiu no início deste trabalho, o nosso propósito central consistiu numa tentativa de identificar os processos de desenvolvimento das bibliotecas escolares integradas na Rede de Bibliotecas Escolares (RBE), tendo em atenção, como procurámos relevar no nosso enquadramento teórico, que a consecução dos objectivos educativos e da missão da biblioteca escolar dependem, grandemente, da forma como ela é apoiada e se insere na estrutura escolar que serve. Neste sentido, consideramos que a existência de dois inquéritos efectuados a essas bibliotecas com um intervalo razoável de tempo – seis anos – permitiria a obtenção de dados relevantes para apreciar processos de desenvolvimento.

Pensamos que os dados obtidos nesses dois inquéritos constituem uma fonte informativa de grande relevo e o confronto entre esses dois momentos permitirá certamente clarificar aspectos relativos à forma como se tem estado a implementar o projecto da RBE. De facto, como assinalámos em capítulo anterior do nosso trabalho, o concurso e entrada na rede de bibliotecas escolares implica um compromisso por parte das escolas, na medida em que deverá ser seguida a orientação e a filosofia do programa preconizado pelo Gabinete da RBE. Depois da fase de implementação física da biblioteca na escola, seguindo os padrões consignados – por exemplo, existência de um área mínima, criação das várias zonas funcionais com mobiliário adequado, constituição/actualização do fundo documental –, cabe sobretudo à própria escola pôr em marcha um plano de trabalho que promova a integração da biblioteca na escola e que potencialize essa mais valia pedagógica.

É neste percurso que começam a surgir as dificuldades, algumas delas já nossas conhecidas: problemas financeiros, que por vezes dificultam uma adequada manutenção e actualização dos fundos documentais e outros materiais que apetrecham as bibliotecas; constituição e formação dos elementos que integram as equipas; número de horas atribuído ao professor coordenador, a própria cultura da escola e as características da actividade docente, entre outros aspectos. São algumas destas questões que pretendemos problematizar a partir da comparação dos dados recolhidos, procurando identificar

traços caracterizadores no percurso traçado até ao momento presente pelas escolas que integram este estudo.

Como enunciámos no início desta dissertação, procurámos responder a um conjunto de questões que considerámos pertinentes no quadro de um estudo comparativo desta natureza. Pretendemos, no final, a partir das respostas encontradas, poder sinalizar alguns parâmetros mais significativos no processo evolutivo das bibliotecas escolares analisadas tendo, naturalmente, como pano de fundo a missão da biblioteca escolar, tal como é definida em documentos internacionais e nacionais a que já fizemos referência e as evidências que diversos estudos nesta área têm comprovado.

Neste contexto, as questões que nortearam o nosso trabalho empírico centraram-se assim nas interrogações seguintes:

- que elementos significativos de organização, dentro das áreas analisadas, marcam estas bibliotecas nos dois momentos analisados;
- quais as direcções que se desenham em termos do desenvolvimento eventualmente ocorrido;
- que factores poderão estar na origem dos aspectos positivos e negativos observados;
- que factores podem condicionar ou contribuir para o seu desenvolvimento futuro.

2. Metodologia

2.1. Universo do estudo

O universo deste estudo são 16 escolas básicas dos 2.º e 3.º ciclos, integradas na RBE, na zona administrativa da DREN e que se situam nas zonas e concelhos abrangidos pela divisão territorial do NUT 3 (Grande Porto) que responderam ao nosso questionário aplicado no final do ano lectivo de 2005/2006, no contexto a seguir descrito e, igualmente, ao questionário levado a cabo pela RBE em 2000/2001.

Os dados de caracterização dessas escolas são os seguintes:

ESCOLAS	CAE	DISTRITO	CONCELHO	ANO DE INTEGRAÇÃO NA RBE/Nº APOIOS¹⁸
E1	Porto	Porto	Porto	1999 (2º apoio em 2005)
E2	Porto	Porto	Matosinhos	1998
E3	Entre Douro e Vouga	Aveiro	Oliveira de Azeméis	2000
E4	Entre Douro e Vouga	Aveiro	Espinho	1997 (2º apoio em 2000)
E5	Porto	Porto	Gaia	1998 (2º apoio em 2003)
E6	Entre Douro e Vouga	Aveiro	Sta Mª Feira	1997 (2º apoio em 2001)
E7	Porto	Porto	Gaia	2000 (2º apoio em 2002 e 3º apoio em 2003)
E8	Porto	Porto	Póvoa	2000
E9	Tâmega	Porto	Paços de Ferreira	2000

¹⁸ As datas e número de apoios aqui referidos foram cruzados entre a informação recolhida no nosso Questionário e os contidos na página oficial da RBE (www.rbe.min-edu.pt)

E10	Tâmega	Porto	Paços de Ferreira	1998 (2º apoio em 2004)
E11	Porto	Porto	Matosinhos	2000
E12	Porto	Porto	Matosinhos	1997 (2º apoio em 1998)
E13	Porto	Porto	Matosinhos	2000
E14	Porto	Porto	Matosinhos	1999
E15	Entre Douro e Vouga	Aveiro	Arouca	2000 (2º apoio em 2002 e 3º apoio em 2003)
E16	Braga	Braga	Celorico da Beira	2000 (2º apoio em 2003)

Como podemos verificar, em 2006, data de aplicação do 2.º questionário, três escolas encontravam-se já há 9 anos integradas na RBE (E4, E6 e E12); outras três há 8 anos (E2, E5 e E10); duas há 7 anos (E1 e E14) e as restantes sete escolas estão integradas há 6 anos. Nove das dezasseis escolas tiveram também já reforços financeiros por parte da administração central e, curiosamente, duas das mais recentes (E7 e E15) tiveram até dois apoios. Confirma-se, portanto, a existência de uma “história” que poderá ser objecto de análise.

2.2. Tipo de investigação e instrumentos utilizados

O nosso estudo é de natureza descritiva interpretativa e optou-se pela utilização do inquérito por questionário com o intuito de recolher um número alargado de informações, de forma sistemática. A nossa escolha fundamenta-se no facto da tecnologia do inquérito por questionário ser bastante fiável, satisfeitos que sejam uma série de procedimentos metodológicos (cf. Carmo e Ferreira, 1998). Tivemos, também, em conta um conjunto de vantagens que este método de recolha de informações nos proporciona. De acordo com Quivy (2003), o inquérito por questionário possibilita a quantificação de uma multiplicidade de dados e, por conseguinte, numerosas análises

correlacionadas; por outro lado, a questão da representatividade (num universo bastante amplo) pode ser satisfeita através deste método, ainda que não o seja de uma forma absoluta, claro. Carmo e Ferreira (1998) também sublinham estas vantagens: facilidade de sistematização, maior simplicidade de análise, maior rapidez na recolha e análise de dados e baixo custo. Há que contar, igualmente, com algumas desvantagens: dificuldade na concepção das perguntas, grande possibilidade de não resposta, superficialidade das respostas ou não retorno do questionário. Quivy (2003: 190) chama a atenção para o “carácter relativamente frágil da credibilidade do dispositivo” e, quais as condições que devem ser observadas: rigor na escolha da amostra; formulação clara e inequívoca das perguntas; correspondência entre o universo de referência das questões e o universo de referência do inquirido; transmissão de confiança, honestidade e credibilidade do inquiridor ao inquirido. Segundo Hill e Hill (2005: 84), no processo de construção de um questionário há que decidir não só que perguntas utilizar, para medir as variáveis a elas associadas, mas também:

- que tipo de resposta é mais adequado para cada pergunta;
- que tipo de escala de medida está associado às respostas;
- quais são os métodos correctos para analisar os dados colhidos.

Carmo e Ferreira (1998: 138), referindo-se ao exigente planeamento que um inquérito requer, mencionam que ele deve ser organizado por temáticas claramente enunciadas, partindo-se de questões muito simples num crescendo de complexidade, ficando as perguntas mais difíceis ou melindrosas, para o fim. De acordo com os mesmos investigadores, um inquérito deve integrar perguntas de identificação (identificam o inquirido mas não nominalmente porque, muitas vezes, os inquéritos são anónimos), perguntas de informação (recolha de factos, opiniões), perguntas de descanso (introduzem uma espécie de pausa e, na maior parte dos casos, não são objecto de posterior tratamento) e perguntas de controlo (muito importantes porque visam verificar a veracidade das anteriores respostas).

A informação obtida em investigação é quase sempre tratada de forma quantitativa pela vantagem de as respostas poderem ser codificadas numericamente (Moreira, 2004). De acordo com este mesmo autor é importante ter em conta que “a utilização do número, em si mesma, nada impõe quanto à forma como se processa essa

codificação. O número é, de facto, apenas um símbolo. [...] Aquilo que o número simboliza depende, em absoluto, da regra seguida para a codificação da informação de partida” (p. 25).

Um dos questionários utilizados (cf. Anexo 1) é da responsabilidade do Gabinete Nacional da Rede de Bibliotecas Escolares e foi aplicado no ano lectivo de 2000/2001.¹⁹ Não tivemos intervenção na elaboração desse instrumento, mas consideramos que, tendo sido aplicado por um organismo público com responsabilidades directas no assunto analisado, deverão ter sido seguidos os procedimentos aqui referidos e os mais adequados no que concerne à construção de um instrumento de recolha de dados desta natureza.

No âmbito do projecto “*O Impacto das Bibliotecas Escolares no Processo Educativo – factores de integração e sucesso escolar*”, desenvolvido na Universidade Aberta, projecto em que nos integramos na qualidade de investigadora-colaboradora, foi igualmente realizado um questionário dirigido à totalidade das escolas EB, 2.º e 3.º ciclos, integradas na RBE. Esse questionário, em cuja elaboração participámos, juntamente com outros investigadores que integram o referido projecto de investigação, procurou alicerçar-se no anterior questionário, exactamente com o propósito de se efectuarem futuros cruzamentos e comparações de dados. Tinha ainda objectivos mais abrangentes (cf. Anexo 2) que resultaram na inclusão de um conjunto de itens muito mais alargado do que o inquérito da RBE.

Este questionário foi aplicado em Maio de 2006. Foi construído após uma revisão da literatura pertinente, em duas vertentes: de carácter metodológico, no que se refere à elaboração de instrumentos desta natureza, e seguindo igualmente a lição de estudos internacionais, nomeadamente os que referimos na parte I deste trabalho, e que se orientam para a identificação de indicadores de qualidade nas bibliotecas escolares. Este procedimento permitiu-nos formular questões cujas respostas nos fornecessem um retrato suficientemente expressivo das bibliotecas escolares. Tivemos sempre em atenção os três princípios basilares: o Princípio da Clareza (questões claras, concisas e unívocas), o Princípio da Coerência (devem corresponder à intenção da própria

¹⁹ O respectivo relatório encontra-se disponível na página oficial do Gabinete da RBE (www.rbe.min-edu.pt), que teve a amabilidade de nos ceder os dados recolhidos e que deram origem a esse mesmo relatório.

pergunta) e o Princípio da Neutralidade (questões que não tentam induzir uma dada resposta mas sim libertar o inquirido do referencial de juízos de valor ou do preconceito do próprio autor).

Considerámos, obviamente, um conjunto de variáveis que se pudessem cruzar para estabelecermos relações, confirmar e confrontar respostas e, deste modo, obter dados suficientes para validar certas teorias. As questões foram, na sua maioria, colocadas de forma a serem respondidas com recurso a escalas, permitindo que questões de natureza qualitativa pudessem ser tratadas de forma quantitativa. Recorremos a perguntas de resposta fechada de acordo com a Escala de Likert²⁰ e a Escala Numérica.²¹

Com o objectivo de poder eliminar o maior número de questões que, na sua formulação, não obedecessem aos três Princípios atrás referidos, pré-aplicámos o Questionário em três escolas escolhidas de forma aleatória e que aceitaram colaborar nesta fase preliminar. De acordo com as opiniões verbais expressas pelos respondentes e pela análise das respostas dadas, algumas questões foram reformuladas, reordenadas e, até, eliminadas.

Na sua versão final (cf. Anexo 4), esse questionário ficou organizado em torno de 4 Blocos, com várias subdivisões:

- Bloco A – Identificação e Caracterização da Escola e da BE/CRE
- Bloco B – Organização/Gestão da BE/CRE
- Bloco C – Integração da BE/CRE na Escola/Meio
- Bloco D – Avaliação do Desempenho da BE/CRE

Reconhecemos a extensão do Questionário mas tivemos cuidado em construí-lo de forma clara (com instruções prévias precisas quanto à forma de responder), apresentá-lo de forma esteticamente aprazível (com boa mancha gráfica, quadros facilitadores da leitura) e assegurar uma devolução fácil e sem custos (incluímos um sobrescrito a nós endereçado e com franquia dos CTT paga). Foram enviados,

²⁰ Esta escala, desenvolvida por Rensis Likert tem como objectivo estabelecer uma escala numérica para a mensuração de dados intangíveis. A partir de uma avaliação de vários itens, a resposta mais favorável recebe o valor mais alto da escala e a mais desfavorável recebe o valor mais baixo, e, por meio de testes estatísticos de correlação, pode-se determinar ou identificar o nível de relação entre elas.

²¹ A Escala Numérica apresenta uma escala que se apresenta dividida em intervalos regulares.

acompanhados por duas cartas: uma dirigida ao Presidente do Conselho Executivo e outra dirigida ao/a Coordenador(a) da BE/CRE nas quais procedemos á nossa apresentação e explicámos o teor e a importância da sua colaboração empenhada para o êxito da nossa investigação. Para obter um maior número possível de respostas, enviámos uma segunda carta aos/às coordenadores(as), alargando o prazo de envio de respostas.

No final de Junho considerámos o processo de recolha de dados encerrado, tendo-se sinalizado as 16 escolas já referidas como constituindo o nosso universo para o estudo comparativo que pretendíamos efectuar.

3. Apresentação e interpretação dos dados

Organizámos a apresentação dos dados recolhidos segundo um conjunto de categorias que remetem para as áreas passíveis de serem comparadas nos dois momentos da “história” das dezasseis bibliotecas escolares analisadas. Essas categorias são as que se especificam no quadro seguinte, onde se esclarece igualmente quais as questões de cada questionário que foram comparadas.

CATEGORIAS	QUEST. RBE - 2001	QUEST. 2006
Espaço	2.2. - área total	B. 1.1 - área total
	2.1. - espaço(s) ocupado(s)	B 1.2.1. - espaço(s) ocupado(s)
	2.3. - zonas funcionais	B. 1.2.2. - zonas funcionais
	2.4. - outros espaços funcionalmente integrados	B. 12.3. - outros espaços funcionalmente integrados
Fundo documental	6.1 - número de monografias 6.2 - número de outros documentos	B. 3.1. - dimensão da colecção
	8.1 - tratamento técnico	B. 3. 4 - Fundo documental –situação do tratamento técnico
Actividades desenvolvidas	12.1. -Hierarquização das actividades de acordo com o número de horas dispendido	E. 1. 2. -Hierarquização das actividades de acordo com o número de horas dispendido
Recursos Humanos	4.1. - elementos que integram a equipa (profs)	A. 3. 1. 1 - número total de professores da equipa
	5.1. - número de professores da equipa com formação	A. 3.3.2. - número de professores da equipa com formação

	5.2.1. - número de horas de formação do coordenador	A. 3.3.1. - número total de horas de formação do coordenador
	5.2. - domínio de formação do coordenador	A. 3.3.3 - conteúdos e tipos de formação do coordenador
	5.3.2 - habilitações académicas do AAE	A. 3.5. b) - habilitações académicas do AAE
	5.3.1. - domínio de formação do AAE	A. 3.5. f) - formação na área da BE/CRE
Gestão financeira	10.2. - proveniência das verbas	B. 4.3. - proveniência das verbas
Integração da BE/CRE na escola e no meio	3.1. - ligação com a comunidade local	C. 2.1. - desenvolvimento de ligações/ parcerias com escolas/organismos
	3.1. - ligação com a comunidade local	C. 2.1.1 - com quem e em que áreas
Auto-avaliação do trabalho global realizado	13.1 - auto-avaliação do trabalho realizado no ano lectivo de 2000/01	E. 3.2 - auto-avaliação do trabalho global

Com base nos dados recolhidos, efectuámos uma análise comparativa que apresentamos em seguida organizada em dois momentos analíticos. Primeiro realizámos uma análise individual de cada escola, onde descrevemos os elementos caracterizadores em cada momento – optámos por apresentar esses dados num quadro, por considerarmos que facilita a leitura comparativa – e onde analisamos o percurso efectuado, assinalando-se os indicadores positivos e negativos em cada caso. Em seguida apresentamos uma leitura englobante da situação em cada área analisada, destando-se, com base em cada escola individual, os aspectos mais significativos do percurso percorrido por este conjunto de escolas. Em relação a este capítulo do nosso estudo, sempre que se considerou significativo, acompanhamos a nossa análise de gráficos ilustrativos.

3.1 Análise individual das escolas

ESCOLA 1	
Ano de integração na RBE: 1999	Tipo de candidatura: Concelhia
Apoios: 2005	Número de alunos: 501 a750

QUESTIONÁRIO 2001	QUESTIONÁRIO 2006
1. Área: 39 m2	1. Área: 120 a 150 m2
2. Espaço: único	2. Espaço: várias salas interligadas
3. Zonas funcionais:	3. Zonas funcionais:
Balcão <input checked="" type="checkbox"/>	Balcão <input checked="" type="checkbox"/>
Leitura informal <input checked="" type="checkbox"/>	Leitura informal <input checked="" type="checkbox"/>
Leitura de documentos <input checked="" type="checkbox"/>	Leitura de documentos <input checked="" type="checkbox"/>
Leitura áudio <input checked="" type="checkbox"/>	Leitura áudio <input type="checkbox"/>
Leitura vídeo <input checked="" type="checkbox"/>	Leitura vídeo <input checked="" type="checkbox"/>
Leitura multimédia <input type="checkbox"/>	Leitura multimedia <input checked="" type="checkbox"/>
Internet <input type="checkbox"/>	Internet <input checked="" type="checkbox"/>
Trabalho em grupo <input type="checkbox"/>	Trabalho em grupo <input checked="" type="checkbox"/>
4. Outras zonas funcionalmente ligadas	4. Outras zonas funcionalmente ligadas
Clubes <input type="checkbox"/>	Clubes <input type="checkbox"/>
Jornal <input checked="" type="checkbox"/>	Jornal <input checked="" type="checkbox"/>
Rádio <input type="checkbox"/>	Rádio <input type="checkbox"/>
Arrecadação <input type="checkbox"/>	Arrecadação <input checked="" type="checkbox"/>
Gabinete de gestão <input checked="" type="checkbox"/>	Gabinete de gestão <input type="checkbox"/>
Sala de estudo <input type="checkbox"/>	Sala de estudo <input type="checkbox"/>
Sala de informática <input type="checkbox"/>	Sala de informática <input checked="" type="checkbox"/>
Produção gráfica <input type="checkbox"/>	Produção gráfica <input type="checkbox"/>
5. Ligação à comunidade Sim	5. Ligação à comunidade Sim
Escolas <input type="checkbox"/>	Escolas <input type="checkbox"/>
Instituições locais <input type="checkbox"/>	Instituições locais <input type="checkbox"/>
Ass. Pais e Enc. Educ. <input checked="" type="checkbox"/>	Ass. Pais e Enc. Educ. <input checked="" type="checkbox"/>
Bib. Municipal/SABE <input type="checkbox"/>	Bib. Municipiapl/SABE <input type="checkbox"/>
	Outros: Rede de Bibliotecas Escolares do Porto <input checked="" type="checkbox"/>
6. Coordenador no Cons. Pedagógico <input checked="" type="checkbox"/>	6. Coordenador no Cons. Pedagógico <input checked="" type="checkbox"/>
7. BE/CRE	7. BE/CRE
No Projecto Educativo <input type="checkbox"/>	No Projecto Educativo <input checked="" type="checkbox"/>
No Plano de Actividades da Escola <input type="checkbox"/>	No Plano de Actividades da Escola <input checked="" type="checkbox"/>
8. Equipa	8. Equipa
Professores: 2	Professores: 4
Aux. Acção Educativa: 2	Aux. Acção Educativa: 1
9. Formação	9. Formação
9. 1. Número de prof. 1 a 5	9. 1. Número de prof. 0
9. 1.1. Áreas de formação	9. 1.1. Áreas de formação
Org. e Gestão da BE <input type="checkbox"/>	Org. e Gestão da BE <input type="checkbox"/>
Ciências Documentais <input type="checkbox"/>	Ciências Documentais <input type="checkbox"/>
Comunicação Educacional Multimédia <input type="checkbox"/>	Comunicação Educacional Multimédia <input type="checkbox"/>
Animação Cultural <input type="checkbox"/>	Animação Cultural <input type="checkbox"/>

TIC <input checked="" type="checkbox"/>		TIC	
Outra: Org. e Orientação Sócio-Educativa <input checked="" type="checkbox"/>			
9.2. N.º de AAE com formação 0		9.2. N.º de AAE com formação 1	
9.2.1. Áreas de formação Org. e Gestão da BE TIC Técnico BAD Relações interpessoais Animação da Leitura		9.2.1. Áreas de formação Org. e Gestão da BE <input checked="" type="checkbox"/> TIC <input checked="" type="checkbox"/> Técnico BAD Relações interpessoais <input checked="" type="checkbox"/> Animação da Leitura Outra: Língua e Cultura Portuguesa <input checked="" type="checkbox"/>	
9.2.2. Hab. Académicas 4º Ano 6º Ano 9º Ano <input checked="" type="checkbox"/> 11º/ 12º Ano		9.2.2. Hab. Académicas 4º Ano 6º Ano 9º Ano <input checked="" type="checkbox"/> 11º/ 12º Ano	
10. Coordenador		10. Coordenador	
10.1. Formação Org. e Gestão da BE Trat. Documental/ Ciênc. Documentais Com. Educacional Multimédia Promoção da leitura Animação Cultural TIC <input checked="" type="checkbox"/> Gestão de Equipamentos Formação para as literacias		10.1. Formação * Org. e Gestão da BE <input checked="" type="checkbox"/> * Trat. Documental/ Ciênc. Documentais <input checked="" type="checkbox"/> * Com. Educacional Multimédia <input checked="" type="checkbox"/> * Promoção da leitura <input checked="" type="checkbox"/> Animação Cultural *TIC <input checked="" type="checkbox"/> Gestão de Equipamentos Formação para as literacias (* Formação Contínua)	
10. 2. N.º de horas de formação < 50h 50h- 150h > 150h <input checked="" type="checkbox"/>		10. 2. N.º de horas de formação < 50h 50h- 150h > 150h > 250h (não indicado)	
11. Fundo Documental		11. Fundo Documental	
Existente	Adq. no ano em curso	Existente	Adq. No ano em curso
Não ficção 100	Não ficção 20		
Ficção 40	Ficção 4		
CD 10	CD 0		
Vídeo 7	Vídeo 0		
CD ROM 0	CD ROM 4		
Periódicos 3	Periódicos 0	(não indicado)	(não indicado)
11. 1. Tratamento Documental Registo 50% Classificação 50% Catalogação manual 50% Catalogação automatizada 0% Indexação 0%		11. 1. Tratamento Documental Registo 100% Classificação 100% Catalogação manual 0% Catalogação automatizada 100% Indexação 100%	
12. Orçamento Fixo <input checked="" type="checkbox"/> Casuístico		12. Orçamento Fixo Casuístico <input checked="" type="checkbox"/>	

12. 1. Proveniência Orçamento da escola <input checked="" type="checkbox"/> Receitas da BE Autarquia <input checked="" type="checkbox"/> Projectos específicos	12. 1. Proveniência Orçamento da escola <input checked="" type="checkbox"/> Receitas da BE <input checked="" type="checkbox"/> Autarquia Projectos específicos
12.2. Valor gasto no ano em curso < €500	12.2. Valor gasto no ano em curso (não indicado)
13. Abertura da BE	13. Abertura da BE
13.1. N° de horas semanal 10 h	13.1. N° de horas semanal 40 h
13.2. Diária Sem fecho ao almoço Com fecho ao almoço <input checked="" type="checkbox"/>	13.2. Diária Sem fecho ao almoço <input checked="" type="checkbox"/> Com fecho ao almoço
14. Actividades mais relevantes de acordo com o n° de horas semanais dispendido	14. Actividades mais relevantes de acordo com o n° de horas semanais dispendido
Criação/reestruturação de espaços	Criação/reestruturação de espaços
Sel., org. e tratamento documental	Sel., org. e tratamento documental <input checked="" type="checkbox"/>
Apoio a activ. curriculares <input checked="" type="checkbox"/>	Apoio a activ curriculares <input checked="" type="checkbox"/>
Animação cultural <input checked="" type="checkbox"/>	Animação cultural
Formação de utilizadores	Formação de utilizadores
Planeamento e avaliação	Planeamento e avaliação
15. Auto-avaliação global Fraco/Insuficiente Razoável Bom <input checked="" type="checkbox"/> Muito Bom	15. Auto-avaliação global Fraco/Insuficiente Razoável Bom <input checked="" type="checkbox"/> Muito Bom

Processo evolutivo

Quando esta escola respondeu ao Questionário da RBE, em 2001, perspectivava-se uma mudança de instalações. É este facto que justifica o significativo aumento da área ocupada pela BE. De espaço único desenvolve-se, agora, por várias salas interligadas. Consideramos que esta é uma boa opção quando não é possível a concentração num único espaço. Por outro lado, pode criar problemas no aspecto da vigilância pois só existe um Auxiliar de Acção Educativa.

Com o alargamento da área, surgem zonas funcionais que não existiam: Leitura Multimédia, Trabalho de Grupo e Internet. Desaparece a zona de Leitura Áudio, o que nos parece bastante empobrecedor. Mantém-se a inexistência de uma zona dedicada à Produção Gráfica. Tendo em conta a importância que o cuidado posto na imagem da biblioteca funciona como factor de promoção da mesma, que é indispensável que se criem documentos de divulgação de actividades, folhas ou boletins informativos, cartazes que anunciem eventos e/ou concursos, uma zona com mobiliário e

equipamentos adequados deve ser encarada como imprescindível. Passa a existir um espaço para Arrecadação e a Sala de Informática articula-se com a BE. Constatamos que em 2006 não existe um Gabinete de Gestão (terá dado lugar a uma Arrecadação, que não existia em 2001?) e esta lacuna, que se verificará em muitas outras das bibliotecas analisadas, deve ser encarada como preocupante pois contraria uma das orientações da IFLA e da IASL em matéria de condições exigíveis para o bom funcionamento de uma biblioteca. Na verdade, algumas perguntas pertinentes se levantam: onde se reúne a equipa? Onde trabalha o coordenador? Onde se guardam os dossiers? Consideramos que é absolutamente urgente rever esta lacuna se se quiser encarar o exercício de funções do coordenador de forma séria e responsável.

A ligação à comunidade, nomeadamente com a Associação de Pais e Encarregados de Educação, existente em 2000, mantém-se mas verifica-se uma nova ligação a um projecto verdadeiramente inovador: a Rede de Bibliotecas Escolares do Porto (RBEP). Este projecto é exemplar pois nasce da dinâmica de cooperação entre o Centro de Formação João de Deus, professores que trabalham em bibliotecas escolares do Porto e a Câmara Municipal, nomeadamente com a Biblioteca Almeida Garrett. Rapidamente, asseguradas que foram algumas infraestruturas técnicas e de rede, a RBEP expandiu-se com a associação de inúmeras escolas que se situam para além da área do Porto. A RBEP disponibiliza um catálogo que resulta da associação dos catálogos das várias bibliotecas, oferece um serviço de empréstimo *on-line*, reúne e divulga informação relativa a eventos que interessam à comunidade, promove a formação de utilizadores e pratica a partilha de recursos entre escolas e entre estas e uma biblioteca da rede pública.

No que respeita à formação dos elementos que constituem a equipa, a situação é preocupante. Em 2000, havia apenas um docente com alguma formação – que poderá ser o próprio coordenador, já que esta pergunta em 2001 é englobante em relação aos docentes que integram a equipa – e, em 2006, nenhum tem formação específica o que tem que, forçosamente, comprometer a qualidade de trabalho que realiza. O coordenador, neste mesmo intervalo temporal, aumenta a sua formação, através da formação contínua. Passa a englobar, para além das TIC, áreas como a Organização e Gestão das Bibliotecas Escolares, Tratamento Documental, Comunicação Educacional Multimédia e Promoção da Leitura. É um facto positivo e revelador do empenho

peçoal posto no exercício destas novas funções já que, institucionalmente, muito há ainda que definir e regulamentar. A formação do AAE também registou uma evolução positiva: em 2000 não existia mas em 2006 já se aponta formação em Organização e Gestão de Bibliotecas Escolares, TIC, Relações Interpessoais e Língua e Cultura Portuguesa. As expectativas criadas, pela tutela, de criar uma carreira de técnico devem ter estimulado a frequência de acções de formação. Contudo, não se avançou para a legislação e tal facto pode ser responsável por uma estagnação na formação por parte dos AAE. Isto contraria, mais uma vez, as orientações de organismos internacionais que sublinham a importância que tem a existência de uma equipa com um bom nível de formação especializada.

Uma boa biblioteca avalia-se, sobretudo, pelo seu Fundo Documental. Os números indicados em 2000 são, espantosamente, baixos. Em 2006 não se fornecem números, logo, é impossível fazer uma avaliação da evolução. Estranhámos este facto pois quando se pergunta qual o estado das várias fases de tratamento documental, é indicada uma percentagem de 100% de realização do registo, classificação, catalogação automatizada e indexação.

Outro indicador de qualidade é a dotação orçamental. Ora, o que se verifica é que houve uma regressão passando-se de uma dotação fixa (ainda que baixa) para uma dotação casuística. O apoio da autarquia também cessou. Sabemos que não possível assegurar o crescimento de uma colecção, renovar ou reparar o equipamento, adquirir mobiliário necessário, produzir documentos, e fazer face a um conjunto de outras despesas se não houver um orçamento fixo disponível. De que forma é que o coordenador pode elaborar o seu Plano de Actividades de forma rigorosa e séria sem essa segurança? Lacuna não assumida pela Assembleia de Escola, pelo Conselho Administrativo, não reivindicada pelo coordenador, apesar de ter assento no Conselho Pedagógico há, pelo menos, seis anos?

No respeitante às actividades que são mais absorventes em tempo dispendido, destacam-se, em 2000, apoio às actividades curriculares e animação cultural e, em 2006, continua a ser o apoio às actividades curriculares e assinala-se a selecção, organização e tratamento documental, que constitui, na verdade, o grande investimento desta biblioteca, que refere um tratamento a 100% em todos os domínios situação que, como

veremos, não é comum a todo o conjunto de bibliotecas. A formação de utilizadores e o planeamento e avaliação mantêm-se como actividades muito pouco significativas.

Finalmente, o indicador avaliação é bastante revelador de alguma inércia, ausência de estímulos e/ou práticas anquilosadas na cultura escolar: nunca foi feita qualquer tipo de avaliação. Tendo em conta que é uma escola que integra a RBE desde 1999 é preocupante que não se tenha sentido necessidade de utilizar alguns instrumentos adequados para avaliar alguns aspectos de funcionamento.

Indicadores de evolução positiva

- aumento muito significativo da área
- aumento das zonas funcionais, que passam, também, a integrar a Leitura Multimédia, Internet e Trabalho de Grupo
- existência de uma arrecadação
- integração na Rede de Bibliotecas Escolares do Porto (RBEP)
- maior investimento do coordenador na sua formação que passa a ser mais abrangente
- maior investimento na formação do AAE
- execução total (100%) das várias etapas do tratamento documental, quando, em 2000, só havia 50% do registo, classificação e catalogação manual feitos
- maior período de abertura da BE/CRE: de 10h semanais para 40h e sem interrupção à hora do almoço
- a BE está referida nos documentos basilares da escola: Projecto Educativo (PE), Plano Curricular de Escola (PCE) e Regulamento Interno (RI)

Indicadores divergentes da evolução positiva

- professores da equipa (4) sem qualquer formação
- o crescimento da colecção não está revelado, não se indicando qualquer número apesar de se afirmar que o tratamento documental está concluído a 100%
- o ratio computador alunos é baixo visto que só se disponibilizam quatro computadores (existindo, contudo, três impressoras)

- ao fim de cerca de seis anos de funcionamento, continua a verificar-se a prática de não se atribuir uma dotação fixa, inviabilizando-se, deste modo, uma gestão de qualidade segundo parâmetros internacionalmente aceites como referências (em 2000 indicava-se uma verba gasta entre os € 500- € 2500 mas em 2006 não há qualquer indicação)
- os canais de comunicação da BE/CRE são, ainda, o ‘placard’ e os contactos informais
- ausência de um Guia do Utilizador
- ausência da prática de qualquer tipo de avaliação

ESCOLA 2	
Ano de integração na RBE: 1998	Tipo de candidatura: Concelhia
Apoios: 0	Número de alunos: 501 a750

QUESTIONÁRIO 2001	QUESTIONÁRIO 2006
1. Área: 217 m2	1. Área: 150 a 180 m2
2. Espaço: único	2. Espaço: várias salas interligadas
3. Zonas funcionais:	3. Zonas funcionais:
Balcão <input checked="" type="checkbox"/>	Balcão <input checked="" type="checkbox"/>
Leitura informal <input checked="" type="checkbox"/>	Leitura informal <input checked="" type="checkbox"/>
Leitura de documentos	Leitura de documentos <input checked="" type="checkbox"/>
Leitura áudio <input checked="" type="checkbox"/>	Leitura audio <input checked="" type="checkbox"/>
Leitura vídeo <input checked="" type="checkbox"/>	Leitura vídeo <input checked="" type="checkbox"/>
Leitura multimédia	Leitura multimedia <input checked="" type="checkbox"/>
Internet	Internet <input checked="" type="checkbox"/>
Trabalho em grupo	Trabalho em grupo <input checked="" type="checkbox"/>
4. Outras zonas funcionalmente ligadas	4. Outras zonas funcionalmente ligadas
Clubes	Clubes
Jornal	Jornal
Rádio	Rádio
Arrecadação	Arrecadação
Gabinete de gestão	Gabinete de gestão
Sala de estudo	Sala de estudo
Sala de informática	Sala de informática
Produção gráfica	Produção gráfica
Outras: Ludoteca <input checked="" type="checkbox"/>	Outras: Ludoteca <input checked="" type="checkbox"/>
5. Ligação à comunidade Não	5. Ligação à comunidade Sim
Escolas	Escolas <input checked="" type="checkbox"/>
Instituições locais	Instituições locais
Ass. Pais e Enc. Educ. <input checked="" type="checkbox"/>	Ass. Pais e Enc. Educ. <input checked="" type="checkbox"/>

Bib. Municipal/SABE	Bib. Municipapl/SABE <input checked="" type="checkbox"/>
	Outros: Empresas e associações culturais <input checked="" type="checkbox"/>
6. Coordenador no Cons. Pedagógico <input checked="" type="checkbox"/>	6. Coordenador no Cons. Pedagógico <input checked="" type="checkbox"/>
7. BE/CRE No Projecto Educativo No Plano de Actividades da Escola	7. BE/CRE No Projecto Educativo No Plano de Actividades da Escola <input checked="" type="checkbox"/>
8. Equipa Professores: 3 Aux. Acção Educativa: 2	8. Equipa Professores: 7 Aux. Acção Educativa: 1
9. Formação	9. Formação
9. 1. Número de prof. 1 a 5	9. 1. Número de prof. 0
9. 1.1. Áreas de formação Org. e Gestão da BE Ciências Documentais <input checked="" type="checkbox"/> Comunicação Educacional Multimédia Animação Cultural TIC Outra: Org. e Orientação Sócio-Educativa <input checked="" type="checkbox"/>	9. 1.1. Áreas de formação Org. e Gestão da BE Ciências Documentais Comunicação Educacional Multimédia Animação Cultural TIC
9.2. N.º de AAE com formação 1 a 2	9.2. N.º de AAE com formação 1
9.2.1. Áreas de formação Org. e Gestão da BE <input checked="" type="checkbox"/> TIC Técnico BAD Relações interpessoais Animação da Leitura	9.2.1. Áreas de formação Org. e Gestão da BE <input checked="" type="checkbox"/> TIC <input checked="" type="checkbox"/> Técnico BAD Relações interpessoais <input checked="" type="checkbox"/> Animação da Leitura
9.2.2. Hab. Académicas 4º Ano 6º Ano 9º Ano <input checked="" type="checkbox"/> 11º/ 12º Ano <input checked="" type="checkbox"/>	9.2.2. Hab. Académicas 4º Ano 6º Ano 9º Ano <input checked="" type="checkbox"/> 11º/ 12º Ano
10. Coordenador	10. Coordenador
10.1. Formação Org. e Gestão da BE Trat. Documental/ Ciênc. Documentais <input checked="" type="checkbox"/> Com. Educacional Multimédia Promoção da leitura Animação Cultural TIC Gestão de Equipamentos Formação para as literacias	10.1. Formação Org. e Gestão da BE * Trat. Documental/ Ciênc. Documentais <input checked="" type="checkbox"/> * Com. Educacional Multimédia <input checked="" type="checkbox"/> * Promoção da leitura <input checked="" type="checkbox"/> * Animação Cultural <input checked="" type="checkbox"/> * TIC <input checked="" type="checkbox"/> Gestão de Equipamentos * Formação para as literacias <input checked="" type="checkbox"/> (* Formação Contínua)
10. 2. N.º de horas de formação < 50h 50h- 150h > 150h <input checked="" type="checkbox"/>	10. 2. N.º de horas de formação < 50h 50h- 150h > 150h > 250h (não indicado)

11. Fundo Documental		11. Fundo Documental	
Existente	Adq. no ano em curso	Existente	Adq. No ano em curso
Não ficção 1284	Não ficção 0	Não ficção 1183	Não ficção 52
Ficção 571	Ficção 0	Ficção 1289	Ficção 157
CD 42	CD 23	CD 96	CD 3
Vídeo 170	Vídeo 55	Vídeo 176	Vídeo 10
CD ROM 140	CD ROM 84	CD ROM 204	CD ROM 4
Periódicos 1	Periódicos 0	Periódicos 3	Periódicos 2
11. 1. Tratamento Documental Registo 100% Classificação 100% Catalogação manual 0% Catalogação automatizada 0% Indexação 50%		11. 1. Tratamento Documental Registo 100% Classificação 100% Catalogação manual 100% Catalogação. automatizada 100% Indexação 100%	
12. Orçamento Fixo Casuístico <input checked="" type="checkbox"/>		12. Orçamento Fixo Casuístico <input checked="" type="checkbox"/>	
12. 1. Proveniência Orçamento da escola Receitas da BE Autarquia Projectos específicos		12. 1. Proveniência Orçamento da escola <input checked="" type="checkbox"/> Receitas da BE Autarquia Projectos específicos	
12.2. Valor gasto no ano em curso (não indicado)		12.2. Valor gasto no ano em curso € 470	
13. Abertura da BE		13. Abertura da BE	
13.1. N° de horas semanal 30 h		13.1. N° de horas semanal 47,5 h	
13.2. Diária Sem fecho ao almoço Com fecho ao almoço <input checked="" type="checkbox"/>		13.2. Diária Sem fecho ao almoço <input checked="" type="checkbox"/> Com fecho ao almoço	
14. Actividades mais relevantes de acordo com o n° de horas semanais dispendido		14. Actividades mais relevantes de acordo com o n° de horas semanais dispendido	
Criação/reestruturação de espaços		Criação/reestruturação de espaços <input checked="" type="checkbox"/>	
Sel., org. e tratamento documental		Sel., org. e tratamento documental	
Apoio a activ. curriculares <input checked="" type="checkbox"/>		Apoio a activ curriculares	
Animação cultural <input checked="" type="checkbox"/>		Animação cultural	
Formação de utilizadores		Formação de utilizadores <input checked="" type="checkbox"/>	
Planeamento e avaliação		Planeamento e avaliação	
15. Auto-avaliação global Fraco/Insuficiente Razoável <input checked="" type="checkbox"/> Bom Muito Bom		15. Auto-avaliação global Fraco/Insuficiente Razoável Bom <input checked="" type="checkbox"/> Muito Bom	

Processo evolutivo

Esta é mais uma das escolas cuja biblioteca integra a RBE, praticamente, desde o início deste programa o que nos permite fazer uma leitura do seu processo evolutivo numa base bastante consistente. Um dado que nos chama, logo, a atenção é a questão da

área que, de acordo com os dados colhidos, diminui de 2000 para 2006. Não nos parecendo crível que tal tenha, de facto, sucedido, atribuímos a um mero erro de cálculo por parte da coordenadora. De salientar, de qualquer forma, que a área deve rondar os 180-200m² o que nos parece bastante aceitável tendo em conta que a população escolar se situa entre os 501-750 alunos.

Analisando as zonas funcionais e outras zonas que se articulam com a BE, verificamos que houve uma ligeira melhoria no que respeita as primeiras já que, em 2006, já existem duas novas zonas: leitura de documentos escritos e produção gráfica. Já no que se refere aos outros espaços, constatamos que, em 2006, continua a não haver nem arrecadação nem gabinete de gestão, levantando-se, assim, a questão de se saber onde é que o trabalho de tratamento documental é feito, onde se conservam os documentos de gestão, onde se reúne a equipa, onde o coordenador pode, em tranquilidade, exercer funções que requerem concentração e tranquilidade.

A não existência de uma arrecadação também nos parece um indicador de insuficiência de condições adequadas a uma boa gestão do fundo documental. Procedendo-se a uma avaliação periódica, vão surgir, muito provavelmente, obras que precisam de ser descartadas, retiradas temporariamente por serem pouco ou nada requisitadas, periódicos em relação aos quais se verifique interesse em arquivá-los, e arrecadação surge como espaço indispensável. Parece-nos que, não se tendo, de início, previsto a existência de outros espaços senão aqueles por onde os utentes vão circular, não se tomam iniciativas para ultrapassar esses constrangimentos que devem, com toda a certeza, ser sentidos por quem coordena a BE.

No intervalo entre a aplicação dos dois questionários, evoluiu-se positivamente na questão da interligação com a comunidade, verificando-se articulação com outras escolas (animação), com a biblioteca municipal, através do SABE, e com associações culturais e empresas (partilha de documentos).

Analisando-se a área dos recursos humanos e sua formação, verificamos que a evolução não é muito positiva: o número de professores aumenta significativamente de três para sete mas tal facto não deve representar colaboração mais eficiente pois nenhum deles possui formação na área específica²²; de dois AAE passa-se para apenas um,

²² A selecção dos elementos da equipa continua reger-se pelo Despacho 13599/06

saindo o que tinha mais habilitações académicas. O facto positivo é que este AAE adquire mais formação, nomeadamente em TIC e Relações Interpessoais. É o coordenador que marca a diferença em termos de formação: ainda que seja apenas na modalidade de formação contínua, adquiriu conhecimentos em diversas áreas muito específicas o que deve contribuir para um exercício de funções mais responsável. É interessante constatar, e este facto é bastante recorrente na análise do conjunto das escolas, que os coordenadores quase nunca mencionam a auto-formação o que nos suscita alguma preocupação e perplexidade tanto mais que, tratando-se de profissionais com formação superior e largos anos de exercício profissional, não se entende a razão porque não assumem a iniciativa de colmatar as lacunas de formação específica. Outra interrogação que este facto nos suscita é o da incoerência entre o plano conceptual do reconhecimento da necessidade da formação ao longo da vida (que estes profissionais, com certeza, terão) e a prática que dele se afasta. Como já demonstrámos anteriormente, a existência de um profissional com ampla e sólida formação na gestão de uma biblioteca escolar é factor que contribui, comprovadamente, para o sucesso escolar dos alunos. Portanto, devemos insistir que o perfil de um professor bibliotecário deve ser, claramente, definido pela tutela. No quadro de um novo Estatuto da Carreira Docente²³, e tendo em conta a legislação que ainda não foi revogada²⁴, é com alguma apreensão que olhamos o futuro das bibliotecas escolares e do seu responsável (que, insistimos, se deveria denominar de professor bibliotecário para se aferir com o que se passa na maioria dos países mais evoluídos) pois continua omissa, ou, no mínimo pouco claro, como se fará a avaliação, em termo de progressão de carreira de quem exerce tais funções. Se não se tomarem medidas consentâneas com as orientações das grandes organizações com a IASL e a IFLA, o esforço do Gabinete da RBE, ao longo destes dez anos, pode vir a ser desperdiçado com grande prejuízo a nível de massa crítica, entretanto formada, e recursos materiais e financeiros depauperados.

O Fundo Documental desta biblioteca é, claramente, insuficiente, registando-se um crescimento muito pouco significativo em todos os suportes. O facto, constante ao longo da nossa análise horizontal, de não haver uma dotação orçamental fixa, inibe um

²³ DL 15/2007.

²⁴ Desp. 13599/06 e Desp. Interno Conjunto nº 3-I/SEAE/SEE/2002 (salvo nºs 2 e 4)

crescimento sustentado da colecção e que se aproxime dos números de referência que estão contidos no documento basilar da RBE que é o Relatório Síntese. Em 2006, refere-se uma verba gasta de € 470 que é muito baixa tendo em conta o valor médio de um documento em suporte papel e, sobretudo, electrónico. No nosso entender, os conselhos administrativos das escolas ainda não conseguiram entender que deve encarar a biblioteca como um verdadeiro centro de recursos educativos para onde devem ser canalizadas verbas suficientes para suprir necessidades, que a lógica das aquisições, pontuais, por Departamentos já não funciona e que deviam dialogar com o coordenador para encontrarem a melhor solução no quadro da gestão do orçamento de escola. O coordenador tem assento no Conselho Pedagógico e aí deveria intervir no sentido de convocar a opinião favorável do conselho para a necessidade de se solicitar ao Conselho Administrativo, e à própria Assembleia de Escola, a definição de um apoio financeiro fixo e num montante capaz de favorecer o crescimento e actualização do Fundo Documental.

O tratamento documental sofreu uma evolução muito positiva, pois verifica-se um cumprimento de 100% de todas as fases do mesmo, incluindo a indexação que destacamos por ser uma operação complexa e, por isso, menos executada. O número de horas dispendido para estas operações é indicado como sendo dos mais altos, a par da animação, planeamento e avaliação. Em 2006, a formação de utilizadores continua a não ser uma actividade prioritária, o que não é consentâneo com as boas práticas. Utilizadores que conhecem a colecção e fontes diversas para colher informação, que sabem como utilizar a Internet e quais as ferramentas e equipamentos disponíveis para produzirem equipamentos, estão, seguramente, mais capazes de obter resultados académicos superiores e capazes de prosseguir a aprendizagem ao longo da vida.

Na avaliação global, o coordenador considera que o trabalho realizado passou de Razoável a Bom o que revela uma perspectiva optimista do trabalho realizado.

Indicadores de evolução positiva

- existência de todas as zonas funcionais
- ligação coma comunidade
- formação do coordenador
- formação do AAE

- tratamento documental a 100%
- aumento do número de horas de abertura da BE, sem encerramento à hora do almoço
- preocupação com a avaliação da BE

Indicadores divergentes da evolução positiva

- inexistência de espaços fundamentais como a arrecadação e gabinete de gestão
- equipa de professores sem formação
- redução do número de AAE ao serviço na BE
- dotação orçamental casuística e inexpressiva
- crescimento da colecção muito pouco significativo mantendo-se bastante abaixo dos ratio recomendados
- a BE não consta do PEE nem no RI

ESCOLA 3	
Ano de integração na RBE: 2000	Tipo de candidatura: Concelhia
Apoios: 0	Número de alunos: 751 a 1000

QUESTIONÁRIO 2001	QUESTIONÁRIO 2006
1. Área: 147 m2	1. Área: 120 a 150 m2
2. Espaço: único	2. Espaço: único
3. Zonas funcionais:	3. Zonas funcionais:
Balcão <input checked="" type="checkbox"/>	Balcão <input checked="" type="checkbox"/>
Leitura informal <input checked="" type="checkbox"/>	Leitura informal <input checked="" type="checkbox"/>
Leitura de documentos <input checked="" type="checkbox"/>	Leitura de documentos <input checked="" type="checkbox"/>
Leitura áudio	Leitura áudio <input checked="" type="checkbox"/>
Leitura vídeo <input checked="" type="checkbox"/>	Leitura vídeo <input checked="" type="checkbox"/>
Leitura multimedia <input checked="" type="checkbox"/>	Leitura multimedia <input checked="" type="checkbox"/>
Internet <input checked="" type="checkbox"/>	Internet <input checked="" type="checkbox"/>
Trabalho em grupo <input checked="" type="checkbox"/>	Trabalho em grupo <input checked="" type="checkbox"/>
Produção gráfica <input checked="" type="checkbox"/>	Produção gráfica <input checked="" type="checkbox"/>
4. Outras zonas funcionalmente ligadas	4. Outras zonas funcionalmente ligadas
Clubes	Clubes
Jornal	Jornal
Rádio	Rádio
Arrecadação	Arrecadação
Gabinete de gestão	Gabinete de gestão
Sala de estudo	Sala de estudo

Sala de informática	Sala de informática
5. Ligação à comunidade Sim	5. Ligação à comunidade Sim
Escolas	Escolas <input checked="" type="checkbox"/>
Instituições locais	Instituições locais
Ass. Pais e Enc. Educ. <input checked="" type="checkbox"/>	Ass. Pais e Enc. Educ.
Bib. Municipal/SABE <input checked="" type="checkbox"/>	Bib. Municipal/SABE <input checked="" type="checkbox"/>
6. Coordenador no Cons. Pedagógico <input checked="" type="checkbox"/>	6. Coordenador no Cons. Pedagógico <input checked="" type="checkbox"/>
7. BE/CRE No Projecto Educativo No Plano de Actividades da Escola	7. BE/CRE No Projecto Educativo <input checked="" type="checkbox"/> No Plano de Actividades da Escola <input checked="" type="checkbox"/>
8. Equipa Professores: 2 Aux. Acção Educativa: 2	8. Equipa Professores: (não indicado) Aux. Acção Educativa: 2
9. Formação	9. Formação
9. 1. Número de prof. 1 a 5	9. 1. Número de prof. 1 a 5
9. 1.1. Áreas de formação Org. e Gestão da BE Ciências Documentais Comunicação Educativa Multimédia Animação Cultural TIC <input checked="" type="checkbox"/>	9. 1.1. Áreas de formação Org. e Gestão da BE Ciências Documentais <input checked="" type="checkbox"/> Comunicação Educativa Multimédia Animação Cultural TIC
9.2. N.º de AAE com formação 1 a 2	9.2. N.º de AAE com formação 1 a 2
9.2.1. Áreas de formação Org. e Gestão da BE TIC Técnico BAD Relações interpessoais Animação da Leitura	9.2.1. Áreas de formação Org. e Gestão da BE <input checked="" type="checkbox"/> TIC <input checked="" type="checkbox"/> Técnico BAD Relações interpessoais <input checked="" type="checkbox"/> Animação da Leitura
9.2.2. Hab. Académicas 4º Ano 6º Ano 9º Ano 11º/ 12º Ano <input checked="" type="checkbox"/>	9.2.2. Hab. Académicas 4º Ano 6º Ano 9º Ano 11º/ 12º Ano <input checked="" type="checkbox"/>
10. Coordenador	10. Coordenador
10.1. Formação Org. e Gestão da BE <input checked="" type="checkbox"/> Trat. Documental/ Ciênc. Documentais Com. Educativa Multimédia Promoção da leitura Animação Cultural TIC Gestão de Equipamentos Formação para as literacias	10.1. Formação * Org. e Gestão da BE <input checked="" type="checkbox"/> * Trat. Documental/ Ciênc. Documentais <input checked="" type="checkbox"/> Com. Educativa Multimédia * Promoção da leitura <input checked="" type="checkbox"/> * Animação Cultural <input checked="" type="checkbox"/> * TIC <input checked="" type="checkbox"/> Gestão de Equipamentos * Formação para as literacias <input checked="" type="checkbox"/> (* Formação Contínua)
10. 2. N.º de horas de formação < 50h <input checked="" type="checkbox"/> 50h- 150h > 150h	10. 2. N.º de horas de formação < 50h 50h- 150h > 150h > 250h <input checked="" type="checkbox"/>

11. Fundo Documental		11. Fundo Documental	
Existente	Adq. no ano em curso	Existente	Adq. No ano em curso
Não ficção 4000	Não ficção 100	Não ficção 2000	Não ficção 60
Ficção 2000	Ficção 30	Ficção 3500	Ficção 20
CD 0	CD 0	CD 50	CD 15
Vídeo 131	VÍDEO 0	Vídeo 280	Vídeo 6
CD ROM 62	CD ROM 40	CD ROM 170	CD ROM 20
Periódicos 12	Periódicos 20	Periódicos 6	Periódicos 0
11. 1. Tratamento Documental Registo 50% Classificação 50% Catalogação manual 0% Catalogação automatizada 0% Indexação 0%		11. 1. Tratamento Documental Registo 100% Classificação 100% Catalogação manual 0% Catalogação automatizada 25% Indexação 25%	
12. Orçamento Fixo Casuístico <input checked="" type="checkbox"/>		12. Orçamento Fixo Casuístico <input checked="" type="checkbox"/>	
12. 1. Proveniência Orçamento da escola <input checked="" type="checkbox"/> Receitas da BE <input checked="" type="checkbox"/> Autarquia Projectos específicos		12. 1. Proveniência Orçamento da escola <input checked="" type="checkbox"/> Receitas da BE Autarquia Projectos específicos	
12.2. Valor gasto no ano em curso €500- €2500		12.2. Valor gasto no ano em curso (não indicado)	
13. Abertura da BE		13. Abertura da BE	
13.1. N° de horas semanal 45 h		13.1. N° de horas semanal 48 h	
13.2. Diária Sem fecho ao almoço <input checked="" type="checkbox"/> Com fecho ao almoço		13.2. Diária Sem fecho ao almoço <input checked="" type="checkbox"/> Com fecho ao almoço	
14. Actividades mais relevantes de acordo com o n° de horas semanais dispendido		14. Actividades mais relevantes de acordo com o n° de horas semanais dispendido	
Criação/reestruturação de espaços		Criação/reestruturação de espaços	
Sel., org. e tratamento documental		Sel., org. e tratamento documental <input checked="" type="checkbox"/>	
Apoio a activ. curriculares <input checked="" type="checkbox"/>		Apoio a activ curriculares	
Animação cultural		Animação cultural	
Formação de utilizadores		Formação de utilizadores <input checked="" type="checkbox"/>	
Planeamento e avaliação		Planeamento e avaliação	
15. Auto-avaliação global Fraco/Insuficiente Razoável Bom <input checked="" type="checkbox"/> Muito Bom		15. Auto-avaliação global Fraco/Insuficiente Razoável <input checked="" type="checkbox"/> Bom Muito Bom	

Processo evolutivo

Esta é uma biblioteca que apresenta uma área de circulação abaixo do recomendado tendo em conta o universo dos seus utilizadores. A zona funcional que

não existia em 2000, Leitura de Documentos, já é mencionada no Questionário posterior. Contudo, no que respeita aos outros espaços de funcionamento articulado, constatamos que tanto em 2000 como em 2006 não se assinala qualquer ligação entre a biblioteca e clubes, jornal, rádio ou sala de estudo. Este facto levanta-nos duas interrogações: a escola não tem oferta em áreas não curriculares tão importantes como as referidas? Tendo-as, não seria interessante que elas (no todo ou em parte) se articulassem com a biblioteca escolar? Pensamos que faz parte de uma certa cultura escolar haver uma tendência para a departamentalização das actividades, o que empobrece as suas práticas pedagógicas e culturais. Nesta óptica, a biblioteca podia quebrar certas inércias e fomentar dinâmicas geradoras de outra forma de viver/usufruir o espaço escolar.

Continua a verificar-se a inexistência da arrecadação e do gabinete de gestão, sendo estes espaços absolutamente indispensáveis como temos vindo a defender. Parece-nos que há um entendimento algo enviesado do que é uma biblioteca escolar, como se ela fosse *apenas* um espaço de circulação por parte da comunidade e não fosse preciso haver zonas reservadas ao trabalho da coordenação, do tratamento do fundo, de arquivo, de arrumação de equipamento, de depósito. No Relatório Síntese, quando se enunciam as diversas zonas funcionais, há referência a estes dois espaços por isso é estranho que eles existam em tão poucas bibliotecas como verificamos no conjunto das escolas estudadas.

Em 2000, a equipa era constituída por dois docentes e dois AAE e parece-nos que permanece inalterável em 2006 pois, embora não se indique o número total de docentes que a integra, nas restantes questões do inquérito (cf. grupo de questões A. 3.1.2) são preenchidos os campos referentes ao coordenador e a mais oito docentes, o que nos leva a concluir que a equipa integra pelo menos 9 docentes. Quanto ao coordenador e à sua formação, há uma evolução positiva, pois passa de menos de 50h em Gestão de BE para mais de 250h em formação contínua em áreas fundamentais. Mais um caso em que não é referida qualquer auto-formação. Os AAE que só tinham formação em Organização e Gestão, já indicam, em 2006, formação em TIC e Relações Interpessoais.

O Fundo Documental é, provavelmente, um dos pontos fortes desta biblioteca, ainda que abaixo dos números de referência para a sua população escolar, pois é

constituído por um total de documentos bastante razoável. O número de periódicos indicado nas existências e aquisições é tão elevado em 2000 que nos parece que foram indicados o número de exemplares e não as assinaturas. Este muito provável equívoco verifica-se, de resto, em mais alguns casos.

Se o número de documentos pode ser considerado satisfatório já o seu tratamento é insuficiente. Só o registo e classificação passaram de 50% a 100% no intervalo de seis anos; a catalogação automatizada e a indexação, que não eram feitas em 2000, ainda só cobrem 25% da colecção. São estas duas operações finais do tratamento documental que permitem uma melhor recuperação da informação por parte dos utilizadores e dispõem de um catálogo acessível mas só com 25% da colecção distorce o resultado das pesquisas. Parece-nos que a limitação no tratamento documental pode estar relacionada ou com um número insuficiente de elementos na equipa com formação específica e/ou um número de horas insuficiente atribuído pelo Conselho Executivo. A questão do tratamento documental deveria ser encarada com maior seriedade pois não faz qualquer sentido apostar-se na aquisição de documentos se depois não há quem faça ou não tenha tempo suficiente para fazer o tratamento documental. Na nossa perspectiva, este podia ser um sector em que o SABE podia colaborar de forma decisiva. Não seria tão inteligente que cada concelho organizasse o seu catálogo concelhio? Não seria uma boa gestão de recursos se a biblioteca municipal desse apoio especializado no tratamento documental? Temos conhecimento que várias são as redes concelhias já formadas e que isso tem contribuído para uma melhor e mais eficiente partilha de recursos documentais.

Esta é outra biblioteca sem dotação orçamental fixa: em 2000 a verba gasta situou-se entre os € 500-€ 2500 mas, relativamente a 2006, não é indicado qualquer montante. A proveniência da verba já foi do orçamento de escola e receitas da própria biblioteca, sendo agora apenas do orçamento de escola. Não conhecemos nenhum documento oficial que contenha orientações específicas no que respeita à atribuição de verbas à BE/CRE. O Decreto-Lei 115-A/98 de 4 de Maio continua em vigor e é com base neste documento oficial que a questão da dotação orçamental para as bibliotecas devia ser encarada: primeiro pela Assembleia de Escola pois é a ela que compete “g) Definir as linhas orientadoras para a elaboração do orçamento” e depois pelo Conselho

Administrativo que é o órgão deliberativo em matéria administrativo-financeira da escola.

O número de horas semanais de funcionamento da biblioteca aumentou e mantém-se em funcionamento sem interrupção para período de almoço o que é um bom indicador.

No que respeita às actividades que mais tempo têm absorvido a equipa, destacava-se, em 2000, apenas o apoio às actividades curriculares e em 2006 já se alargam para a selecção, organização e tratamento documental e planeamento e avaliação.

O nível de satisfação relativamente ao trabalho realizado baixou de Bom para Razoável o que deve ser indiciador das dificuldades sentidas na concretização de projectos por constrangimentos vários.

Indicadores de evolução positiva

- existência de todas as zonas funcionais
- ligação à comunidade
- presença no Conselho Pedagógico
- a BE consta no PEE, PCE e RI
- possui Guia do Utilizador
- maior formação específica do coordenador
- crescimento da colecção
- aumento do número de horas semanais de abertura e sem fecho no período do almoço

Indicadores divergentes da evolução positiva

- inexistência quer de arrecadação quer de gabinete de gestão
- inexistência de uma dotação orçamental fixa
- tratamento documental só parcialmente completo

ESCOLA 4	
Ano de integração na RBE: 1997	Tipo de candidatura: Nacional
Apoios: 2000	Número de alunos: 501-750

QUESTIONÁRIO 2001	QUESTIONÁRIO 2006
1. Área: 89 m2	1. Área: 120 a 150 m2
2. Espaço: único	2. Espaço: único
3. Zonas funcionais:	3. Zonas funcionais:
Balcão <input checked="" type="checkbox"/>	Balcão <input checked="" type="checkbox"/>
Leitura informal <input checked="" type="checkbox"/>	Leitura informal <input checked="" type="checkbox"/>
Leitura de documentos <input checked="" type="checkbox"/>	Leitura de documentos <input checked="" type="checkbox"/>
Leitura áudio <input checked="" type="checkbox"/>	Leitura áudio <input checked="" type="checkbox"/>
Leitura vídeo <input checked="" type="checkbox"/>	Leitura vídeo <input checked="" type="checkbox"/>
Leitura multimédia <input checked="" type="checkbox"/>	Leitura multimédia <input checked="" type="checkbox"/>
Internet <input checked="" type="checkbox"/>	Internet <input checked="" type="checkbox"/>
Trabalho em grupo <input checked="" type="checkbox"/>	Trabalho em grupo <input checked="" type="checkbox"/>
Produção gráfica <input checked="" type="checkbox"/>	Produção gráfica <input checked="" type="checkbox"/>
4. Outras zonas funcionalmente ligadas	4. Outras zonas funcionalmente ligadas
Clubes <input checked="" type="checkbox"/>	Clubes
Jornal <input checked="" type="checkbox"/>	Jornal
Rádio	Rádio
Arrecadação	Arrecadação <input checked="" type="checkbox"/>
Gabinete de gestão	Gabinete de gestão
Sala de estudo <input checked="" type="checkbox"/>	Sala de estudo
Sala de informática	Sala de informática
5. Ligação à comunidade Não	5. Ligação à comunidade Sim
Escolas	Escolas <input checked="" type="checkbox"/>
Instituições locais	Instituições locais
Ass. Pais e Enc. Educ. <input checked="" type="checkbox"/>	Ass. Pais e Enc. Educ.
Bib. Municipal/SABE <input checked="" type="checkbox"/>	Bib. Municipal/SABE <input checked="" type="checkbox"/>
6. Coordenador no Cons. Pedagógico <input checked="" type="checkbox"/>	6. Coordenador no Cons. Pedagógico <input checked="" type="checkbox"/>
7. BE/CRE	7. BE/CRE
No Projecto Educativo	No Projecto Educativo
No Plano de Actividades da Escola	No Plano de Actividades da Escola <input checked="" type="checkbox"/>
8. Equipa	8. Equipa
Professores: 3	Professores: 4
Aux. Acção Educativa: 1	Aux. Acção Educativa: 1
9. Formação	9. Formação
9.1. Número de prof. 1 a 5	9.1. Número de prof. 1 a 5
9.1.1. Áreas de formação	9.1.1. Áreas de formação
Org. e Gestão da BE	Org. e Gestão da BE
Ciências Documentais <input checked="" type="checkbox"/>	Ciências Documentais <input checked="" type="checkbox"/>
Comunicação Educativa Multimédia	Comunicação Educativa Multimédia
Animação Cultural	Animação Cultural
TIC <input checked="" type="checkbox"/>	TIC
	Outra: Promoção da leitura <input checked="" type="checkbox"/>
9.2. Nº de AAE com formação 1 a 2	9.2. Nº de AAE com formação 1 a 2
9.2.1. Áreas de formação	9.2.1. Áreas de formação
Org. e Gestão da BE	Org. e Gestão da BE

TIC <input checked="" type="checkbox"/> Técnico BAD Relações interpessoais Animação da Leitura		TIC <input checked="" type="checkbox"/> Técnico BAD <input checked="" type="checkbox"/> Relações interpessoais Animação da Leitura	
9.2.2. Hab. Académicas 4º Ano 6º Ano <input checked="" type="checkbox"/> 9º Ano 11º/ 12º Ano		9.2.2. Hab. Académicas 4º Ano 6º Ano 9º Ano <input checked="" type="checkbox"/> 11º/ 12º Ano	
10. Coordenador		10. Coordenador	
10.1. Formação Org. e Gestão da BE Trat. Documental/ Ciênc. Documentais <input checked="" type="checkbox"/> Com. Educacional Multimédia Promoção da leitura Animação Cultural TIC Gestão de Equipamentos Formação para as literacias		10.1. Formação **Org. e Gestão da BE <input checked="" type="checkbox"/> ** Trat. Documental/ Ciênc. Documentais <input checked="" type="checkbox"/> **Com. Educacional Multimédia <input checked="" type="checkbox"/> * Promoção da leitura <input checked="" type="checkbox"/> *Animação Cultural <input checked="" type="checkbox"/> **TIC <input checked="" type="checkbox"/> **Gestão de Equipamentos *Formação para as literacias <input checked="" type="checkbox"/> * Formação Contínua ** Auto Formação	
10. 2. N.º de horas de formação < 50h <input checked="" type="checkbox"/> 50h- 150h > 150h		10. 2. N.º de horas de formação < 50h 50h- 150h <input checked="" type="checkbox"/> > 150h > 250h	
11. Fundo Documental		11. Fundo Documental	
Existente	Adq. no ano em curso	Existente	Adq. No ano em curso
Não ficção 600	Não ficção 620	Não ficção 1800	Não ficção 300
Ficção 5100	Ficção 5150	Ficção 1875	Ficção 100
CD 40	CD 60	CD 80	CD 0
Vídeo 50	VÍDEO 75	Vídeo 120	Vídeo 30
CD ROM 40	CD ROM 90	CD ROM 170	CD ROM 15
Periódicos 2	Periódicos 0	Periódicos 6	Periódicos 2
11. 1. Tratamento Documental Registo 50% Classificação 0% Catalogação manual 0% Catalogação automatizada 50% Indexação 50%		11. 1. Tratamento Documental Registo 75% Classificação 75% Catalogação manual 50% Catalogação automatizada 75% Indexação 25%	
12. Orçamento		12. Orçamento	
Fixo <input checked="" type="checkbox"/> Casuístico		Fixo Casuístico <input checked="" type="checkbox"/>	
12. 1. Proveniência Orçamento da escola <input checked="" type="checkbox"/> Receitas da BE <input checked="" type="checkbox"/> Autarquia Projectos específicos		12. 1. Proveniência Orçamento da escola <input checked="" type="checkbox"/> Receitas da BE <input checked="" type="checkbox"/> Autarquia Projectos específicos	
12.2. Valor gasto no ano em curso €500- €2500		12.2. Valor gasto no ano em curso (não indicado)	

13. Abertura da BE	13. Abertura da BE
13.1. N° de horas semanal 45 h	13.1. N° de horas semanal 35 h
13.2. Diária Sem fecho ao almoço <input checked="" type="checkbox"/> Com fecho ao almoço	13.2. Diária Sem fecho ao almoço Com fecho ao almoço <input checked="" type="checkbox"/>
14. Actividades mais relevantes de acordo com o n° de horas semanais dispendido	14. Actividades mais relevantes de acordo com o n° de horas semanais dispendido
Criação/reestruturação de espaços	Criação/reestruturação de espaços
Sel., org. e tratamento documental	Sel., org. e tratamento documental <input checked="" type="checkbox"/>
Apoio a activ. curriculares <input checked="" type="checkbox"/>	Apoio a activ. curriculares <input checked="" type="checkbox"/>
Animação cultural <input checked="" type="checkbox"/>	Animação cultural
Formação de utilizadores	Formação de utilizadores
Planeamento e avaliação	Planeamento e avaliação
15. Auto-avaliação global Fraco/Insuficiente Razoável <input checked="" type="checkbox"/> Bom Muito Bom	15. Auto-avaliação global Fraco/Insuficiente Razoável Bom <input checked="" type="checkbox"/> Muito Bom

Processo evolutivo

Esta é uma das primeiras escolas a candidatar-se, através de Candidatura Nacional, à RBE. Em 2000 volta a candidatar-se por meio da candidatura Concelhia. Sendo frequentada por uma população escolar entre os 501-750 alunos, aumentou consideravelmente a sua área de biblioteca, passando de 89m² para uma área compreendida entre 120-150m², em 2006. As diversas zonas funcionais existem desde 2000 mas houve uma regressão quanto a outros espaços funcionalmente articulados com a BE: em 2000, os clubes, o jornal e a sala de estudo estavam a ela ligados mas em 2006 nenhum destes espaços se encontra em articulação. Entretanto, a BE ganha uma arrecadação.

Em 2006, verifica-se já uma articulação com a comunidade, particularmente com o SABE na partilha de documentos e formação.

A inclusão da biblioteca no PEE não era contemplada em 2000 e a situação assim permanece em 2006. A BE só consta do PCE e do RI.

A equipa de professores passou a integrar mais um elemento, mantendo-se apenas um AAE que possui o 9º ano de escolaridade e formação em TIC e BAD (em 2000 o AAE tinha o 6º ano e não possuía formação). É de sublinhar que esta é a única escola, do nosso universo de estudo, que tem um AAE com uma formação especializada em biblioteconomia o que deve justificar, em parte, o avanço no tratamento documental.

O coordenador, que em 2000 tinha uma formação na área das Ciências Documentais, refere, em 2006, formação contínua em Promoção da Leitura e Animação Cultural e Auto-Formação nas outras áreas com um total entre as 50-100h de formação.

A colecção, sobretudo no que concerne ficção e não ficção em suporte papel, tem uma dimensão acima da média. O seu tratamento documental evoluiu muito positivamente visto que, em 2000, só se mencionava uma execução de 50% de registo, catalogação automatizada e indexação (não há qualquer dado referente à classificação) e, em 2006, a execução é de 75% no registo, classificação e catalogação automatizada e desce a indexação para 25%.

Em 2000, havia uma dotação orçamental fixa proveniente do orçamento da escola acrescida de algumas receitas da própria BE (total entre os € 500- € 2500) e em 2006 a verba é já de atribuição casuística, mantendo-se as mesmas fontes financeiras.

No que respeita à abertura semanal houve uma diminuição de horas, de 45h para 35h com conseqüente encerramento no período do almoço bem como nos intervalos. É um tipo de horário bastante restritivo e penalizador para os utentes, sobretudo, os alunos que têm nesses intervalos os momentos ideais para irem ler um periódico, acabar um trabalho, fazer uma pequena pesquisa, mandar um mail, solicitar ou entregar uma obra de requisição domiciliária. Sabemos que o tempo de permanência dos alunos nas escolas é hoje bastante reduzido, no que respeita aos tempos livres, logo, a biblioteca escolar devia procurar responder da melhor forma.

Esta é uma biblioteca que dedica muito pouco tempo à formação dos seus utilizadores e, cruzando-se esta informação com a do tempo de abertura parece fazer sentido, de forma negativa, claro.

Em termos de auto-avaliação do trabalho global realizado, a percepção é de que o trabalho evoluiu no bom sentido, passando de Razoável a Bom.

Indicadores de evolução positiva

- aumento da área
- ocupação de um espaço para arrecadação
- estabelecimento de ligação à comunidade
- a biblioteca consta de normativos como o PCE e RI

- a formação do coordenador aumentou
- AAE com uma formação BAD
- etapas do tratamento documental com maior percentagem de execução
- realização de avaliação: relação quantidade/qualidade da coleção; relação quantidade/qualidade de equipamentos; qualidade de serviços e atendimento

Indicadores divergentes da evolução positiva

- o coordenador tem formação formal com um número de horas reduzido (entre as 50h-100h)
- inexistência de um espaço para trabalho de gestão
- dotação orçamental casuística
- diminuição do número de horas semanais de abertura
- encerramento nos intervalos e no período do almoço
- não inclusão da biblioteca no PEE

ESCOLA 5	
Ano de integração na RBE: 1998	Tipo de candidatura: Nacional e Concelhia
Apoios: 2003	Número de alunos: 501-750

QUESTIONÁRIO 2001	QUESTIONÁRIO 2006
1. Área: 75 m2	1. Área: 120 a 150 m2
2. Espaço: único	2. Espaço: único
3. Zonas funcionais:	3. Zonas funcionais:
Balcão <input checked="" type="checkbox"/>	Balcão <input checked="" type="checkbox"/>
Leitura informal	Leitura informal <input checked="" type="checkbox"/>
Leitura de documentos <input checked="" type="checkbox"/>	Leitura de documentos <input checked="" type="checkbox"/>
Leitura audio <input checked="" type="checkbox"/>	Leitura áudio <input checked="" type="checkbox"/>
Leitura vídeo <input checked="" type="checkbox"/>	Leitura vídeo <input checked="" type="checkbox"/>
Leitura multimédia <input checked="" type="checkbox"/>	Leitura multimédia <input checked="" type="checkbox"/>
Internet <input checked="" type="checkbox"/>	Internet <input checked="" type="checkbox"/>
Trabalho em grupo <input checked="" type="checkbox"/>	Trabalho em grupo <input checked="" type="checkbox"/>
Produção gráfica <input checked="" type="checkbox"/>	Produção gráfica <input checked="" type="checkbox"/>
4. Outras zonas funcionalmente ligadas	4. Outras zonas funcionalmente ligadas
Clubes	Clubes
Jornal	Jornal

Rádio	Rádio
Arrecadação	Arrecadação
Gabinete de gestão	Gabinete de gestão
Sala de estudo	Sala de estudo
Sala de informática	Sala de informática
Outra: Ludoteca <input checked="" type="checkbox"/>	
5. Ligação à comunidade Sim	5. Ligação à comunidade Sim
Escolas	Escolas <input checked="" type="checkbox"/>
Instituições locais	Instituições locais
Ass. Pais e Enc. Educ.	Ass. Pais e Enc. Educ.
Bib. Municipal/SABE	Bib. Municipiapl/SABE
6. Coordenador no Cons. Pedagógico <input checked="" type="checkbox"/>	6. Coordenador no Cons. Pedagógico <input checked="" type="checkbox"/>
7. BE/CRE	7. BE/CRE
No Projecto Educativo <input checked="" type="checkbox"/>	No Projecto Educativo
No Plano de Actividades da Escola <input checked="" type="checkbox"/>	No Plano de Actividades da Escola <input checked="" type="checkbox"/>
8. Equipa	8. Equipa
Professores: 3	Professores: 5
Aux. Acção Educativa: 1	Aux. Acção Educativa: 1
9. Formação	9. Formação
9.1. Número de prof. 0	9.1. Número de prof. 1 a 5
9.1.1. Áreas de formação	9.1.1. Áreas de formação
Org. e Gestão da BE	Org. e Gestão da BE
Ciências Documentais <input checked="" type="checkbox"/>	Ciências Documentais
Comunicação Educacional Multimédia	Comunicação Educacional Multimédia
Animação Cultural	Animação Cultural
TIC <input checked="" type="checkbox"/>	TIC
	Outra: Promoção da leitura <input checked="" type="checkbox"/>
9.2. N° de AAE com formação 1 a 2	9.2. N° de AAE com formação 1 a 2
9.2.1. Áreas de formação	9.2.1. Áreas de formação
Org. e Gestão da BE <input checked="" type="checkbox"/>	Org. e Gestão da BE <input checked="" type="checkbox"/>
TIC <input checked="" type="checkbox"/>	TIC
Técnico BAD	Técnico BAD
Relações interpessoais	Relações interpessoais
Animação da Leitura	Animação da Leitura
9.2.2. Hab. Académicas	9.2.2. Hab. Académicas
4° Ano	4° Ano
6° Ano <input checked="" type="checkbox"/>	6° Ano
9° Ano	9° Ano <input checked="" type="checkbox"/>
11°/ 12° Ano	11°/ 12° Ano
10. Coordenador	10. Coordenador
10.1. Formação	10.1. Formação
Org. e Gestão da BE	*Org. e Gestão da BE <input checked="" type="checkbox"/>
Trat. Documental/ Ciênc. Documentais	Trat. Documental/ Ciênc. Documentais
Com. Educacional Multimédia	Com. Educacional Multimédia
Promoção da leitura	* Promoção da leitura <input checked="" type="checkbox"/>
Animação Cultural	Animação Cultural
TIC <input checked="" type="checkbox"/>	TIC
Gestão de Equipamentos	Gestão de Equipamentos
Formação para as literacias	Formação para as literacias
	* Formação Contínua

10. 2. N.º de horas de formação < 50h <input checked="" type="checkbox"/> 50h- 150h > 150h		10. 2. N.º de horas de formação < 50h 50h- 150h <input checked="" type="checkbox"/> > 150h > 250h	
11. Fundo Documental		11. Fundo Documental	
Existente	Adq. no ano em curso	Existente	Adq. No ano em curso
Não ficção 2000	Não ficção 60	Não ficção 1002	Não ficção 43
Ficção 600	Ficção 80	Ficção 2870	Ficção 35
CD 90	CD 8	CD 132	CD 12
Vídeo 292	Vídeo 15	Vídeo 654	Vídeo 21
CD ROM 114	CD ROM 12	CD ROM 119	CD ROM 0
Periódicos 5	Periódicos 1	Periódicos 5	Periódicos 0
11. 1. Tratamento Documental Registo 100% Classificação 100% Catalogação manual 0% Catalogação. automatizada 100% Indexação 0%		11. 1. Tratamento Documental Registo 100% Classificação 100% Catalogação manual 25% Catalogação automatizada 50% Indexação 50%	
12. Orçamento Fixo <input checked="" type="checkbox"/> Casuístico		12. Orçamento Fixo Casuístico <input checked="" type="checkbox"/>	
12. 1. Proveniência Orçamento da escola <input checked="" type="checkbox"/> Receitas da BE <input checked="" type="checkbox"/> Autarquia Projectos específicos		12. 1. Proveniência Orçamento da escola <input checked="" type="checkbox"/> Receitas da BE <input checked="" type="checkbox"/> Autarquia Projectos específicos	
12.2. Valor gasto no ano em curso €500- €2500		12.2. Valor gasto no ano em curso (não indicado)	
13. Abertura da BE		13. Abertura da BE	
13.1. N.º de horas semanal 30 h		13.1. N.º de horas semanal 35 h	
13.2. Diária Sem fecho ao almoço Com fecho ao almoço <input checked="" type="checkbox"/>		13.2. Diária Sem fecho ao almoço Com fecho ao almoço <input checked="" type="checkbox"/> Outra: Fecho aos intervalos <input checked="" type="checkbox"/>	
14. Actividades mais relevantes de acordo com o n.º de horas semanais dispendido		14. Actividades mais relevantes de acordo com o n.º de horas semanais dispendido	
Criação/reestruturação de espaços <input checked="" type="checkbox"/>		Criação/reestruturação de espaços <input checked="" type="checkbox"/>	
Sel., org. e tratamento documental <input checked="" type="checkbox"/>		Sel., org. e tratamento documental	
Apoio a activ. curriculares		Apoio a activ. curriculares	
Animação cultural		Animação cultural	
Formação de utilizadores		Formação de utilizadores	
Planeamento e avaliação		Planeamento e avaliação <input checked="" type="checkbox"/>	
15. Auto-avaliação global Fraco/Insuficiente Razoável Bom <input checked="" type="checkbox"/> Muito Bom		15. Auto-avaliação global Fraco/Insuficiente Razoável <input checked="" type="checkbox"/> Bom Muito Bom	

Processo evolutivo

A escola entrou na RBE, em 1998, através de Candidatura Nacional e voltou a candidatar-se em 2003 através de Candidatura Concelhia, recebendo apoios mais substanciais. Desde logo, o destaque para a área que aumenta de 75m² para uma área compreendida entre 120-150m², quase duplicando.

Passa a integrar mais uma zona funcional que não existia em 2000: a Leitura Informal. Perde a ligação aos clubes (ou eles deixam de existir) e ganha um espaço para arrecadação.

Na interligação com a comunidade, que já existia em 2000, verifica-se, em 2006, uma partilha com outras escolas (provavelmente do Agrupamento) a nível de documentos, tratamento documental e publicações.

A equipa de docentes que não possuía formação específica, integra, em 2006, elementos com formação em TIC e Promoção da Leitura. No que se refere ao AAE há a substituição de um elemento que tinha o 6º ano e formação em Organização e Gestão bem como em TIC por outro AAE com o 9º ano mas só com formação em Organização e Gestão. A formação do coordenador teve uma pequena melhoria: só era em TIC, e menos de 50h e obteve, através da formação contínua, formação em Organização e Gestão e Promoção da Leitura (com 50-100h).

Quanto ao Fundo Documental, o crescimento parece-nos evidenciar algum desequilíbrio: em 2006, as obras de ficção ainda não atingem os 2000 exemplares e a não ficção ronda o triplo dos exemplares; o número de unidades de vídeo atinge quase as 1000. Contudo, se tivermos em conta a relação quantidade total e número de alunos, o panorama é bastante razoável.

No tratamento documental, o grau de execução é bastante positivo: mantém-se 100% em relação ao registo e classificação e a indexação que era 0% atinge os 50%. Há, porém, um dado que pode levantar alguma perplexidade: a catalogação automatizada situava-se nos 100%, em 2000, e desceu para 50%. Só o entendemos se pusermos a hipótese de a mesma ter deixado de ser feita com um programa não normalizado, passando a utilizar-se um *software* normalizado.

A nível de atribuição de verbas, houve uma alteração negativa pois passou-se da dotação fixa para a casuística. Ainda que os valores assim atribuídos possam satisfazer

as necessidades mais prementes, pensamos que a existência de um orçamento fixo introduz rigor e qualidade à gestão e isso é um bom indicador aquando de um acto de avaliação. O coordenador pode avaliar melhor as suas aquisições e ter em conta despesas para outro tipos de actividades porque a actividade de uma biblioteca não se reduz à compra de documentos e/ou equipamentos e mobiliário. Há que orçamentar, por exemplo, despesas com material corrente, publicações, acções de marketing promocional, convites a entidades exteriores à escola, prémios para concursos.

Em 2000, o número de horas semanais de abertura da biblioteca era de 30h com encerramento no período do almoço e, em 2006, esse número subiu para 37h 30m, sem encerramento no período do almoço.

As actividades que ocupam mais tempo são as mesmas nos dois momentos temporais: criação e reestruturação de espaços e planeamento e avaliação. Curiosamente, quando, através do Questionário de 2006, se observa que tipo de avaliação já foi feita e com que instrumentos, verifica-se que a resposta é que nunca foi feita! Quanto ao facto de em 2006 se continuar a dar prioridade à reestruturação dos espaços parece-nos que o ‘olhar’ da equipa já deveria estar orientado para outras questões, do âmbito de planeamento, formação, promoção das literacias, divulgação de informação...

No campo da auto-avaliação, esta é mais uma biblioteca que desce de Bom para Razoável, indiciador do grau de insatisfação do trabalho realizado.

Indicadores de evolução positiva

- aumento da área
- afectação de um espaço para arrecadação
- articulação/partilha de recursos com outras escolas
- presença da BE no PEE, PCE e RI
- presença (sempre) do coordenador nas reuniões do órgão de gestão, no Conselho Pedagógico e na coordenação de projectos
- melhoria da formação do coordenador
- alguns docentes da equipa com formação específica
- relação quantidade de documentos/número de alunos bastante razoável

- a BE tem um Guia do Utilizador e articula-se com o Jornal de escola
- aumento do número de horas de abertura e sem encerramento no período do almoço

Indicadores divergentes da evolução positiva

- inexistência de um gabinete de gestão
- inexistência de uma dotação orçamental fixa
- número de horas semanal ainda bastante reduzido
- formação do coordenador com um baixo número de horas (50-100H)
- inexistência de qualquer avaliação formal interna ou externa

ESCOLA 6	
Ano de integração na RBE: 1997	Tipo de candidatura: Nacional e Concelhia
Apoios: 2001	Número de alunos: 501-750

QUESTIONÁRIO 2001	QUESTIONÁRIO 2006
1. Área: 121 m2	1. Área: 120 a 150 m2
2. Espaço: salas interligadas	2. Espaço: único
3. Zonas funcionais:	3. Zonas funcionais:
Balcão <input checked="" type="checkbox"/>	Balcão <input checked="" type="checkbox"/>
Leitura informal	Leitura informal <input checked="" type="checkbox"/>
Leitura de documentos <input checked="" type="checkbox"/>	Leitura de documentos <input checked="" type="checkbox"/>
Leitura áudio <input checked="" type="checkbox"/>	Leitura áudio <input checked="" type="checkbox"/>
Leitura vídeo <input checked="" type="checkbox"/>	Leitura vídeo <input checked="" type="checkbox"/>
Leitura multimedia <input checked="" type="checkbox"/>	Leitura multimedia <input checked="" type="checkbox"/>
Internet <input checked="" type="checkbox"/>	Internet <input checked="" type="checkbox"/>
Trabalho em grupo <input checked="" type="checkbox"/>	Trabalho em grupo <input checked="" type="checkbox"/>
Produção gráfica	Produção gráfica
4. Outras zonas funcionalmente ligadas	4. Outras zonas funcionalmente ligadas
Clubes	Clubes
Jornal <input checked="" type="checkbox"/>	Jornal
Rádio	Rádio
Arrecadação	Arrecadação
Gabinete de gestão	Gabinete de gestão
Sala de estudo <input checked="" type="checkbox"/>	Sala de estudo
Sala de informática	Sala de informática
5. Ligação à comunidade Sim	5. Ligação à comunidade Sim
Escolas <input checked="" type="checkbox"/>	Escolas <input checked="" type="checkbox"/>
Instituições locais <input checked="" type="checkbox"/>	Instituições locais

Ass. Pais e Enc. Educ.		Ass. Pais e Enc. Educ.	
Bib. Municipal/SABE		Bib. Municipapl/SABE <input checked="" type="checkbox"/>	
6. Coordenador no Cons. Pedagógico <input checked="" type="checkbox"/>		6. Coordenador no Cons. Pedagógico <input checked="" type="checkbox"/>	
7. BE/CRE No Projecto Educativo <input checked="" type="checkbox"/> No Plano de Actividades da Escola <input checked="" type="checkbox"/>		7. BE/CRE No Projecto Educativo No Plano de Actividades da Escola <input checked="" type="checkbox"/>	
8. Equipa Professores: 5 Aux. Acção Educativa: 1		8. Equipa Professores: 5 Aux. Acção Educativa: 1	
9. Formação		9. Formação	
9. 1. Número de prof. 0		9. 1. Número de prof. 1 a 5	
9. 1.1. Áreas de formação Org. e Gestão da BE Ciências Documentais Comunicação Educacional Multimédia Animação Cultural TIC		9. 1.1. Áreas de formação Org. e Gestão da BE <input checked="" type="checkbox"/> Ciências Documentais <input checked="" type="checkbox"/> Comunicação Educacional Multimédia Animação Cultural TIC <input checked="" type="checkbox"/>	
9.2. N.º de AAE com formação 1 a 2		9.2. N.º de AAE com formação 1 a 2	
9.2.1. Áreas de formação Org. e Gestão da BE <input checked="" type="checkbox"/> TIC Técnico BAD Relações interpessoais Animação da Leitura		9.2.1. Áreas de formação Org. e Gestão da BE <input checked="" type="checkbox"/> TIC Técnico BAD Relações interpessoais Animação da Leitura	
9.2.2. Hab. Académicas 4º Ano 6º Ano 9º Ano 11º/ 12º Ano <input checked="" type="checkbox"/>		9.2.2. Hab. Académicas 4º Ano 6º Ano 9º Ano 11º/ 12º Ano <input checked="" type="checkbox"/>	
10. Coordenador		10. Coordenador	
10.1. Formação Org. e Gestão da BE Trat. Documental/ Ciênc. Documentais Com. Educacional Multimédia Promoção da leitura Animação Cultural TIC Gestão de Equipamentos Formação para as literacias		10.1. Formação *Org. e Gestão da BE <input checked="" type="checkbox"/> *Trat. Documental/ Ciênc. Documentais <input checked="" type="checkbox"/> Com. Educacional Multimédia * Promoção da leitura <input checked="" type="checkbox"/> Animação Cultural *TIC <input checked="" type="checkbox"/> Gestão de Equipamentos Formação para as literacias * Formação Contínua	
10. 2. N.º de horas de formação < 50h 50h- 150h > 150h		10. 2. N.º de horas de formação < 50h 50h- 150h > 150h > 250h <input checked="" type="checkbox"/>	
11. Fundo Documental		11. Fundo Documental	
Existente	Adq. no ano em curso	Existente	Adq. No ano em curso
Não ficção 1000	Não ficção 60		
Ficção 2000	Ficção 80		

CD 10	CD 8		
Vídeo 300	Vídeo 15		
CD ROM 60	CD ROM 12		
Periódicos 6	Periódicos 1	(não indicado)	(não indicado)
11. 1. Tratamento Documental Registo 100% Classificação 100% Catalogação manual 0% Catalogação. automatizada 100% Indexação 100%		11. 1. Tratamento Documental Registo 100% Classificação 100% Catalogação manual 0% Catalogação automatizada 75% Indexação 75%	
12. Orçamento Fixo <input checked="" type="checkbox"/> Casuístico		12. Orçamento Fixo Casuístico <input checked="" type="checkbox"/>	
12. 1. Proveniência Orçamento da escola <input checked="" type="checkbox"/> Receitas da BE <input checked="" type="checkbox"/> Autarquia Projectos específicos Outro: receita da venda de um livro de um professor <input checked="" type="checkbox"/>		12. 1. Proveniência Orçamento da escola <input checked="" type="checkbox"/> Receitas da BE Autarquia Projectos específicos	
12.2. Valor gasto no ano em curso < €500		12.2. Valor gasto no ano em curso € 1500	
13. Abertura da BE		13. Abertura da BE	
13.1. N° de horas semanal 37 h		13.1. N° de horas semanal 36 h	
13.2. Diária Sem fecho ao almoço <input checked="" type="checkbox"/> Com fecho ao almoço		13.2. Diária Sem fecho ao almoço <input checked="" type="checkbox"/> Com fecho ao almoço	
14. Actividades mais relevantes de acordo com o n° de horas semanais dispendido		14. Actividades mais relevantes de acordo com o n° de horas semanais dispendido	
Criação/reestruturação de espaços		Criação/reestruturação de espaços	
Sel., org. e tratamento documental <input checked="" type="checkbox"/>		Sel., org. e tratamento documental	
Apoio a activ. Curriculares <input checked="" type="checkbox"/>		Apoio a activ curriculares <input checked="" type="checkbox"/>	
Animação cultural		Animação cultural <input checked="" type="checkbox"/>	
Formação de utilizadores		Formação de utilizadores	
Planeamento e avaliação		Planeamento e avaliação	
15. Auto-avaliação global Fraco/Insuficiente Razoável Bom <input checked="" type="checkbox"/> Muito Bom		15. Auto-avaliação global Fraco/Insuficiente Razoável Bom <input checked="" type="checkbox"/> Muito Bom	

Processo evolutivo

Esta biblioteca ocupava, em 2000, uma área constituída por várias salas interligadas mas essa situação já se encontra alterada, em 2006, passando a espaço único. Quanto a zonas funcionais, não há alteração nesse intervalo temporal, mantendo-se sem a zona de

Leitura Áudio e a zona de Produção Gráfica. Não sendo uma escola com grande número de alunos (501-750), parece-nos que, dentro da área disponível, já poderia ter sido possível criar as zonas em falta. De acordo com a Declaração Política da IASL, estas duas zonas funcionais devem integrar uma biblioteca escolar, justamente, porque duas das suas funções são:

a) a recreativa - suportar e melhorar uma vida rica e equilibrada e encorajar uma ocupação útil dos tempos livres mediante o fornecimento de informação recreativa, materiais e programas de valor recreativo e orientação na utilização dos tempos livres;

b) a cultural - melhorar a qualidade de vida mediante a apresentação e apoio a experiências de natureza estética, orientação na apreciação das artes, encorajamento à criatividade e desenvolvimento de relações humanas positivas.

Em 2006, a biblioteca continua a não dispor nem de arrecadação nem de gabinete de gestão, lacuna que, na nossa perspectiva, denuncia condições de trabalho desadequadas para o desempenho das funções administrativas, organizativas e tratamento técnico que são atribuídas ao professor bibliotecário como gestor de recursos.

Verifica-se a persistência de ligação à comunidade, nomeadamente a escolas (actividades de animação cultural) e ao SABE (tratamento documental e formação).

A nível da equipa de professores e respectiva formação específica, constata-se uma evolução positiva pois, em 2000, nenhum tinha qualquer formação e, em 2006, há elementos com formação em Organização e Gestão, TIC e Tratamento Documental. Quanto a AAE mantém-se um elemento sem progressos na sua formação para além daquela em Organização e Gestão referida em 2000. Julgamos que este desinvestimento na formação pode estar ligado ao facto de a tutela não ter implementado as carreiras diferenciadas conforme chegou a anunciar, num passado relativamente recente.

Não sabemos se houve um reforço da formação do coordenador pois não temos dados referentes a 2000 mas, no nosso Questionário, sabemos que possui formação, adquirida através da Formação Contínua, em Organização e Gestão, Tratamento Documental, Promoção da Leitura e TIC, num total acima das 250h o que é um bom indicador.

O crescimento da colecção não pode ser avaliado por falta de dados comparativos com aqueles indicados em 2000 e que eram bastante baixos. Não podemos deixar de notar que estranhámos esta lacuna na informação tanto mais que o coordenador indica uma taxa de realização do registo e da classificação de 100%. Por outro lado, há uma incongruência relativa à percentagem de Catalogação e Indexação, pois era de 100% em 2000 e de 75% em 2006, o que poderá também querer significar que as últimas aquisições não têm sido objecto deste tipo de tratamento.

No capítulo financeiro, registamos o panorama comum à maioria das escolas: orçamento fixo, em 2000, e casuístico em 2006. Contudo, queremos destacar uma situação singular que ocorreu em 2000: a receita da venda de um livro de um professor da escola reverteu a favor da biblioteca. Embora pontuais, são este tipo de iniciativas que podem ser tomadas, sem contrariar as regras da gestão financeira, para dotar a biblioteca de um fundo orçamental capaz de sustentar uma manutenção e crescimento imprescindíveis para responder às necessidades permanentes da comunidade escolar. Reafirmamos que, à luz das orientações da IFLA, é necessário que o bibliotecário escolar elabore um plano orçamental que inclua um conjunto de despesas como aquisição de novos recursos, materiais de consumo, eventos promocionais e custos de utilização de equipamento informático (licenças e *software*)²⁵ e uma das competências de intervenção atribuídas superiormente²⁶ ao coordenador é “Conceber uma estratégia de aquisições do fundo documental e de equipamentos e coordenar a sua execução”. É inequívoco que há um desfasamento entre as linhas de orientação internacionais e nacionais e a realidade que cada coordenador enfrenta na sua escola em particular. E esta situação é tanto mais grave quando sabemos, por evidências colhidas em estudos reconhecidos pela própria IFLA, que a taxa de sucesso académico cresce quando há, para além de uma equipa qualificada, um boa colecção e equipamentos adequados, à sua disposição.

Desconhecemos qual o regime de funcionamento desta escola para podermos avaliar se o número de horas de abertura semanal é ou não suficiente. Em 2000, estava

²⁵ Directrizes da IFLA para bibliotecas escolares, 2002, versão em português (Portugal), 2006, trad. Maria José Vitorino

²⁶ Despacho conjunto nº 198/99 dos Gabinetes dos Secretários de Estado da Administração Educativa e da Educação e Inovação

aberta 37h por semana e, em 2006, reduz para 36h mantendo-se aberta no período do almoço.

As actividades que, em 2000, absorviam mais horas eram a selecção, organização e tratamento documental a par do apoio às actividades curriculares e, em 2006, a única que é destacada é a animação cultural.

A auto-avaliação é de Bom em ambas as datas. Um dado interessante é que, neste longo período de funcionamento, nunca foram realizados actos de avaliação. Este é mais um indicador preocupante, pois indicia uma gestão sem uma linha de actuação bem definida, reflectida e inflectida de acordo com os dados colhidos através da aplicação de adequados instrumentos de avaliação: da colecção, dos serviços, das actividades...

Indicadores de evolução positiva

- formação dos elementos docentes da equipa
- formação do coordenador em várias áreas e com um número de horas de Formação Contínua já razoável

Indicadores divergentes da evolução positiva

- inexistência de duas zonas funcionais importantes (desde 2000): Leitura Áudio e Produção Gráfica
- inexistência de arrecadação e Gabinete de gestão
- desconhecimento da dimensão da colecção
- inexistência de uma dotação orçamental fixa
- nenhum tipo formal de avaliação interna realizada
- não integração no PEE nem no RI

ESCOLA 7	
Ano de integração na RBE: 2000	Tipo de candidatura: Nacional e Concelhia
Apoios: 2002	Número de alunos: (Não indicado)

QUESTIONÁRIO 2000	QUESTIONÁRIO 2006
1. Área: 94 m2	1. Área: (Não indicada)
2. Espaço: salas interligadas	2. Espaço: único
3. Zonas funcionais:	3. Zonas funcionais:
Balcão <input checked="" type="checkbox"/>	Balcão <input checked="" type="checkbox"/>
Leitura informal	Leitura informal <input checked="" type="checkbox"/>
Leitura de documentos <input checked="" type="checkbox"/>	Leitura de documentos <input checked="" type="checkbox"/>
Leitura audio <input checked="" type="checkbox"/>	Leitura áudio <input checked="" type="checkbox"/>
Leitura vídeo <input checked="" type="checkbox"/>	Leitura vídeo <input checked="" type="checkbox"/>
Leitura multimédia <input checked="" type="checkbox"/>	Leitura multimédia <input checked="" type="checkbox"/>
Internet <input checked="" type="checkbox"/>	Internet <input checked="" type="checkbox"/>
Trabalho em grupo	Trabalho em grupo <input checked="" type="checkbox"/>
Produção gráfica	Produção gráfica <input checked="" type="checkbox"/>
4. Outras zonas funcionalmente ligadas	4. Outras zonas funcionalmente ligadas
Clubes	Clubes <input checked="" type="checkbox"/>
Jornal	Jornal
Rádio	Rádio
Arrecadação	Arrecadação
Gabinete de gestão	Gabinete de gestão
Sala de estudo	Sala de estudo
Sala de informática	Sala de informática <input checked="" type="checkbox"/>
5. Ligação à comunidade Sim	5. Ligação à comunidade Não
Escolas <input checked="" type="checkbox"/>	Escolas
Instituições locais	Instituições locais
Ass. Pais e Enc. Educ.	Ass. Pais e Enc. Educ.
Bib. Municipal/SABE	Bib. Municipapl/SABE
6. Coordenador no Cons. Pedagógico <input checked="" type="checkbox"/>	6. Coordenador no Cons. Pedagógico <input checked="" type="checkbox"/>
7. BE/CRE	7. BE/CRE
No Projecto Educativo <input checked="" type="checkbox"/>	No Projecto Educativo
No Plano de Actividades da Escola <input checked="" type="checkbox"/>	No Plano de Actividades da Escola
8. Equipa	8. Equipa
Professores: 3	Professores: 2
Aux. Acção Educativa: 2	Aux. Acção Educativa: 0
9. Formação	9. Formação
9.1. Número de prof. 1 a 5	9.1. Número de prof. 0
9.1.1. Áreas de formação	9.1.1. Áreas de formação
Org. e Gestão da BE	Org. e Gestão da BE
Ciências Documentais <input checked="" type="checkbox"/>	Ciências Documentais
Comunicação Educativa Multimédia	Comunicação Educativa Multimédia
Animação Cultural	Animação Cultural
TIC <input checked="" type="checkbox"/>	TIC
9.2. Nº de AAE com formação 1 a 2	9.2. Nº de AAE com formação 0
9.2.1. Áreas de formação	9.2.1. Áreas de formação
Org. e Gestão da BE <input checked="" type="checkbox"/>	Org. e Gestão da BE
TIC	TIC

Técnico BAD Relações interpessoais Animação da Leitura Outra: Gestão e dinamização da BE/CRE <input checked="" type="checkbox"/>		Técnico BAD Relações interpessoais Animação da Leitura	
9.2.2. Hab. Académicas 4º Ano 6º Ano 9º Ano <input checked="" type="checkbox"/> 11º/ 12º Ano <input checked="" type="checkbox"/>		9.2.2. Hab. Académicas 4º Ano 6º Ano 9º Ano 11º/ 12º Ano	
10. Coordenador		10. Coordenador	
10.1. Formação Org. e Gestão da BE Trat. Documental/ Ciênc. Documentais <input checked="" type="checkbox"/> Com. Educacional Multimédia Promoção da leitura Animação Cultural TIC Gestão de Equipamentos Formação para as literacias		10.1. Formação Org. e Gestão da BE Trat. Documental/ Ciênc. Documentais Com. Educacional Multimédia Promoção da leitura Animação Cultural TIC Gestão de Equipamentos Formação para as literacias	
10. 2. N.º de horas de formação < 50h 50h- 150h <input checked="" type="checkbox"/> > 150h		10. 2. N.º de horas de formação < 50h 50h- 150h > 150h > 250h	
11. Fundo Documental		11. Fundo Documental	
Existente	Adq. no ano em curso	Existente	Adq. No ano em curso
Não ficção 0	Não ficção 266		
Ficção 0	Ficção 48		
CD 47	CD 47		
Vídeo 81	Vídeo 8		
CD ROM 108	CD ROM 76		
Periódicos 8	Periódicos 5	(não indicado)	(não indicado)
11. 1. Tratamento Documental Registo 100% Classificação 50% Catalogação manual 0% Catalogação automatizada 50% Indexação 0%		11. 1. Tratamento Documental Registo (não indicado) Classificação 75% Catalogação manual 0% Catalogação automatizada 75% Indexação 75%	
12. Orçamento Fixo <input checked="" type="checkbox"/> Casuístico		12. Orçamento Fixo Casuístico <input checked="" type="checkbox"/>	
12. 1. Proveniência Orçamento da escola <input checked="" type="checkbox"/> Receitas da BE Autarquia Projectos específicos Outro: SASE <input checked="" type="checkbox"/>		12. 1. Proveniência Orçamento da escola <input checked="" type="checkbox"/> Receitas da BE <input checked="" type="checkbox"/> Autarquia Projectos específicos	
12.2. Valor gasto no ano em curso €500 - € 2500		12.2. Valor gasto no ano em curso (não indicado)	

13. Abertura da BE	13. Abertura da BE
13.1. N° de horas semanal 47 h	13.1. N° de horas semanal 45 h
13.2. Diária Sem fecho ao almoço <input checked="" type="checkbox"/> Com fecho ao almoço	13.2. Diária Sem fecho ao almoço <input checked="" type="checkbox"/> Com fecho ao almoço
14. Actividades mais relevantes de acordo com o n° de horas semanais dispendido	14. Actividades mais relevantes de acordo com o n° de horas semanais dispendido
Criação/reestruturação de espaços <input checked="" type="checkbox"/>	Criação/reestruturação de espaços <input checked="" type="checkbox"/>
Sel., org. e tratamento documental <input checked="" type="checkbox"/>	Sel., org. e tratamento documental
Apoio a activ. Curriculares	Apoio a activ curriculares <input checked="" type="checkbox"/>
Animação cultural	Animação cultural
Formação de utilizadores	Formação de utilizadores
Planeamento e avaliação	Planeamento e avaliação
15. Auto-avaliação global Fraco/Insuficiente Razoável Bom <input checked="" type="checkbox"/> Muito Bom	15. Auto-avaliação global Fraco/Insuficiente Razoável <input checked="" type="checkbox"/> Bom Muito Bom

Processo evolutivo

A área desta biblioteca era, em 2000, aquando da sua entrada na RBE, de 94m2 no conjunto de salas interligadas, em 2006, o espaço é único mas desconhecemos qual a área pois esse dado é omissos bem como o número de alunos que frequentam a escola.

Há uma evolução positiva no respeitante às zonas funcionais: em 2000, não havia zona de Leitura Informal, nem para Trabalho de Grupo nem para Produção Gráfica; em 2006, existem todas bem como uma Sala de Informática, funcionalmente ligada à biblioteca. Arrecadação e Gabinete de trabalho são espaços inexistentes.

De 2000 para 2006, constata-se um retrocesso no que respeita a ligação à comunidade pois quebra-se esse elo tão importante pois é, se bem entendido por ambas as partes, um factor de desenvolvimento pela partilha de recursos de vária natureza que proporciona.

O coordenador passou a ter assento no Conselho Pedagógico o que levou, com certeza, aquele órgão a ter que debater e participar de forma mais activa no processo de desenvolvimento da biblioteca. Consideramos que foi muito importante a directiva do Despacho 17 387/2005 de 12 de Agosto que prevê a presença do coordenador naquele órgão, pelo menos quando se debatem os projectos de escola.

A equipa sofre, de 2000 para 2006, uma redução de três para dois docentes e de um AAE para nenhum. A formação dos docentes, em 2006, não é nenhuma, ao

contrário do que acontecia em 2000. O coordenador, em funções em 2006, também não indica qualquer formação.

O Fundo Documental era, em 2000, francamente deficitário, tinha crescido, nesse ano, muito pouco e desconhecemos a sua actual dimensão por ser omissa este dado. A situação quanto ao tratamento documental é indiciadora de alguma de alguma desorientação. Não se entende que o Registo, por exemplo, estivesse 100% completo em 2000 e, em 2006, não se indica qualquer percentagem (o que justifica, aliás, que não tenham sido fornecidos números quanto à dimensão da colecção); por outro lado, a Catalogação e a Indexação estão realizadas a 75% quando são operações mais complexas...

No terreno orçamental, repete-se o padrão: dotação fixa em 2000 que passa a casuística em 2006, sem que haja verbas provenientes do SASE, como acontecia. Contudo, refere-se que a biblioteca gera algumas receitas que são aí reinvestidas.

O número de horas de abertura semanal reduziu-se de 47h para 45h, mantendo-se aberta no período do almoço.

As actividades que consumiram mais tempo, em 2000/01, foram a criação e reestruturação de espaços e selecção, organização e tratamento documental e, em 2006, mantinha-se esta última actividade (não se percebe, mais uma vez, as omissões atrás referidas) a par da animação cultural.

A auto-avaliação desce de Bom para Razoável mas assinala-se a realização de actos de avaliação em aspectos que cobrem recursos documentais, equipamentos, serviços e atendimento.

Indicadores de evolução positiva

- completamento quase total das zonas funcionais
- assento no Conselho Pedagógico
- realização de avaliação através de, sobretudo, da recolha de dados estatísticos e inquéritos

Indicadores divergentes da evolução positiva

- inexistência de uma zona de Produção Gráfica

- inexistência quer de arrecadação quer de Gabinete de gestão
- falta de formação dos docentes da equipa bem como do coordenador
- inexistência de uma AAE na equipa
- inexistência de dotação orçamental
- tratamento documental deficitário

ESCOLA 8	
Ano de integração na RBE: 2000	Tipo de candidatura: Nacional
Apoios: 0	Número de alunos: > 1000

QUESTIONÁRIO 2000	QUESTIONÁRIO 2006
1. Área: 131 m2	1. Área: (Não indicada)
2. Espaço: espaços dispersos	2. Espaço: espaços dispersos
3. Zonas funcionais:	3. Zonas funcionais:
Balcão <input checked="" type="checkbox"/>	Balcão <input checked="" type="checkbox"/>
Leitura informal <input checked="" type="checkbox"/>	Leitura informal <input checked="" type="checkbox"/>
Leitura de documentos <input checked="" type="checkbox"/>	Leitura de documentos <input checked="" type="checkbox"/>
Leitura audio <input checked="" type="checkbox"/>	Leitura áudio <input checked="" type="checkbox"/>
Leitura vídeo	Leitura vídeo <input checked="" type="checkbox"/>
Leitura multimedia <input checked="" type="checkbox"/>	Leitura multimedia <input checked="" type="checkbox"/>
Internet <input checked="" type="checkbox"/>	Internet <input checked="" type="checkbox"/>
Trabalho em grupo <input checked="" type="checkbox"/>	Trabalho em grupo <input checked="" type="checkbox"/>
Produção gráfica <input checked="" type="checkbox"/>	Produção gráfica <input checked="" type="checkbox"/>
4. Outras zonas funcionalmente ligadas	4. Outras zonas funcionalmente ligadas
Clubes <input checked="" type="checkbox"/>	Clubes <input checked="" type="checkbox"/>
Jornal <input checked="" type="checkbox"/>	Jornal <input checked="" type="checkbox"/>
Rádio	Rádio
Arrecadação	Arrecadação
Gabinete de gestão	Gabinete de gestão
Sala de estudo <input checked="" type="checkbox"/>	Sala de estudo
Sala de informática	Sala de informática <input checked="" type="checkbox"/>
	Outras: Ludoteca <input checked="" type="checkbox"/>
5. Ligação à comunidade Sim	5. Ligação à comunidade Não
Escolas <input checked="" type="checkbox"/>	Escolas
Instituições locais	Instituições locais
Ass. Pais e Enc. Educ. <input checked="" type="checkbox"/>	Ass. Pais e Enc. Educ.
Bib. Municipal/SABE <input checked="" type="checkbox"/>	Bib. Municipapl/SABE
6. Coordenador no Cons. Pedagógico <input checked="" type="checkbox"/>	6. Coordenador no Cons. Pedagógico <input checked="" type="checkbox"/>
7. BE/CRE	7. BE/CRE
No Projecto Educativo <input checked="" type="checkbox"/>	No Projecto Educativo
No Plano de Actividades da Escola <input checked="" type="checkbox"/>	No Plano de Actividades da Escola

8. Equipa Professores: 5 Aux. Acção Educativa: 1		8. Equipa Professores: 3 Aux. Acção Educativa: 0	
9. Formação		9. Formação	
9. 1. Número de prof. 1 a 5		9. 1. Número de prof. 0	
9. 1.1. Áreas de formação Org. e Gestão da BE Ciências Documentais Comunicação Educacional Multimédia Animação Cultural TIC Outra: Documentação e Animação <input checked="" type="checkbox"/>		9. 1.1. Áreas de formação Org. e Gestão da BE Ciências Documentais Comunicação Educacional Multimédia Animação Cultural TIC	
9.2. N.º de AAE com formação 1 a 2		9.2. N.º de AAE com formação 0	
9.2.1. Áreas de formação Org. e Gestão da BE TIC Técnico BAD Relações interpessoais Animação da Leitura Outra: Gestão e dinamização da BE/CRE <input checked="" type="checkbox"/>		9.2.1. Áreas de formação Org. e Gestão da BE TIC Técnico BAD Relações interpessoais Animação da Leitura	
9.2.2. Hab. Académicas 4º Ano 6º Ano 9º Ano <input checked="" type="checkbox"/> 11º/ 12º Ano		9.2.2. Hab. Académicas 4º Ano 6º Ano 9º Ano 11º/ 12º Ano	
10. Coordenador		10. Coordenador	
10.1. Formação Org. e Gestão da BE Trat. Documental/ Ciênc. Documentais Com. Educacional Multimédia Promoção da leitura Animação Cultural TIC <input checked="" type="checkbox"/> Gestão de Equipamentos Formação para as literacias		10.1. Formação *Org. e Gestão da BE <input checked="" type="checkbox"/> *Trat. Documental/ Ciênc. Documentais <input checked="" type="checkbox"/> Com. Educacional Multimédia Promoção da leitura Animação Cultural TIC Gestão de Equipamentos Formação para as literacias * Formação Contínua	
10. 2. N.º de horas de formação < 50h 50h- 150h <input checked="" type="checkbox"/> > 150h		10. 2. N.º de horas de formação < 50h 50h- 150h > 150h <input checked="" type="checkbox"/> > 250h	
11. Fundo Documental		11. Fundo Documental	
Existente	Adq. no ano em curso	Existente	Adq. No ano em curso
Não ficção 573	Não ficção 45	Não ficção 251	Não ficção 3
Ficção 983	Ficção 60	Ficção 1544	Ficção 0
CD 0	CD 2	CD 110	CD 0
Vídeo 92	Vídeo 0	Vídeo 250	Vídeo 20
CD ROM 52	CD ROM 2	CD ROM 10	CD ROM 6
Periódicos 1	Periódicos 6	Periódicos 7	Periódicos 4
11. 1. Tratamento Documental Registo 100%		11. 1. Tratamento Documental Registo 100%	

Classificação 100% Catalogação manual 100% Catalogação automatizada 100% Indexação 100%	Classificação 100% Catalogação manual Catalogação automatizada 100% Indexação
12. Orçamento Fixo <input checked="" type="checkbox"/> Casuístico	12. Orçamento Fixo <input checked="" type="checkbox"/> Casuístico
12. 1. Proveniência Orçamento da escola <input checked="" type="checkbox"/> Receitas da BE Autarquia Projectos específicos	12. 1. Proveniência Orçamento da escola <input checked="" type="checkbox"/> Receitas da BE <input checked="" type="checkbox"/> Autarquia Projectos específicos
12.2. Valor gasto no ano em curso €500- € 2500	12.2. Valor gasto no ano em curso (não indicado)
13. Abertura da BE	13. Abertura da BE
13.1. N° de horas semanal 42 h	13.1. N° de horas semanal (não indicado)
13.2. Diária Sem fecho ao almoço <input checked="" type="checkbox"/> Com fecho ao almoço	13.2. Diária Sem fecho ao almoço Com fecho ao almoço (encerra alguns tempos lectivos)
14. Actividades mais relevantes de acordo com o n° de horas semanais dispendido	14. Actividades mais relevantes de acordo com o n° de horas semanais dispendido
Criação/reestruturação de espaços	Criação/reestruturação de espaços <input checked="" type="checkbox"/>
Sel., org. e tratamento documental <input checked="" type="checkbox"/>	Sel., org. e tratamento documental
Apoio a activ. Curriculares <input checked="" type="checkbox"/>	Apoio a activ curriculares <input checked="" type="checkbox"/>
Animação cultural	Animação cultural
Formação de utilizadores	Formação de utilizadores
Planeamento e avaliação	Planeamento e avaliação
15. Auto-avaliação global Fraco/Insuficiente Razoável Bom Muito Bom <input checked="" type="checkbox"/>	15. Auto-avaliação global Fraco/Insuficiente Razoável Bom <input checked="" type="checkbox"/> Muito Bom

Processo evolutivo

A biblioteca, em 2000 (ano da sua entrada na RBE, por meio de Candidatura Nacional), ocupava espaços dispersos num total de 131m²; em 2006, permanece em espaços dispersos e a área não é indicada. Tendo em conta que a sua população estudantil ultrapassa os mil alunos, consideramos uma área muito restrita se não foi feito, entretanto, qualquer alargamento.

No período de seis anos, a biblioteca cresceu em zonas funcionais, colmatando a falta da zona de Leitura Vídeo e acrescentando uma zona de Trabalho Individual. Em 2006, mantém ligação com Clubes e jornal escolar, perde a articulação com a Sala de

Estudo mas ganha a ligação com uma Ludoteca e uma Sala de Informática. Verifica-se a inexistência de um espaço de arrecadação e de um Gabinete para o trabalho de gestão.

Em 2006, já não se verifica a ligação a escolas, Associação de Pais e Encarregados de Educação e Biblioteca Municipal que existia em 2000, o que configura um caso de retrocesso no seu processo evolutivo.

O coordenador passou a integrar o Conselho Pedagógico e a biblioteca figura em documentos fundamentais como o PEE, o PCE e o RI. Embora não saibamos em que termos é feita essa referência, consideramos que é um passo importante no sentido da integração efectiva da biblioteca no tecido escolar.

Houve retrocesso no que se refere a elementos docentes da equipa com formação: se, em 2000, existia um, em 2006 nenhum possui. O coordenador tem alguma formação, mais de 150h, em Organização e Gestão e Tratamento Documental, obtida através da Formação Contínua. Não há qualquer referência a AAE, em 2006. Este facto deve explicar o encerramento em alguns tempos lectivos e a não indicação do número de horas de abertura semanal.

O Fundo Documental, com números bastante baixos em 2000, cresceu muito pouco em seis anos, situando-se num ratio documento/aluno muito abaixo das referências quer do Gabinete quer da IASL. O Tratamento Documental atinge uma taxa de execução de 100% embora tenha havido um retrocesso no que toca a Indexação (100% em 2000 e 0% em 2006).

É caso singular mas esta biblioteca mantém uma dotação orçamental fixa, proveniente do orçamento de escola à qual junta receitas próprias.

As actividades preponderantes eram, em 2000, a selecção, organização e tratamento documental e apoio a actividades curriculares; em 2006, esta última mantém-se a par de criação e reestruturação de espaços.

A auto-avaliação desce de Muito Bom para Bom, em 2006.

Indicadores de evolução positiva

- existência de todas as zonas funcionais
- manutenção da articulação com os clubes e jornal escolar
- aumento da formação do coordenador

- tratamento documental efectuado (com excepção da Indexação)
- existência de uma dotação orçamental fixa
- assento do coordenador no Conselho Pedagógico
- inclusão da biblioteca nos documentos fundamentais da escola

Indicadores divergentes da evolução positiva

- docentes da equipa sem formação
- inexistência de um AAE na biblioteca
- encerramento da biblioteca em alguns tempos lectivos
- colecção com um crescimento muito pouco significativo
- inexistência de qualquer tipo de avaliação interna

ESCOLA 9	
Ano de integração na RBE: 2000	Tipo de candidatura: Concelhia
Apoios: 0	Número de alunos: 751 -1000

QUESTIONÁRIO 2000	QUESTIONÁRIO 2006
1. Área: 140 m2	1. Área: < 90 m2
2. Espaço: único	2. Espaço: único
3. Zonas funcionais:	3. Zonas funcionais:
Balcão <input checked="" type="checkbox"/>	Balcão <input checked="" type="checkbox"/>
Leitura informal <input checked="" type="checkbox"/>	Leitura informal <input checked="" type="checkbox"/>
Leitura de documentos <input checked="" type="checkbox"/>	Leitura de documentos <input checked="" type="checkbox"/>
Leitura audio <input checked="" type="checkbox"/>	Leitura áudio <input checked="" type="checkbox"/>
Leitura video <input checked="" type="checkbox"/>	Leitura vídeo <input checked="" type="checkbox"/>
Leitura multimedia <input checked="" type="checkbox"/>	Leitura multimedia <input checked="" type="checkbox"/>
Internet <input checked="" type="checkbox"/>	Internet <input checked="" type="checkbox"/>
Trabalho em grupo <input checked="" type="checkbox"/>	Trabalho em grupo <input checked="" type="checkbox"/>
Produção gráfica	Produção gráfica
4. Outras zonas funcionalmente ligadas	4. Outras zonas funcionalmente ligadas
Clubes	Clubes
Jornal	Jornal
Rádio	Rádio
Arrecadação <input checked="" type="checkbox"/>	Arrecadação
Gabinete de gestão	Gabinete de gestão
Sala de estudo	Sala de estudo
Sala de informática	Sala de informática
5. Ligação à comunidade Não	5. Ligação à comunidade Não
Escolas	Escolas

Instituições locais		Instituições locais	
Ass. Pais e Enc. Educ.		Ass. Pais e Enc. Educ.	
Bib. Municipal/SABE		Bib. Municipapl/SABE	
6. Coordenador no Cons. Pedagógico <input checked="" type="checkbox"/>		6. Coordenador no Cons. Pedagógico <input checked="" type="checkbox"/>	
7. BE/CRE No Projecto Educativo <input checked="" type="checkbox"/> No Plano de Actividades da Escola <input checked="" type="checkbox"/>		7. BE/CRE No Projecto Educativo No Plano de Actividades da Escola	
8. Equipa Professores: 3 Aux. Acção Educativa: 3		8. Equipa Professores: 3 Aux. Acção Educativa: 2	
9. Formação		9. Formação	
9. 1. Número de prof. 1 a 5		9. 1. Número de prof. 1 a 5	
9. 1.1. Áreas de formação Org. e Gestão da BE Ciências Documentais <input checked="" type="checkbox"/> Comunicação Educacional Multimédia Animação Cultural <input checked="" type="checkbox"/> TIC <input checked="" type="checkbox"/> Outra: Documentação e Animação <input checked="" type="checkbox"/> Outra: Documentação/Animação <input checked="" type="checkbox"/>		9. 1.1. Áreas de formação Org. e Gestão da BE <input checked="" type="checkbox"/> Ciências Documentais <input checked="" type="checkbox"/> Comunicação Educacional Multimédia Animação Cultural <input checked="" type="checkbox"/> TIC <input checked="" type="checkbox"/> Outra: Promoção da leitura/Gestão de Equipamentos <input checked="" type="checkbox"/>	
9.2. N.º de AAE com formação 1 a 2		9.2. N.º de AAE com formação 1 a 2	
9.2.1. Áreas de formação Org. e Gestão da BE <input checked="" type="checkbox"/> TIC Técnico BAD Relações interpessoais Animação da leitura		9.2.1. Áreas de formação Org. e Gestão da BE <input checked="" type="checkbox"/> TIC <input checked="" type="checkbox"/> Técnico BAD Relações interpessoais <input checked="" type="checkbox"/> Animação da leitura	
9.2.2. Hab. Académicas 4º Ano 6º Ano 9º Ano <input checked="" type="checkbox"/> 11º/ 12º Ano <input checked="" type="checkbox"/>		9.2.2. Hab. Académicas 4º Ano 6º Ano 9º Ano <input checked="" type="checkbox"/> 11º/ 12º Ano <input checked="" type="checkbox"/>	
10. Coordenador		10. Coordenador	
10.1. Formação Org. e Gestão da BE Trat. Documental/ Ciênc. Documentais Com. Educacional Multimédia Promoção da leitura Animação Cultural TIC <input checked="" type="checkbox"/> Gestão de Equipamentos Formação para as literacias		10.1. Formação *Org. e Gestão da BE <input checked="" type="checkbox"/> *Trat. Documental/ Ciênc. Documentais <input checked="" type="checkbox"/> *Com. Educacional Multimédia <input checked="" type="checkbox"/> * Promoção da leitura <input checked="" type="checkbox"/> * Animação Cultural <input checked="" type="checkbox"/> * TIC <input checked="" type="checkbox"/> Gestão de Equipamentos *Formação para as literacias <input checked="" type="checkbox"/> * Formação Contínua	
10. 2. N.º de horas de formação < 50h 50h- 150h <input checked="" type="checkbox"/> > 150h		10. 2. N.º de horas de formação < 50h 50h- 150h > 150h > 250h <input checked="" type="checkbox"/>	
11. Fundo Documental		11. Fundo Documental	
Existente	Adq. no ano em curso	Existente	Adq. No ano em curso
Não ficção 20	Não ficção 3625	Não ficção 585	Não ficção 22

Ficção 255	Ficção 475	Ficção 4292	Ficção 164
CD 45	CD 0	CD 126	CD 0
Vídeo 158	Vídeo 0	Vídeo 279	Vídeo 2
CD ROM 72	CD ROM 0	CD ROM 181	CD ROM 32
Periódicos 8	Periódicos 0	Periódicos 16	Periódicos 2
11. 1. Tratamento Documental Registo 100% Classificação 100% Catalogação manual 100% Catalogação automatizada 0% Indexação 100%		11. 1. Tratamento Documental Registo (não indicado) Classificação 100% Catalogação manual 100% Catalogação automatizada 25% Indexação 0%	
12. Orçamento Fixo Casuístico <input checked="" type="checkbox"/>		12. Orçamento Fixo Casuístico <input checked="" type="checkbox"/>	
12. 1. Proveniência Orçamento da escola <input checked="" type="checkbox"/> Receitas da BE Autarquia Projectos específicos		12. 1. Proveniência Orçamento da escola <input checked="" type="checkbox"/> Receitas da BE <input checked="" type="checkbox"/> Autarquia Projectos específicos	
12.2. Valor gasto no ano em curso €500- € 2500		12.2. Valor gasto no ano em curso €500	
13. Abertura da BE		13. Abertura da BE	
13.1. N° de horas semanal 50 h		13.1. N° de horas semanal 47 h	
13.2. Diária Sem fecho ao almoço <input checked="" type="checkbox"/> Com fecho ao almoço		13.2. Diária Sem fecho ao almoço <input checked="" type="checkbox"/> Com fecho ao almoço	
14. Actividades mais relevantes de acordo com o n° de horas semanais dispendido		14. Actividades mais relevantes de acordo com o n° de horas semanais dispendido	
Criação/reestruturação de espaços <input checked="" type="checkbox"/>		Criação/reestruturação de espaços	
Sel., org. e tratamento documental <input checked="" type="checkbox"/>		Sel., org. e tratamento documental	
Apoio a activ. Curriculares		Apoio a activ curriculares <input checked="" type="checkbox"/>	
Animação cultural		Animação cultural <input checked="" type="checkbox"/>	
Formação de utilizadores		Formação de utilizadores	
Planeamento e avaliação		Planeamento e avaliação	
15. Auto-avaliação global Fraco/Insuficiente Razoável Bom Muito Bom <input checked="" type="checkbox"/>		15. Auto-avaliação global Fraco/Insuficiente Razoável Bom Muito Bom <input checked="" type="checkbox"/>	

Processo evolutivo

Esta escola tem uma população estudantil entre 751-1000 indivíduos e uma área de biblioteca (espaço único) que sofreu uma drástica redução se aceitarmos os números indicados: 140m2 em 2000 e menos de 90m2 em 2006.

Quanto a zonas funcionais, mantém-se, em 2006, a inexistência da zona de Produção Gráfica mas, por outro lado, conta com uma zona de Trabalho Individual e de

Jogos. Em 2000, existia uma arrecadação que já não é referida no questionário de 2006 e não conta com um Gabinete de Gestão.

Ao fim de seis anos de integração na RBE, ainda não estabeleceram ligações com a comunidade o que é tanto mais grave quanto se sabe que a partilha de saberes, experiências, recursos técnicos, humanos e financeiros são mais-valias que as instituições devem fomentar e instituir como boas práticas.

A equipa de trabalho integra um número de elementos (docentes e AAE) bastante razoável (três e dois, respectivamente) e com formação acima da média. No conjunto dos docentes, a formação percorre a Organização e Gestão, Tratamento Documental, Animação Cultural, TIC, Promoção da Leitura e Gestão de Equipamentos. Os dois AAE têm formação em Organização e Gestão, TIC e Relações Interpessoais e, como habilitações o 9º e o 11º anos. O coordenador, por sua vez, fez mais de 250H de Formação Contínua em Organização e Gestão, Tratamento Documental, Comunicação Educacional, Promoção da Leitura, Animação Cultural. TIC e Formação para as Literacias.

O Fundo Documental registou um crescimento mais significativo na área das obras de não ficção, em suporte papel, estando, nos restantes suportes, com uma evolução pouco expressiva, tendo em conta a sua população escolar. Verifica-se, aliás, um dado curioso: em 2000, o total de obras de ficção era de 3 645 e, em 2006 era de, apenas, 607. Não podemos especular mas, a verdade, é que também não há qualquer indicação da percentagem de registo efectuado, em 2006. O seu tratamento revela fragilidades, concretamente no que toca ao Registo; a Classificação e a Catalogação manual mantêm-se nos 100%, surge a Catalogação automatizada com 25% e a Indexação é inexistente. Com uma equipa de cinco elementos (sem contar com o coordenador) com formação, parece-nos que se poderia ter avançado mais, pois um Catálogo actualizado é da maior importância para os utentes nas suas pesquisas e listagens de bibliografia.

Como sucede na maioria das escolas, não há dotação financeira fixa, e os valores gastos tanto em 2000 como em 2006 são baixos: € 500-€ 2500 e € 500, respectivamente. A biblioteca gera algumas receitas próprias.

Esta biblioteca tinha uma abertura semanal de 50h e reduziu para 47h, sem encerramento no período do almoço.

Em 2000, as duas actividades que consumiram maior número de horas formação e reestruturação de espaços e selecção, organização e tratamento documental e, em 2006, são as actividades de apoio curricular e animação cultural que se destacam.

Embora a actividade de planeamento e avaliação não se situe entre aquelas que exigem mais dispêndio de tempo, já se fez avaliação interna, referente ao fundo documental, equipamentos, serviços e atendimento com base em dados estatísticos. A auto-avaliação é de Muito Bom em ambos os questionários.

Indicadores de evolução positiva

- formação específica dos elementos docentes da equipa;
- formação específica dos dois AAE
- formação específica do coordenador, superior a 250H;
- número de horas semanais de abertura sem encerramento no período do almoço

Indicadores divergentes da evolução positiva

- área disponível muito abaixo das necessidades porque tem uma elevada população escolar;
- inexistência da zona de Produção Gráfica;
- inexistência de uma arrecadação e de um Gabinete de Gestão;
- falta de ligação à comunidade;
- dotação orçamental casuística e de valores bastantes baixos;
- fundo documental com crescimento muito lento
- tratamento documental com bastantes fragilidades

ESCOLA 10 Ano de integração na RBE: 1998 Apoios: 2004	Tipo de candidatura: Concelhia Número de alunos: > 1000
--	---

QUESTIONÁRIO 2000	QUESTIONÁRIO 2006
1. Área: 140 m ²	1. Área: < 90 m ²
2. Espaço: único	2. Espaço: único
3. Zonas funcionais:	3. Zonas funcionais:

Balcão <input checked="" type="checkbox"/>	Balcão <input checked="" type="checkbox"/>
Leitura informal <input checked="" type="checkbox"/>	Leitura informal <input checked="" type="checkbox"/>
Leitura de documentos <input checked="" type="checkbox"/>	Leitura de documentos <input checked="" type="checkbox"/>
Leitura audio	Leitura áudio <input checked="" type="checkbox"/>
Leitura video	Leitura vídeo <input checked="" type="checkbox"/>
Leitura multimédia	Leitura multimédia <input checked="" type="checkbox"/>
Internet	Internet <input checked="" type="checkbox"/>
Trabalho em grupo	Trabalho em grupo
Produção gráfica	Produção gráfica
4. Outras zonas funcionalmente ligadas	4. Outras zonas funcionalmente ligadas
Clubes	Clubes
Jornal	Jornal
Rádio	Rádio
Arrecadação	Arrecadação
Gabinete de gestão	Gabinete de gestão
Sala de estudo <input checked="" type="checkbox"/>	Sala de estudo <input checked="" type="checkbox"/>
Sala de informática	Sala de informática
Outras: Depósito de livros e zona de vídeo (ao mesmo tempo)	
5. Ligação à comunidade	5. Ligação à comunidade
Não	Sim
Escolas	Escolas <input checked="" type="checkbox"/>
Instituições locais	Instituições locais
Ass. Pais e Enc. Educ .	Ass. Pais e Enc. Educ.
Bib. Municipal/SABE	Bib. MunicipaI/SABE <input checked="" type="checkbox"/>
6. Coordenador no Cons. Pedagógico	6. Coordenador no Cons. Pedagógico <input checked="" type="checkbox"/>
7. BE/CRE	7. BE/CRE
No Projecto Educativo <input checked="" type="checkbox"/>	No Projecto Educativo
No Plano de Actividades da Escola <input checked="" type="checkbox"/>	No Plano de Actividades da Escola
8. Equipa	8. Equipa
Professores: 1	Professores: 3
Aux. Acção Educativa: 2	Aux. Acção Educativa: 1
9. Formação	9. Formação
9. 1. Número de prof. 0	9. 1. Número de prof. 1 a 5
9. 1.1. Áreas de formação	9. 1.1. Áreas de formação
Org. e Gestão da BE	Org. e Gestão da BE <input checked="" type="checkbox"/>
Ciências Documentais	Ciências Documentais <input checked="" type="checkbox"/>
Comunicação Educacional Multimédia	Comunicação Educacional Multimédia
Animação Cultural	Animação Cultural
TIC	TIC
9.2. N° de AAE com formação 1 a 2	9.2. N° de AAE com formação 1 a 2
9.2.1. Áreas de formação	9.2.1. Áreas de formação
Org. e Gestão da BE <input checked="" type="checkbox"/>	Org. e Gestão da BE
TIC <input checked="" type="checkbox"/>	TIC
Técnico BA <input checked="" type="checkbox"/>	Técnico BAD
Relações interpessoais	Relações interpessoais
Animação da leitura	Animação da leitura (não indicada)
9.2.2. Hab. Académicas	9.2.2. Hab. Académicas
4º Ano	4º Ano
6º Ano	6º Ano

9º Ano 11º/ 12º Ano (não indicada)		9º Ano 11º/ 12º Ano <input checked="" type="checkbox"/>	
10. Coordenador		10. Coordenador	
10.1. Formação Org. e Gestão da BE Trat. Documental/ Ciênc. Documentais Com. Educacional Multimédia Promoção da leitura Animação Cultural TIC Gestão de Equipamentos Formação para as literacias (não indicada)		10.1. Formação *Org. e Gestão da BE <input checked="" type="checkbox"/> **Trat. Documental/ Ciênc. Documentais <input checked="" type="checkbox"/> Com. Educacional Multimédia Promoção da leitura Animação Cultural TIC Gestão de Equipamentos **Formação para as literacias <input checked="" type="checkbox"/> * Formação Contínua ** Auto Formação	
10. 2. N.º de horas de formação < 50h 50h- 150h > 150h (não indicado)		10. 2. N.º de horas de formação < 50h 50h- 150h > 150h > 150h <input checked="" type="checkbox"/>	
11. Fundo Documental		11. Fundo Documental	
Existente	Adq. no ano em curso	Existente	Adq. No ano em curso
	Não ficção 1339		
	Ficção 2841		
	CD 0		
	Vídeo 0		
	CD ROM 0		
(não indicado)	Periódicos 0	(não indicado)	(não indicado)
11. 1. Tratamento Documental Registo 100% Classificação 100% Catalogação manual 100% Catalogação automatizada 100% Indexação 0%		11. 1. Tratamento Documental Registo 75% Classificação 100% Catalogação manual Catalogação automatizada 25% Indexação 75%	
12. Orçamento Fixo Casuístico <input checked="" type="checkbox"/>		12. Orçamento Fixo Casuístico <input checked="" type="checkbox"/>	
12. 1. Proveniência Orçamento da escola <input checked="" type="checkbox"/> Receitas da BE <input checked="" type="checkbox"/> Autarquia Projectos específicos		12. 1. Proveniência Orçamento da escola <input checked="" type="checkbox"/> Receitas da BE <input checked="" type="checkbox"/> Autarquia Projectos específicos	
12.2. Valor gasto no ano em curso €500		12.2. Valor gasto no ano em curso (não indicado)	
13. Abertura da BE		13. Abertura da BE	
13.1. Nº de horas semanal 45 h		13.1. Nº de horas semanal 40 h	
13.2. Diária Sem fecho ao almoço <input checked="" type="checkbox"/> Com fecho ao almoço		13.2. Diária Sem fecho ao almoço Com fecho ao almoço <input checked="" type="checkbox"/>	

14. Actividades mais relevantes de acordo com o nº de horas semanais dispendido	14. Actividades mais relevantes de acordo com o nº de horas semanais dispendido
Criação/reestruturação de espaços	Criação/reestruturação de espaços
Sel., org. e tratamento documental <input checked="" type="checkbox"/>	Sel., org. e tratamento documental <input checked="" type="checkbox"/>
Apoio a activ. Curriculares <input checked="" type="checkbox"/>	Apoio a activ curriculares <input checked="" type="checkbox"/>
Animação cultural <input checked="" type="checkbox"/>	Animação cultural
Formação de utilizadores	Formação de utilizadores
Planeamento e avaliação	Planeamento e avaliação
15. Auto-avaliação global	15. Auto-avaliação global
Fraco/Insuficiente	Fraco/Insuficiente
Razoável <input checked="" type="checkbox"/>	Razoável
Bom	Bom <input checked="" type="checkbox"/>
Muito Bom	Muito Bom

Processo evolutivo

Integra a RBE desde 1998 através de Candidatura Concelhia, tendo já recebido novo apoio em 2004. Para uma população escolar de mais de mil alunos, a área da biblioteca disponível aos utentes é, em 2006, de menos de 90m² ocupando salas interligadas, facto que estranhámos pois, em 2000, indicava uma área de 130m² num espaço único. Por outro lado, e isto é um indicador de que a área deve estar mal calculada, as zonas funcionais que eram só três, Recepção, Leitura Informal e Leitura de documentos, passaram a sete, em 2006, mantendo-se ainda sem zona para Trabalho de Grupo e Produção Gráfica. No que toca a outros espaços funcionalmente articulados, havia uma Sala de Estudo e um espaço muito ‘singular’: depósito de livros e Leitura Vídeo, um convívio improvável... Em 2006, mantém-se a Sala de Estudo e a Sala de Informática surge ligada à biblioteca. Não há referência ao depósito de livros, nem a uma arrecadação e gabinete de trabalho. Estamos em presença de mais um caso em que, decorridos nove anos de integração, se mantém uma situação indiciadora de um funcionamento precário a nível da gestão, organização e tratamento documental. Reafirmamos que a criação de espaços de trabalho devia ser encarada na perspectiva das Directrizes da IFLA²⁷ que refere a necessidade de se prever “zona administrativa para balcão de empréstimo, trabalho interno, espaço para tratamento de documentos multimédia, armazenamento de equipamento audiovisual, e espaço de depósito de materiais.” (p:7)

²⁷ Directrizes da IFLA para Bibliotecas Escolares, 2002, versão em português (Portugal), 2006, trad. Maria José Vitorino

A ligação à comunidade, nomeadamente com outras escolas, o SABE e a autarquia para partilha de recursos, tratamento documental e formação, é uma realidade em 2006, ao contrário de 2000 que era inexistente.

Em 2000, o coordenador não tinha assento no Conselho Pedagógico, sendo já membro em 2006 e encontrando-se a biblioteca referenciada em dois documentos basilares: Projecto Educativo de Escola e Plano de Actividades de Escola.

A nível da equipa verificou-se uma assinalável melhoria a nível dos docentes: passou de um, sem formação específica, para três docentes com formação em Organização e Gestão e Tratamento Documental. O próprio coordenador não indica qualquer formação em 2000 mas, em 2006, assinala que possui mais de 250h de Formação Contínua em Organização e Gestão e que fez autoformação em Tratamento Documental e Formação para as Literacias. O número de AAE baixa de dois para um, que tem o 11º ano mas nenhuma formação mais específica na área das bibliotecas. Segundo o questionário de 2000, um AAE tinha a formação BAD e em TIC e outro AAE tinha formação em TIC e em Organização e Gestão.

A nível documental, fundo e tratamento, em ambos os questionários constatamos fragilidades e incoerências. Assim, em 2000, não se indicava qual o número de documentos existentes nos vários suportes e, no respeitante a aquisições, assinalava-se apenas, os documentos livro adquiridos, num total de 4 180 unidades mas, a nível de tratamento documental as operações (com excepção da indexação) estavam realizadas a 100%; em 2006, não se dão indicações quantitativas sobre a colecção mas afirma-se que o Registo e a Indexação estão completos a 75%, a Classificação a 100% e a Catalogação Automatizada está só 25% concluída. Ora, parece-nos que não é crível que haja um percentagem maior de documentos classificados do que registados ou que haja o triplo de documentos indexados que os catalogados...

O orçamento tem-se mantido casuístico, com verbas oriundas do orçamento de escola e receitas da própria biblioteca mas que não atingem os €500, em 2000, e em 2006 a verba é proveniente da receita da biblioteca, de outra fonte, não indicada, e da RBE (não indicação de valores). Como temos vindo a constatar, esta é mais uma das fragilidades das bibliotecas: funcionam sem que os órgãos de gestão das escolas (com destaque para o Conselho Administrativo e para órgão máximo que é a Assembleia de escola) compreendam a necessidade imperiosa de dotar aquela estrutura educativa de

verbas capazes de permitir uma actualização da colecção e a assunção de outras despesas inerentes ao seu bom funcionamento. Recorrendo, de novo, ao documento da IFLA, encontramos um capítulo só para esta questão e onde se recomenda que o orçamento da biblioteca seja “pelo menos, de cerca de 5% do valor da despesa por aluno” e que o mesmo se deve destinar a novos documentos, material promocional, materiais de consumo e administrativos, eventos, equipamento, licenças (se não estiverem incluídas no orçamento de escola) e software.

Esta biblioteca reduziu o seu tempo semanal de abertura de 45h para 40h e passou a encerrar no período do almoço.

As actividades mais relevantes, em termos de investimento de tempo, forma, em 2000, a selecção, organização e tratamento documental, apoio a actividades curriculares e animação cultural; em 2006, mantêm-se só as duas primeiras como mais absorventes.

Neste cenário, não muito animador, a autoavaliação passa de Razoável para Bom com indicação de que tem procedido à avaliação interna no que respeita a leitura domiciliária, quantidade/qualidade dos recursos, acesso aos mesmos, qualidade de serviços e atendimento e relação quantidade/qualidade de equipamentos.

Indicadores de evolução positiva

- Existência de (quase) todas as zonas funcionais
- A formação dos elementos da equipa
- A formação do coordenador
- Presença do coordenador no Conselho Pedagógico
- Referência da biblioteca no Projecto Educativo de escola e Plano de Actividades
- A ligação cooperativa com a comunidade, nomeadamente escolas, SABE e autarquia
- A realização de avaliação interna

Indicadores divergentes da evolução positiva

- Área exígua
- Inexistência de uma arrecadação
- Inexistência de um Gabinete de trabalho

- Inexistência de orçamento fixo
- Diminuição do número de AAE e sem formação
- Diminuição do número de horas de abertura semanal
- Encerramento à hora do almoço
- Tratamento documental feito de forma desorganizada

ESCOLA 11	
Ano de integração na RBE: 2000	Tipo de candidatura: Concelhia
Apoios: 0	Número de alunos: (não indicado)

QUESTIONÁRIO 2000	QUESTIONÁRIO 2006
1. Área: 180 m2	1. Área: 150-180 m2
2. Espaço: salas interligadas	2. Espaço: salas interligadas
3. Zonas funcionais:	3. Zonas funcionais:
Balcão <input checked="" type="checkbox"/>	Balcão <input checked="" type="checkbox"/>
Leitura informal <input checked="" type="checkbox"/>	Leitura informal <input checked="" type="checkbox"/>
Leitura de documentos <input checked="" type="checkbox"/>	Leitura de documentos <input checked="" type="checkbox"/>
Leitura audio <input checked="" type="checkbox"/>	Leitura áudio <input checked="" type="checkbox"/>
Leitura video <input checked="" type="checkbox"/>	Leitura vídeo <input checked="" type="checkbox"/>
Leitura multimedia <input checked="" type="checkbox"/>	Leitura multimedia <input checked="" type="checkbox"/>
Internet <input checked="" type="checkbox"/>	Internet <input checked="" type="checkbox"/>
Trabalho em grupo <input checked="" type="checkbox"/>	Trabalho em grupo <input checked="" type="checkbox"/>
Produção gráfica <input checked="" type="checkbox"/>	Produção gráfica <input checked="" type="checkbox"/>
4. Outras zonas funcionalmente ligadas	4. Outras zonas funcionalmente ligadas
Clubes	Clubes
Jornal	Jornal
Rádio	Rádio
Arrecadação	Arrecadação
Gabinete de gestão	Gabinete de gestão
Sala de estudo	Sala de estudo <input checked="" type="checkbox"/>
Sala de informática	Sala de informática <input checked="" type="checkbox"/>
5. Ligação à comunidade Sim	5. Ligação à comunidade Sim
Escolas <input checked="" type="checkbox"/>	Escolas <input checked="" type="checkbox"/>
Instituições locais	Instituições locais
Ass. Pais e Enc. Educ .	Ass. Pais e Enc. Educ.
Bib. Municipal/SABE	Bib Municipapl/SABE Outra: Projecto Escolhas
6. Coordenador no Cons. Pedagógico <input checked="" type="checkbox"/>	6. Coordenador no Cons. Pedagógico <input checked="" type="checkbox"/>
7. BE/CRE	7. BE/CRE
No Projecto Educativo <input checked="" type="checkbox"/>	No Projecto Educativo
No Plano de Actividades da Escola <input checked="" type="checkbox"/>	No Plano de Actividades da Escola

8. Equipa Professores:2 Aux. Acção Educativa: 1		8. Equipa Professores: (não indicado) Aux. Acção Educativa: 1	
9. Formação		9. Formação	
9. 1. Número de prof. 1 a 5		9. 1. Número de prof. 0	
9. 1.1. Áreas de formação Org. e Gestão da BE Ciências Documentais <input checked="" type="checkbox"/> Comunicação Educacional Multimédia <input checked="" type="checkbox"/> Animação Cultural TIC <input checked="" type="checkbox"/>		9. 1.1. Áreas de formação Org. e Gestão da BE Ciências Documentais Comunicação Educacional Multimédia Animação Cultural TIC	
9.2. N.º de AAE com formação 1 a 2		9.2. N.º de AAE com formação 1 a 2	
9.2.1. Áreas de formação Org. e Gestão da BE <input checked="" type="checkbox"/> TIC <input checked="" type="checkbox"/> Técnico BAD Relações interpessoais <input checked="" type="checkbox"/> Animação da leitura Outra: Acesso à Informação e à Cultura <input checked="" type="checkbox"/>		9.2.1. Áreas de formação Org. e Gestão da BE <input checked="" type="checkbox"/> TIC <input checked="" type="checkbox"/> Técnico BAD Relações interpessoais Animação da leitura <input checked="" type="checkbox"/> Outra: Animação da BE/CRE <input checked="" type="checkbox"/>	
9.2.2. Hab. Académicas 4º Ano 6º Ano 9º Ano 11º/ 12º Ano <input checked="" type="checkbox"/>		9.2.2. Hab. Académicas 4º Ano 6º Ano 9º Ano 11º/ 12º Ano <input checked="" type="checkbox"/>	
10. Coordenador		10. Coordenador	
10.1. Formação Org. e Gestão da BE Trat. Documental/ Ciênc. Documentais Com. Educacional Multimédia Promoção da leitura Animação Cultural TIC <input checked="" type="checkbox"/> Gestão de Equipamentos Formação para as literacias		10.1. Formação Org. e Gestão da BE *Trat. Documental/ Ciênc. Documentais <input checked="" type="checkbox"/> *Com. Educacional Multimédia <input checked="" type="checkbox"/> Promoção da leitura * Animação Cultural <input checked="" type="checkbox"/> TIC *Gestão de Equipamentos <input checked="" type="checkbox"/> Formação para as literacias * Formação Contínua	
10. 2. N.º de horas de formação < 50h 50h- 150h > 150h <input checked="" type="checkbox"/>		10. 2. N.º de horas de formação < 50h 50h- 150h > 150h > 250h <input checked="" type="checkbox"/>	
11. Fundo Documental		11. Fundo Documental	
Existente	Adq. no ano em curso	Existente	Adq. No ano em curso
Não ficção 2000	Não ficção 1200	Não ficção 32	Não ficção 0
Ficção 700	Ficção 300	Ficção 4250	Ficção 155
CD 103	CD 74	CD 56	CD 0
Vídeo 104	Vídeo 60	Vídeo 219	Vídeo 2
CD ROM 66	CD ROM 15	CD ROM 145	CD ROM 3
Periódicos 10	Periódicos 0	Periódicos 4	Periódicos 0

11. 1. Tratamento Documental Registo 100% Classificação 50% Catalogação manual 50% Catalogação automatizada 0% Indexação 0%	11. 1. Tratamento Documental Registo 100% Classificação 75% Catalogação manual 75% Catalogação automatizada 75% Indexação 75%
12. Orçamento Fixo <input checked="" type="checkbox"/> Casuístico	12. Orçamento Fixo <input checked="" type="checkbox"/> Casuístico
12. 1. Proveniência Orçamento da escola <input checked="" type="checkbox"/> Receitas da BE Autarquia Projectos específicos	12. 1. Proveniência Orçamento da escola <input checked="" type="checkbox"/> Receitas da BE <input checked="" type="checkbox"/> Autarquia Projectos específicos
12.2. Valor gasto no ano em curso €500 - € 2500	12.2. Valor gasto no ano em curso € 1275
13. Abertura da BE	13. Abertura da BE
13.1. N° de horas semanal 45 h	13.1. N° de horas semanal 60 h
13.2. Diária Sem fecho ao almoço <input checked="" type="checkbox"/> Com fecho ao almoço	13.2. Diária Sem fecho ao almoço <input checked="" type="checkbox"/> Com fecho ao almoço
14. Actividades mais relevantes de acordo com o n° de horas semanais dispendido	14. Actividades mais relevantes de acordo com o n° de horas semanais dispendido
Criação/reestruturação de espaços <input checked="" type="checkbox"/>	Criação/reestruturação de espaços
Sel., org. e tratamento documental <input checked="" type="checkbox"/>	Sel., org. e tratamento documental
Apoio a activ. Curriculares	Apoio a activ curriculares <input checked="" type="checkbox"/>
Animação cultural	Animação cultural
Formação de utilizadores	Formação de utilizadores <input checked="" type="checkbox"/>
Planeamento e avaliação <input checked="" type="checkbox"/>	Planeamento e avaliação
15. Auto-avaliação global Fraco/Insuficiente Razoável Bom <input checked="" type="checkbox"/> Muito Bom	15. Auto-avaliação global Fraco/Insuficiente Razoável Bom <input checked="" type="checkbox"/> Muito Bom

Processo evolutivo

De destacar que esta escola, quando respondeu ao Questionário, em 2000, tinha acabado de integrar a RBE por meio de uma Candidatura Concelhia.

Entre 2000 e 2006 não houve alteração da área da biblioteca que se mantém nos 180m2. Como não nos foi indicado o número de alunos que frequentam esta escola, não podemos estabelecer uma correlação entre espaço/ número de utentes para verificar se é adequada a área existente. A biblioteca ocupa salas interligadas e já em 2000 tinha todas as zonas funcionais, acrescentando, em 2006, uma zona de Trabalho Individual. Quanto a outras áreas, não havia nenhuma a funcionar em articulação mas, em 2006, Clubes,

jornal e rádio escolar, Sala de Estudo e Sala de Informática já se encontram interligados à biblioteca. Permanece, contudo, sem ter uma arrecadação e sem um Gabinete de Trabalho, facto que é comum na maioria das escolas por razões que não estão explícitas nas respostas e, portanto, sobre o qual não queremos especular. Já o dissemos, e insistimos de novo, que, dentro das próprias escolas, há que encontrar resposta a estas lacunas pois são impeditivas de um trabalho qualitativamente superior.

A biblioteca desenvolvia e mantém trabalho colaborativo com outras escolas, a nível de partilha de documentos, tratamento documental, animação e publicações e tem parceria no Projecto Escolhas.

O coordenador está, desde 2000, no Conselho Pedagógico e a biblioteca é referida em documentos tão importantes como o Projecto Educativo de Escola e Plano de Actividades de Escola.

A equipa de professores era de dois elementos e, em 2006, não se refere qual o número. De qualquer forma, houve retrocesso porque os docentes não têm qualquer formação, ao contrário do que sucedia em 2000, em que os professores tinham formação em Ciências Documentais, Comunicação Educacional e Multimédia e TIC. Também o coordenador aumentou significativamente a sua formação, através da Formação Contínua: Tratamento Documental, Comunicação Educacional, Animação Cultural e Gestão de Equipamentos, num total de mais de 250h.

Mantém-se um só AAE, com o 11º ano e formação em Organização e Gestão, TIC, Relações Interpessoais, Animação da Leitura e Animação em BE/CRE.

O Fundo Documental só registou um crescimento notável na área dos livros de não ficção. A título de exemplo, refira-se que em 2000 havia 1000 exemplares e em 2006, esse número ascende a 4405. O Tratamento Documental processa-se de forma consistente: 100% de Registo e 75% nas outras fases todas, aumenta-se, assim, o nível de recuperação de informação

Este é um dos raros casos em que existe uma dotação orçamental fixa que sai do Orçamento de Escola, tendo a própria biblioteca as suas fontes de receita. O valor atribuído em 2006 foi de €1275.

Houve crescimento no número de horas de abertura ao público: passou de 45h para 60h, sem encerramento no período do almoço.

Em 2000, era normal que a criação e reestruturação de espaços, selecção, organização e tratamento documental fossem actividades onde se dispndia mais tempo mas o que surpreende que já se dispndia o máximo com o planeamento e avaliação. Em 2006, as prioridades vão para formação de utilizadores e apoio a actividades curriculares, o que nos parecem estratégias muito acertadas.

A avaliação interna é um processo já percorrido com a recolha de muitas evidências da qualidade de uma série de indicadores. Na autoavaliação, esta biblioteca foi avaliada de Bom em ambos os momentos.

Indicadores de evolução positiva

- Ligação a outras escolas com partilha não só de recursos mas também de formação e publicações;
- Assento do coordenador no Conselho Pedagógico;
- Referência da biblioteca no Projecto Educativo e Plano de Actividades de escola
- Formação do coordenador
- Formação do AAE
- Crescimento das monografias, não ficção
- Aumento do número de horas de abertura semanal
- Actividades em que dispndem mais tempo
- Existência de um orçamento fixo
- Tratamento documental executado numa percentagem bastante razoável
- Realização de avaliação interna

Indicadores divergentes da evolução positiva

- Inexistência de uma zona de trabalho
- Inexistência de uma arrecadação
- Falta de formação dos professores da equipa

ESCOLA 12	
Ano de integração na RBE: 1997	Tipo de candidatura: Nacional + Concelhia
Apoios: 1998	Número de alunos: (não indicado)

QUESTIONÁRIO 2000	QUESTIONÁRIO 2006
1. Área: 328 m2	1. Área: 150-180 m2
2. Espaço: salas dispersas	2. Espaço: salas contíguas não interligadas
3. Zonas funcionais:	3. Zonas funcionais:
Balcão <input checked="" type="checkbox"/>	Balcão <input checked="" type="checkbox"/>
Leitura informal <input checked="" type="checkbox"/>	Leitura informal <input checked="" type="checkbox"/>
Leitura de documentos <input checked="" type="checkbox"/>	Leitura de documentos <input checked="" type="checkbox"/>
Leitura audio <input checked="" type="checkbox"/>	Leitura áudio <input checked="" type="checkbox"/>
Leitura video <input checked="" type="checkbox"/>	Leitura vídeo <input checked="" type="checkbox"/>
Leitura multimedia <input checked="" type="checkbox"/>	Leitura multimedia <input checked="" type="checkbox"/>
Internet <input checked="" type="checkbox"/>	Internet <input checked="" type="checkbox"/>
Trabalho em grupo <input checked="" type="checkbox"/>	Trabalho em grupo <input checked="" type="checkbox"/>
Produção gráfica <input checked="" type="checkbox"/>	Produção gráfica <input checked="" type="checkbox"/>
4. Outras zonas funcionalmente ligadas	4. Outras zonas funcionalmente ligadas
Clubes <input checked="" type="checkbox"/>	Clubes
Jornal	Jornal
Rádio <input checked="" type="checkbox"/>	Rádio
Arrecadação	Arrecadação
Gabinete de gestão	Gabinete de gestão
Sala de estudo <input checked="" type="checkbox"/>	Sala de estudo <input checked="" type="checkbox"/>
Sala de informática	Sala de informática <input checked="" type="checkbox"/>
Outras: Montagem vídeo+fotografia, sala de alunos <input checked="" type="checkbox"/>	Outra: Polivalente <input checked="" type="checkbox"/>
5. Ligação à comunidade Não	5. Ligação à comunidade Sim
Escolas	Escolas <input checked="" type="checkbox"/>
Instituições locais	Instituições locais
Ass. Pais e Enc. Educ .	Ass. Pais e Enc. Educ.
Bib. Municipal/SABE	Bib. Municipal/SABE <input checked="" type="checkbox"/>
6. Coordenador no Cons. Pedagógico	6. Coordenador no Cons. Pedagógico <input checked="" type="checkbox"/>
7. BE/CRE	7. BE/CRE
No Projecto Educativo <input checked="" type="checkbox"/>	No Projecto Educativo
No Plano de Actividades da Escola <input checked="" type="checkbox"/>	No Plano de Actividades da Escola
8. Equipa	8. Equipa
Professores: 9	Professores: 3
Aux. Acção Educativa: 1	Aux. Acção Educativa: 1
9. Formação	9. Formação
9.1. Número de prof. 1 a 5	9.1. Número de prof. 0
9.1.1. Áreas de formação	9.1.1. Áreas de formação
Org. e Gestão da BE <input checked="" type="checkbox"/>	Org. e Gestão da BE
Ciências Documentais <input checked="" type="checkbox"/>	Ciências Documentais
Comunicação Educativa Multimédia	Comunicação Educativa Multimédia
Animação Cultural	Animação Cultural
TIC	TIC
9.2. N° de AAE com formação 1 a 2	9.2. N° de AAE com formação 1 a 2
9.2.1. Áreas de formação	9.2.1. Áreas de formação
Org. e Gestão da BE <input checked="" type="checkbox"/>	Org. e Gestão da BE <input checked="" type="checkbox"/>

TIC <input checked="" type="checkbox"/> Técnico BAD Relações interpessoais Animação da leitura Outra: Técnicas documentais <input checked="" type="checkbox"/>		TIC <input checked="" type="checkbox"/> Técnico BAD Relações interpessoais <input checked="" type="checkbox"/> Animação da leitura	
9.2.2. Hab. Académicas 4º Ano 6º Ano 9º Ano 11º/ 12º Ano <input checked="" type="checkbox"/>		9.2.2. Hab. Académicas 4º Ano 6º Ano 9º Ano 11º/ 12º Ano <input checked="" type="checkbox"/>	
10. Coordenador		10. Coordenador	
10.1. Formação Org. e Gestão da BE Trat. Documental/ Ciênc. Documentais Com. Educacional Multimédia Promoção da leitura Animação Cultural TIC <input checked="" type="checkbox"/> Gestão de Equipamentos Formação para as literacias		10.1. Formação *Org. e Gestão da BE *Trat. Documental/ Ciênc. Documentais <input checked="" type="checkbox"/> *Com. Educacional Multimédia <input checked="" type="checkbox"/> * Promoção da leitura * Animação Cultural <input checked="" type="checkbox"/> *TIC <input checked="" type="checkbox"/> Gestão de Equipamentos Formação para as literacias * Formação Contínua	
10. 2. N.º de horas de formação < 50h 50h- 150h > 150h <input checked="" type="checkbox"/>		10. 2. N.º de horas de formação < 50h 50h- 150h > 150h > 250h <input checked="" type="checkbox"/>	
11. Fundo Documental		11. Fundo Documental	
Existente	Adq. no ano em curso	Existente	Adq. No ano em curso
		Não ficção 381	Não ficção 0
	Ficção 3467	Ficção 4685	Ficção 112
	CD 191	CD 230	CD 7
	Vídeo 360	Vídeo 415	Vídeo 34
	CD ROM 142	CD ROM 130	CD ROM
(não indicado)	Periódicos 4	Periódicos 3	Periódicos 0
11. 1. Tratamento Documental Registo 100% Classificação 50% Catalogação manual 50% Catalogação automatizada 0% Indexação 0%		11. 1. Tratamento Documental Registo 100% Classificação 75% Catalogação manual 75% Catalogação automatizada 75% Indexação 75%	
12. Orçamento Fixo Casuístico <input checked="" type="checkbox"/>		12. Orçamento Fixo Casuístico <input checked="" type="checkbox"/>	
12. 1. Proveniência Orçamento da escola <input checked="" type="checkbox"/> Receitas da BE Autarquia Projectos específicos <input checked="" type="checkbox"/>		12. 1. Proveniência Orçamento da escola <input checked="" type="checkbox"/> Receitas da BE <input checked="" type="checkbox"/> Autarquia Projectos específicos	
12.2. Valor gasto no ano em curso €500 - € 2500		12.2. Valor gasto no ano em curso € 800	

13. Abertura da BE	13. Abertura da BE
13.1. N° de horas semanal 45 h	13.1. N° de horas semanal 35 h
13.2. Diária Sem fecho ao almoço <input checked="" type="checkbox"/> Com fecho ao almoço	13.2. Diária Sem fecho ao almoço <input checked="" type="checkbox"/> Com fecho ao almoço
14. Actividades mais relevantes de acordo com o n° de horas semanais dispendido	14. Actividades mais relevantes de acordo com o n° de horas semanais dispendido
Criação/reestruturação de espaços	Criação/reestruturação de espaços
Sel., org. e tratamento documental	Sel., org. e tratamento documental
Apoio a activ. Curriculares <input checked="" type="checkbox"/>	Apoio a activ curriculares <input checked="" type="checkbox"/>
Animação cultural <input checked="" type="checkbox"/>	Animação cultural
Formação de utilizadores	Formação de utilizadores
Planeamento e avaliação <input checked="" type="checkbox"/>	Planeamento e avaliação <input checked="" type="checkbox"/>
15. Auto-avaliação global Fraco/Insuficiente Razoável Bom <input checked="" type="checkbox"/> Muito Bom	15. Auto-avaliação global Fraco/Insuficiente Razoável Bom <input checked="" type="checkbox"/> Muito Bom

Processo evolutivo

Esta é uma das primeiras escolas a integrar a RBE através de uma Candidatura Nacional em 1997. Em 1998, apresenta uma Candidatura Concelhia.

No que respeita a área ocupada, em 2000, eram 328m² repartidos por salas dispersas; em 2006, a área situa-se ente os 150m²-180m², ocupando salas contíguas mas não interligadas. Desde 2000, pelo menos, que possui todas as zonas funcionais às quais se ligam espaços para Laboratório de Fotografia, Montagem de Vídeos, Sala de Alunos e Rádio; em 2006, há mais outros espaços funcionalmente ligados que são o Polivalente e a Sala de Informática. Não existe Arrecadação nem Gabinete de Gestão, situação que, como já vimos, é bastante comum.

Em 2000 não desenvolve qualquer trabalho ligado à comunidade mas em 2006 refere actividades de animação, em parceria com a autarquia.

O coordenador não participava no Conselho Pedagógico e, em 2006, só participa ocasionalmente.

A equipa sofreu uma grande redução, de nove professores passou para três e manteve um único AAE. A nível de formação, em 2000, os docentes tinham formação em Ciências Documentais e Organização e Gestão e, em 2006, só têm formação em TIC. O coordenador adquiriu, no intervalo de seis anos, mais de 250h de formação, na modalidade de Formação Contínua, em Organização e Gestão, Tratamento Documental,

Comunicação Educacional, Promoção da Leitura, Animação Cultural e TIC. O AAE possuía, em 2000, o 12º ano e formação em Organização e Gestão, Técnicas Documentais e Informática; em 2006, o AAE tem o 9º ano e formação em Organização e Gestão, TIC e Relações Interpessoais.

Relativamente ao Fundo Documental, em 2000, não se indicava os números existentes, só os adquiridos e destacamos uma singularidade: nem um só documento de ficção foi adquirido! A não ficção tem conhecido um crescimento razoável em franca desproporção em relação à ficção que, segundo os números apresentados, só possuía, em 2006, 381 exemplares. O Tratamento Documental estava realizado a 100% em 2000, com excepção da Catalogação Automatizada (mas 100% de Catalogação manual) e Indexação; em 2006, o grau de consecução é, exactamente o mesmo.

Esta biblioteca não tinha e não tem dotação orçamental fixa, sainda a verba do Orçamento de escola e da própria biblioteca. Em 2006 gastou €800.

O número de horas de funcionamento semanal passou de 45h para 35h, sem encerramento no período do almoço.

As actividades com maior investimento de tempo eram, em 2000, animação cultural e apoio a actividades curriculares e, em 2006, eram, curiosamente, criação e reestruturação de espaços e selecção, organização e tratamento documental.

È uma biblioteca que se autoavalia em Bom e procede à avaliação interna com base na recolha de dados estatísticos.

Indicadores de evolução positiva

- Reformulação do espaço (de salas dispersas para salas contíguas)
- Trabalho colaborativo com a autarquia a nível de actividades de animação
- Formação do coordenador
- Realização de avaliação interna

Indicadores divergentes da evolução positiva

- Inexistência de arrecadação
- Inexistência de Gabinete de Gestão
- Inexistência de trabalho articulado com outras escolas e com o SABE
- Presença só ocasional do coordenador no Conselho Pedagógico

- Pouca formação da equipa de professores
- Inexistência de orçamento próprio
- Fraco crescimento da colecção
- Inexistência de um Catálogo automatizado

ESCOLA 13	
Ano de integração na RBE: 2000	Tipo de candidatura: Concelhia
Apoios: 1998	Número de alunos: 501-750

QUESTIONÁRIO 2000	QUESTIONÁRIO 2006
1. Área: 150 m2	1. Área: 90-120 m2
2. Espaço: único	2. Espaço: único
3. Zonas funcionais:	3. Zonas funcionais:
Balcão <input checked="" type="checkbox"/>	Balcão <input checked="" type="checkbox"/>
Leitura informal <input checked="" type="checkbox"/>	Leitura informal <input checked="" type="checkbox"/>
Leitura de documentos <input checked="" type="checkbox"/>	Leitura de documentos <input checked="" type="checkbox"/>
Leitura audio <input checked="" type="checkbox"/>	Leitura áudio <input checked="" type="checkbox"/>
Leitura video <input checked="" type="checkbox"/>	Leitura vídeo <input checked="" type="checkbox"/>
Leitura multimedia <input checked="" type="checkbox"/>	Leitura multimedia <input checked="" type="checkbox"/>
Internet <input checked="" type="checkbox"/>	Internet <input checked="" type="checkbox"/>
Trabalho em grupo <input checked="" type="checkbox"/>	Trabalho em grupo <input checked="" type="checkbox"/>
Produção gráfica <input checked="" type="checkbox"/>	Produção gráfica <input checked="" type="checkbox"/>
4. Outras zonas funcionalmente ligadas	4. Outras zonas funcionalmente ligadas
Clubes <input checked="" type="checkbox"/>	Clubes
Jornal	Jornal
Rádio <input checked="" type="checkbox"/>	Rádio
Arrecadação	Arrecadação
Gabinete de gestão	Gabinete de gestão
Sala de estudo <input checked="" type="checkbox"/>	Sala de estudo
Sala de informática	Sala de informática
5. Ligação à comunidade Sim	5. Ligação à comunidade Sim
Escolas <input checked="" type="checkbox"/>	Escolas <input checked="" type="checkbox"/>
Instituições locais	Instituições locais
Ass. Pais e Enc. Educ .	Ass. Pais e Enc. Educ.
Bib. Municipal/SABE <input checked="" type="checkbox"/>	Bib Municipapl/SABE
6. Coordenador no Cons. Pedagógico	6. Coordenador no Cons. Pedagógico <input checked="" type="checkbox"/>
7. BE/CRE	7. BE/CRE
No Projecto Educativo <input checked="" type="checkbox"/>	No Projecto Educativo
No Plano de Actividades da Escola <input checked="" type="checkbox"/>	No Plano de Actividades da Escola
8. Equipa	8. Equipa
Professores:6	Professores: 3
Aux. Acção Educativa: 1	Aux. Acção Educativa: 2
9. Formação	9. Formação
9. 1. Número de prof. 1 a 5	9. 1. Número de prof. 0

9. 1.1. Áreas de formação Org. e Gestão da BE Ciências Documentais Comunicação Educacional Multimédia Animação Cultural TIC <input checked="" type="checkbox"/> Outra: Centro de Recursos Educativos <input checked="" type="checkbox"/>		9. 1.1. Áreas de formação Org. e Gestão da BE Ciências Documentais Comunicação Educacional Multimédia Animação Cultural TIC <input checked="" type="checkbox"/> Outra: Promoção da Leitura <input checked="" type="checkbox"/>	
9.2. N.º de AAE com formação 1 a 2		9.2. N.º de AAE com formação 1 a 2	
9.2.1. Áreas de formação Org. e Gestão da BE TIC <input checked="" type="checkbox"/> Técnico BAD Relações interpessoais Animação da leitura Outra: Iniciação às técnicas documentais <input checked="" type="checkbox"/>		9.2.1. Áreas de formação Org. e Gestão da BE <input checked="" type="checkbox"/> TIC <input checked="" type="checkbox"/> Técnico BAD Relações interpessoais <input checked="" type="checkbox"/> Animação da leitura	
9.2.2. Hab. Académicas 4º Ano 6º Ano <input checked="" type="checkbox"/> 9º Ano 11º/ 12º Ano		9.2.2. Hab. Académicas 4º Ano 6º Ano <input checked="" type="checkbox"/> 9º Ano <input checked="" type="checkbox"/> 11º/ 12º Ano	
10. Coordenador		10. Coordenador	
10.1. Formação Org. e Gestão da BE Trat. Documental/ Ciênc. Documentais Com. Educacional Multimédia Promoção da leitura Animação Cultural TIC <input checked="" type="checkbox"/> Gestão de Equipamentos Formação para as literacias		10.1. Formação ***Org. e Gestão da BE ***Trat. Documental/ Ciênc. Documentais <input checked="" type="checkbox"/> ***Com. Educacional Multimédia <input checked="" type="checkbox"/> *** Promoção da leitura ** Animação Cultural <input checked="" type="checkbox"/> ***TIC <input checked="" type="checkbox"/> **Gestão de Equipamentos **Formação para as literacias ***Formação Contínua+Auto Formação ** Auto Formação	
10. 2. N.º de horas de formação < 50h 50h- 150h > 150h <input checked="" type="checkbox"/>		10. 2. N.º de horas de formação < 50h 50h- 150h > 250h <input checked="" type="checkbox"/>	
11. Fundo Documental		11. Fundo Documental	
Existente	Adq. no ano em curso	Existente	Adq. No ano em curso
Não ficção 2040	Não ficção 0		
Ficção 2652	Ficção 0		
CD 69	CD 0		
Vídeo 306	Vídeo 0		
CD ROM 190	CD ROM 0		
Periódicos 4	Periódicos 0	(não indicado)	(não indicado)
11. 1. Tratamento Documental Registo 100% Classificação 50% Catalogação manual 0% Catalogação automatizada 50% Indexação 0%		11. 1. Tratamento Documental Registo 75% Classificação 75% Catalogação manual 0% Catalogação automatizada 25% Indexação 25%	

12. Orçamento Fixo Casuístico <input checked="" type="checkbox"/>	12. Orçamento Fixo Casuístico <input checked="" type="checkbox"/>
12. 1. Proveniência Orçamento da escola <input checked="" type="checkbox"/> Receitas da BE Autarquia Projectos específicos	12. 1. Proveniência Orçamento da escola <input checked="" type="checkbox"/> Receitas da BE <input checked="" type="checkbox"/> Autarquia Projectos específicos
12.2. Valor gasto no ano em curso > € 2500	12.2. Valor gasto no ano em curso € 1000
13. Abertura da BE	13. Abertura da BE
13.1. N° de horas semanal 30 h	13.1. N° de horas semanal 50 h
13.2. Diária Sem fecho ao almoço Com fecho ao almoço <input checked="" type="checkbox"/>	13.2. Diária Sem fecho ao almoço <input checked="" type="checkbox"/> Com fecho ao almoço
14. Actividades mais relevantes de acordo com o n° de horas semanais dispendido	14. Actividades mais relevantes de acordo com o n° de horas semanais dispendido
Criação/reestruturação de espaços <input checked="" type="checkbox"/>	Criação/reestruturação de espaços
Sel., org. e tratamento documental <input checked="" type="checkbox"/>	Sel., org. e tratamento documental <input checked="" type="checkbox"/>
Apoio a activ. Curriculares	Apoio a activ curriculares <input checked="" type="checkbox"/>
Animação cultural	Animação cultural
Formação de utilizadores	Formação de utilizadores
Planeamento e avaliação <input checked="" type="checkbox"/>	Planeamento e avaliação
15. Auto-avaliação global Fraco/Insuficiente Razoável Bom <input checked="" type="checkbox"/> Muito Bom	15. Auto-avaliação global Fraco/Insuficiente Razoável Bom <input checked="" type="checkbox"/> Muito Bom

Processo evolutivo

Esta biblioteca entrou na RBE, em 2000, através de Candidatura Concelhia. Possui entre 501-750 alunos e a área disponível, que era de 150m², em 2000, passou para uma área inferior, entre 90m²-120m², em 2006, o que é, manifestamente, insuficiente.

Já tinha todas as áreas funcionais em 2000 e em 2006, tem mais uma zona de Trabalho Individual e outra para Tratamento Documental. Não tendo um espaço autónomo para trabalho de gestão, é uma solução de recurso satisfatória. Não tem ligação com qualquer outro espaço funcional dentro da escola nem possui arrecadação.

A nível de trabalho colaborativo tem desenvolvido parcerias com as outras escolas e, em 2000, teve parceria com a Biblioteca Almeida Garrett.

Em 2000, o coordenador não integrava o Conselho Pedagógico mas em 2006 já é membro daquele órgão. A biblioteca é referida no Projecto Educativo e no Regulamento Interno.

A equipa reduziu de seis para três elementos mas aumentou para dois AAE. Os docentes, em 2000, só tinham formação em TIC e em Centro de Recursos Educativos mas, em 2006, não só têm a TIC como também em Promoção da Leitura. Um dos AAE não tem formação e o outro possui formação em Organização e Gestão, TIC, Iniciação às Técnicas documentais e Relações Interpessoais. As habilitações são básicas: 6º e 9º anos.

O coordenador, que só tinha formação em TIC, fez Formação Contínua, mais de 250h, em Organização e Gestão, Tratamento Documental, Comunicação Educacional, Promoção da Leitura e TIC. Em todas estas áreas realizou autoformação bem como em Animação Cultural, Gestão de Equipamentos e Formação para as Literacias.

As indicações relativas ao Fundo Documental não são de molde a indicarem algo de significativo já que se indicam os números existentes em 2000, sem aquisições no mesmo ano e, referente a 2006, não se indicam as quantidades. A nível de tratamento documental, as operações de Registo e Classificação atingiram 75% e Catalogação Automatizada e Indexação apenas 25%.

Não tem dotação orçamental fixa, saindo as verbas do orçamento da escola e da própria biblioteca. A verba gasta em 2006 foi de €1000.

O número de horas de abertura semanal cresceu: de 30h para 50h e sem encerramento no período do almoço que era o que acontecia em 2000.

As actividades mais absorventes em tempo eram, em 2000, criação e reestruturação de espaços, selecção, organização e tratamento documental e planeamento e avaliação; em 2006, mantém a criação e reestruturação de espaços e surge a formação de utilizadores.

Procede à avaliação interna e autoavalia-se de Bom.

Indicadores de evolução positiva

- Participação do coordenador no Conselho Pedagógico
- Inclusão da biblioteca no Projecto Educativo e no Regulamento Interno
- Formação do coordenador

- Aumento do número de AAE na equipa
- Aumento do número de horas de abertura semanal e sem fecho à hora do almoço
- Realização de actividades de Planeamento e Avaliação

Indicadores divergentes da evolução positiva

- Redução da área total
- Inexistência de arrecadação
- Inexistência de Gabinete de Trabalho
- Pouca formação da equipa
- Inexistência de dotação orçamental

ESCOLA 14	
Ano de integração na RBE: 1999	Tipo de candidatura: Concelhia
Apoios:	Número de alunos: > 1000

QUESTIONÁRIO 2000	QUESTIONÁRIO 2006
1. Área: 180 m2	1. Área: > 180 m2
2. Espaço: único	2. Espaço: único
3. Zonas funcionais:	3. Zonas funcionais:
Balcão <input checked="" type="checkbox"/>	Balcão <input checked="" type="checkbox"/>
Leitura informal <input checked="" type="checkbox"/>	Leitura informal <input checked="" type="checkbox"/>
Leitura de documentos <input checked="" type="checkbox"/>	Leitura de documentos <input checked="" type="checkbox"/>
Leitura audio <input checked="" type="checkbox"/>	Leitura áudio <input checked="" type="checkbox"/>
Leitura video <input checked="" type="checkbox"/>	Leitura vídeo <input checked="" type="checkbox"/>
Leitura multimedia <input checked="" type="checkbox"/>	Leitura multimedia <input checked="" type="checkbox"/>
Internet <input checked="" type="checkbox"/>	Internet <input checked="" type="checkbox"/>
Trabalho em grupo <input checked="" type="checkbox"/>	Trabalho em grupo <input checked="" type="checkbox"/>
Produção gráfica	Produção gráfica
4. Outras zonas funcionalmente ligadas	4. Outras zonas funcionalmente ligadas
Clubes	Clubes
Jornal	Jornal <input checked="" type="checkbox"/>
Rádio	Rádio
Arrecadação	Arrecadação
Gabinete de gestão	Gabinete de gestão
Sala de estudo	Sala de estudo
Sala de informática	Sala de informática
5. Ligação à comunidade Sim	5. Ligação à comunidade Sim
Escolas	Escolas <input checked="" type="checkbox"/>
Instituições locais <input checked="" type="checkbox"/>	Instituições locais <input checked="" type="checkbox"/>
Ass. Pais e Enc. Educ. <input checked="" type="checkbox"/>	Ass. Pais e Enc. Educ. <input checked="" type="checkbox"/>

Bib. Municipal/SABE <input checked="" type="checkbox"/>	Bib. Municipapl/SABE <input checked="" type="checkbox"/>
6. Coordenador no Cons. Pedagógico <input checked="" type="checkbox"/>	6. Coordenador no Cons. Pedagógico <input checked="" type="checkbox"/>
7. BE/CRE No Projecto Educativo <input checked="" type="checkbox"/> No Plano de Actividades da Escola <input checked="" type="checkbox"/>	7. BE/CRE No Projecto Educativo No Plano de Actividades da Escola
8. Equipa Professores 4 Aux. Acção Educativa: 1	8. Equipa Professores: 3 Aux. Acção Educativa: 1
9. Formação	9. Formação
9. 1. Número de prof. 1 a 5	9. 1. Número de prof. 0
9. 1.1. Áreas de formação Org. e Gestão da BE Ciências Documentais Comunicação Educacional Multimédia Animação Cultural TIC Outra: Curso de Formação em BE/CRE <input checked="" type="checkbox"/>	9. 1.1. Áreas de formação Org. e Gestão da BE <input checked="" type="checkbox"/> Ciências Documentais <input checked="" type="checkbox"/> Comunicação Educacional Multimédia <input checked="" type="checkbox"/> Animação Cultural TIC <input checked="" type="checkbox"/> Outra: Promoção da Leitura <input checked="" type="checkbox"/>
9.2. N.º de AAE com formação 1 a 2	9.2. N.º de AAE com formação 1 a 2
9.2.1. Áreas de formação Org. e Gestão da BE TIC Técnico BAD Relações interpessoais Animação da leitura Outra: Curso de Formação em BE/CRE <input checked="" type="checkbox"/>	9.2.1. Áreas de formação Org. e Gestão da BE <input checked="" type="checkbox"/> TIC <input checked="" type="checkbox"/> Técnico BAD Relações interpessoais Animação da leitura
9.2.2. Hab. Académicas 4º Ano 6º Ano 9º Ano 11º/ 12º Ano <input checked="" type="checkbox"/>	9.2.2. Hab. Académicas 4º Ano 6º Ano 9º Ano 11º/ 12º Ano <input checked="" type="checkbox"/>
10. Coordenador	10. Coordenador
10.1. Formação Org. e Gestão da BE Trat. Documental/ Ciênc. Documentais Com. Educacional Multimédia Promoção da leitura Animação Cultural TIC <input checked="" type="checkbox"/> Gestão de Equipamentos Formação para as literacias	10.1. Formação *Org. e Gestão da BE *Trat. Documental/ Ciênc. Documentais <input checked="" type="checkbox"/> *Com. Educacional Multimédia *** Promoção da leitura Animação Cultural <input checked="" type="checkbox"/> *TIC <input checked="" type="checkbox"/> Gestão de Equipamentos Formação para as literacias *Formação Contínua *** Formação contínua+ auto formação
10. 2. N.º de horas de formação < 50h 50h- 150h <input checked="" type="checkbox"/> > 150h	10. 2. N.º de horas de formação < 50h 50h- 150h > 150h > 250h <input checked="" type="checkbox"/>

11. Fundo Documental		11. Fundo Documental	
Existente	Adq. no ano em curso	Existente	Adq. No ano em curso
Não ficção 3950	Não ficção 1654	Não ficção 549	Não ficção 21
Ficção 1454	Ficção 363	Ficção 4590	Ficção 84
CD 55	CD 0	CD 50	CD 2
Vídeo 49	Vídeo 0	Vídeo 109	Vídeo 38
CD ROM 85	CD ROM 8	CD ROM 114	CD ROM 5
Periódicos 10	Periódicos 0	Periódicos 10	Periódicos 2
11. 1. Tratamento Documental Registo 100% Classificação 100% Catalogação manual 0% Catalogação automatizada 100% Indexação 100%		11. 1. Tratamento Documental Registo 75% Classificação 75% Catalogação manual 75% Catalogação automatizada 75% Indexação 75%	
12. Orçamento Fixo Casuístico <input checked="" type="checkbox"/>		12. Orçamento Fixo Casuístico <input checked="" type="checkbox"/>	
12. 1. Proveniência Orçamento da escola <input checked="" type="checkbox"/> Receitas da BE <input checked="" type="checkbox"/> Autarquia <input checked="" type="checkbox"/> Projectos específicos		12. 1. Proveniência Orçamento da escola <input checked="" type="checkbox"/> Receitas da BE Autarquia <input checked="" type="checkbox"/> Projectos específicos	
12.2. Valor gasto no ano em curso € 500 -€ 2500		12.2. Valor gasto no ano em curso € 500	
13. Abertura da BE		13. Abertura da BE	
13.1. N° de horas semanal 45 h		13.1. N° de horas semanal 35 h	
13.2. Diária Sem fecho ao almoço <input checked="" type="checkbox"/> Com fecho ao almoço		13.2. Diária Sem fecho ao almoço Com fecho ao almoço <input checked="" type="checkbox"/>	
14. Actividades mais relevantes de acordo com o n° de horas semanais dispendido		14. Actividades mais relevantes de acordo com o n° de horas semanais dispendido	
Criação/reestruturação de espaços		Criação/reestruturação de espaços	
Sel., org. e tratamento documental		Sel., org. e tratamento documental	
Apoio a activ. Curriculares <input checked="" type="checkbox"/>		Apoio a activ curriculares	
Animação cultural <input checked="" type="checkbox"/>		Animação cultural <input checked="" type="checkbox"/>	
Formação de utilizadores		Formação de utilizadores	
Planeamento e avaliação		Planeamento e avaliação <input checked="" type="checkbox"/>	
15. Auto-avaliação global Fraco/Insuficiente Razoável Bom Muito Bom <input checked="" type="checkbox"/>		15. Auto-avaliação global Fraco/Insuficiente Razoável Bom <input checked="" type="checkbox"/> Muito Bom	

Processo evolutivo

A escola 14 integrou a RBE, em 1999, através de Candidatura Concelhia. É frequentada por mais de 1000 alunos e viu a sua área aumentada para mais 180m2 (em 2000 tinha, precisamente 180m2) embora ainda não se aproxime das áreas de referência.

Apesar do alargamento, a biblioteca permanecia, em 2006, sem zona de Produção Gráfica tendo, contudo, providenciado para a existência de uma zona de Trabalho Individual. Tendo que optar, parece-nos mais correcta esta opção, apesar de sacrificar a criação de uma zona de grande importância que é a da Produção Gráfica.

Não tinha nem desenvolveu articulação com outros espaços e não criou dois espaços fundamentais: arrecadação e Gabinete de Trabalho.

Tem desenvolvido trabalho de ligação a outras escolas (não havia em 2000) bem como a instituições locais, encarregados de educação e SABE (partilha de documentos, formação, animação e publicações).

O coordenador integra o Conselho Pedagógico desde 2000 e os documentos fundamentais da escola, como o Projecto Educativo, o Projecto Curricular e o Regulamento Interno referem a biblioteca.

Os elementos docentes que integram a equipa tinham, em 2006, formação em várias áreas: Organização e Gestão, Tratamento Documental, Comunicação Educacional, TIC e Promoção da Leitura. O coordenador também fez Formação Contínua nas mesmas áreas e autoformação em Promoção da Leitura e Formação para as Literacias, mais de 250h. O AAE tem formação em Organização e Gestão, TIC e Curso de Formação para BE.

Os números referentes ao Fundo Documental revelam alguma inconsistência como é o caso, por exemplo, da ficção que no final de 2000 tinha 5608 exemplares e, em 2006, apontam-se apenas 570!! Quanto ao Tratamento Documental desceu de 100% para 75% em todas as fases, o que poderá significar que esse tipo de funções poderá ter dado lugar a outro tipo de actividades na BE.

A nível de apoio financeiro, não tem dotação fixa; sai casuisticamente do orçamento de escola e recebe algum apoio da autarquia.

Quanto a tempo de abertura semanal passou de 45h para 35h e para encerramento no período do almoço.

A animação cultural e o planeamento e avaliação eram, em 2000, as actividades mais absorventes; em 2006, continua-se a atribuir mais tempo à animação cultural mas surge o planeamento e avaliação o que pode indiciar uma fase de maior maturidade, a exigir instrumentos e práticas que consolidem o crescimento da biblioteca. A

preocupação com o planeamento e avaliação deve, quanto a nós, merecer uma atenção acrescida para se inserir nas práticas de gestão com qualidade.

A biblioteca realiza avaliação interna e autoavaliou-se de Muito Bom, em 2000, e Bom, em 2006.

Indicadores de evolução positiva

- Aumento da área
- Integração no Conselho Pedagógico
- Integração nos documentos basilares da escola
- Formação dos docentes da equipa
- Formação do coordenador
- Existência de articulação com a comunidade

Indicadores divergentes da evolução positiva

- Inexistência de zona de Produção Gráfica
- Inexistência de arrecadação
- Inexistência de Gabinete de Trabalho
- Diminuição do número de horas de abertura
- Encerramento no período do almoço
- Inexistência de orçamento

ESCOLA 15 Ano de integração na RBE: 2000 Apoios: 2003	Tipo de candidatura: Nacional +Concelhia Número de alunos: 501-750
--	---

QUESTIONÁRIO 2000	QUESTIONÁRIO 2006
1. Área: 143 m ²	1. Área: > 180 m ²
2. Espaço: contíguas mas não interligadas	2. Espaço: único
3. Zonas funcionais:	3. Zonas funcionais:
Balcão <input checked="" type="checkbox"/>	Balcão <input checked="" type="checkbox"/>
Leitura informal <input checked="" type="checkbox"/>	Leitura informal <input checked="" type="checkbox"/>
Leitura de documentos <input checked="" type="checkbox"/>	Leitura de documentos <input checked="" type="checkbox"/>
Leitura áudio <input checked="" type="checkbox"/>	Leitura áudio <input checked="" type="checkbox"/>
Leitura vídeo <input checked="" type="checkbox"/>	Leitura vídeo <input checked="" type="checkbox"/>

Leitura multimédia <input checked="" type="checkbox"/>	Leitura multimédia <input checked="" type="checkbox"/>
Internet <input checked="" type="checkbox"/>	Internet <input checked="" type="checkbox"/>
Trabalho em grupo <input checked="" type="checkbox"/>	Trabalho em grupo <input checked="" type="checkbox"/>
Produção gráfica	Produção gráfica <input checked="" type="checkbox"/>
4. Outras zonas funcionalmente ligadas	4. Outras zonas funcionalmente ligadas
Clubes	Clubes
Jornal <input checked="" type="checkbox"/>	Jornal <input checked="" type="checkbox"/>
Rádio	Rádio
Arrecadação	Arrecadação
Gabinete de gestão	Gabinete de gestão
Sala de estudo	Sala de estudo
Sala de informática	Sala de informática Outra: Auditório <input checked="" type="checkbox"/>
5. Ligação à comunidade	5. Ligação à comunidade
Sim	Sim
Escolas	Escolas
Instituições locais <input checked="" type="checkbox"/>	Instituições locais
Ass. Pais e Enc. Educ. <input checked="" type="checkbox"/>	Ass. Pais e Enc. Educ.
Bib. Municipal/SABE <input checked="" type="checkbox"/>	Bib. Municipapl/SABE <input checked="" type="checkbox"/>
6. Coordenador no Cons. Pedagógico <input checked="" type="checkbox"/>	6. Coordenador no Cons. Pedagógico <input checked="" type="checkbox"/>
7. BE/CRE	7. BE/CRE
No Projecto Educativo <input checked="" type="checkbox"/>	No Projecto Educativo
No Plano de Actividades da Escola <input checked="" type="checkbox"/>	No Plano de Actividades da Escola
8. Equipa	8. Equipa
Professores 2	Professores: 3
Aux. Acção Educativa: 1	Aux. Acção Educativa: 2
9. Formação	9. Formação
9. 1. Número de prof. 1 a 5	9. 1. Número de prof. 0
9. 1.1. Áreas de formação	9. 1.1. Áreas de formação
Org. e Gestão da BE <input checked="" type="checkbox"/>	Org. e Gestão da BE <input checked="" type="checkbox"/>
Ciências Documentais	Ciências Documentais <input checked="" type="checkbox"/>
Comunicação Educativa Multimédia	Comunicação Educativa Multimédia <input checked="" type="checkbox"/>
Animação Cultural <input checked="" type="checkbox"/>	Animação Cultural
TIC	TIC <input checked="" type="checkbox"/>
Outra: Curso de Formação em BE/CRE <input checked="" type="checkbox"/>	Outra: Promoção da Leitura <input checked="" type="checkbox"/>
9.2. N° de AAE com formação 0	9.2. N° de AAE com formação 1 a 2
9.2.1. Áreas de formação	9.2.1. Áreas de formação
Org. e Gestão da BE	Org. e Gestão da BE <input checked="" type="checkbox"/>
TIC	TIC <input checked="" type="checkbox"/>
Técnico BAD	Técnico BAD
Relações interpessoais	Relações interpessoais
Animação da leitura	Animação da leitura <input checked="" type="checkbox"/>
Outra: Curso de Formação em BE/CRE	
9.2.2. Hab. Académicas	9.2.2. Hab. Académicas
4° Ano	4° Ano
6° Ano	6° Ano
9° Ano	9° Ano
11°/ 12° Ano <input checked="" type="checkbox"/>	11°/ 12° Ano <input checked="" type="checkbox"/>
10. Coordenador	10. Coordenador
10.1. Formação	10.1. Formação
Org. e Gestão da BE	*Org. e Gestão da BE
Trat. Documental/ Ciênc. Documentais	*Trat. Documental/ Ciênc. Documentais <input checked="" type="checkbox"/>

Com. Educacional Multimédia Promoção da leitura Animação Cultural <input checked="" type="checkbox"/> TIC Gestão de Equipamentos Formação para as literacias		Com. Educacional Multimédia *Promoção da leitura <input checked="" type="checkbox"/> Animação Cultural *TIC <input checked="" type="checkbox"/> Gestão de Equipamentos Formação para as literacias *Formação Contínua	
10. 2. N.º de horas de formação < 50h <input checked="" type="checkbox"/> 50h- 150h > 150h		10. 2. N.º de horas de formação < 50h 50h- 150h > 150h > 250h <input checked="" type="checkbox"/>	
11. Fundo Documental		11. Fundo Documental	
Existente	Adq. no ano em curso	Existente	Adq. No ano em curso
Não ficção 1150	Não ficção 100	Não ficção 240	Não ficção 0
Ficção 700	Ficção 64	Ficção 3760	Ficção 54
CD 3	CD 47	CD 120	CD 0
Vídeo 141	Vídeo 58	Vídeo 305	Vídeo 0
CD ROM 119	CD ROM 8	CD ROM 51	CD ROM 0
Periódicos 18	Periódicos 4	Periódicos 8	Periódicos 0
11. 1. Tratamento Documental Registo 50% Classificação 50% Catalogação manual 0% Catalogação automatizada 50% Indexação 50%		11. 1. Tratamento Documental Registo 75% Classificação 75% Catalogação manual Catalogação automatizada 75% Indexação	
12. Orçamento Fixo <input checked="" type="checkbox"/> Casuístico		12. Orçamento Fixo Casuístico <input checked="" type="checkbox"/>	
12. 1. Proveniência Orçamento da escola <input checked="" type="checkbox"/> Receitas da BE Autarquia Projectos específicos <input checked="" type="checkbox"/>		12. 1. Proveniência Orçamento da escola <input checked="" type="checkbox"/> Receitas da BE Autarquia Projectos específicos	
12.2. Valor gasto no ano em curso € 500 -€ 2500		12.2. Valor gasto no ano em curso € 1500	
13. Abertura da BE		13. Abertura da BE	
13.1. Nº de horas semanal 40 h		13.1. Nº de horas semanal 47,5 h	
13.2. Diária Sem fecho ao almoço <input checked="" type="checkbox"/> Com fecho ao almoço		13.2. Diária Sem fecho ao almoço <input checked="" type="checkbox"/> Com fecho ao almoço	
14. Actividades mais relevantes de acordo com o nº de horas semanais dispendido		14. Actividades mais relevantes de acordo com o nº de horas semanais dispendido	
Criação/reestruturação de espaços		Criação/reestruturação de espaços	
Sel., org. e tratamento documental <input checked="" type="checkbox"/>		Sel., org. e tratamento documental <input checked="" type="checkbox"/>	
Apoio a activ. Curriculares <input checked="" type="checkbox"/>		Apoio a activ curriculares	
Animação cultural		Animação cultural <input checked="" type="checkbox"/>	
Formação de utilizadores		Formação de utilizadores	
Planeamento e avaliação		Planeamento e avaliação	

15. Auto-avaliação global	Fraco/Insuficiente Razoável Bom <input checked="" type="checkbox"/> Muito Bom	15. Auto-avaliação global	Fraco/Insuficiente Razoável Bom <input checked="" type="checkbox"/> Muito Bom
----------------------------------	--	----------------------------------	--

Processo evolutivo

Esta escola integra a RBE desde 2000, através de uma Candidatura Nacional e, em 2003 apresentou a Candidatura Concelhia. Tem uma população escolar que se situa entre os 501-750 alunos e aumentou a área de 143m², em 2000, para mais de 180m², em 2006, representando uma melhoria notável. A biblioteca deixou de ocupar salas contíguas mas não interligadas para se instalar num espaço único. Em 2000, tinha todas as zonas funcionais com excepção da Produção Gráfica que já existe em 2006 bem como uma zona para Trabalho Individual. A única zona de funcionamento articulado é um auditório, em 2006.

Desde 2000 que desenvolve parcerias com a comunidade, nomeadamente escolas, instituições locais, encarregados de educação e SABE, mas, em 2006, esse trabalho circunscreve-se ao SABE

O coordenador integra o Conselho Pedagógico e a biblioteca é referenciada em documentos basilares da escola.

A equipa de professores tinha e tem formação e o coordenador fez Formação Contínua em Organização e Gestão, Tratamento Documental, Promoção da Leitura e TIC, com mais de 250h. Passou de apenas um AAE, com o 12º ano e sem formação, para dois AAE com 11º ano e formação em Organização e Gestão, TIC e Animação de Leitura.

No Fundo Documental é significativo apontar que não se assinalam novas aquisições no campo da ficção durante o ano lectivo de 2005/06, o que nos parece pouco consentâneo com uma das funções essenciais da BE: a leitura recreativa. O tratamento documental está feito a 75% (era de 50% em 2000) sem qualquer percentagem em relação à indexação.

O apoio financeiro provém do orçamento de escola, e é casuístico. O valor gasto em 2006 foi de €1500.

O horário semanal aumentou de 40h para 47h 30m, sem fecho à hora do almoço.

As actividades mais exigentes eram, em 2000, apoio a actividades curriculares e selecção, organização e tratamento documental e, em 2006, selecção, organização e tratamento documental e animação cultural.

Procedem à avaliação interna e a autoavaliação situa-se a nível do Bom.

Indicadores de evolução positiva

- Aumento da área
- Concentração num espaço único
- Existência de todas as zonas funcionais
- Fomento da ligação à comunidade
- Presença no Conselho Pedagógico
- Referência da BE nos documentos fundamentais da escola
- Formação dos elementos da equipa
- Formação do coordenador
- Aumento do número de horas de funcionamento da BE
- Realização de avaliação interna

Indicadores divergentes da evolução positiva

- Inexistência de arrecadação
- Inexistência de Gabinete de Trabalho
- Tratamento documental
- Falta de dotação orçamental

ESCOLA 16	
Ano de integração na RBE: 2000	Tipo de candidatura: Nacional +Concelhia
Apoios: 2003	Número de alunos: 751-1000

QUESTIONÁRIO 2000	QUESTIONÁRIO 2006
1. Área: 163 m ²	1. Área: 150 a 180 m ²
2. Espaço: salas interligadas	2. Espaço: único
3. Zonas funcionais:	3. Zonas funcionais:
Balcão <input checked="" type="checkbox"/>	Balcão <input checked="" type="checkbox"/>

Leitura informal <input checked="" type="checkbox"/>	Leitura informal <input checked="" type="checkbox"/>
Leitura de documentos <input checked="" type="checkbox"/>	Leitura de documentos <input checked="" type="checkbox"/>
Leitura audio <input checked="" type="checkbox"/>	Leitura áudio <input checked="" type="checkbox"/>
Leitura video <input checked="" type="checkbox"/>	Leitura vídeo <input checked="" type="checkbox"/>
Leitura multimedia	Leitura multimedia <input checked="" type="checkbox"/>
Internet <input checked="" type="checkbox"/>	Internet <input checked="" type="checkbox"/>
Trabalho em grupo <input checked="" type="checkbox"/>	Trabalho em grupo <input checked="" type="checkbox"/>
Produção gráfica	Produção gráfica <input checked="" type="checkbox"/>
4. Outras zonas funcionalmente ligadas	4. Outras zonas funcionalmente ligadas
Clubes	Clubes
Jornal	Jornal
Rádio	Rádio
Arrecadação <input checked="" type="checkbox"/>	Arrecadação <input checked="" type="checkbox"/>
Gabinete de gestão	Gabinete de gestão
Sala de estudo	Sala de estudo
Sala de informática	Sala de informática Outra: Auditório <input checked="" type="checkbox"/>
5. Ligação à comunidade Não	5. Ligação à comunidade Sim
Escolas	Escolas
Instituições locais	Instituições locais
Ass. Pais e Enc. Educ.	Ass. Pais e Enc. Educ.
Bib. Municipal/SABE	Bib. Municipal/SABE <input checked="" type="checkbox"/>
6. Coordenador no Cons. Pedagógico <input checked="" type="checkbox"/>	6. Coordenador no Cons. Pedagógico <input checked="" type="checkbox"/>
7. BE/CRE	7. BE/CRE
No Projecto Educativo <input checked="" type="checkbox"/>	No Projecto Educativo
No Plano de Actividades da Escola <input checked="" type="checkbox"/>	No Plano de Actividades da Escola
8. Equipa	8. Equipa
Professores 3	Professores: 3
Aux. Acção Educativa: 1	Aux. Acção Educativa: 1
9. Formação	9. Formação
9.1. Número de prof. 1 a 5	9.1. Número de prof. 1 a 5
9.1.1. Áreas de formação	9.1.1. Áreas de formação
Org. e Gestão da BE	Org. e Gestão da BE <input checked="" type="checkbox"/>
Ciências Documentais	Ciências Documentais <input checked="" type="checkbox"/>
Comunicação Educacional Multimédia	Comunicação Educacional Multimédia <input checked="" type="checkbox"/>
Animação Cultural	Animação Cultural
TIC	TIC <input checked="" type="checkbox"/>
Outra: Formação contínua para professores/coordenadores de BE/CRE <input checked="" type="checkbox"/>	Outra: Promoção da Leitura <input checked="" type="checkbox"/>
	Formação para as literacias <input checked="" type="checkbox"/>
9.2. N° de AAE com formação 1 a 2	9.2. N° de AAE com formação 1 a 2
9.2.1. Áreas de formação	9.2.1. Áreas de formação
Org. e Gestão da BE <input checked="" type="checkbox"/>	Org. e Gestão da BE <input checked="" type="checkbox"/>
TIC	TIC <input checked="" type="checkbox"/>
Técnico BAD	Técnico BAD
Relações interpessoais	Relações interpessoais <input checked="" type="checkbox"/>
Animação da leitura	Animação da leitura <input checked="" type="checkbox"/>
Outra: Curso de Formação em BE/CRE	
9.2.2. Hab. Académicas	9.2.2. Hab. Académicas
4º Ano	4º Ano
6º Ano	6º Ano

9º Ano 11º/ 12º Ano Outra: Frequência do ensino superior <input checked="" type="checkbox"/>		9º Ano 11º/ 12º Ano (não indicada)	
10. Coordenador		10. Coordenador	
10.1. Formação Org. e Gestão da BE Trat. Documental/ Ciênc. Documentais Com. Educacional Multimédia Promoção da leitura Animação Cultural TIC Gestão de Equipamentos Formação para as literacia Outra: Formação contínua para professores/coordenadores de BE/CRE <input checked="" type="checkbox"/>		10.1. Formação *Org. e Gestão da BE <input checked="" type="checkbox"/> *Trat. Documental/ Ciênc. Documentais <input checked="" type="checkbox"/> *Com. Educacional Multimédia *Promoção da leitura <input checked="" type="checkbox"/> * Animação Cultural *TIC <input checked="" type="checkbox"/> Gestão de Equipamentos *Formação para as literacias <input checked="" type="checkbox"/> *Formação Contínua	
10. 2. N.º de horas de formação < 50h 50h- 150h > 150h <input checked="" type="checkbox"/>		10. 2. N.º de horas de formação < 50h 50h- 150h > 150h > 250h <input checked="" type="checkbox"/>	
11. Fundo Documental		11. Fundo Documental	
Existente	Adq. no ano em curso	Existente	Adq. No ano em curso
Não ficção 1000	Não ficção 50	Não ficção 338	Não ficção 1
Ficção 2000	Ficção 150	Ficção 5400	Ficção 0
CD 40	CD 40	CD 73	CD 0
Vídeo 150	Vídeo 16	Vídeo 238	Vídeo 0
CD ROM 50	CD ROM 0	CD ROM 76	CD ROM 0
Periódicos 3	Periódicos 0	Periódicos 4	Periódicos 0
11. 1. Tratamento Documental Registo 100% Classificação 100% Catalogação manual* Catalogação automatizada* Indexação* *(não indicado)		11. 1. Tratamento Documental Registo 100% Classificação 100% Catalogação manual* Catalogação automatizada 100% Indexação* *(não indicado)	
12. Orçamento Fixo Casuístico <input checked="" type="checkbox"/>		12. Orçamento Fixo Casuístico <input checked="" type="checkbox"/>	
12. 1. Proveniência Orçamento da escola <input checked="" type="checkbox"/> Receitas da BE Autarquia Projectos específicos Outro: Candidatura Nacional à RBE <input checked="" type="checkbox"/>		12. 1. Proveniência Orçamento da escola <input checked="" type="checkbox"/> Receitas da BE <input checked="" type="checkbox"/> Autarquia Projectos específicos	
12.2. Valor gasto no ano em curso € 500 -€ 2500		12.2. Valor gasto no ano em curso € 3000	
13. Abertura da BE		13. Abertura da BE	
13.1. Nº de horas semanal 30 h		13.1. Nº de horas semanal 50 h	
13.2. Diária Sem fecho ao almoço Com fecho ao almoço <input checked="" type="checkbox"/>		13.2. Diária Sem fecho ao almoço <input checked="" type="checkbox"/> Com fecho ao almoço	

	Outra: Fecha 2 vezes no horário nocturno <input checked="" type="checkbox"/>
14. Actividades mais relevantes de acordo com o nº de horas semanais dispendido	14. Actividades mais relevantes de acordo com o nº de horas semanais dispendido
Criação/reestruturação de espaços <input checked="" type="checkbox"/>	Criação/reestruturação de espaços
Sel., org. e tratamento documental <input checked="" type="checkbox"/>	Sel., org. e tratamento documental
Apoio a activ. Curriculares	Apoio a activ curriculares
Animação cultural	Animação cultural
Formação de utilizadores	Formação de utilizadores <input checked="" type="checkbox"/>
Planeamento e avaliação	Planeamento e avaliação <input checked="" type="checkbox"/>
15. Auto-avaliação global	15. Auto-avaliação global
Fraco/Insuficiente	Fraco/Insuficiente
Razoável	Razoável
Bom <input checked="" type="checkbox"/>	Bom <input checked="" type="checkbox"/>
Muito Bom	Muito Bom

Processo evolutivo

A integração na RBE processou-se em 2000, através de Candidatura Nacional e, em 2003, por meio da Candidatura Concelhia. Tem uma população escolar entre os 751-1000 alunos. A área da biblioteca era de 163m², em 2000, e, em 2006, deve ser a mesma porque se situa entre os 150m²-180m², passando de salas interligadas a um espaço único. Em 2000, não tinha duas zonas Funcionais, Leitura Multimédia e Produção Gráfica, existindo todas, em 2006. A arrecadação, caso quase único neste universo, existia em 2000 e mantém-se em 2006.

Entre 2000 e 2006, passou a haver trabalho de colaboração com a comunidade, sobretudo, a nível do SABE para partilha de documentos e equipamentos, animação e publicações.

O coordenador estava no Conselho Pedagógico, em 2000 e, em 2006, só toma parte ocasionalmente.

A equipa de docentes, em 2000, integrava apenas um docente com formação (Formação Contínua para professores coordenadores –DREN) mas em 2006 já possuem uma formação mais alargada: Organização e Gestão, Tratamento Documental, TIC, Promoção da Leitura e Formação para as Literacias. O coordenador, que possuía uma formação muito básica tem a mesma formação que os outros elementos num total de mais de 250h. O AAE, em 2000, tinha frequência do ensino superior e formação em Organização e Gestão e, em 2006, a formação alarga-se para TIC, Relações Interpessoais e Animação da Leitura.

O Fundo Documental cresceu pouco e, a nível da ficção os números apresentam um decréscimo, o que é estranho (podendo também significar que foi feito um abatimento de obras antigas). Ainda assim verifica-se um grande desnível entre a ficção e a não ficção. O tratamento documental está processado na totalidade, excepto para a Indexação e houve uma evolução a nível da Catalogação automatizada que passou de 0% para 100%, em 2006.

A dotação orçamental é casuística, sai do orçamento de escola ao qual se acrescenta alguma receita da própria biblioteca.

O horário de funcionamento passou de 30h semanais para 50h e sem encerramento no período do almoço.

As actividades mais exigentes, em investimento de tempo, eram, em 2000, criação e reestruturação de espaços e selecção, organização e tratamento documental; em 2006, o destaque vai apenas para o planeamento e avaliação. Realiza-se avaliação interna.

Indicadores de evolução positiva

- Aumento da área, tornando biblioteca espaço único
- Existência de todas as zonas funcionais
- Existência de uma arrecadação
- Fomento da ligação à comunidade
- Formação dos docentes da equipa
- Formação do coordenador
- Formação do AAE
- Tratamento documental
- Aumento do número de horas de abertura sem fecho
- Realização da avaliação interna

Indicadores divergentes da evolução positiva

- Inexistência de um Gabinete de Gestão
- Assento ocasional do coordenador no Conselho Pedagógico
- Crescimento lento do Fundo Documental

- Inexistência de Indexação
- Inexistência de verba fixa

3.2 Análise global

3.2.1. Espaço Físico

Neste tópico analisamos os dados referentes à evolução das características do espaço da biblioteca escolar, em termos da sua área total, tipo de espaços ocupados e áreas funcionais existentes.

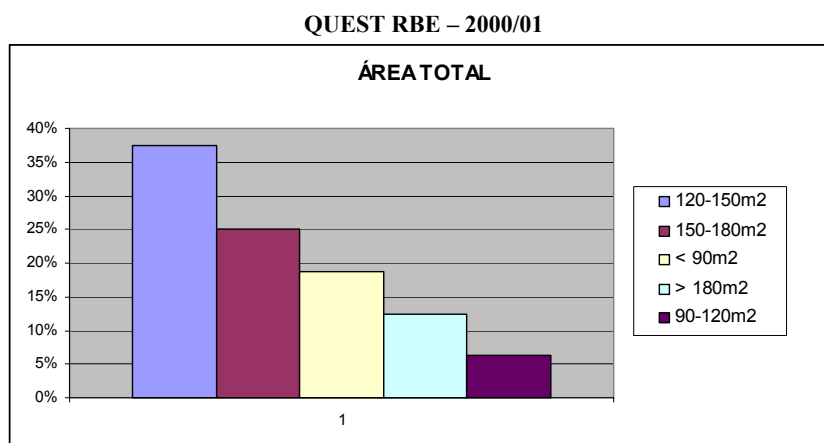


Fig. 1

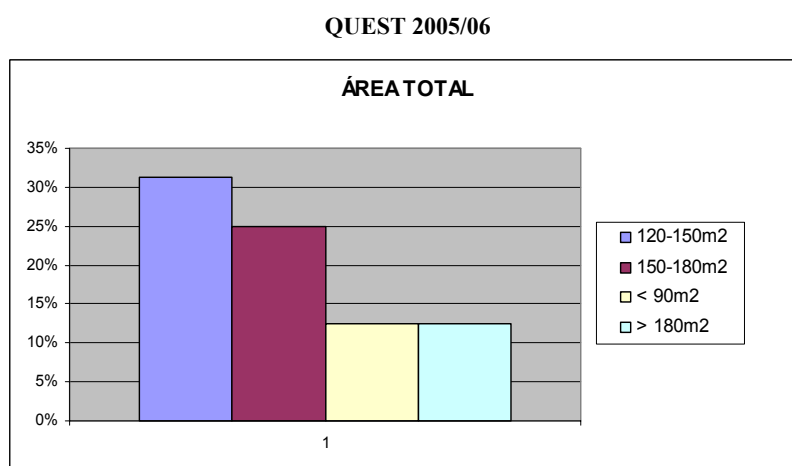


Fig. 2

A análise comparativa revela que não houve alterações significativas no que diz respeito ao aumento das áreas das bibliotecas. A maioria possui uma área que se situa entre os 120-150m². Duas alterações se verificam: uma biblioteca que tinha uma área inferior a 90m² viu o seu espaço alargado (a percentagem desce de 18,8% para 12,5%); a outra alteração verifica-se na percentagem de bibliotecas com uma área entre os 120-150m² que desce 6,3% (corresponde a uma biblioteca). Não nos parecendo possível ter havido redução da área, a explicação só pode estar no facto de haver um escalão de 90-120m² no questionário da RBE e esse escalão não ter obtido qualquer resposta no questionário de 2006, o que pode ter resultado na deslocação, precisamente, de uma biblioteca.

Se tivermos em conta as indicações da UNESCO²⁸, as áreas existentes são manifestamente exíguas. São indicados 575m² (incluindo todos os espaços considerados indispensáveis) para escolas com mais de 500 alunos. As nossas bibliotecas têm cerca de 75% menos. Todavia, se considerarmos as orientações do Gabinete da RBE, publicadas no seu *site*, e que se baseiam em padrões internacionais, a área total recomendada (incluindo espaço polivalente, espaço de gestão e espaço de arrecadação) é de 346m² para uma escola com o máximo de 750 alunos. Assim, verifica-se que a relação espaço/número total de alunos se situa cerca de 50% abaixo do padrão de referência.

Finalmente, se tivermos como referência *Lançar a rede de bibliotecas escolares: relatório síntese* (Veiga et al, 1996), a área total (que deve incluir sala de leitura, zona de produção, sala de trabalho, gabinetes, armazém e sala polivalente) para uma população escolar entre 202-500 é 171m² e para 501-1000 é de 330m². Segundo se pode ler aí, os valores “foram ajustados à realidade portuguesa e assentam no pressuposto de que poderá frequentar a biblioteca ao mesmo tempo 10% da população escolar” (p. 20). Seguindo esta indicação, as áreas realmente existentes são adequadas.

Em relação ao tipo de espaço ocupado, como podemos verificar no gráfico seguinte, o espaço único é a opção que se revela preponderante, quer em 2000 quer em 2006, registando-se um crescimento de 12,5% (de 56,3% para 68,8%). Duas bibliotecas

²⁸ UNESCO (cf. Veiga et al, 1996)

deixaram de ocupar lugares dispersos e é este facto que justifica o crescimento atrás referido.

QUEST RBE – 2000/01

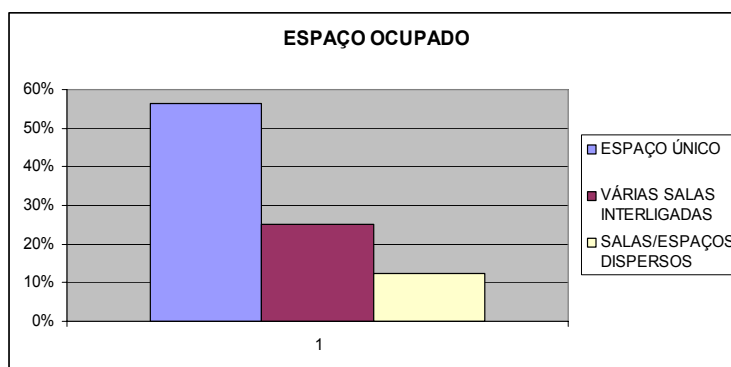


Fig 3

QUEST 2005/06

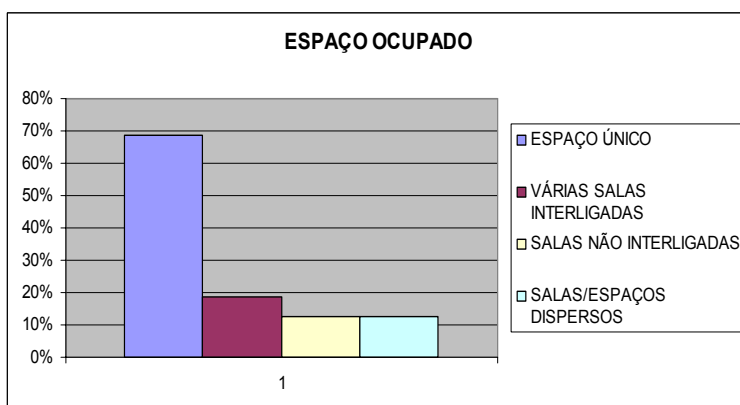


Fig 4

Outro dado significativo colhido no questionário de 2006 é o da existência de duas escolas que fizeram o alargamento da área com salas ou espaços dispersos mas funcionalmente ligados à BE. Esta alteração (relativa a 2000) pode ser indiciadora da procura de soluções facilmente exequíveis, (re)aproveitando espaços que, muitas vezes, estão desocupados no quadro das instalações escolares. No nosso entender, uma melhor gestão de pequenos gabinetes e/ou arrecadações que existem nas escolas sem grande préstimo, a não ser a armazenagem indiferenciada de materiais, podia proporcionar um

aumento da área da biblioteca, localizando aí um gabinete de trabalho, uma arrecadação para materiais, equipamentos e/ou documentos descartados.

A análise comparativa entre os dois períodos permite-nos afirmar que houve uma nítida melhoria no que respeita à existência de zonas específicas. Embora nem sempre tenha havido um aumento da área total, as áreas funcionais diversificaram-se entre os dois momentos analisados.

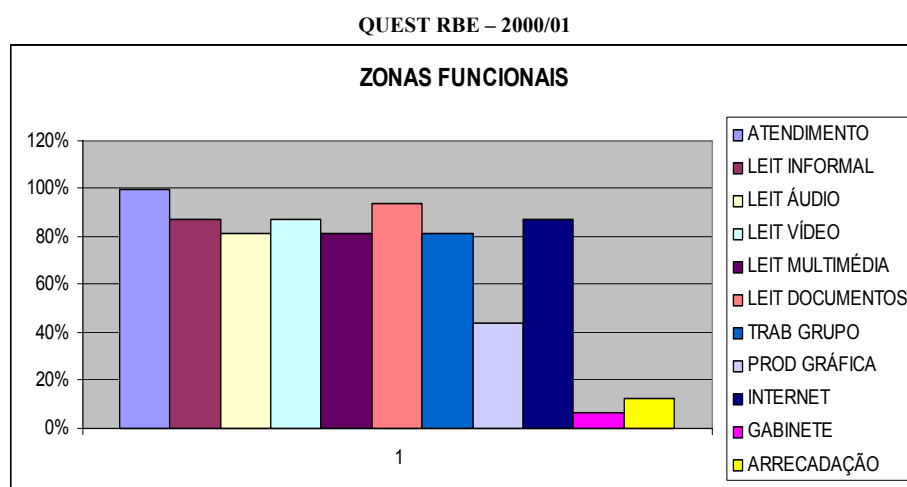


Fig 5

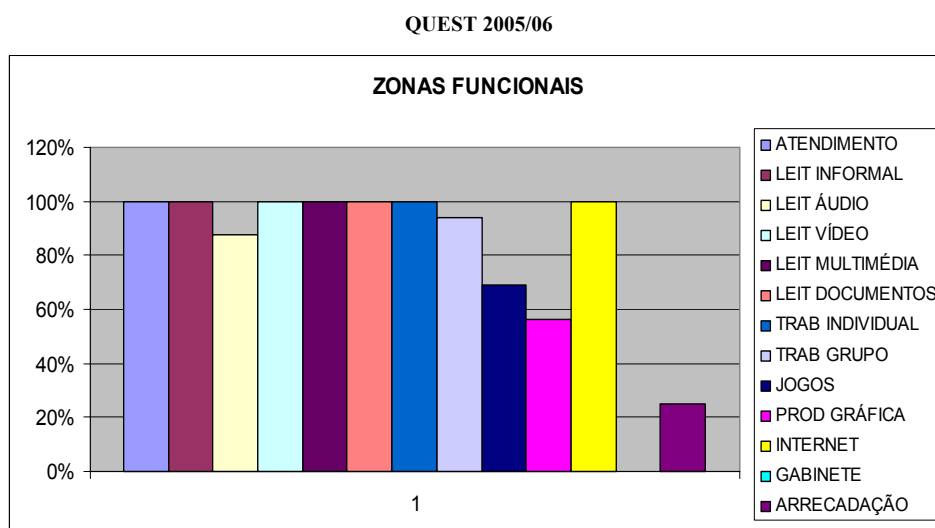


Fig 6

Enquanto que em 2000 só a zona do Balcão de Atendimento existia a 100%, em 2006 esta percentagem abrange a Leitura Informal, a Leitura Vídeo, a Leitura

Multimédia, a Leitura/Consulta de Documentos Impressos, a Zona de Trabalho Individual e o acesso à Internet. O aumento da disponibilização à Internet é, aliás, o crescimento mais significativo o que revela, sem dúvida, a importância cada vez mais acentuada que tem este canal de informação, e, igualmente, que a generalização das TIC no currículo do 3º ciclo, se tornou responsável pela expansão do acesso à *web*, o que também se reflecte numa maior procura por parte desses mesmos alunos. Este dado é tanto mais importante se tivermos em conta que uma das verificações dos estudos americanos (cf., por exemplo, Ross and Kuhlthau, “13 000 students can’t be wrong”) é que a existência de uma boa rede informática com acesso à Internet, tem um impacto positivo nos resultados escolares, independentemente do meio sócio-económico da comunidade em que a escola se insere.

Outro facto, a que já fizemos referência atrás, é o aumento do número de bibliotecas com espaço de arrecadação: de duas passou para quatro, o que nesse conjunto representa 25% do total. Ora, se as áreas totais não aumentaram (cf. Fig.2) este espaço foi conseguido, muito provavelmente, por ocupação de qualquer arrecadação da escola mas, depois, não foi contabilizado para indicação da área total da biblioteca. Se assim for, a média das áreas pode, de facto, ser ligeiramente superior ao referido nas respostas.

A inexistência de um Gabinete de Trabalho, na totalidade do nosso universo de escolas, é uma lacuna que consideramos dever ser colmatada com a maior brevidade, merecendo, na nossa perspectiva, que o próprio Gabinete da RBE (que também possui estes dados) dê instruções aos coordenadores e Presidentes dos Conselhos Executivos nesse sentido. O conhecimento que temos da realidade escolar é que, muitas vezes, as soluções são alcançáveis no quadro interno da escola, mas, por inércia, vão sendo adiadas.

As directrizes da IFLA, no respeitante às diferentes áreas; são claras: “uma zona administrativa para balcão de empréstimo, trabalho interno, espaço para tratamento de materiais multimédia, armazenamento de equipamento audiovisual e espaço de depósito de materiais”. O próprio *Relatório Síntese* da RBE é normativo: “Para assegurar o funcionamento da biblioteca são também indispensáveis a Zona de Serviços Técnicos e Zona de Armazenagem” (Veiga et al., 1996: 44).

3.2.2 Recursos Humanos

É reconhecida a importância que assume, para o sucesso da biblioteca escolar, a qualidade dos recursos humanos que nela prestam serviço. Aspectos como a formação do coordenador e colaboradores (professores e auxiliares de acção educativa) são considerados indicadores relevantes quando se analisa o funcionamento de uma biblioteca.

3.2.2.1 Professores da equipa

Embora tenha havido, ao longo dos anos, alguma indefinição no que respeita ao número de professores que devem integrar a equipa da biblioteca escolar, parece claro que o número três é o mais consensual e consistente, já que se verifica tanto em 2000/01 como em 2006, a sua predominância no conjunto de escolas que aqui analisamos. Poder-se-á afirmar que, ainda que os coordenadores não tenham recebido indicações claras e precisas, têm noção de qual deve ser a dimensão equilibrada de uma equipa. Também é interessante constatar que, precisamente por não haver orientações superiores, o número de professores que fazem parte da equipa varia numa escala muito lata: entre um e nove elementos, no ano lectivo de 2000/2001 e entre dois e nove elementos, no ano lectivo de 2005/2006. Nestes casos extremos, cremos que seja muito difícil desenvolver um trabalho coordenado e consistente pelo que saudamos a decisão ministerial²⁹ de estipular que a equipa deve ter o máximo de quatro elementos incluindo o coordenador.

Quanto à formação dos professores que integram a equipa, esta apresenta evidentes fragilidades e nem sempre com tendência para melhorar significativamente. Em 2001, na maior parte destas bibliotecas escolares apenas o coordenador tinha formação (em muitos casos também apenas em tecnologias da informação e da comunicação). Duas escolas – E6 e E10 – não assinalam a formação do coordenador, presumindo-se que não possuem formação específica (cruzando-se com a resposta dada na questão 5.1 do questionário). Em 2006, apenas a E7 não refere formação para o professor coordenador. Em relação aos restantes membros da equipa, sete escolas

²⁹ Despacho nº 13.599/2006, artº 8

continuam a mencionar que nenhum tem formação específica. O único caso digno de registo positivo é apresentado por uma biblioteca onde todos os elementos têm formação.

Como bem sabemos, e já o afirmámos por diversas vezes, após dez anos de instalação do Programa da RBE, várias têm sido as orientações dadas no que respeita aos recursos humanos, em particular os docentes que integram a equipa. No Despacho Interno Conjunto nº 3 - I/SEAE/SEE/2002 de 15 de Março (já revogado em grande parte dos seus artigos³⁰) determinava-se “ao professor coordenador da equipa será atribuído um crédito mínimo de 8 horas lectivas o qual é convertido em redução da componente lectiva semanal. O crédito remanescente será, conjuntamente com a bolsa disponibilizada pela escola, atribuído aos outros docentes que integram a equipa”. Esta determinação era favorável aos professores, pois tinham uma pequena redução na sua componente lectiva para o exercício destas funções. Aliado a isto vinha outro artigo (também revogado³¹) que estipulava que:

Os professores a integrar a equipa coordenadora da BE/CRE devem, preferencialmente, ser escolhidos de entre os que apresentem os seguintes requisitos:

- a) formação especializada em comunicação educacional e gestão da informação;
- b) curso de especialização em ciências documentais;
- c) cursos de formação contínua na área das BE/CRE;
- d) comprovada experiência na organização e gestão de bibliotecas e centros de recursos educativos

O que se manteve do referido Despacho foi:

2.. Sem prejuízo da respectiva qualificação, e por forma a motivar e a gerir de forma eficiente os recursos humanos de cada escola, deverão os órgãos de gestão, na constituição da referida equipa, ter em conta:

- a) nas regras de atribuição dos horários zero, ou horários incompletos, a existência de professores com formação especializada nesta área, ou comprovada experiência na gestão de BE/CRE, por forma a permitir a sua libertação para o exercício daquelas funções;

³⁰ Artigos e alíneas revogados pelos Despachos 17 387/2005 de 12 de Agosto e Despacho 13599/2006 de 28 de Junho.

³¹ Idem.

b) a existência de professores dispensados total ou parcialmente da componente lectiva;

c) a existência de professores que regressem ao serviço no decurso do ano escolar.

Perante esta alteração, tornou-se muito mais fácil aos órgãos de gestão a indicação para funções na biblioteca de professores que representam verdadeiros quebra-cabeças na gestão de recursos humanos dentro da escola: os que têm horário zero ou incompleto, com dispensas da componente lectiva e os que regressam ao quadros da escola. É óbvio que estas duas medidas (supressão da atribuição de horas da componente lectiva e os critérios de escolha) acarretaram uma consequência negativa aqui verificada: abaixamento do número de professores com alguma formação específica.

Recordamos que no volume *Lançar a rede de bibliotecas escolares* (Veiga et al, 1996; no ponto 4.1 Recursos Humanos e Formação, p. 18) afirma-se que:

A formação do professor bibliotecário e de outros elementos da equipa visa a aquisição de competências em animação pedagógica, gestão de projectos, ciências documentais, gestão de recursos audiovisuais e informáticos, tratamento, divulgação e produção de informação, literatura para a infância e juventude, ilustração do livro infantil, sociologia do livro e da leitura.

Fica bem claro que a realidade está a afastar-se, com grande prejuízo para a implementação das bibliotecas escolares, daquilo que se recomenda em vários documentos-chave nacionais e internacionais.

Assim, no intervalo de seis anos, o aspecto mais evidente é que os coordenadores têm efectivamente investido na sua formação. Enquanto que no Questionário da RBE, só 25% possuíam mais de 150h de formação, no Questionário que efectuámos constata-se que 50% dos coordenadores declararam mais de 250h de formação. Dada a localização geográfica do universo de escolas que estudámos, acreditamos que este acréscimo significativo se possa explicar pela oferta de dois cursos de formação que têm vindo a ser realizados, desde 2001, na Faculdade de Psicologia e Ciências da Educação (200h) e na Faculdade de Engenharia da Universidade do Porto

(250h) com elevada procura e frequência de professores coordenadores e esporádica por outros professores que integram as equipas.

O perfil de competências do coordenador foi definido pelo Gabinete da RBE à luz das orientações emanadas da IFLA (cf. Hannesdóttir, 1995) mas tem funcionado como mera recomendação, sem carácter vinculativo. Assim, o facto dos coordenadores terem procurado fazer mais formação é um bom indicador da sua determinação em adquirir conhecimentos específicos no sentido de desempenharem de forma mais competente o cargo que assumiram. Oportuno será citar a mais recente análise que o Gabinete da RBE faz após uma recolha de dados que efectuou junto dos coordenadores no ano lectivo de 2006/07 e que se pode consultar, na íntegra no seu *site* (em Recursos Humanos BEs) e que está em consonância com os dados recolhidos pelo nosso estudo:

É significativo que, ao fim de dez de existência do programa RBE haja já cerca de 21% dos coordenadores com pelo menos uma formação, creditada, em BE com a duração de, no mínimo, 200h. Da amostra sobressai ainda que 9,7% dos coordenadores referem, explicitamente, ter uma formação correspondente a uma especialização, pós graduação ou mestrado em Áreas da BE e também que há um total de 83% dos coordenadores com formação contínua creditada em BE.

A diversificação das áreas de formação e, por consequências, das competências adquiridas pelos coordenadores das bibliotecas escolares está bem explícita nos dois gráficos que a seguir apresentamos.

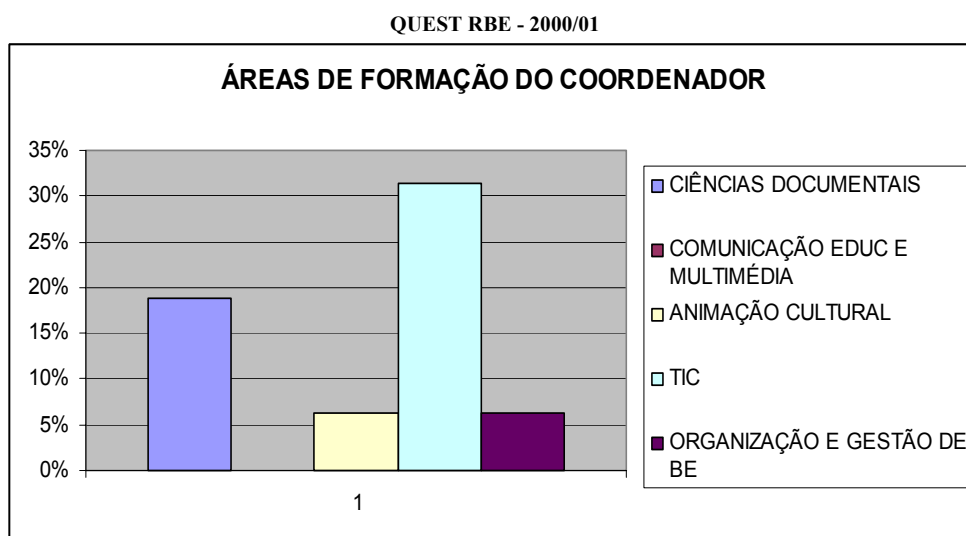


Fig. 7

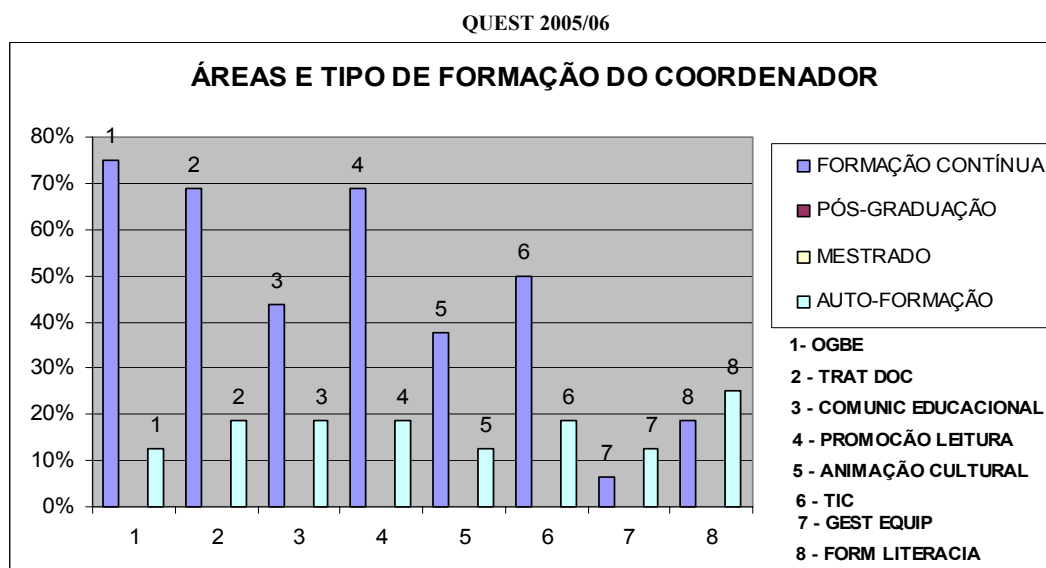


Fig. 8

No Questionário da RBE, 2000/2001, apenas se inquiria as áreas de formação e não o tipo de formação, como foi realizado através do nosso questionário. De qualquer forma, a observação dos dados colhidos permite-nos fazer algumas constatações que revelam, de forma inequívoca, que tem vindo a ser mais rica e variada a formação dos coordenadores. Nessa ocasião a formação predominante era em TIC (31,3%), em Ciências Documentais não chegava aos 20% e em Animação Cultural e em Organização e Gestão de Bibliotecas Escolares não ia além dos 6,3%. Em 2006, a formação em Organização e Gestão de Bibliotecas Escolares dispara para 75%, Tratamento Documental e Promoção da Leitura atingem quase 70%, em TIC sobe para 50%, a Formação em Literacia já regista quase 20% e a Gestão de Equipamentos é quase irrelevante (6,3%). Esta formação é toda ela feita através da formação contínua, revelando não só um investimento por parte dos Centros de Formação Contínua como por parte da própria autarquia, através do SABE, disponibilizando pacotes de formação do IPLB, como foi o caso de Matosinhos, cujas escolas no nosso inquérito representam 31,3%.

Curiosamente, a formação obtida por auto-formação apresenta índices muito baixos, excepto no caso da Formação em Literacia, que é mais elevada. Sugere este dado que podemos estar perante um caso não de desinteresse pessoal mas falta de literatura acessível em língua portuguesa e falta de competências noutras línguas

(nomeadamente o Inglês) para ler documentos específicos. O esforço feito para obter alguma formação nesta área também pode ser indiciador de que os coordenadores sentem lacuna na sua formação e sentem-se pressionados em adquiri-la para poderem dar um melhor apoio aos utilizadores.

Uma das condições para o bom desempenho das bibliotecas é, justamente, a formação altamente qualificada do responsável e pensamos que a tutela deverá, com a maior brevidade, definir o perfil de competências e estabelecer quais os requisitos a nível de habilitações para o coordenador, definindo-se assim um profissional diferenciado. As recomendações das organizações mundiais (IFLA e IASL) bem como a de inúmeras associações nacionais de bibliotecários escolares sublinham a importância vital de um profissional para uma boa gestão de recursos e formação de utilizadores, capaz de induzir novas práticas pedagógicas dentro das escolas.

3.2.2.2. Auxiliares de Acção Educativa na equipa

Já o afirmámos, que a figura do Auxiliar de Acção Educativa (AAE) é de grande importância, pois deve assumir um papel mais interveniente em algumas das fases do tratamento documental, bem como no apoio aos utilizadores e tarefas de gestão. Tendo sido, no passado, definidas novas carreiras para o pessoal não docente, concretamente a de técnico de Documentação, nunca foi regulamentada pois nenhuma legislação foi publicada. Não há, assim, qualquer incentivo de promoção profissional e este profissional que pode acumular experiência e alguma formação específica, continua indiferenciado no quadro dos AAE, podendo ser, a qualquer momento, deslocado para outro sector dentro da escola com grave prejuízo para o bom funcionamento da biblioteca escolar. Pessoal técnico qualificado, está provado por estudos, constitui um forte elo na criação de bibliotecas que fazem a diferença qualitativa.

Em relação ao período estudado, as habilitações académicas dos Auxiliares de Acção Educativa (AAE) sofreram uma ligeira evolução positiva. A percentagem dos que possuem o 11.º ou 12.º ano subiu de 50% para 56,3%. No que se refere à formação, verifica-se igualmente uma evolução positiva, embora no contexto profissional que acima referimos.

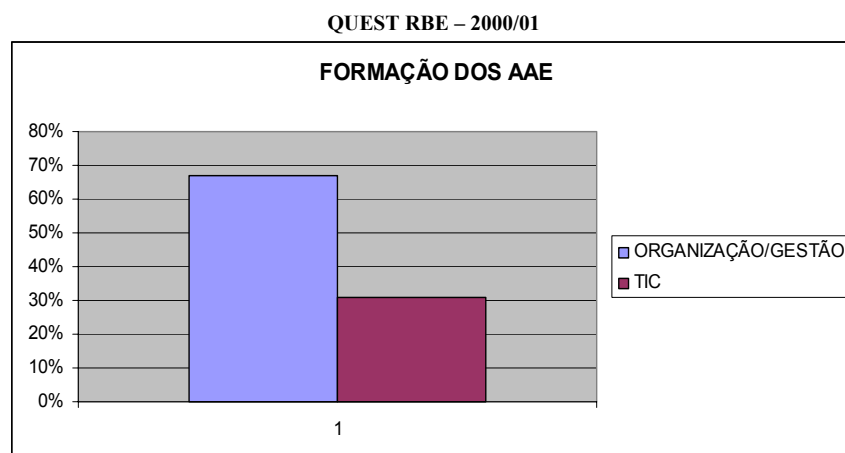


Fig 9

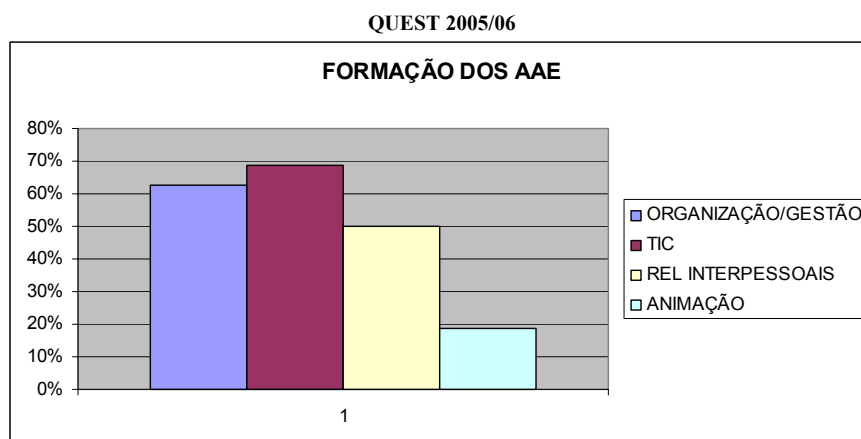


Fig 10

Como podemos verificar pelos gráficos, a formação na área da Organização e Gestão da Biblioteca Escolar revela um ligeiro decréscimo que se deve poder justificar pela deslocação dos respectivos AAE para outras funções dentro da escola. Sabemos que bastantes Conselhos Executivos continuam a subestimar a importância da biblioteca escolar e não hesitam em dali retirar um AAE, ainda que com formação específica adquirida, para suprir necessidades noutros sectores. Por outro lado, verifica-se um investimento numa nova área, a da Animação.

A formação em TIC aumentou muito significativamente (de 31,3% para 67,8%) pois também tem sido esta a oferta mais frequente dos Centros de Formação para qualquer funcionário. A formação em Organização e Gestão da BE continua a ser escassa ou inexistente, também por opção, estranha no nosso entender, dos Centros de

Formação e, também, como já o afirmámos, porque não havendo carreira regulamentada, não há incentivos em fazer este tipo de formação. A formação em Relações Interpessoais apresenta uma percentagem significativa (50%) porque, sabemos, também é uma oferta muito frequente nos Centros de Formação para pessoal não docente.

3.2.3. Fundo documental

A análise comparativa dos dados fornecidos pelas escolas permite-nos afirmar, sem qualquer dúvida, que o fundo documental existente em 2001 sofreu um incremento significativo em seis anos. Embora das 16 escolas nem todas tenham respondido à questão referente à caracterização do fundo documental – 4 escolas em 2001 e 5 escolas em 2006 (uma das escolas repete a ausência de informação) –, de facto notamos uma evolução positiva, pelo menos no que se refere ao volume de documentos que as bibliotecas possuem. Vejamos:

- a percentagem de bibliotecas com mais de 1000 monografias de não ficção passou de 44% para 50%;
- a percentagem das que tinham mais de 2000 monografias de ficção subiu de 19% para 37,5%;
- a percentagem das que possuíam mais de 100 documentos áudio passou de 6% para 31,3%;
- no que respeita o CD-ROM, no questionário/2006 distinguimos os que servem de obra de referência dos que têm conteúdo de apoio ao currículo, no questionário da RBE tal não foi considerado, por isso optámos por juntar as percentagens colhidas no nosso questionário. Desta forma, apurámos que em 2000, a percentagem das bibliotecas com mais de 100 unidades era de 31% e em 2006 essa percentagem sobe para 37,5%.

Em relação ao material vídeo não houve crescimento (em 2000 a percentagem das bibliotecas com menos de 300 vídeos era de 81%, em 2006 essa percentagem desceu para 50%) o que se pode explicar, por ter sido abatido devido a más condições de reprodução e não ser substituído por falta de verba e/ou devido ao declínio deste

suporte, ou pode ter desaparecido da própria biblioteca (nem sempre, como já pudemos constatar em várias bibliotecas, se observam as boas normas de acesso livre, deixando os originais acessíveis aos utentes).

Finalmente, em relação ao número de assinaturas de periódicos, em 2000, 87,5% das bibliotecas indicavam menos de 20 e em 2006 62,5% refere menos de 11 e só uma biblioteca assinala 16 assinaturas. Este decréscimo pode justificar-se com o decréscimo nos fundos disponíveis e, também, pelo facto de algumas das publicações, terem desaparecido do mercado³².

Se é verdade que houve crescimento da colecção – não podemos aferir outros aspectos importantes, como por exemplo a actualidade da colecção –, ainda assim esse crescimento é lento e fica muito aquém dos números de referência da UNESCO (cf. Veiga et al, 1996), que indicam 6000 documentos, numa fase inicial, para escolas com mais de 500 alunos, e um crescimento anual de 3 itens por aluno, devendo-se atingir 26 250 ao fim de dez anos. Numa análise mais fina, constatámos que no total das dezasseis escolas, só três apresentam um fundo impresso a rondar as 6000 unidades, com taxas de aquisições, nestes seis anos, muito irrelevantes.

Nos gráficos seguintes (Fig. 11 e 12) encontramos parte da explicação: dificuldade em manter todo o tratamento documental realizado, começando logo pelo Registo. Sabemos que a maioria das bibliotecas não tem qualquer dotação anual fixa e vai fazendo as suas aquisições ao sabor da oportunidade de dotações casuísticas e com valores geralmente muito baixos. Os orçamentos das escolas continuam a deixar de fora do mapa das necessidades a biblioteca, e a sua função de manter as colecções actualizadas e em número correspondente ao universo do seu público não se cumpre. Como veremos noutros quadros, também são poucas as entidades que apoiam financeiramente as escolas e, em particular, as bibliotecas.

Recordando, de novo, as conclusões dos estudos americanos, mais de 27% do sucesso escolar deve-se à existência de uma boa colecção, em número, actualidade e adequação aos curricula. É imprescindível que a muito curto prazo se definam dotações orçamentais para um crescimento sustentável das bibliotecas escolares, caso contrário

³² Citemos, a título de exemplo, “Fórum Ambiente”, “Quo”, “Malasartes”.

estaremos a regredir e a contrariar conclusões já validadas por pesquisas idóneas. Também a IFLA (Hannesdóttir, 1995)³³ recomenda:

A biblioteca escolar deve disponibilizar acesso a um amplo leque de recursos que corresponda às necessidades dos utilizadores, independentemente da sua educação, informação e desenvolvimento pessoal. É imperativo que as colecções continuem a ser desenvolvidas de forma continuada, de modo a assegurar aos utilizadores uma escolha permanente de novos materiais.

No capítulo referente a Recursos Documentais, o relatório *Lançar a Rede de bibliotecas escolares* (Veiga et al, 1996: 23) indica:

Os critérios a adoptar para a definição do fundo documental inicial, baseados em normas internacionais adaptadas à realidade portuguesa, são os seguintes:

- O fundo documental mínimo será constituído por um conjunto de documentos igual ao número de alunos da escola multiplicado por dez.
- Os materiais impressos constituirão 75% deste fundo.
- Para que cada escola atinja este fundo mínimo prevê-se um prazo de dois a quatro anos.

À margem de uma análise comparativa, não podemos deixar de fazer notar um dado que colhemos no questionário por nós aplicado e que não foi incluído no questionário da RBE: nenhuma biblioteca refere uma subscrição de base de dados e seria muito interessante conhecer as razões por que isso acontece. Quanto a nós, entendemos que uma subscrição de bases nacionais é bastante acessível economicamente, se compararmos com o suporte papel ou digital, e tem a enorme vantagem de oferecer uma actualização permanente.³⁴ “Os recursos electrónicos devem incluir o acesso à Internet, bases de dados em texto integral e de referências especializadas”, recomenda a IFLA (cf. Hannesdóttir, 1995).

³³ Versão portuguesa de 2002, tradução de Maria José Vitorino.

³⁴ No Estado de Novo México, Lance, em 2002, efectua um trabalho de investigação que revela que as escolas onde se obtiveram os melhores resultados nos testes de língua (New Mexico Achievement Assessment Program (NMAAP)) disponibilizam duas vezes mais bases de dados licenciadas, através de uma rede de intranet, que aquelas onde os resultados foram piores

3.2.3.1 Tratamento técnico

Como fomos assinalando nos comentários realizados a cada escola individualmente, o tratamento documental revela uma melhoria no período estudado, mas apresenta ainda algumas fragilidades que merecem a nossa atenção.

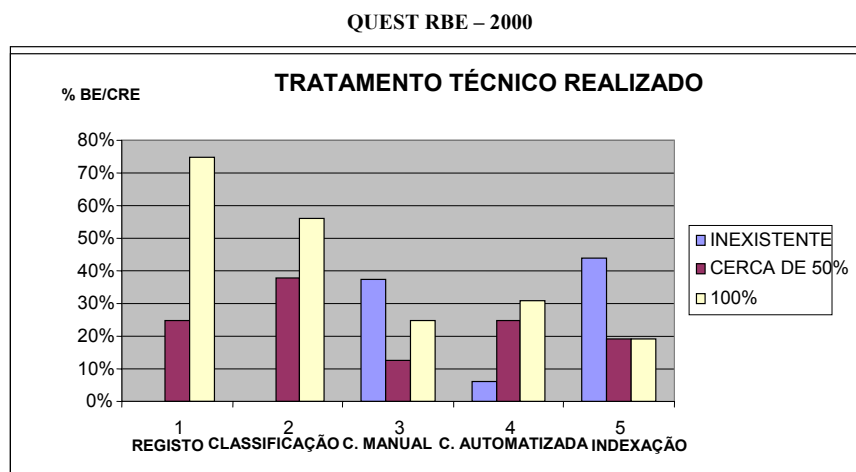


Fig. 11

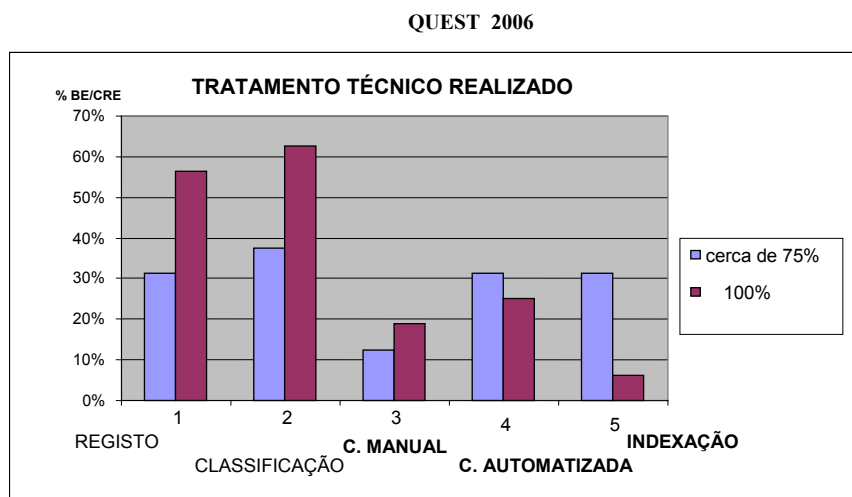


Fig. 12

A nível do tratamento documental, temos que fazer uma análise comparativa por cada fase do processo: em relação ao Registo, a percentagem de bibliotecas que têm 100% completo, diminuiu 12,5%; na Classificação, aumentou em 12,5%, a percentagem que refere 100% realizada; a Catalogação Manual, que era inexistente em 37,5% das bibliotecas, em 2000, passa a existir 100% realizada em cerca de 20% de bibliotecas; a

Catálogo Automatizada, feita a 100%, também desceu em 6,3% das bibliotecas; por fim, a Indexação, que era inexistente em mais de 40% de escolas, encontra-se realizada em 75% em cerca de 30% de bibliotecas e concluída a 100% diminui a percentagem de bibliotecas (baixou de 20% para 12,3%).

De um modo geral, o Tratamento Documental não se encontra plenamente realizado por uma série de razões que poderão ser confirmadas pelos gráficos adiante apresentados:

- coordenador disperso por inúmeras actividades e responsabilidades;
- coordenador com poucas habilitações na área do tratamento documental
- elementos da equipa, docentes, igualmente com carência de formação específica;
- o AAE, funcionário indiferenciado com alguma formação específica adquirida em formação contínua e sem grande competência para assumir parte substancial do tratamento técnico. No nosso estudo, apenas identificámos uma escola onde existe um funcionário com o curso BAD.

Esta é uma das questões onde é necessário que a tutela defina o que realmente pretende que sejam as bibliotecas escolares: estruturas de apoio e de intervenção decisivas na promoção do sucesso escolar, onde toda a colecção esteja acessível, não no sentido do livre acesso mas no sentido de ela se encontrar pesquisável *on-line*, tanto através da Internet como da intranet (rede fundamental dentro de uma escola porque leva o catálogo para dentro da sala de aula, por exemplo) ou um espaço onde existem documentos parcialmente tratados, logo, de difícil recuperação pelos utentes. As orientações da IFLA (cf. Hannesdóttir, 1995) são bem claras a este respeito:

A riqueza e a qualidade dos recursos da biblioteca dependem dos recursos humanos disponíveis dentro da biblioteca escolar e para lá dela. Por este motivo, é de grande importância dispor de pessoal com boa formação.

O auxiliar de biblioteca presta contas ao bibliotecário e apoia-o nas suas funções. Esta posição requer conhecimentos e competências tecnológicas e de manutenção e apoio geral. O auxiliar deve ter formação prévia sobre bibliotecas.

3.2.4 Gestão financeira

A gestão financeira da biblioteca escolar constitui um aspecto relevante e quase sempre esquecido pelas escolas. Um bom fundo documental, que corresponda aos interesses dos alunos e às necessidades curriculares, exige a existência de um orçamento que preveja aquisições programadas e em tempo útil.

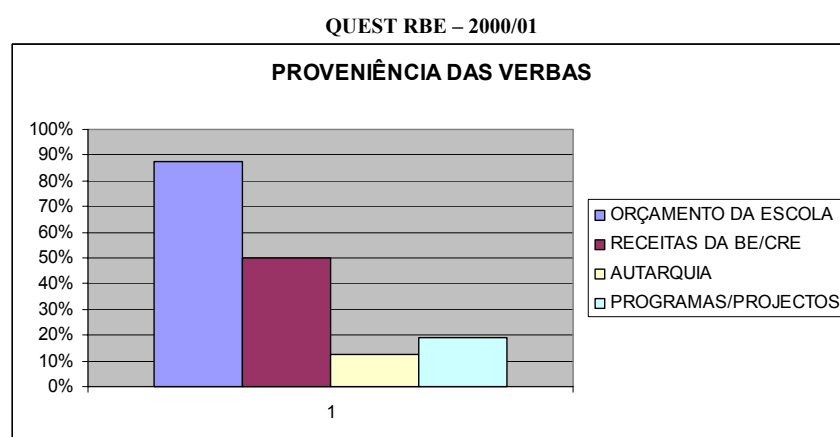


Fig. 13

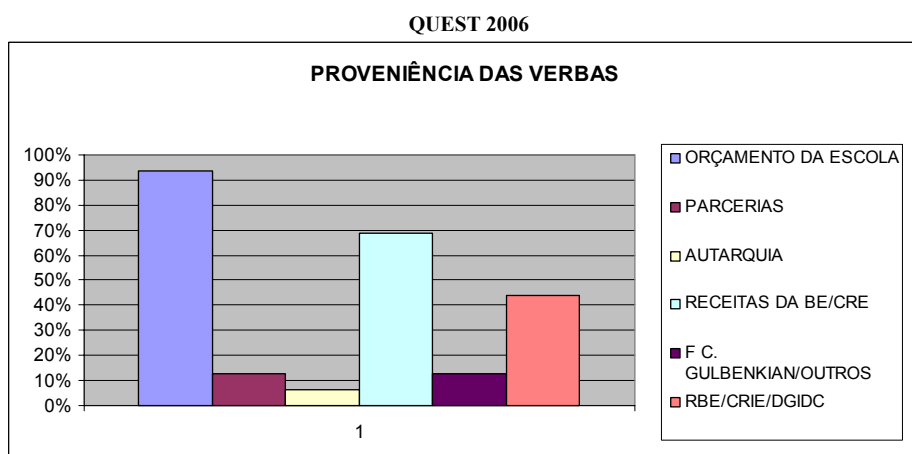


Fig. 14

Como já o referimos atrás, é escasso o apoio financeiro exterior à escola. Em ambos os quadros se constata que a dotação orçamental, ainda que casuística, é, sobretudo, proveniente da própria escola (aliás, subiu ligeiramente, situando-se em cerca de 90%). A segunda fonte de receitas é gerada pela própria biblioteca (passou de 50% para 68,8%) e, em seguida, refere-se a RBE, a Fundação Calouste Gulbenkian e

outros programas (Ciência Viva, por exemplo) com apoios que, em 2006, não atingem os 40%. Como se pode também verificar, o apoio da autarquia é inexpressivo e diminuiu (de 12,5% para 6,3%), e tal deve-se, com certeza, ao facto de terem o seu apoio orientado para as escolas do Pré-escolar e 1º ciclo.

A propósito deste tópico de análise, refira-se que no *Manifesto da UNESCO* pode ler-se: “As bibliotecas escolares devem ter meios financeiros suficientes para assegurar a existência de pessoal com formação, documentos, tecnologias e equipamentos e ser de utilização gratuita” e as *Directrizes da IFLA para as Bibliotecas Escolares* indicam que “Como regra geral, o orçamento do material da biblioteca escolar deve ser pelo menos de 5% do valor da despesa por aluno do sistema escolar, excluindo salários, despesas de educação especial, transportes e fundos para desenvolvimento financeiro”.

Neste aspecto, há, ainda, muito por mudar, sob pena de se verificar uma estagnação na manutenção, promoção e crescimento das bibliotecas. Os conselhos administrativos continuam a não definir dotações anuais, e, como já pudemos verificar, o crescimento do fundo documental, a reparação e substituição de equipamento, as actividades de animação e de promoção da própria biblioteca ficam seriamente comprometidas. Não nos parece aceitável que os órgãos de gestão, que assumiram um compromisso com a entrada das suas bibliotecas na RBE, não entendam a necessidade de um apoio financeiro regular e de acordo com as necessidades de gestão adequada, de acordo com parâmetros de qualidade conhecidos.

3.2.5 Actividades realizadas

No intervalo de seis anos, observam-se algumas alterações no que respeita à hierarquização das actividades de acordo com o tempo dispendido. Em 2000/01, em 31,3% das bibliotecas, as actividades que absorviam menos tempo eram a criação/estruturação de espaços e serviços, formação de utilizadores e planeamento e avaliação de serviços.

Em 2005/06, dado o estágio de desenvolvimento em que as bibliotecas já se encontram, era natural que o menor dispêndio de tempo fosse atribuído à criação/estruturação de espaços e serviços, mas a percentagem de 37,5% indicia que as

bibliotecas continuam a preocupar-se com a qualidade de determinados aspectos do serviço que prestam; também se dedica menos tempo ao planeamento e avaliação de serviços (25% das bibliotecas).

Em 2000, as actividades que exigiam mais tempo de dedicação eram selecção, organização e tratamento de documentação (em 31,3% das bibliotecas) e apoio às actividades curriculares (em 43,8% das bibliotecas); em 2006, em 62,5% das bibliotecas, a actividade que se sobrepõe a todas as outras em tempo dispendido é o apoio aos utilizadores, logo seguida, em 31,3% dos casos, do apoio a actividades curriculares.

Curiosamente, a animação da leitura não revela alteração sensível no espaço destes seis anos, continuando a ser daquelas actividades em que há uma dedicação de tempo intermédia. Tratando-se de escolas do 2.º e 3.º ciclos, seria de supor que as actividades de promoção da leitura tivessem uma implantação mais assinalável, no sentido, aliás, do que presentemente se propõe com o Plano Nacional de Leitura.

Na área da formação de utilizadores é que surge uma sensível evolução positiva pois, em 18,8% das bibliotecas, aparece como uma actividade na qual há grande investimento de tempo, ao contrário do que acontecia em 2000. Este dado é muito relevante uma vez que é indicador de que se compreende, de forma cada vez mais evidente, que sem formação adequada dos utilizadores a biblioteca é subaproveitada nos seus recursos. Os trabalhos de investigação realizados por Lance, nos EUA, numa série de estados, revelaram, inequivocamente, que quanto mais tempo é dispensado ao desenvolvimento de competências literárias, melhores são os resultados em testes (Assesment Tests).

3.2.6 Integração na Escola/Meio

É um facto positivo, a verificação de que as bibliotecas desenvolvem algum tipo de parcerias e que a percentagem das que as promovem tenha aumentado ligeiramente (de 63% para 75%). É bem elucidativo quais são os parceiros preferenciais das escolas e como ainda deve haver um esforço acrescentado para inverter certas inércias instaladas. As escolas trabalham mais com outras escolas e os outros parceiros mais próximos são

os encarregados de educação, através das suas associações e as autarquias, sobretudo através da biblioteca municipal. Ocasionalmente referem-se parcerias com outras instituições.

O inquérito realizado por nós integrava uma questão relativa às áreas em que se concretizava as parcerias e optámos por apresentar nos quadros seguintes esses dados para podermos compreender melhor a situação actual no terreno.

QUEST 20006

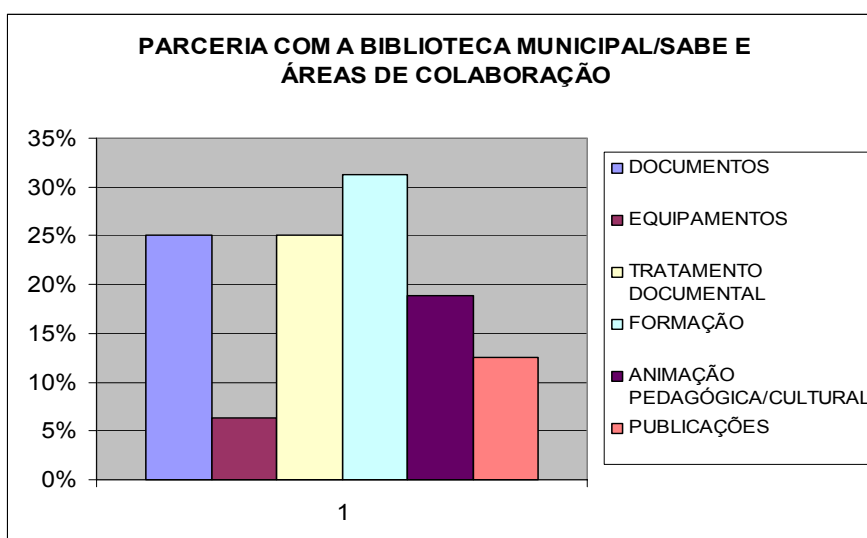


Fig 15

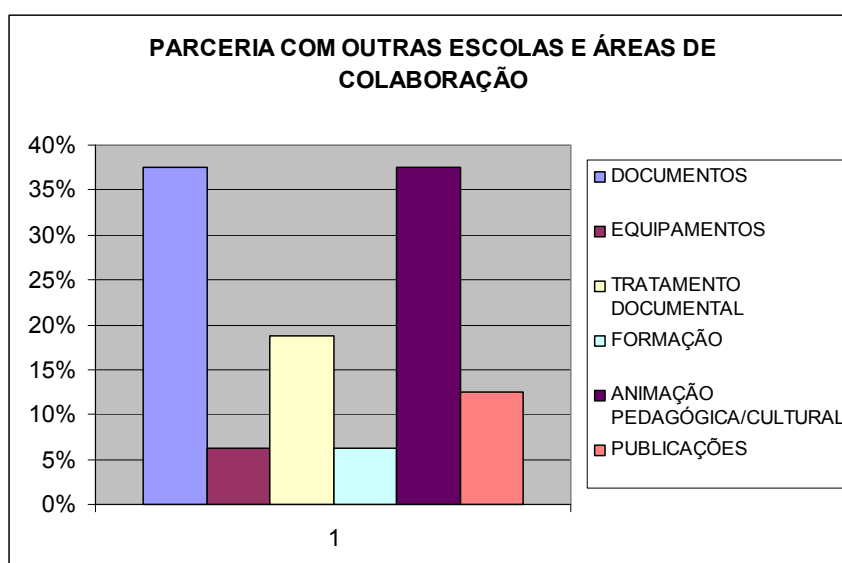


Fig 16

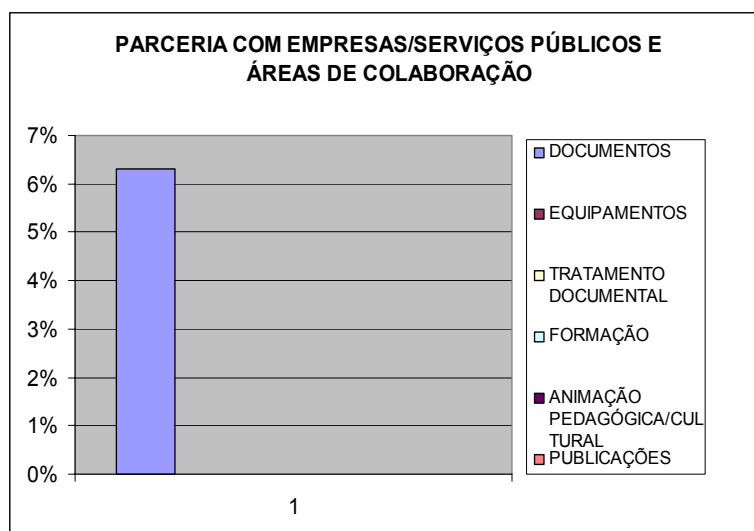


Fig. 17

Os gráficos revelam, claramente, em que áreas se processa a colaboração: sobretudo na partilha de recursos e de documentos. As instituições locais não têm uma cultura de apoio às escolas das zonas em que estão geograficamente instaladas e pouco respondem às solicitações que, pontualmente, lhe são endereçadas. Há uma inexpressiva (6,8%) colaboração a nível de oferta de documentos ou meios financeiros para os adquirir. Com as autarquias, nomeadamente com o SABE (Serviço de Apoio às Bibliotecas Escolares), as parcerias jogam-se no campo da formação, logo seguidas da oferta de documentos e seu tratamento documental (25% dos casos).

3.2.7 Avaliação

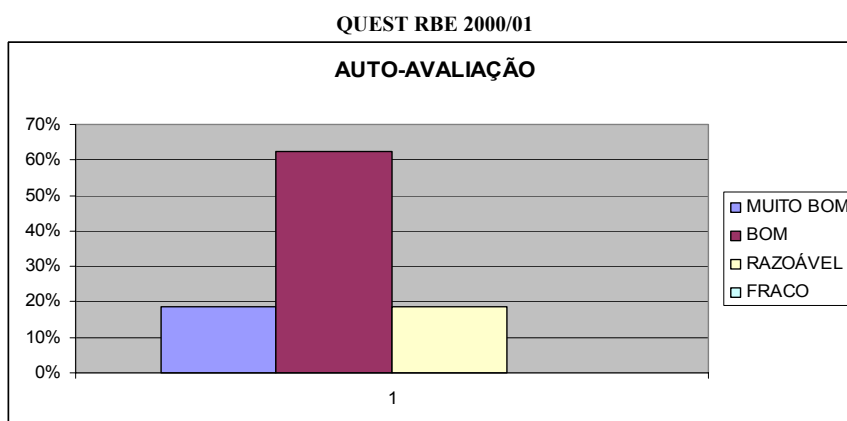


Fig 18

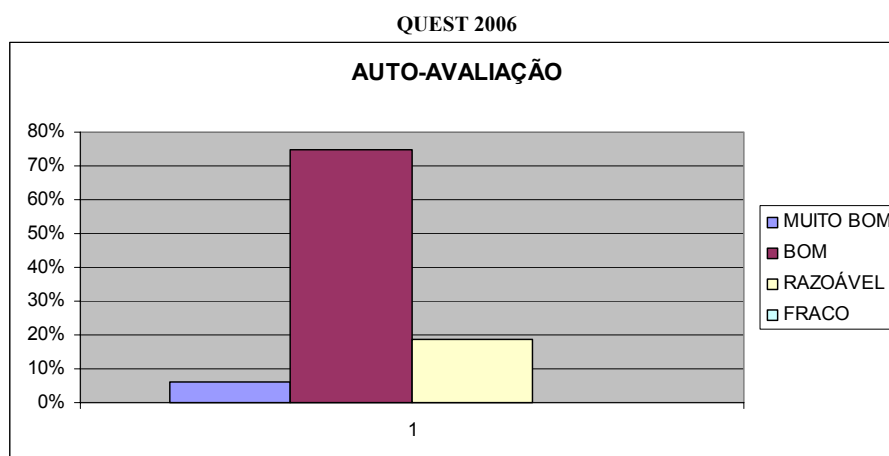


Fig 19

A análise comparativa permite-nos verificar um dado bastante interessante: a percentagem de coordenadores que avaliaram o desempenho da sua biblioteca como Muito Bom, em 2000/01, desceu um terço em 2006, elevando, assim, a percentagem do Bom. A classificação Razoável não sofreu alteração e Fraco não se registou em ambos os questionários.

Que leitura poderemos fazer? Pensamos que a avaliação de 2006 revela que os coordenadores sentiram frustradas algumas das suas expectativas em relação à evolução da biblioteca, devido aos constrangimentos de várias ordens, nomeadamente da responsabilidade da tutela, que não tem tido uma política coerente em matéria das bibliotecas escolares e, portanto, há como que uma ‘regressão’ ou, pelo menos uma involução traduzida na transferência do Muito Bom para Bom. Por outro lado, também não podemos esquecer as dificuldades inerentes ao funcionamento da própria escola, que se caracteriza pelas dificuldades em conseguir promover uma efectiva utilização pedagógica da biblioteca por parte dos professores ou as dificuldades de comunicação com conselhos executivos por vezes pouco cientes da verdadeira importância da biblioteca na escola actual

CONCLUSÕES

Ao longo da análise comparativa, já fomos tecendo algumas considerações, fizemos comentários, justificámos afirmações, validámos críticas através de dados colhidos aquando da revisão da literatura. Contudo, impõe-se que apresentemos, agora, um conjunto de conclusões perante o estudo feito.

A primeira é que o Programa da RBE foi, sem dúvida, a decisão mais acertada no plano de revitalização das bibliotecas escolares, e que a sua manutenção continua a justificar-se plenamente, pois ainda está longe de atingir as metas iniciais a que se propôs. Dez anos que estão decorridos desde o seu lançamento, significam mudanças qualitativas assinaláveis, verificadas neste estudo em que se apreciam e comparam dois momentos temporais deste percurso.

Apesar de uma política errática, a nível governamental, no que concerne a este programa da RBE, as bibliotecas escolares apresentam-se, no contexto escolar, como uma estrutura que promove e estimula a mudança, no sentido de formar literacitamente os seus utilizadores, sobretudo os alunos.

O crescimento sustentado das bibliotecas carece de uma regulamentação a vários níveis: perfil, formação e competências do seu responsável e fixação de uma nomenclatura inequívoca para designar esse responsável; estipulação do seu horário com dispensa total da componente lectiva; criação de uma carreira de técnico BAD para o pessoal auxiliar não docente; definição da equipa, suas funções e horários; regras de dotação orçamental; instrumentos e processos de avaliação. Toda esta clarificação viria contribuir, de forma decisiva, para que cada órgão/estrutura de escola encarasse o papel da biblioteca de outra forma, considerando o seu responsável um parceiro a ser ouvido em várias estruturas e criando condições mais favoráveis, porque institucionalmente validadas, para desenvolver um trabalho colaborativo com os outros professores.

Parece-nos que com este estudo pudemos, de facto, traçar um retrato mais fidedigno da situação das bibliotecas escolares, ainda que só nos tivéssemos circunscrito a um universo relativamente pequeno.

A análise feita de forma mais focalizada, escola a escola, comparando objectivamente dados colhidos em dois momentos temporais, pareceu-nos ter a

vantagem de poder aproximar a ‘lente’ do olhar investigativo e relevar o que de mais importante aconteceu em termos de mudanças geradas ao longo de um período com alguma extensão. Realçámos, desta forma, quais os aspectos que mais evidenciam um percurso convergente das linhas referenciais de orientação, tanto a nível de documentos internos como a nível das grandes linhas internacionais definidas por organismos incontornáveis e, igualmente, o reverso, i.e. os movimentos divergentes e que são bem preocupantes. Na análise global procurámos traçar um retrato do percurso destas escolas, nas suas linhas essenciais, percurso este que, em alguns aspectos, cremos que poderá ser idêntico ao de outras escolas, localizadas noutros pontos do país. Algumas dificuldades identificadas – orçamento, tratamento documental, formação dos elementos da equipa – serão comuns a outras bibliotecas escolares, tendo em conta o nosso conhecimento pessoal da situação. E os aspectos positivos – por exemplo, ampliação das zonas funcionais, algum enriquecimento do fundo documental – serão sentidos igualmente noutras bibliotecas escolares.

Desta forma, dentro das limitações geográficas do nosso estudo, cremos que muitos dos aspectos identificados serão comuns a outras bibliotecas escolares. No que se refere às limitações do estudo, pensamos igualmente que em alguns casos, uma análise mais minuciosa, poderia/poderá trazer novos dados, designadamente as relações entre formação do coordenador da biblioteca e certos aspectos que caracterizam o seu funcionamento. Outros elementos também acabam por nos faltar, como o que se refere ao próprio processo de gestão que tem sido implementado ao longo dos seis anos considerados – pois acabamos por ter acesso apenas a dois momentos precisos do continuum que é a vida de uma biblioteca. Estes são aspectos que pretendemos aprofundar no futuro, uma vez que é nossa intenção continuar a investir nesta área, em termos de investigação.

Achamos, apesar de todos os constrangimentos atrás apontados, que os objectivos fundamentais do nosso estudo, aqueles que aqui foram elencados na parte introdutória, foram alcançados com a análise que fizemos: escola a escola, num primeiro andamento, e por conjunto de escolas, num segundo andamento.

Finalmente gostaríamos de referir que o Programa da RBE, apesar dos seus esforços notáveis e crescentes para conseguir implementar bibliotecas de qualidade, tem sofrido, ao longo desta década, alguns desvios fruto de políticas, por vezes

inconsistentes, que a tutela vai assumindo publicando alguma legislação avulsa que em nada contribuem para a sedimentação dos percursos. É certo, e já aqui o referimos, que o Despacho nº 13 599/2006 representa um avanço no sentido de se valorizar o papel da biblioteca escolar, mas muito ainda está por legislar. Muitos investimentos têm sido feitos: materiais (espaços, equipamentos, fundo documental, mobiliário) e humanos (formação específica e especializada) e começa a tornar-se premente que o Ministério lance um olhar atento ao que tem sido feito, defina o que quer que sejam as bibliotecas escolares e qual a formação e o perfil do coordenador e dos funcionários que ali trabalham.

Resta-nos desejar que possamos ter contribuído para que o debate e os estudos sobre o impacto das bibliotecas escolares em Portugal se possa alargar para trazer novas contribuições e análises mais aprofundadas.

BIBLIOGRAFIA

- ALÇADA, Isabel (1996). As Novas Bibliotecas Escolares. In: *Noesis*, 38.
- Alexandria Manifesto on Libraries, the Information Society in Action. Disponível em: <http://www.ifla.org/III/wsis/AlexandriaManifesto.html> [acedido em 02.04.05]
- ALMEIDA, Reginaldo Rodrigues de (2004). *Sociedade BIT: da Sociedade da Informação à Sociedade do Conhecimento*, [s.i]: Fomento.
- ALVES, Marta Paula Fernandes Mota (2000). *Intervenção da Biblioteca Escolar no Processo de Ensino-Aprendizagem: Estudo de Caso*. Dissertação para Mestrado. Universidade de Lisboa. [texto policopiado]
- BARROSO, Cristina (1991). Gestão e Animação de um Centro de Recursos. A experiência do CRE da Escola Marquesa de Alorna. In: *Inovação*, vol.4,1.
- BASTOS, Glória (2006). Challenging school libraries in Portugal: compromise, consideration, communication and collaboration. In *IASL Reports 2006 Papers from the 35th Annual Conference of the International Association of School Librarianship*.
- BAUMBACH, Donna (2000). Making the Grade: The Status of School Library Media Centers in the Sunshine State and How They Contribute to Student Achievement. Spring, TX: Hi Willow Research and Publishing, 2000. Disponível em: <http://www.sunlink.ucf.edu/makingthegrade/>
- BELL, Daniel (1999). *The Coming of Post-Industrial Society: A Venture in Social Forecasting*, New York: Basic Books.
- BRANNEN, Julia (2004). Working qualitatively and quantitatively. In: Seal, C et. al., *Qualitative Research practice*, London: Sage.
- CALIXTO, José António (1996). *A biblioteca Escolar e a Sociedade de Informação*. Lisboa: Editorial Caminho.
- CANÁRIO., Rui et al (1994). *Mediatecas Escolares: génese e desenvolvimento de uma inovação*. Lisboa: IIE.
- CARMO, Hermano, FERREIRA, Manuela Malheiro (1998). *Metodologia da Investigação: guia para auto-aprendizagem*. Lisboa: Universidade Aberta.
- CARNEIRO, Roberto (2004). *A Educação Primeiro*, Vila Nova de Gaia: Fundação Manuel Leão.
- CASTÁN LANASPA, Guillermo (2002). Las bibliotecas escolares en España o la moderna versión del suplicio de Tántalo, en *La lectura en Europa*, 10.^a Jornadas de

bibliotecas infantiles, juveniles y escolares, Fundación Germán Sánchez Ruipérez, Salamanca. Disponível em:

<http://w3.cnice.mec.es/recursos2/bibliotecas/html/seminario/anele2.pdf>

CASTELLS, Manuel (2002). *A Sociedade em Rede*, Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.

CASTELLS, Manuel (2003). *O Poder da Identidade*, Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.

CASTELLS, Manuel (2003). *O Fim do Milénio*, Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.

CASTELLS, Manuel (2004). *A Galáxia Internet*, Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.

CONDE, Elsa (2003). *A Integração das Tecnologias de Informação e Comunicação na Biblioteca Escolar*. Dissertação de Mestrado, Universidade Aberta [texto policopiado].

DAGGE, Artur Filipe Morgado (2004). *As Bibliotecas Escolares e o Papel do Bibliotecário*. Dissertação de Mestrado, Universidade de Évora [texto policopiado]

DELANNOY, J. (1983). *Guia para a transformação de bibliotecas escolares*. Lisboa: Livros Horizonte.

DELORS, Jacques (coord.) (2003). *Educação um Tesouro a Descobrir: Relatório para a UNESCO da Comissão Internacional sobre a Educação para o século XXI*, 8ª ed., Porto: ASA.

DIAS, Mariana (coord.) (s.d.). *Concepção Estratégica das Intervenções Operacionais no Domínio da Educação Relatório Final*. In: *Estudos Horizonte 2013*. Lisboa: Centro Interdisciplinar de Estudos Educacionais, Escola Superior de Educação de Lisboa. Disponível em: www.qren.pt/download.php?id=72.

ECO, Umberto (1987). *A Biblioteca*. Lisboa: Difel.

FIGUEIREDO, Dias et al. (1995). *Livro Branco da Educação e Formação para séc.XXI*, Lisboa: ME, Comunidade Europeia.

FREIRE, P. (1975). *Pedagogia do oprimido*. Porto: Afrontamento.

HANNESDÓTTIR, Sigrún Klara (s.d.). *Bibliotecários Escolares: Linhas Orientadoras para Requisitos de Competência*. 2.ª Edição Revista (publicado anteriormente em 1986 sob o título: *Linhas de Orientação para a Educação e Treino dos Bibliotecários Escolares*; N.º 9 na série *Relatórios Profissionais da IFLA*, N.º 41).

IFLA (1993). *Declaração Política da IASL sobre Bibliotecas Escolares*.

IFLA/UNESCO (2002) *Directrizes da IFLA/UNESCO para Bibliotecas Escolares* [versão em português (Portugal), 2006, trad. Maria José Vitorino].

IFLA (2000). *Manifesto da Biblioteca Escolar da UNESCO*.

HILL, Manuela Magalhães, HILL, Andrew (2005). *Investigação por Questionário*. 2ª edição revista e corrigida, Lisboa: Edições Sílabo.

LANASPA, Guillermo C. (2002). *Concepciones curriculares y bibliotecas escolares, Seminario Bibliotecas Escolares y Calidad de la Educación*, organizado por ANELE, Madrid.

LANCE, Keith Curry, Lynda Wellborn, and Christine Hamilton-Pennell (1993). *The Impact of School Library Media Centers on Academic Achievement*. Spring, TX: Hi Willow Research and Publishing. Disponível em:

http://www.ala.org/aasl/SLMR/slmr_resources/select_lance.html

LANCE, Keith Curry, et. al. (1999). *Information Empowered: The School Librarian as an Agent of Academic Achievement in Alaska Schools*. Anchorage: AK: Alaska State Library. Disponível em: <http://www.library.state.ak.us/pdf/anc/infoemxs.pdf>

LANCE, Keith Curry, Marcia J. Rodney, and Christine Hamilton-Pennell (2000). *Measuring Up to Standards: The Impact of School Library Programs & Information Literacy in Pennsylvania Schools*. Greensburg, PA: Pennsylvania Citizens for Better Libraries. Disponível em:

<http://www.statelibrary.state.pa.us/libraries/lib/libraries/measuringup.pdf>

LANCE, Keith Curry, Marcia J. Rodney, and Christine Hamilton-Pennell (2000). *How School Librarians Help Kids Achieve Standards: The Second Colorado Study*. Spring, TX: Hi Willow Research and Publishing. Disponível em:

<http://www.lrs.org/documents/lmcstudies/CO/execsumm.pdf>

LANCE, Keith Curry, Marcia J. Rodney, and Christine Hamilton-Pennell (2001). *Good Schools Have School Librarians: Oregon School Librarians Collaborate to Improve Academic Achievement*. Terrebonne, OR: Oregon Educational Media Association.

Disponível em: http://www.oema.net/Oregon_Study/OR_Study.htm

LANCE Keith Curry, Marcia J. Rodney, and Christine Hamilton-Pennell (2002). *How School Librarians Improve Outcomes for Children: The New Mexico Study*. Sante Fe, NM: New Mexico State Library. Disponível em:

<http://www.stlib.state.nm.us/files/NMStudyforDistribution.pdf>

LANCE, Keith Curry, Marcia J. Rodney, and Christine Hamilton-Pennell (2005). *Powerful Libraries Make Powerful Learners: The Illinois Study*. Canton, IL: Illinois School Library Media Association. Disponível em:

<http://www.islma.org/pdf/ILStudy2.pdf>

LIMA, Gisela Maria de (2000). *A Mediateca Escolar: individualização e diferenciação do ensino*, Lisboa: IIE.

LYON, David (1992). *A sociedade da informação: questões e ilusões*. Oeiras: Celta Editora.

LIVRO VERDE PARA A SOCIEDADE DA INFORMAÇÃO EM PORTUGAL. Disponível em <http://www.posc.mctes.pt/documentos/pdf/LivroVerde.pdf>

MARKLESS, S. & Streatfield, D.R. (2006) *Evaluating the impact of your library service: the quest for evidence*. London: Facet.

MARTINS, Guilherme d' Oliveira (s. d.). *Educação ou aposta na relevância*. Disponível em: www.presidencia-republica.pt/pt/biblioteca/outros/educacao/12.html

MASUDA, Yoneji (1986). *Computopia*. Disponível em: http://193.136.150.133/ficheiros/1066244850_Computopia_Yoneji_Masuda_1986.pdf.

MOREIRA, João Manuel (2004). *Questionários: Teoria e prática*, Coimbra: Almedina.

MONTHUS, Marie (1997). *Apprendre l'autonomie au CDI*. Paris : Hachette Education.

Morin Edgar (2000). *Os Sete Saberes para a Educação do Futuro*, Lisboa: Instituto Piaget.

OECD (2001). *Bibliothèques Scolaires et Centres de Documentation/School libraries and Resource Centres*, Paris: Les Éditions de l'OCDE.

OLIVEIRA, Isabel (1991). Reforma, Centro de recursos e Mediatecas. In: *Noesis*, 19.

OLIVEIRA, J.M. Paquete de, Cardoso, G. Leitão e Barreiros, J. J. (org.) (2004). *Comunicação, Cultura e Tecnologias da Informação*, Lisboa: Quimera Editores.

ORTOLEVA, Peppino (2004). O século dos media: a evolução da comunicação de massa no século XX. In: Oliveira. José Manuel Paquete et al (org), *Comunicação, Cultura e Tecnologias da Informação*. Lisboa: Quimera.

PESSOA, Ana (1994). *A Biblioteca Escolar*. Porto: Campo das Letras.

PRETTO, Nelson De Luca (2000). *Desafios da educação na sociedade do conhecimento*. [s.i.]

QUIVY, Raymond (2003). *Manual de Investigação em Ciências Sociais*, 3ª ed., Lisboa: Gradiva.

RODNEY, Marcia J., Keith Curry Lance, and Christine Hamilton-Pennell (2002). *Make the Connection: Quality School Library Media Programs Impact Academic Achievement in Iowa*. Bettendorf, IA: Mississippi Bend Area Education Agency. Disponível em: <http://www.aea9.k12.ia.us/04/statewidelibrariystudy.php>

RODNEY, Marcia J., Keith Curry Lance, and Christine Hamilton-Pennell (2003). *The Impact of Michigan School Librarians on Academic Achievement: Kids Who Have Libraries Succeed*. Lansing, MI: Library of Michigan. Disponível em: http://www.michigan.gov/documents/hal_lm_schllibstudy03_76626_7.pdf

RODRIGUES, Eloy (1998). *Estudo da Rede de Bibliotecas Escolares do Porto*, Porto: Edições Afrontamento e Câmara Municipal do Porto.

SALABERRÍA, Ramón (s. d.). *La función educativa de la biblioteca pública*. Disponível em: <http://www.bibliotecaspublicas.info/bp/index2.html>

SALABERRÍA, Ramón (2001). *La Biblioteca Escolar en los años 90. Diálogo a 39 voces*. Disponível em: <http://www.um.es/gtiweb/jgomez/hei/intranet/39vocesbcaescolar2001hei.PDF>

SCHAFF, A. (1995). *A Sociedade Informática: as consequências sociais na segunda revolução industrial*. 4ª edição. São Paulo: Editora Brasiliense.

SEQUEIRA, Maria de Fátima (2000). *Formar leitores: o contributo da biblioteca escolar*. Lisboa: IIE.

SILVA, Augusto Santos (2001). Intervenção do Ministro da Educação. In: (vários) *Novo Conhecimento e Nova Aprendizagem*, Lisboa: Fundação C. Gulbenkian.

SILVA, Lino Moreira da (2000). *Bibliotecas escolares: um contributo para a sua justificação, organização e dinamização*. Braga: Editorial Minho.

SILVA, Ricardo Vidigal, VIDIGAL, Anabela (2005). *Educação, aprendizagem e tecnologia: um paradigma para os professores do século XXI*, Lisboa: Edições Sílabo.

TAKASHI, Tome (org.) (2005). *Mídias Digitais: Convergência Tecnológica e Inclusão Social*, Edições Paulinas.

TODD, Ross J., Carol C. Kuhlthau, and OELMA (2004). *Student Learning through Ohio School Libraries: The Ohio Research Study*. Columbus, OH: Ohio Educational Library Media Association.

Disponível em: <http://www.oelma.org/studentlearning/default.asp>

TOFFLER, Alvin (1999). *A Terceira Vaga*. Lisboa: Livros do Brasil.

VEIGA, Isabel et al. (1996). *Lançar a Rede de bibliotecas Escolares: relatório síntese*. Lisboa: Ministério da Educação.

WEBSTER, Frank (1995). *Theories of the Information Society*, London: Routledge.

WEBSTER, Frank (2004). Desafios globais e respostas nacionais na Era da Informação. In: Oliveira, José Manuel Paquete et al (org), *Comunicação, Cultura e Tecnologias da Informação*. Lisboa: Quimera.

WERTHEIN, Jorge e CUNHA, Célio da (2000). *Fundamentos da Nova Educação*, Disponível em:
http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S010019652000000200009&lng=pt&nrm=iss

WERTHEIN, Jorge (1987). *Previsões&Premissas*, Lisboa: Livros do Brasil.

WILLIAMS, Dorothy e Wavel, Caroline, Coles, Louise (2001). *Impact of School Library Services on Achievement and Learning*, Scotland: The Robert Gordon University. Disponível em:
<http://www.rgu.ac.uk/files/Impact%20of%20School%20Library%20Services1.pdf>

VIÑAO, António (2002). Está preparado el profesorado para trabajar en las bibliotecas? Un modelo de formación docente. In *Seminario Bibliotecas Escolares y Calidad de la Educación*, organizado por ANELE, Madrid.

Organizações/Associações

- <http://alia.org.au/policies/>.
- <http://www.schoollibraries.ca/>
- <http://www.teacherlibrarian.com/>
- www.peopleforeducation.com/librarycoalition/
- <http://www.iasl-slo.org/>
- <http://www.dapp.min-edu.pt/rbe/>
- <http://www.lrs.org/impact.asp>
- <http://www.sldirectory.com/>
- <http://www.asla.org.au/index.htm>
- <http://www.slanza.org.nz/>
- <http://www.cla.ca/>
- <http://www.ala.org/ala/aasl/aasindex.htm>
- <http://www.anlci.gouv.fr/>
- <http://www.fundaciongsr.es/>

Legislação

- LBSE Lei n.º 46/86, de 14 de Outubro
- Lei n.º 19-A/87 de 3 de Junho
- Programa Interministerial de Promoção do Sucesso Escolar, apresentado em Dezembro de 1987
- Lei 19-A/87 de 3 de Junho
- Despacho 175 ME/91
- Decreto-Lei n.º 249/92, de 9 de Novembro
- Lei n.º 60/93, de 20 de Agosto
- Decreto-Lei n.º 274/94, de 28 de Outubro
- Despacho Conjunto n.º 43/ME/MC/95 de 29 de Dezembro
- Despacho Conjunto n.º 5 ME/MC/96 de 9 de Janeiro
- Despacho Conjunto n.º 148/ME/MC/96 de 27 de Agosto
- Ofício-circular de 14.10.1996
- Decreto-Lei n.º 207/96, de 2 de Novembro
- Decreto Regulamentar 15/96, de 23 de Novembro
- Portaria 745-A/96, de 16 de Dezembro
- Despacho Normativo 53-A/96, de 17 de Dezembro
- Despacho Conjunto 364-A/97, de 15 de Outubro
- Despacho Conjunto n.º 91/98 ME/MQE]
- Decreto-Lei n.º 115- A/98 de 4 de Maio
- Lei n.º 115/97 de 19 de Setembro
- Despacho Interno Conjunto n.º 3 - I/SEAE/SEE/2002 de 15 de Março
- Dec. Lei n.º 6/2001, de 18 de Janeiro
- Despacho Conjunto n.º 872/2001, de 18 de Setembro
- Despacho n.º 33-I/ME/2001, de 27 de Junho
- Despacho n.º 17 387/2005 de 12 de Agosto
- Despacho n.º 13 599/2006
- Medida n.º 15/ 2006 de 24 de Julho

ANEXOS

ANEXO 1

Programa Rede de Bibliotecas Escolares QUESTIONÁRIO DE AVALIAÇÃO ANO LECTIVO 2000/2001

Nota:

Os campos assinalados com * são de preenchimento obrigatório.
Certifique-se de que está na posse de todos os dados necessários ao preenchimento deste questionário.
Só será aceite um único questionário por escola.

1 - Identificação da Escola

1.1 Nome da escola* Código*

1.2 A escola integra actualmente a Rede de Bibliotecas Escolares através de:

Candidatura Nacional

Candidatura Concelhia

1.3 Horário de funcionamento (assinale as opções aplicáveis)

Diurno

Nocturno

1.4 A escola funciona em sistema de agrupamento de escolas? [Sim | Não]

Se sim, a escola é sede? [Sim | Não]

2 - Espaço (em 31/08/2001)

2.1 A BE/CRE ocupa
[Um espaço único | Várias salas interligadas | Várias salas contíguas mas não interligadas | Várias salas/espacos dispersos]

2.2 Área total afectada à BE/CRE: m²

2.3 Zonas funcionais existentes (assinale as zonas existentes. Em "Outras" escreva apenas o nome dado à(s) área(s) pela escola, uma por linha)

Recepção/Acolhimento

Leitura informal e de periódicos

Leitura de documentos impressos

Leitura áudio

Leitura vídeo

Leitura multimédia

Internet

Trabalho de grupo

Produção gráfica

Outra(s)

2.4 Outros espaços funcionalmente integrados na BE/CRE (assinale os espaços existentes. Em "Outros" escreva apenas o nome dado ao(s) espaço(s) pela escola, um por linha)

Clubes

Jornal escolar

Rádio

Arrecadação

Gabinete de trabalho

Sala de estudos

Outro(s)

3 - Integração da BE/CRE na escola e no meio (ano lectivo 2000/2001)

3.1 A BE/CRE mantém uma ligação com a comunidade local? [Sim | Não]

Se sim, assinale todas as respostas aplicáveis. Em "Outras" escreva apenas o nome da(s) instituição(ões) considerada(s), uma por linha.

Outras escolas

Instituições locais

Encarregados de Educação

Bibliotecas Públicas

Outra(s)

3.2 A BE/CRE articula-se com outros Programas de âmbito nacional na Escola? [Sim | Não]

Se sim, assinale todas as respostas aplicáveis. Em "Outros" escreva apenas o nome do(s) programa(s) considerado(s), um por linha.

Ciência Viva

Sócrates/Comenius

Nónio Séc. XXI

Outro(s)

3.3 A BE/CRE está representada no Conselho Pedagógico? [Sim | Não]

3.4 O Projecto Educativo e o Plano de Actividades da Escola incluem estratégias e actividades relacionadas com os objectivos da BE/CRE? [Sim | Não]

Relatório do Questionário de Avaliação - Ano lectivo 2000/2001

4 - Recursos Humanos (em 31/08/2001)

4.1 Indique os elementos que integram a equipa da BE/CRE (indique o número em cada uma das opções)

Total	<input type="text"/>
N.º Professores	<input type="text"/>
N.º Auxiliares de Acção Educativa	<input type="text"/>
Outros elementos efectivos ou eventuais	<input type="text"/>

4.2 Total de horas utilizadas pelos professores provenientes do crédito global da escola

[< 10 horas | Entre 11 e 20 horas | >20 horas]

4.3 Total de horas utilizadas pelos professores provenientes de outras reduções horárias

[< 10 horas | Entre 11 e 20 horas | >20 horas]

4.4 Total de horas atribuídas ao pessoal auxiliar

[< 10 horas | Entre 11 e 20 horas | >20 horas]

4.5 Total de horas atribuídas a outros recursos efectivos ou eventuais ao serviço da BR/CRE

[< 10 horas | Entre 11 e 20 horas | >20 horas]

5 - Recursos Humanos - Formação (em 31/08/2001)

5.1 Número de professores da equipa com formação para desempenho de funções na BE/CRE

[Nenhum | Entre 1 e 5 | Entre 6 e 10]

5.1.1 Indique os domínios de formação e respectivo número de professores (assinale o n.º de professores em cada domínio. Em "Outros" assinale as áreas consideradas e o número de professores em cada uma delas)

	N.º Profs.
Ciências Documentais	<input type="text"/>
Comunicação Educativa Multimédia	<input type="text"/>
Animação Cultural	<input type="text"/>
Tecnologias de Informação	<input type="text"/>
Outro(s)	<input type="text"/>
	<input type="text"/>
	<input type="text"/>

5.1.2 Indique o número de professores e respectivas horas de formação (assinale o n.º de professores existentes em cada uma das categorias)

< 50 horas de formação	<input type="text"/>
Entre 50 e 150 horas de formação	<input type="text"/>
> 150 horas de formação	<input type="text"/>

6.2 Número de outros documentos (indique o número de documentos de cada categoria existente)

CD Áudio	<input type="text"/>
Vídeo	<input type="text"/>
CD Rom	<input type="text"/>
Periódicos (assinaturas de jornais e revistas)	<input type="text"/>

7 - Fundo Documental - Aquisições (em 31/08/2001)

7.1 Número de livros/volumes (assinale o número de livros existentes)

Ficção	<input type="text"/>
Não Ficção	<input type="text"/>

7.2 Número de outros documentos (assinale o número de documentos de cada categoria existente)

CD Áudio	<input type="text"/>
Vídeo	<input type="text"/>
CD Rom	<input type="text"/>
Periódicos (assinaturas de jornais e revistas)	<input type="text"/>

8 - Fundo documental - Tratamento técnico (em 31/08/2001)

8.1 Assinale os aspectos do tratamento técnico documental executado na BE (assinale a opção aplicável a cada um dos aspectos do tratamento técnico considerado)

Registo	<input type="text"/>	[Totalmente tratado Parcialmente tratado (50%) Tratamento inexistente]
Classificação	<input type="text"/>	[Totalmente tratado Parcialmente tratado (50%) Tratamento inexistente]
Catálogo manual	<input type="text"/>	[Totalmente tratado Parcialmente tratado (50%) Tratamento inexistente]
Catálogo automatizada	<input type="text"/>	[Totalmente tratado Parcialmente tratado (50%) Tratamento inexistente]
Indexação	<input type="text"/>	[Totalmente tratado Parcialmente tratado (50%) Tratamento inexistente]

8.2 Assinale quais os instrumento utilizados no tratamento técnico (assinale todas as opções aplicáveis. Em "Outros" escreva o(s) instrumento(s) utilizado(s), um por linha)

CDU	<input type="checkbox"/>
Regras Portuguesas de Catalogação	<input type="checkbox"/>
Lista de assuntos	<input type="checkbox"/>
Outro(s)	<input type="text"/>
	<input type="text"/>
	<input type="text"/>

9 - Mobiliário e Equipamento (em 31/08/2001)

9.1 Indique que mobiliário específico de biblioteca existe na BE/CRE (assinale todas as opções aplicáveis)

- | | |
|--|--------------------------|
| Estantes abertas | <input type="checkbox"/> |
| Expositor de revistas | <input type="checkbox"/> |
| Estantes/expositores de documentos não livro | <input type="checkbox"/> |
| Expositor de novidades | <input type="checkbox"/> |
| Caixas de álbuns | <input type="checkbox"/> |
| Sofás | <input type="checkbox"/> |

9.2 Indique o tipo e quantidades de equipamento existente na BE/CRE à disposição dos utilizadores (assinale o equipamento existente na primeira coluna e o número na segunda)

	Existente	N.º
Equipamento informático (computadores)	<input type="checkbox"/>	<input type="text"/>
Equipamento áudio (postos de consulta)	<input type="checkbox"/>	<input type="text"/>
Equipamento vídeo (postos de consulta)	<input type="checkbox"/>	<input type="text"/>
Equipamento de Reprodução Gráfica (fotocopiadora)	<input type="checkbox"/>	<input type="text"/>

9.3 Infra-estrutura tecnológica instalada (assinale as opções aplicáveis)

- | | |
|--|--------------------------|
| Rede Local (só na BE/CRE) | <input type="checkbox"/> |
| Rede Local (com ligação a outros serviços da escola) | <input type="checkbox"/> |
| Internet | <input type="checkbox"/> |
| Intranet | <input type="checkbox"/> |

10 - Gestão Financeira na BE/CRE (ano civil 2000)

10.1 A BE/CRE dispõe de uma verba atribuída pelo órgão de gestão da escola? [Sim | Não]

10.2 Indique a proveniência da verba da BE/CRE (assinale as opções aplicáveis. Em "Outros" indique outras fontes de proveniência de verbas, uma por linha)

- | | |
|---------------------|--------------------------|
| Orçamento da escola | <input type="checkbox"/> |
| Receitas da BE/CRE | <input type="checkbox"/> |
| Apoio da Autarquia | <input type="checkbox"/> |
| Programas/Projectos | <input type="checkbox"/> |

Outro(s)

10.3 Quantifique a verba proveniente do orçamento da escola
[< de 100 contos | Entre 100 e 500 contos | Entre 500 e 1000 contos | Mais de 1000 contos]

10.4 A gestão do orçamento é da responsabilidade da equipa da BE/CRE? [Sim | Não]

10.5 Investimento realizado na BE/CRE (indique o valor total gasto em cada um dos itens e a soma total)

Obras	<input type="text"/>	contos
Mobiliário	<input type="text"/>	contos
Equipamento informático	<input type="text"/>	contos
Equipamento	<input type="text"/>	contos
Audiovisual	<input type="text"/>	contos
Documentos	<input type="text"/>	contos
Funcionamento	<input type="text"/>	contos
Total	<input type="text"/>	contos

11 - Funcionamento e utilização dos serviços (em 31/08/2001)

11.1 Para além das normas constantes do regulamento interno da escola, a BE/CRE possui um Guia de Utilizador? [Sim | Não]

11.2 A BE/CRE pratica o livre acesso aos documentos? (indique a opção aplicável para cada documento)

Documentos impressos	<input type="checkbox"/>	[Sim Não]
Documentos audiovisuais	<input type="checkbox"/>	[Sim Não]
Documentos multimédia	<input type="checkbox"/>	[Sim Não]

11.3 A BE/CRE pratica o empréstimo domiciliário de documentos? (indique a opção aplicável para cada documento)

Documentos impressos	<input type="checkbox"/>	[Sim Não]
Documentos audiovisuais	<input type="checkbox"/>	[Sim Não]
Documentos multimédia	<input type="checkbox"/>	[Sim Não]

11.4 Horário de funcionamento. Número total de horas aberta ao público (por semana) horas

11.4.1 A BE/CRE está aberta durante o período de almoço? [Sim | Não]

11.4.2 Se a escola possui um período nocturno, a BE/CRE está aberta nesse período? [Sim | Não]

11.5 Empréstimo de documentos no ano lectivo 2000/2001 (indique o número total para cada uma das situações referidas)

N.º de utilizadores inscritos	<input type="text"/>
N.º de pedidos de empréstimo (pode englobar mais do que 1 doc.)	<input type="text"/>
N.º de documentos emprestados	<input type="text"/>

12 - Actividades mais relevantes desenvolvidas (ano lectivo 2000/2001)

12.1 Hierarquize as diferentes actividades de acordo com o número de horas despendido pela equipa na sua realização (1 a actividades com menos horas e 5 a actividades com mais horas)

Criação/reestruturação de espaços e serviços	<input type="text"/>	[1 2 3 4 5]
Seleção, organização e tratamento da documentação	<input type="text"/>	[1 2 3 4 5]
Apoio às actividades curriculares e de complemento curricular	<input type="text"/>	[1 2 3 4 5]
Animação cultural e ocupação de tempos livres	<input type="text"/>	[1 2 3 4 5]
Formação de utilizadores (professores, alunos e outros elementos da comunidade educativa)	<input type="text"/>	[1 2 3 4 5]
Planeamento e avaliação dos serviços	<input type="text"/>	[1 2 3 4 5]

13 - Auto-avaliação do trabalho global realizado (ano lectivo 2000/2001)

13.1 Proceda a uma auto-avaliação do trabalho global realizado no ano lectivo 2000/2001

[Muito bom | Bom | Razoável | Fraco]

14 - Observações (ano lectivo 2000/2001)

14.1 Registe de forma livre as dificuldades sentidas no desenvolvimento da BE/CRE (não ultrapassar os 250 caracteres)

14.2 Registe de forma livre as perspectivas de desenvolvimento futuro na BE/CRE (não ultrapassar os 250 caracteres)

15 - Actualização dos dados

Caso tenham ocorrido alterações nos dados dessa escola, solicita-se a sua actualização:

Endereço	<input type="text"/>
Localidade	<input type="text"/>
Código Postal	<input type="text"/>
Concelho	<input type="text"/>
Telefone	<input type="text"/>
Fax	<input type="text"/>
E-mail	<input type="text"/>
N.º alunos	<input type="text"/>
N.º professores	<input type="text"/>

Relatório do Questionário de Avaliação - Ano lectivo 2000/2001

N.º Aux. Acção Educativa

Tipologia da escola

Liceu

Blocos

Outra

Responsável pela informação fornecida:

Enviar questionário

ANEXO 2

OBJECTIVOS DO QUESTIONÁRIO

Objectivos do questionário
1. Identificar níveis de integração das BE/RBE das Escolas Básicas de 2º e 3º ciclos de acordo com os princípios e critérios do Programa RBE/RBE (espaço, colecção...).
2. Perceber as estratégias construídas pelas BE/RBE das Escolas Básicas de 2º e 3º ciclos para responder às orientações do Currículo Nacional do Ensino Básico.
3. Reconhecer formas de cooperação e desenvolvimento de parcerias entre as BE/RBE das Escolas Básicas de 2º e 3º ciclos e outras instituições, atendendo às necessidades da comunidade educativa e no cumprimento dos objectivos da educação.
4. Averiguar a acessibilidade de recursos diversificados e serviços de apoio bibliotecário adequados às necessidades dos públicos-alvo.
5- Verificar a adequação dos recursos disponíveis, em qualidade e quantidade, ao desenvolvimento do currículo e promoção da autonomia dos alunos.
6. Identificar “boas práticas” na acção das BE/RBE das Escolas Básicas de 2º e 3º ciclos.
7. Identificar factores facilitadores de “boas práticas” nas BE/RBE das Escolas Básicas 2,3 a nível da gestão organizacional, da dinamização pedagógica e da sua acção/integração na escola

QUESTIONÁRIO

Estrutura	Objectivos
<p>A. Identificação e caracterização da escola e da BE/RBE</p> <ul style="list-style-type: none"> • historial da integração na RBE/RBE • equipa (constituição da equipa //critérios, nº de elementos, forma de designação do coordenador, representação no Conselho Pedagógico • auxiliar(es) de acção pedagógica • outros 	<p>- Identificar níveis de integração das BE/RBE das Escolas Básicas de 2º e 3º ciclos de acordo com os princípios e critérios do Programa RBE/RBE (espaço, colecção...)</p>
<p>B. Organização da BE/RBE/Gestão organizacional</p> <ul style="list-style-type: none"> • Espaço (localização, área, zonas/organização espacial/sinalética, mobiliário, iluminação, climatização/condições térmicas, acessibilidade, segurança) • Fundos documentais/Colecção: <ul style="list-style-type: none"> ➢ Dimensão (rácio); ➢ Composição (equilíbrio de suportes, áreas temáticas...); ➢ Qualidade/adequação/actualidade 	<p>- Identificar níveis de integração das BE/RBE das Escolas Básicas de 2º e 3º ciclos de acordo com os princípios e critérios do Programa RBE/RBE (espaço, colecção...)</p> <p>- Perceber as estratégias construídas pelas BE/RBE's das Escolas Básicas de 2º e 3º ciclos para responder às</p>

<p>(PEE, PAAS e currículo(s) da escola e interesses dos utilizadores);</p> <ul style="list-style-type: none"> ➤ Gestão documental (práticas de selecção, aquisição, tratamento biblioteconómico, difusão, desbaste e avaliação da colecção) <ul style="list-style-type: none"> • Equipamentos <ul style="list-style-type: none"> ➤ Tipologia ➤ Manutenção ➤ Disponibilização ➤ redes (intra e internet) • Serviços <ul style="list-style-type: none"> ➤ Leitura de presença/empréstimo para sala de aula/casa ➤ Serviço de reprodução e impressão ➤ Serviços de referência/apoio individualizado a pesquisa/produção de informação ➤ Difusão (geral e/ou selectiva); ➤ Acesso à distância (internet) ➤ Edições em papel/web... • Comunicação (boletim bibliográfico, boletim informativo, Página Web, intranet, catálogo na web; guia do utilizador;...) • Normativos (Regulamento da BE/RBE; Manual de procedimentos; PDC) • Horário • Gestão financeira <ul style="list-style-type: none"> ➤ verbas próprias ➤ verbas do orçamento de escola ➤ Donativos ➤ programas de apoio/projectos 	<p>orientações do Currículo Nacional do Ensino Básico</p> <ul style="list-style-type: none"> - Averiguar a acessibilidade de recursos diversificados e serviços de apoio bibliotecário adequados às necessidades dos públicos-alvo. - Verificar a adequação dos recursos disponíveis, em qualidade e quantidade, ao desenvolvimento do currículo e promoção da autonomia dos alunos. - Identificar “boas práticas” na acção das BE/RBE’s das Escolas Básicas de 2º e 3º ciclos.
<p>C. Integração da BE/RBE na Escola:</p> <ul style="list-style-type: none"> • Plano de Actividades da BE/RBE • Articulação do Plano de desenvolvimento da BE/RBE com: <ul style="list-style-type: none"> ➤ políticas educativas da escola – PEE/Agrupamento, PCE, PCTs, PAA, Regulamento Interno, Plano de formação; ➤ os órgãos institucionais da escola: Assembleia de escola, CE, CP (papel do Coordenador de BE/RBE no CP); ➤ as estruturas intermédias de gestão: DTs, Departamentos, Conselhos de 	<ul style="list-style-type: none"> - Identificar níveis de integração das BE/RBE’s das Escolas Básicas de 2º e 3º ciclos de acordo com os princípios e critérios do Programa RBE/RBE (espaço, colecção...) - Perceber as estratégias construídas pelas BE/RBE’s das Escolas Básicas de 2º e 3º ciclos para responder às orientações do Currículo Nacional do Ensino

<p>turma;</p> <ul style="list-style-type: none"> ➤ a comunidade escolar - professores, sala de aula, áreas curriculares e extra-curriculares; ➤ Desenvolvimento de parcerias (Biblioteca Municipal, Centro de Formação, Associação de Pais, Associações Culturais, outras escolas...) ▪ Apoio/cooperação da Biblioteca Municipal ▪ Grupos de trabalho concelhio ▪ Planificação de tarefas em articulação com as escolas ▪ Formação ponderada com as necessidades das escolas ▪ Partilha de recursos de informação entre BE/RBE e/ou BM ▪ Partilha de instrumentos de gestão entre BE/RBE e/ou BM 	<p>Básico</p> <p>- Reconhecer “boas práticas” a acção das BE/RBE’s das Escolas Básicas de 2º e 3º ciclos.</p>
<p>D. Dinamização pedagógica da BE/RBE:</p> <ul style="list-style-type: none"> • Política documental <ul style="list-style-type: none"> ➤ Política de Desenvolvimento de Colecções (construção comum, colaborativa) ➤ Recursos informativos de escola (gestão/difusão centralizada na BE/RBE) • Programa(s) de formação para a(s) literacia(s). <ul style="list-style-type: none"> ➤ Formação de utilizadores ➤ Promoção da leitura • Programas culturais • Actividades lúdicas • Programa(s) articulado(s) com actividades curriculares e extra-curriculares (professores/alunos) 	<p>- Identificar níveis de integração das BE/RBE das Escolas Básicas de 2º e 3º ciclos de acordo com os princípios e critérios do Programa RBE/RBE (espaço, colecção...)</p> <p>- Perceber as estratégias construídas pelas BE/RBE’s das Escolas Básicas de 2º e 3º ciclos para responder às orientações do Currículo Nacional do Ensino Básico</p> <p>- Reconhecer formas de cooperação e desenvolvimento de parcerias entre as BE/RBE’s das Escolas Básicas de 2º e 3º ciclos e outras instituições, atendendo às necessidades da comunidade educativa e no cumprimento dos objectivos da educação</p> <p>- Reconhecer “boas práticas” a acção das BE/RBE das Escolas Básicas de 2º e 3º ciclos.</p>

<p>E. Avaliação de desempenho da BE/RBE</p> <ul style="list-style-type: none">• Factores que promovem/facilitam/condicionam o desenvolvimento de “boas práticas” na BE/RBE enquanto organização inteligente.• Factores que promovem/facilitam/condicionam o desenvolvimento de “boas práticas” na BE/RBE na sua acção pedagógica.• Constrangimentos à institucionalização da BE/RBE no seio do processo ensino-aprendizagem	<ul style="list-style-type: none">- Identificar níveis de integração das BE/RBE das Escolas Básicas de 2º e 3º ciclos de acordo com os princípios e critérios do Programa RBE/RBE (espaço, colecção...)- Perceber as estratégias construídas pelas BE/RBE’s das Escolas Básicas de 2º e 3º ciclos para responder às orientações do Currículo Nacional do Ensino Básico- Identificar factores facilitadores de “boas práticas” nas BE/RBE das Escolas Básicas 2,3 a nível da gestão organizacional, da dinamização pedagógica e da sua acção/integração na escola.
--	---

ANEXO 3

CARTA AO CONSELHO EXECUTIVO

Ex.mo/a Snr.^(a)
Presidente do Conselho Executivo

Gueifães, 12 de Maio de 2006

Exmo/a. Sr./a. Presidente do Conselho Executivo

O questionário que segue junto insere-se num trabalho de investigação a decorrer no âmbito do Mestrado em “Gestão da Informação e Bibliotecas Escolares” da Universidade Aberta, sobre o impacto das bibliotecas escolares, integradas na Rede das Bibliotecas Escolares, no seio das respectivas comunidades educativas.

Porque este questionário constitui um instrumento fundamental para este trabalho de investigação, solicitamos a V. Ex.^a se digne autorizar a sua aplicação à Biblioteca escolar da Escola que superiormente dirige.

O universo deste estudo é constituído pelas escolas que integram os 2.º e 3.º ciclos do Ensino Básico, da área da DRE_, cujas BE/CRE integraram a RBE até 2004, inclusive e os dados recolhidos serão tratados de forma anónima.

Solicitamos, assim, a V.Ex.^a que o questionário seja respondido pelo(a) Coordenador(a) da BE/CRE. No caso de qualquer impedimento do(a) Coordenador(a), poderá igualmente ser respondido por um elemento da Equipa da BE/CRE ou por V.Ex.^a.

Solicitamos, ainda, o envio do questionário até ao dia **2 de Junho** (alargamento do prazo). A sua devolução deve ser feita utilizando o sobrescrito RSF que junto se envia.

Em caso de dúvida, poderá contactar-nos através dos seguintes contactos:

telefone: 229069950 telemóvel: 936350306 e-mail: angelinaper@gmail.com

Aguardamos a resposta, agradecendo, desde já, a atenção dispensada, assim como a disponibilidade.

Com os melhores cumprimentos,

Angelina Maria Martins Rodrigues Pereira

1º CARTA AO COORDENADOR DA BE/CRE

Gueifães, 11 de Maio de 2006

Exmo/a. Sr./a. Coordenador/a da BE/CRE

Vimos solicitar a sua colaboração na investigação que estamos a realizar no âmbito do nosso mestrado em "Gestão da Informação e Bibliotecas Escolares" da Universidade Aberta.

Pretende esta investigação contribuir para uma discussão e reflexão o mais aprofundada possível sobre o impacto que as bibliotecas escolares, integradas na Rede das Bibliotecas Escolares, estão a ter no seio das respectivas comunidades educativas.

Por isso, vimos solicitar-lhe que responda, na sua qualidade de Coordenador/a da BE/CRE da sua escola, ao questionário que enviamos junto e que constitui um instrumento fundamental para o nosso trabalho de investigação.

O universo deste estudo é constituído pelas escolas que integram os 2.º e 3.º ciclos do Ensino Básico, da área da DREN, cujas BE/CRE integraram a RBE até 2004, inclusive.

Os dados recolhidos serão tratados de forma anónima, agrupados pela jurisdição da respectiva Direcção Regional de Educação e integrarão um estudo mais vasto, a nível nacional.

Pedimos que, no caso de haver impossibilidade em responder-lhe, seja respondido por um elemento da Equipa da BE/CRE ou pelo Presidente do Conselho Executivo.

Solicitamos o envio do questionário até ao dia 29 de Maio. A sua devolução deve ser feita, utilizando o sobrescrito RSF que junto enviamos.

Em caso de dúvida, poderá contactar-nos através dos seguintes contactos:

telefone: <u>229069950</u> telemóvel: <u>936350306</u> e-mail: <u>angelinaper@gmail.com</u>
--

Aguardamos a sua resposta, agradecendo, desde já, a atenção dispensada, assim como a disponibilidade.

Com os melhores cumprimentos,

Angelina Maria Martins Rodrigues Pereira

2ª CARTA AO COORDENADOR DA BE/CRE

Gueifães, 14 de Junho

Exmº/a Sr./Sra Coordenador/a da BE/CRE

Em Maio, enviámos-lhe um Questionário que, como explicámos, é parte fundamental de um trabalho de investigação que está a ser realizado no âmbito do Mestrado em "Gestão de Informação e Bibliotecas Escolares" da Universidade Aberta e integrado no Centro de Estudos em Educação e Inovação.

Reconhecendo as numerosas solicitações a que as escolas têm de responder, vimos no entanto apelar de novo para a sua melhor colaboração preenchendo o questionário que seguiu oportunamente por carta (com envelope para devolução).

Sublinhamos que o tratamento dos dados recolhidos será realizado cumprindo as regras de anonimato.

Destacamos igualmente a importância que tem a sua colaboração, pois desejamos que este estudo venha a ter um alcance mais abrangente.

Contamos assim com a sua resposta até ao dia 23 de Junho.

Em caso de dúvidas, estamos disponíveis através dos seguintes contactos:

Telm: 936350306
email:angelinaper@gmail.com

Agradecemos a disponibilidade e atenção dispensadas.

Os nossos melhores cumprimentos

Angelina Maria Martins Rodrigues Pereira

ANEXO 4

QUESTIONÁRIO SOBRE AS BIBLIOTECAS INTEGRADAS NA REDE DE BIBLIOTECAS ESCOLARES

Este questionário insere-se num trabalho de investigação que visa caracterizar a situação das Bibliotecas Escolares das escolas do 2.º e 3.º ciclos do ensino básico integradas na RBE.

Os dados recolhidos são confidenciais e serão tratados de forma anónima. É muito importante para o sucesso deste trabalho que responda a este questionário. Agradecemos antecipadamente a atenção e disponibilidade demonstradas.

Solicitamos a devolução do questionário até ao dia 29 de Maio, por correio normal, devendo para isso utilizar o envelope RSF que segue em anexo, e que não necessita de selo.

A- IDENTIFICAÇÃO E CARACTERIZAÇÃO DA ESCOLA E DA BE/CRE

1. IDENTIFICAÇÃO E CARACTERIZAÇÃO DA ESCOLA

1.1 Identificação da Escola.

Escola: _____ Código: _____ DRE: _____ CAE: _____

Distrito: _____ Concelho: _____ Localidade: _____

1.2 Tipologia de Escola.

1.2.1 A escola funciona em agrupamento? Sim / Não

1.2.2 Níveis de ensino

EB 2	EB 2,3	EB 3	EB 2,3 c/ Sec.	EB 3,S
<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>

N.º de Alunos	menos de 250	entre 250 e 500	entre 501 e 750	entre 751 e 1000	mais de 1000
	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>

2. INTEGRAÇÃO DA BE/CRE NA RBE

2.1 Integração na RBE:

Ano de Integração _____	Nº de Apoios _____	Candidatura Nacional <input type="checkbox"/> Candidatura Concelhia <input type="checkbox"/>
----------------------------	-----------------------	---

2.2 Com a integração no Programa RBE, em que áreas houve intervenção?

Espaço	Mobiliário	Equipamentos	Fundo documental	Software (Gestão documental)	Outra.
<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
				Qual?	_____

3. RECURSOS HUMANOS - EQUIPA

3.1 Dados relativos aos professores (P) da Equipa. (NOTA: Entenda-se por Equipa o conjunto de professores que assumem funções nucleares e com maior número de tempos atribuídos.)

3.1.1 Indique o n.º total de professores que formam a equipa. _____

3.1.2 Caracterize os professores da equipa de acordo com os parâmetros apresentados.

	Coordenador	P1	P2	P3	P4	P5	P6	P7	P8
a) Nível de ensino									
Ed. infância/1.º ciclo	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
2.º ciclo	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
3.º ciclo/Secundário	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>

	Coordenador	P1	P2	P3	P4	P5	P6	P7	P8
--	-------------	----	----	----	----	----	----	----	----

b) Áreas disciplinares									
Língua Materna e Línguas Estrangeiras	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Ciências Sociais, Humanas e Religiosas	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Matemática	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Ciências Físicas e Naturais	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
TIC e Tecnologias	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Educação Artística e Tecnológica	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Educação Física	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
c) Situação Profissional									
Quadro de nomeação definitiva	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Quadro de zona pedagógica	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Contratado(a)	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Outra	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Qual? _____									
d) N.º de anos em funções na actual BE/CRE									
1 ano	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
de 2 a 3 anos	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
mais de 3 anos	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
e) Continuidade de funções na BE/CRE									
Sim	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Não	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
f) Anos de experiência em BE/CRE									
1 ano	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
de 2 a 3 anos	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
de 4 a 7 anos	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
mais de 7 anos	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>

3.2 Que critérios presidiram à nomeação/designação dos professores que integram a Equipa?

[Assinale, por ordem de prioridade: 1 (mais importante), 2, 3, 4,]

Interesse pela actividade	<input type="checkbox"/>	Formação na área da BE/CRE	<input type="checkbox"/>
Perfil do (a) professor (a)	<input type="checkbox"/>	Necessidade de completar o horário	<input type="checkbox"/>
Redução total/parcial da componente lectiva	<input type="checkbox"/>	Pertencentes ao quadro de nomeação definitiva	<input type="checkbox"/>
Experiência na área das BE/CREs	<input type="checkbox"/>	Outro.	<input type="checkbox"/>
Continuidade de funções	<input type="checkbox"/>	Qual? _____	

3.3 Formação na área das bibliotecas escolares

3.3.1 Coordenador(a) da Equipa.

N.º total de horas de formação (na frequência de cursos)	menos de 50 h	de 50 a 100 h	de 100 a 250 h	mais de 250 h
	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>

Conteúdos de formação	Tipo de formação	Formação contínua	Formação especializada/ pós-graduada	Mestrado	Auto- formação
Organização e Gestão da BE/CRE		<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Tratamento Documental/ Ciências Documentais		<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Comunicação Educacional Multimédia/ Produção de documentos áudio/vídeo/ scripto/multimédia/digitais		<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Promoção da leitura		<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Animação cultural		<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
TIC		<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Gestão de equipamentos		<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Formação para a(s) literacia(s)		<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Outro. Qual? _____		<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>

3.3.2 Professores da equipa

3.3.2.1 Número de professores da Equipa com formação na área das BE/CRE.

a) Nenhum	b) entre 1 e 5	c) entre 6 e 10	d) todos
<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>

3.3.2.2 Se assinalou as hipóteses b), c) ou d), identifique as áreas predominantes:

Organização e Gestão da BE/CRE	<input type="checkbox"/>	TIC	<input type="checkbox"/>
Tratamento Documental/ Ciências Documentais	<input type="checkbox"/>	Promoção da leitura	<input type="checkbox"/>
Comunicação Educacional Multimédia/ Produção de documentos áudio/vídeo/ scripto/multimédia/ digitais	<input type="checkbox"/>	Gestão de equipamentos	<input type="checkbox"/>
		Formação para a(s) literacia(s)	<input type="checkbox"/>
Animação cultural	<input type="checkbox"/>	Outro. Qual?	<input type="checkbox"/>

3.4 Número de horas e funções dos professores da Equipa.

3.4.1 Indique o nº de horas atribuídas a cada elemento.

N.º total de horas semanais na BE/CRE:	Coord.	P1	P2	P3	P4	P5	P6	P7	P8

3.4.2 Assinale a(s) função(ões) desempenhadas por cada elemento.

Funções na BE/CRE	Coord.	P1	P2	P3	P4	P5	P6	P7	P8
Organização e gestão da BE/CRE	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Tratamento documental	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Difusão da informação (folhetos, boletins...)	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Produção de documentação (textos, maletas pedagógicas, dossiers temáticos...)	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Manutenção de equipamento informático, audiovisual	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Animação/promoção da leitura	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Apoio na pesquisa	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Formação de utilizadores	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Outra. Qual?	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>

3.5 Dados relativos ao(s) Auxiliar(es) de Acção Educativa (AAE). Assinale apenas os elementos que correspondem à realidade da sua BE/CRE.

	AAE1	AAE2	AAE3		AAE1	AAE2	AAE3
a) Situação profissional				e) Funções na BE/CRE			
Quadro da escola	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	Apoio ao utilizador	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Contratado	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	Vigilância	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Outra	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	Tratamento documental	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
b) Habilitações académicas				Outra:	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
4.º ano	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	f) Formação na área da BE/CRE			
6.º ano	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	Nenhuma	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
9.º ano	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	Organização da BE/CRE	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>

11.º/ 12.º ano	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	TIC	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Outra	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	Curso Técnico de BAD	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
c) N.º de anos de experiência na BE/CRE				Relações interpessoais	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
1 a 3 anos	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	Animação da leitura	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
de 4 a 7 anos	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	Outra	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
mais de 7 anos	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	Qual? _____			
d) N.º de horas semanais na BE/CRE							
menos de 35 h	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>				
igual a 35 h	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>				

3.6 Há outros elementos que colaboram na BE/CRE? Sim / Não

3.6.1 Se sim, quais?

Animador	<input type="checkbox"/>	Pais/EE	<input type="checkbox"/>
Estagiário BAD	<input type="checkbox"/>	Alunos colaboradores	<input type="checkbox"/>
Técnico da CM/JF/BM	<input type="checkbox"/>	Outro	<input type="checkbox"/>

B – ORGANIZAÇÃO/GESTÃO DA BE/CRE

1. ORGANIZAÇÃO / GESTÃO DO ESPAÇO

1.1 Assinale a área total da sua BE/CRE:

menos de 90 m²	90 m² – 120 m²	120 m² – 150 m²	150 m² – 180 m²	mais de 180 m²
<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>

1.2 Assinale as situações que correspondem à sua BE/CRE actualmente:

1.2.1 A BE/CRE ocupa			
Um espaço único	<input type="checkbox"/>	Várias salas interligadas	<input type="checkbox"/>
Várias salas contíguas mas não interligadas.	<input type="checkbox"/>	Várias salas/espacos dispersos	<input type="checkbox"/>

1.2.2 Zonas funcionais.			
Atendimento/acolhimento	<input type="checkbox"/>	Trabalho individual	<input type="checkbox"/>
Leitura informal (leitura de periódicos/B.D.)	<input type="checkbox"/>	Trabalho em grupo	<input type="checkbox"/>
Leitura áudio (CDs)	<input type="checkbox"/>	Jogos	<input type="checkbox"/>
Leitura vídeo/DVD/TV	<input type="checkbox"/>	Produção (gráfica/multimédia)	<input type="checkbox"/>
Leitura multimédia	<input type="checkbox"/>	Internet	<input type="checkbox"/>

Leitura de documentos impressos	<input type="checkbox"/>	Outra. Qual? _____	<input type="checkbox"/>
---------------------------------	--------------------------	-----------------------	--------------------------

1.2.3 Outros espaços funcionalmente integrados na BE/CRE			
Gabinete de trabalho	<input type="checkbox"/>	Clubes	<input type="checkbox"/>
Arrecadação	<input type="checkbox"/>	Jornal escolar	<input type="checkbox"/>
Auditório	<input type="checkbox"/>	Rádio	<input type="checkbox"/>
Sala polivalente	<input type="checkbox"/>	Sala de estudo	<input type="checkbox"/>
Sala(s) de informática	<input type="checkbox"/>	Outro.	<input type="checkbox"/>
Ludoteca	<input type="checkbox"/>	Qual? _____	

1.3 Classifique a sua BE/CRE quanto aos parâmetros abaixo indicados, atendendo à escala proposta.

Escala: 1 - muito fraco 2 – fraco 3 – razoável 4 – bom 5 - muito bom

	1	2	3	4	5
Temperatura ambiente	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Arejamento/ventilação	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Iluminação	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Conforto	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Estética	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Vigilância	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Circulação	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Sinalização	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Mobiliário específico para:					
livre acesso	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
zonas funcionais	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Equipamento	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
exposição de documentos	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
material não-livro	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
produção gráfica	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Relação espaço/nº de lugares para:					
trabalho individual	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
trabalho em grupo	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
consulta vídeo/DVD	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
consulta informática/multimédia	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>

2. HORÁRIO

2.1 Horário de funcionamento.

2.1.1 Número total de horas de abertura ao público (por semana): _____ horas

2.1.2 Assinale o(s) parâmetro(s) que mais se aproxima(m) da realidade da sua BE/CRE.

A BE/CRE está aberta:		A BE/CRE encerra:	
durante todo o período de aulas, sem interrupção	<input type="checkbox"/>	à hora de almoço	<input type="checkbox"/>
para além do período de aulas	<input type="checkbox"/>	nos intervalos das aulas	<input type="checkbox"/>
apenas num período do dia (turno)	<input type="checkbox"/>	em alguns tempos lectivos do dia	<input type="checkbox"/>
para além das actividades lectivas (Sábado ou períodos de interrupção lectiva)	<input type="checkbox"/>	no período nocturno	<input type="checkbox"/>
no período nocturno (existindo na escola)	<input type="checkbox"/>	Outra situação. Qual? _____	<input type="checkbox"/>

3. COLECÇÃO

3.1 Descreva a dimensão da colecção da BE/CRE. (Se não ocorrer a situação descrita, assinale 0)

	Nº total de documentos existentes	Nº de aquisições no presente ano lectivo
Obras de referência (dicionários, enciclopédias)		
Monografias não ficção		
Livros ficção		
Jornais/revistas (n.º de assinaturas)		
Materiais áudio (CD-áudio/cassete-áudio)		
Materiais audiovisuais (cassete-vídeo/DVD)		
Outros materiais (Mapas, jogos)		
Materiais multimédia /Recursos Digitais:		
CD-ROM (dicionários, enciclopédias, atlas)		
CD-ROM (temas de apoio ao currículo)		
Bases de dados on-line (subscrição)		

3.2 Avalie os recursos documentais da sua BE/CRE relativamente aos seguintes parâmetros.

Escala: 1 - muito fraco 2 – fraco 3 – razoável 4 – bom 5 - muito bom

	1	2	3	4	5
Adequação ao nível etário e aos interesses dos alunos	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Adequação ao currículo	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Actualidade	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Diversidade temática	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Diversidade de suportes	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>

3.3 Para proceder à selecção do fundo documental, recorre a que instrumentos?

(Assinale todos os instrumentos que são normalmente utilizados)

Grelhas/formulários a preencher pelos grupos/departamentos curriculares	<input type="checkbox"/>
Questionários ou outros meios de auscultação de alunos	<input type="checkbox"/>
Questionários ou outros meios de auscultação de professores	<input type="checkbox"/>
Registo de títulos a adquirir, após avaliação da colecção existente	<input type="checkbox"/>
Catálogos da RBE/ outras escolas	<input type="checkbox"/>
Catálogos de editores/livreiros, sites ou outras fontes sobre as novidades do mercado editorial	<input type="checkbox"/>
Imprensa especializada com resenhas de obras	<input type="checkbox"/>
Outros. Quais? _____	<input type="checkbox"/>

3.4 Fundo documental – situação do tratamento técnico.

Assinale a situação que se verifica na sua BE/CRE em relação a cada item.

	0%	Cerca de 25%	Cerca de 50%	Cerca de 75%	100%
Registo	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Classificação (CDU)	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Catálogo manual	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Catálogo automatizado (software normalizado)	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Indexação/Listas de termos	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>

4. GESTÃO FINANCEIRA

4.1 O Plano de Actividades da BE/CRE prevê os recursos financeiros necessários à sua execução?

Sim / Não

4.2 Que tipo de orçamento tem a BE/CRE?

Dotação Fixa	<input type="checkbox"/>	Dotação eventual ou casuística	<input type="checkbox"/>
Verba atribuída 2005/06: _____ euros		Estimativa de verba gasta até ao momento _____ euros	

4.3 Proveniência das verbas despendidas na gestão da sua BE/CRE.

(Assinale todos as situações que ocorrem.)

Proveniência habitual /mais comum	
Orçamento da escola	<input type="checkbox"/>
Apoios/parcerias com entidades (Associações ou entidades locais, Associação de Pais...)	<input type="checkbox"/>
Apoios da autarquia	<input type="checkbox"/>
Receitas da BE/CRE	<input type="checkbox"/>
Outra.	<input type="checkbox"/>
Situações particulares / pontuais	
Projectos financiados por programas de apoio educativo/cultural (FCG, ...)	<input type="checkbox"/>
Programas do ME (RBE, CRIE, DGIDC, ...)	<input type="checkbox"/>
Outra. Qual? _____	<input type="checkbox"/>

4.4 Como avalia a relação orçamento / necessidades da BE/CRE?

Insuficiente <input type="checkbox"/>	Suficiente <input type="checkbox"/>	Bom <input type="checkbox"/>	Muito Bom <input type="checkbox"/>
---------------------------------------	-------------------------------------	------------------------------	------------------------------------

5. SERVIÇOS

5.1 Assinale os serviços disponibilizados, indicando a quantidade correspondente.

Serviços Disponibilizados	Quantidade (nº de elementos/postos)
a) Consulta do catálogo informatizado:	
computador no balcão de atendimento	
consulta em rede local na BE/CRE	
consulta através da intranet (escola)	
consulta através de postos dispersos pela escola	
consulta através da Internet	
b) Consulta áudio e vídeo:	
equipamento áudio	
equipamento vídeo	
equipamento áudio para utilização em aula	
equipamento vídeo para utilização em aula	

d) Consulta informática:	
computadores (total)	
computadores com ligação à Internet	
computadores ligados em rede local	
computadores ligados à intranet (escola)	
e) Serviço de impressão e reprodução:	
fotocopiadora(s)	
digitalizadores (scanners)	
impressoras	
câmara(s) fotográfica(s)	
câmara(s) vídeo	
f) Outro:	
Qual?	

5.2 Indique como são disponibilizados os documentos que abaixo se discriminam.

	Livre acesso na BE/CRE	Empréstimo domiciliário	Requisição on-line
Documentos impressos	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Documentos audiovisuais	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Documentos multimédia	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>

5.3 A BE/CRE disponibiliza apoio orientado ao utilizador (serviço de referência)?

	SIM	NÃO
Pesquisa de informação ou bibliografia a solicitação de alunos	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Pesquisa de informação ou bibliografia a solicitação de professores	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Seleção e aconselhamento de conteúdos on-line (sites):		
de apoio ao currículo da escola/recursos educativos	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
de carácter lúdico/recreativo (jogos, música)	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
de carácter generalista/ cultural geral	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>

6. COMUNICAÇÃO / DIVULGAÇÃO

6.1 Indique os instrumentos de divulgação/comunicação utilizados pela equipa da BE/CRE.

Guia do utilizador	<input type="checkbox"/>	Lista(s) de difusão	<input type="checkbox"/>
Boletim/Jornal da BE/CRE	<input type="checkbox"/>	Guias informativos	<input type="checkbox"/>
Boletim/Jornal da escola	<input type="checkbox"/>	Listas bibliográficas	<input type="checkbox"/>
Jornal local	<input type="checkbox"/>	Rádio escolar	<input type="checkbox"/>
Homepage da BE/CRE	<input type="checkbox"/>	Contactos informais	<input type="checkbox"/>
Homepage da escola	<input type="checkbox"/>	Outros	<input type="checkbox"/>

Placar informativo/jornal de parede	<input type="checkbox"/>	Qual? _____
-------------------------------------	--------------------------	-------------

C – INTEGRAÇÃO DA BE/CRE NA ESCOLA / MEIO

1. INTEGRAÇÃO DA BE/CRE NA ESCOLA

1.1 Assinale a **frequência** com que o(a) Coordenador(a) da BE/CRE participa, nessas funções, nas reuniões com o órgão de gestão e estruturas pedagógicas da escola.

	Sempre	Ocasionalmente	Nunca
Órgão de gestão	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Conselho Pedagógico	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Departamentos Curriculares	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Conselhos de Directores de Turma	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Conselhos de Turma	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Coordenação de Projectos	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Outro. Qual?	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>

1.2 A BE/CRE, enquanto estrutura pedagógica, consta de que normativos da escola?

PEE (Projecto Educativo de Escola)	PCE (Projecto Curricular de Escola)	RI (Regulamento Interno)	Nenhum
<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>

2. COLABORAÇÃO

2.1 A BE/CRE desenvolve ligações/parcerias com outras escolas ou organismos? Sim / Não

2.1.1 Se SIM, assinale **com quem** e **em que áreas** se concretizam essas parcerias:

	Partilha de recursos		Tratamento documental	Formação	Animação pedagógica e cultural	Publicações
	Documentais	Equipamentos				
Outras escolas	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
BM / SABE	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Empresas / Serviços Públicos	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Associações Culturais/Museus	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Autarquia (CM/JF)	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>

Outra.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Qual? _____						

D – DINAMIZAÇÃO DA BE/CRE

1- DESENVOLVIMENTO DO PLANO DE ACTIVIDADES DA BE/CRE

1.1 O Plano de Actividades da BE/CRE prevê acções educativas (situações de aprendizagem) em articulação com os órgãos da escola? (Assinale todas as situações que caracterizam a sua escola)

	Formação para a(s) literacia(s)	Articulação curricular	Promoção da leitura	Animação cultural
Conselho Pedagógico	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Departamentos Curriculares	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Conselho de Directores de Turma	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Conselhos de Turma	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Coordenação de Projectos	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Associação de Pais	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Outro. Qual? _____	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>

1.2 Das acções que a seguir se discriminam, indique a frequência média com que a BE/CRE as concretiza, atendendo à escala proposta.

Escala: 1 - nunca 2 - 1 vez/ano 3 - uma vez/período 4 - algumas vezes/período 5 - 1 vez por semana 6 - diariamente

a) Formação do utilizador	1	2	3	4	5	6
Visitas guiadas à BE/CRE para os novos professores	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Visitas guiadas à BE/CRE para os novos alunos	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Visitas guiadas à BE/CRE para os encarregados de educação	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Formação de alunos para a utilização da biblioteca (identificar o local dos documentos, aprender a consultar o catálogo, etc.)	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Formação dos professores para a utilização da biblioteca	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Divulgação do Regulamento/Guia da BE/CRE	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Elaboração de guiões de apoio aos utilizadores para auto-formação	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Outra. Qual? _____	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>

b) Formação para a(s) literacia(s)	1	2	3	4	5	6
Formação de alunos para a pesquisa e utilização da informação (material impresso)	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Formação de alunos para a pesquisa da informação na Internet	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Formação para o uso das Tecnologias (uso do computador, etc.)	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Formação de utilizadores (professores) em competências de informação	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Planificação com professores de actividades de ensino (que incluam, por	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>

exemplo, pesquisas na BE/CRE ou a utilização de recursos da BE/CRE)						
Colaboração com professores em actividades de ensino-aprendizagem (por exemplo, apoiar os alunos, em pesquisas/trabalhos realizados na BE/CRE)	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Colaboração na produção de materiais didácticos que sirvam os programas curriculares	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Produção de instrumentos que apoiem os professores nas suas actividades de sala de aula	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Apoio aos alunos na produção de materiais	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Apoio no manuseamento dos equipamentos audiovisuais e informáticos	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Outra. Qual? _____	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>

c) Promoção da leitura	1	2	3	4	5	6
Elaboração de Guias orientadores de leitura	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Destaque para as “novidades” (livros, CDs, CD-ROM, ...)	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Organização de bibliografias temáticas	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Leituras em voz alta	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Realização de Ateliers de leitura expressiva	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Concurso do melhor leitor	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Participação/colaboração em actividades de promoção da leitura organizadas por outras entidades (Bib. Municipal, por exemplo).	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Participação/colaboração em actividades de promoção da leitura organizadas por professores.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Apresentação de livros por alunos	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Produção de materiais pelos alunos, decorrentes das actividades desenvolvidas no âmbito de actividades de leitura.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Realização da Hora do Conto	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Participação em concursos locais/nacionais envolvendo a leitura	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Sessões colectivas de motivação para a leitura na BE/CRE (por exemplo, divulgação de livros, leitura de excertos)	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Visita de escritores	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Destaque para o escritor/o livro do mês (ou situação similar)	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Clube de leitura / grupos de debate sobre autores e livros	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Outra. Qual? _____	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>

d) Animação cultural e ocupação de tempos livres	1	2	3	4	5	6
Exposições	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Feira do livro	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Ciclos de música e de vídeo	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Concursos/jogos/passatempos	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Palestras/debates/colóquios para a escola	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Palestras/debates/colóquios abertos à comunidade	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Difusão de eventos culturais	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>

Utilização lúdica das TIC	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Outra. Qual? _____	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>

E – AVALIAÇÃO DO DESEMPENHO DA BE/CRE

1- AVALIAÇÃO

1.1 Alguma vez procedeu a uma avaliação da BE/CRE? Sim / Não

1.1.1 Se SIM, assinale os instrumentos usados e os itens avaliados:

Instrumentos usados:		Itens avaliados:	
Estatísticas sobre documentos consultados pelos alunos na BE/CRE na escola	<input type="checkbox"/>	Qualidade/quantidade dos recursos da colecção da BE/CRE	<input type="checkbox"/>
Estatísticas sobre documentos utilizados pelos professores	<input type="checkbox"/>	Acesso aos recursos da BE/CRE	<input type="checkbox"/>
Estatísticas sobre leitura domiciliária	<input type="checkbox"/>	Qualidade/quantidade dos equipamentos da BE/CRE	<input type="checkbox"/>
Estatísticas sobre número de utilizadores	<input type="checkbox"/>	Qualidade dos serviços prestados (leitura de presença, para aula, domiciliária, fotocópia, impressão)	<input type="checkbox"/>
Estatísticas sobre utilização de equipamentos	<input type="checkbox"/>	Qualidade do atendimento/apoio	<input type="checkbox"/>
Questionário sobre a qualidade/quantidade dos recursos da colecção da BE/CRE	<input type="checkbox"/>	Outro. Qual? _____	<input type="checkbox"/>

2 Hierarquize as diferentes actividades de acordo com o número de horas despendido pela equipa na sua realização (ano lectivo 2005/2006).

De 1 - a actividade com mais horas até 8 - a actividade com menos horas

Criação/reestruturação de espaços e serviços	<input type="checkbox"/>
Seleção e organização da documentação	<input type="checkbox"/>
Apoio às actividades curriculares	<input type="checkbox"/>
Animação cultural /ocupação de tempos livres	<input type="checkbox"/>
Animação da leitura	<input type="checkbox"/>
Formação de utilizadores	<input type="checkbox"/>
Apoio aos utilizadores	<input type="checkbox"/>
Planeamento e avaliação dos serviços	<input type="checkbox"/>

2- UTILIZAÇÕES DA BE/CRE

2.1 Estime o movimento médio e o tipo de utilização da BE/CRE numa semana típica.

Tipo de utilização	Quantidade
N.º de alunos – utilização individual	
N.º de alunos – em grupo-turma	
N.º de professores (utilização individual e/ou com turma)	
N.º de utilizadores do serviço de empréstimo domiciliário	
N.º de pedidos de empréstimo domiciliário (pode englobar mais do que 1 doc.)	
N.º de documentos emprestados para consulta na sala:	
- documentos impressos	
- documentos audiovisuais	
- documentos multimédia	

2.2 Hierarquize as seguintes actividades, tendo em atenção a frequência com que ocorrem na BE/CRE e o número de alunos envolvidos.

(De 1 – actividade mais frequente até 9 – actividade menos frequente)

Ler ficção	<input type="checkbox"/>
Ler jornais/revistas	<input type="checkbox"/>
Ver filmes/ documentários	<input type="checkbox"/>
Consultar dicionários/enciclopédias/atlas	<input type="checkbox"/>
Consultar livros documentais (de apoio ao currículo)	<input type="checkbox"/>
Consultar documentos áudio	<input type="checkbox"/>
Consultar documentos em CD ROM	<input type="checkbox"/>
Aceder à Internet para realizar pesquisas	<input type="checkbox"/>
Jogar	<input type="checkbox"/>

2.3 Hierarquize as seguintes actividades, tendo em atenção a frequência com que ocorrem na BE/CRE e o número de alunos envolvidos.

(De 1 – actividade mais frequente até 7 – actividade menos frequente)

Realizar os TPCs	<input type="checkbox"/>
Solicitar apoio para as suas pesquisas de informação	<input type="checkbox"/>
Usar o empréstimo para sala de aula	<input type="checkbox"/>
Usar o empréstimo domiciliário	<input type="checkbox"/>
Produzir trabalhos:	
manuscritos	<input type="checkbox"/>
no computador	<input type="checkbox"/>
multimédia	<input type="checkbox"/>

2.4 Hierarquize as seguintes actividades, tendo em atenção a frequência com que ocorrem na BE/CRE e o número de professores envolvidos.

(De 1 – actividade mais frequente até 7 – actividade menos frequente)

Consultar no local os recursos da BE	<input type="checkbox"/>
Usar o empréstimo para sala de aula	<input type="checkbox"/>
Usar o empréstimo domiciliário	<input type="checkbox"/>
Desenvolver situações de aprendizagem com grupo-turma na BE/CRE	<input type="checkbox"/>
Solicitar apoio da BE na planificação de unidades/actividades lectivas	<input type="checkbox"/>
Organizar conjuntos de recursos adequados a determinados conteúdos das áreas curriculares e não-curriculares (kits, dossiers temáticos, maletas pedagógicas)	<input type="checkbox"/>
Solicitar os serviços de referência da BE/CRE	<input type="checkbox"/>

3.

3.1 Assinale o seu grau de concordância com as afirmações listadas, tendo em conta a realidade da sua escola e da sua BE/CRE. Utilize a escala abaixo proposta.

Escala: 1 – Discordo totalmente 2 – Discordo 3 – Não Concordo Nem Discordo 4 – Concordo 5 – Concordo totalmente

	1	2	3	4	5
1. A integração da BE/CRE no Programa RBE constituiu uma mais-valia para a Escola, tendo em conta os recursos humanos, documentais e materiais disponíveis de apoio ao processo de ensino-aprendizagem.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
2. Para uma melhor institucionalização da BE/CRE na Escola é preciso o debate e reflexão, por toda a comunidade escolar, em torno da sua missão e objectivos.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
3. Para a plena integração da BE/CRE na orgânica da escola é importante a presença do coordenador da equipa no CP e sua colaboração nas comissões/grupos de trabalho do Plano de Actividades da Escola, do Projecto Educativo da Escola e do Projecto Curricular de Escola.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
4. As actividades curriculares e de enriquecimento curricular passaram a ser planificadas tendo em conta os recursos documentais e materiais disponíveis na BE/CRE.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
5. Os professores solicitam a colaboração do coordenador e/ou equipa para o desenvolvimento de actividades de sala de aula.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
6. O uso e a exploração dos recursos da BE/CRE conduziram à existência de uma planificação, sistemática e contínua, com a equipa da BE/CRE.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
7. O uso e a exploração dos recursos da BE/CRE contribuíram para o desenvolvimento de competências dos alunos, designadamente ao nível da literacia da informação e da literacia digital.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
8. O desenvolvimento da BE/CRE contribuiu para a adequação da colecção aos interesses do utilizador.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
9. A organização, gestão e desenvolvimento da BE/CRE exigem a frequência regular de acções de formação nos vários domínios de actividade da BE/CRE.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>

10. Para que o projecto da BE/CRE se tornasse consistente foram mais importantes os contactos informais e os esforços e iniciativas individuais do que as reuniões institucionais.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
11. A BE/CRE será realmente eficaz se tiver um Plano de Actividades que preveja actividades de formação, valorização da BE/CRE, cooperação, animação e respectiva avaliação.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
12. É indispensável proceder à avaliação do trabalho realizado pela BE/CRE para reformular estratégias que permitam efectivar a sua função pedagógica.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
13. A inclusão da BE/CRE, enquanto estrutura de orientação educativa, no RI, no PEE e no PCE legitima a construção de um verdadeiro plano de acção.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
14. As maiores dificuldades sentidas na institucionalização da BE/CRE devem-se à inexistência de estratégias e procedimentos articulados com o órgão de gestão da escola.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
15. A inexistência da figura do professor bibliotecário, com dedicação exclusiva à BE/CRE, dificulta a valorização da BE/CRE como um órgão central no processo de ensino-aprendizagem.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
16. A utilização dos recursos da BE/CRE pelos professores e alunos tem-se traduzido numa melhoria nos resultados de aprendizagem dos alunos.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>

3.2. Assinale como avalia o trabalho global realizado pela sua BE/CRE.

Fraco	<input type="checkbox"/>	Razoável	<input type="checkbox"/>	Bom	<input type="checkbox"/>	Muito bom	<input type="checkbox"/>
-------	--------------------------	----------	--------------------------	-----	--------------------------	-----------	--------------------------

Responsáveis pela informação:

Presidente do Conselho Executivo

Coordenador(a) da Equipa da BE/CRE

Outro Função: _____

Muito obrigado pela colaboração!